



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Economia

A INCORPORAÇÃO DA CONSCIÊNCIA AMBIENTAL NO MOVIMENTO TRABALHISTA DO CANADÁ: OS CASOS DE ALBERTA E ONTÁRIO

Jordan Joseph Thompson

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Economia da UNICAMP para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Econômico – área de concentração: Economia Social e do Trabalho, sob a orientação do Prof. Dr. José Dari Krein.

*Este exemplar corresponde ao original da dissertação defendido por **Jordan Joseph Thompson** em 24/09/2010 e orientado pelo Prof. Dr. José Dari Krein.*

CPG, 24/09/2010

Campinas, 2010

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
do Instituto de Economia/UNICAMP**

T374i	<p>Thompson, Jordan Joseph. A incorporação da consciência ambiental no movimento trabalhista do Canadá: os casos de Alberta e Ontário/ Jordan Joseph Thompson. – Campinas, SP: [s.n.], 2010.</p> <p>Orientador : José Dari Krein. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia.</p> <p>1. Trabalho – Canadá. 2. Sindicatos. 3. Meio ambiente. 4. Empregos verdes. I. Krein, José Dari. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia. III. Título.</p> <p>10-052-BIE</p>
-------	--

Título em Inglês: *The greening of the Canadian labour movement: the cases of the Alberta Federation of Labour and the Toronto and York Region Labour Council, 2000-2010*

Keywords: Labour – Canada ; Trade Unions ; Environment : Green jobs ; Movement unionism ; NGO.

Area de Concentração : Economia Social e do Trabalho

Titulação: Mestre em Desenvolvimento Econômico

Banca examinadora: Prof. Dr. José Dari Krein

Prof. Dr. Bastiaan Philip Reydon

Prof. Dr. João Paulo Cândia Veiga

Data da defesa: 24-09-1010

Programa de Pós-Graduação: Desenvolvimento Econômico

Dissertação de Mestrado

Aluno: JORDAN JOSEPH THOMPSON

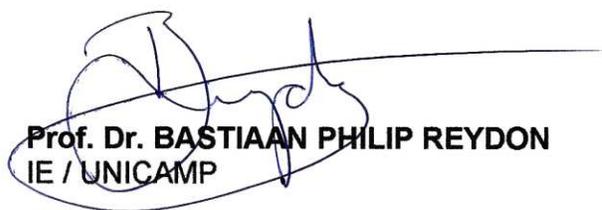
**“A incorporação da consciência ambiental no movimento trabalhista do
Canadá: os casos de Alberta e Ontário”**

Defendida em 24 / 09 / 2010

COMISSÃO JULGADORA



Prof. Dr. JOSÉ DARI KREIN
Orientador – IE / UNICAMP



Prof. Dr. BASTIAAN PHILIP REYDON
IE / UNICAMP



Prof. Dr. JOÃO PAULO CÂNDIA VEIGA
USP

Resumo

Essa pesquisa explora a incorporação de temas ambientais por sindicalistas canadenses em seus discursos e ações. Uma revisão historiográfica confirma que o meio ambiente tem sido dirigido pelo movimento trabalhista através do tempo, na última década, um foco na indústria “verde”, na energia renovável, construções adaptadas e no transporte público forma parte da crescente demanda de trabalho pela criação de empregos ecológicos. Uma análise da divergência em atividades ambientais em alianças de duas frentes do movimento trabalhista, a Federação do Trabalho de Alberta e o Conselho do Trabalho de Toronto e York, sugere que a primeira pode ser chamada de sindicalismo institucional, enquanto a última tende para o sindicalismo de movimento. Empregos ecológicos aparecem em Alberta como empregos de novas indústrias criados para *além* do setor dominante do petróleo da província e como uma resposta à recessão, enquanto em Toronto e York são vistos, mesmo antes da recessão, como uma *substituição* dos empregos perdidos na indústria. As descobertas evidenciam que a situação do emprego local e outros importantes fatores contextuais influenciam a campanha de trabalho relacionada ao meio ambiente.

Abstract

This research explores the incorporation of environmental themes by Canadian trade unionists in their discourse and actions. A historiographical review confirms that the environment has been increasingly addressed by the labour movement over time and that, in the past decade, a focus on ‘green’ manufacturing, renewable energy, building retrofitting and public transportation forms part of labour’s growing demand for the creation of green jobs. An analysis of the divergence in environmental activities and alliances of two branches of the labour movement, the Alberta Federation of Labour and the Toronto and York Labour Council, suggests that the former practices what can be called institutional unionism, while the latter tends towards movement unionism. Green jobs are presented in Alberta as providing employment in new industries created *in addition* to the province’s dominant oil sector and as a response to the recession, while in Toronto and York they are seen, even prior to the recession, as a *replacement* for lost manufacturing jobs. The findings evince that the local employment situation and other important contextual factors influence labour’s campaigning related to the environment.

Vitae

Jordan Thompson nasceu e cresceu em Edmonton, Alberta, onde se formou pela Universidade Saint-Jean de Alberta em *Ciências Sócio-Políticas*, após também ter estudado em Quebec. Seguindo seus estudos, Jordan trabalhou por quatro anos na educação não formal, coordenando uma série de projetos voluntários internacionais para a juventude para a Organização Mundial da Juventude do Canadá e outras organizações de ensino. Durante esse período, ele se envolveu com sua associação de pessoal e auxiliou em uma unidade de sindicalização e a negociar um acordo coletivo. Ele toca violão, gosta de ar livre e de acampar, andar de bicicleta e é aficcionado por cinema. Foi voluntário e ativista em uma série de atividades, desde agricultura orgânica até o paralelo da Cúpula dos Povos das Américas em abril de 2001. Ele atualmente trabalha como assistente contratual de pesquisas e mora em Montevideú.

Agradecimentos

Gostaria de expressar meu agradecimento à Global Labour University e à OIT pelo apoio financeiro e oportunidade de estudar na Universidade Estadual de Campinas, aos sindicalistas e os meus colegas que compartilharam e ajudaram a tornar a jornada interessante, aos professores Dari Krein Laplane e Mario, pelo apoio e papéis institucionais que tornaram isso possível, à Central Única dos Trabalhadores, pelo convite para seu 10^o Congresso Nacional e à Marta Regina Domingues, por integrar-nos em atividades como o show de samba da *Tom Maior* no Carnaval e passeata em São Paulo pelo o Dia Internacional da Mulher, ao CSA-TUCA, que abriu suas portas para o meu estágio; à Jacqueline Souen, Camila Gripp e Steve Toff, que nos ajudaram a superar todos os obstáculos administrativos.

Agradeço a todas as pessoas que fizeram comentários, sugestões e sondagens, enquanto eu estava inicialmente desenvolvendo o projeto: Nick DeCarlo do CAW, Andrea Peart no CLC, Penney Jennifer, e aos Professores Glen Williams, Laurel MacDowell e Greg Albo. Meus agradecimentos também para a minha amiga Susan Ramsundarsingh por seu apoio geral e sugestões oportunas sobre a formatação, o que simplificou a redação desta tese. Eu mostro gratidão a todos os informantes e ambientalistas do trabalho por concordarem em participar e aos que me abriram uma janela para um mundo fascinante. Desejo-lhes tudo de melhor em seus esforços e os reconheço por ajudarem com o movimento ecológico do trabalho.

Agradeço a Jim Stanford na CAW, pela doação de exemplares de *Economia para Todos* para meus colegas de classe, para a biblioteca e para mim. Seu livro deve ser usado como texto introdutório para todos os alunos em grupos futuro da Global Labour University.

Um agradecimento especial ao professor Edmund Auger, pela oportunidade de participar de seu estudo sobre as comunidades minoritárias de língua francesa, que, juntamente com a sua confiança e estímulo pelo meu trabalho de pesquisa, têm sido fundamentais para eu completar a minha tese.

Eu remeto amor à minha família, de quem eu sinto falta e agradeço pelo apoio contínuo, pela tolerância com minha ausência no seu dia-a-dia, e pelo seu amor. Meus profundos agradecimentos são reservados para a pessoa mais importante, Mónica Pi Ferrua, *quien me aguantó la cabeza, escuchó las quejas, me respaldó frente a las dudas. Gracias che, amo te.*

Dedicatória

Essa tese é dedicada a todos os trabalhadores que enfrentam o deslocamento ambiental, na esperança de que juntos possamos garantir que a transição para uma economia ecológica seja justa.

Índice

Página de aprovação	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Vitae	ix
Agradecimentos	xi
Dedicatória	xii
Índice	xiii
Lista de tabelas	xvii
Lista de figuras e ilustrações	xix
Lista de abreviaturas e Instituições	xxi
Epígrafo	xxv
CAPÍTULO UM: INTRODUÇÃO	1
1.1 O movimento operário, empregos e meio ambiente	1
1.2 Na busca de soluções: alianças trabalhistas-ambientais no Canadá.....	3
1.3 Perfil da tese.....	4
CAPÍTULO DOIS: METODOLOGIA	7
2.1 Pesquisa qualitativa	7
2.2 Problema principal, hipótese e questões da pesquisa	8
2.3 Estratégia específica da pesquisa	11
2.3.1 Estratégia exploratória seqüencial.....	11
2.3.2 Coleta de dados da análise	12
2.3.3 Organização e gerenciamento de dados	13
2.4 Estudo de caso.....	14
2.4.1 Os dois casos – Principais efeitos e tipos de casos	15
2.4.2 Por quê a AFL e o TYLC como casos?.....	16
2.4.3 Quais são os desafios da comparação de caso?	19
2.5 Credibilidade, limitações e considerações éticas	19
CAPÍTULO TRÊS: REVISÃO DA LITERATURA.....	25
3.1 Comentários introdutórios e esboço do capítulo	25
3.2 Da saúde e segurança a preocupações ambientais mais amplas	25
3.3 Cooperação entre sindicatos e grupos comunitários e ONGS	28
3.4 Algumas considerações preliminares de fatores que afetam a colaboração	35
3.5 Perspectiva de gênero	40
3.6 Teoria cultural de classe e ambientalismo da classe trabalhadora	42
3.7 Chantagem de trabalho	45
3.8 Empregos verdes em uma economia verde	50
3.9 Transição justa	60
3.10 Sindicatos canadenses e mudanças do clima	63
3.11 Resumo do capítulo e comentários conclusivos	65

CAPÍTULO QUATRO: A FEDERAÇÃO DO TRABALHO DE ALBERTA	67
4.1 O contexto de Alberta – Emprego e meio ambiente	67
4.1.1 Baixas taxas e curta duração do desemprego; salário mínimo e recessão.....	68
4.1.2 As areias alcatrão e a “abordagem de Alberta” para o desenvolvimento.....	70
4.2 A Federação do Trabalho de Alberta – História e meio ambiente	74
4.2.1 Atual composição e governança	76
4.2.2 Políticas ambientais-chave e abordagem alternativa para as areias betuminosas.....	77
4.3 O presidente da AFL e o meio ambiente	81
4.4 Comitê de meio ambiente	84
4.4.1 História e composição	84
4.4.2 Mandato e dificuldades.....	86
4.4.3 Algum sucesso na educação ambiental	94
4.4.4 Últimas iniciativas.....	95
4.5 O relatório de empregos verdes de Alberta	97
4.5.1 Iniciação do grupo de empregos verdes e consultas	97
4.5.2 Resumo de “empregos verdes: É hora de construir o futuro de Alberta”	101
4.5.3 Afiliados de recursos voltam atrás na convenção 2009	104
4.5.4 Apresentações não realizadas; Parceiros ambientais sem aliados do trabalho; impactos do relatório	107
4.6 Percepção de oportunidades políticas.....	109
4.7 Resumo das descobertas de caso.....	111
CAPÍTULO CINCO: CONSELHO DO TRABALHO DE TORONTO E REGIÃO DE YORK.....	113
5.1 O grande contexto da área de Toronto – Contexto do emprego	113
5.1.1 Taxa de desemprego e duração	113
5.1.2 Salário mínimo	114
5.1.3 Queda da manufatura.....	116
5.1.4 Densidade sindical em declínio	118
5.2 O Conselho do Trabalho de Toronto e York	120
5.2.1 Liderança	124
5.2.2 Exemplos de construção da força de trabalho: Agenda de ação do trabalho & Assembleia dos administradores	127
5.2.3 Por quê o trabalho de Toronto e de York tentou se conectar com a comunidade?	129
5.2.4 Aliança ambiental em curso – TEA e trânsito	132
5.3 Bons empregos para todos.....	135
5.3.1 Precusores do bons empregos para todos.....	135
5.3.2 Ápice para empregos bons para todos.....	139
5.3.3 Estrutura – Três comitês, seus encontros e campanhas.....	141
5.3.4 Empregos bons e ecológicos para todas as conferências	143
5.3.5 Campanha Hydro de Toronto	145
5.3.6 Preocupações e resumo.....	147
5.4 Coalizão Verde Jane-Finch contra pobreza / Colisão empregos verdes Jane Finch....	149
5.5 O papel do TYLC em estabelecer a Lei de energia verde?	154

5.6	Comentários conclusivos e resumo das descobertas de caso.....	156
CAPÍTULO SEIS: COMPARAÇÃO DAS DESCOBERTAS DE CASO.....		159
6.1	Comparação do grau em que as causas verdes são adotadas.....	159
6.2	Campanha de fatores propostos na hipótese e na revisão da literatura.....	163
CAPÍTULO SETE: CONCLUSÃO.....		171
7.1	Tons de verde.....	171
7.2	Sindicalismo institucional e de movimento.....	172
7.3	A forte influência do emprego nas iniciativas verdes do trabalho.....	174
7.4	Discussão e estratégia de trabalho.....	176
7.5	Direções posteriores da pesquisa.....	181
7.6	A crise dupla: A necessidade de confrontar o conformismo do sindicato.....	183
REFERÊNCIAS.....		185
BIBLIOGRAFIA.....		199
APÊNDICE A: MAPA DO CANADÁ.....		201
APÊNDICE B: ESTRUTURA DO MOVIMENTO OPERÁRIO DO CANADÁ.....		202
APÊNDICE C: INFORMAÇÃO DA ENTREVISTA.....		203
C.1.	Declaração de consentimento informado.....	203
C.2.	Questionário semi-estruturado para respondentes de entrevistas exploratórias, Janeiro de 2010.....	204
C.3.	Amostra de questões utilizadas pelo questionário semi-estruturado para os respondentes de entrevistas fenomenológicas, Junho de 2010.....	205

Lista de tabelas

Tabela 1. Ramificações do movimento operário canadense; buscando equilíbrio entre casos potenciais	18
Tabela 2. Concepções político-estratégias da aliança trabalhista ambiental nos sindicatos canadenses	34
Tabela 3. Tipos ideais de discurso trabalhista e ambiental de Keil	43
Tabela 4. "Vias de Crowley para o emprego verde"	57
Tabela 5. Mandato do comitê ambiental da AFL	86
Tabela 6. Caracterização de atividades e composição do comitê ambiental da AFL, 1999 – 2009	89
Tabela 7. Organizações-membro da coalizão <i>Bons empregos para todos</i> 2010.....	139
Tabela 8. Membros e adeptos da coalizão de empregos verdes Jane/Finch	152
Tabela 9. Evidência das concepções político-estratégicas divergentes da aliança trabalhista-ambiental entre a AFL e o TYLC	173

Lista de figuras e ilustrações

Figura 1. Onda de pesquisas na internet por "empregos verdes" acompanha a crise econômica.....	51
Figura 2. Taxas de desemprego totais e de jovens; Alberta comparada com a média nacional.....	69
Figura 3. Aumento do emprego total na indústria da construção e extrativista	72
Figura 4. Taxas de emprego totais e para jovens; Toronto e York comparados com a média nacional	114
Figure 5. História de perdas de emprego na fabricação, Toronto e York.....	116
Figura 6. Queda da participação da manufatura no total de empregos em Toronto e York.....	117

Lista de abreviaturas e instituições

AA	Aliança Apollo
AB	Alberta
ACF	Federação de Conservação Australiana
ACTU	Conselho Australiano de Sindicatos
AEN	Rede Ambiental de Alberta
AFL	Federação do Trabalho de Alberta
ALHI	Instituto de História do Trabalho de Alberta
AUPE	Sindicato dos funcionários Públicos de Alberta
AWHC	Centro de Saúde dos Trabalhadores de Alberta
BC	Columbia Britânica
BEST	Melhor transporte ambientalmente sustentável Carbonzero Canada
CAW	Trabalhadores autônomos canadenses
CCAR	Coalizão Canadense da Chuva Ácida / Coalizão Chuva Ácida
CEP	Sindicato dos Trabalhadores das Comunicações, Energia e fabricação de papel do Canadá
CLC	Congresso do Trabalho Canadense
CMA	Censo da Região Metropolitana
CMAW	Trabalhadores da Construção, Manutenção e Aliados
CNRL	Recursos Naturais Canadenses Ltda Conselho de Canadenses
CP	Imprensa Canadense
CSN	<i>Confederação Nacional dos Sindicatos</i>
CSR	Responsabilidade Social das Empresas
CUPE	Sindicato dos Funcionários Públicos Canadenses Fundação David Suzuki Justiça Ecológica (antigo Fundo Legal de Defesa de Sierra)
ECWU	Sindicato dos Trabalhadores Químicos e da Energia
EI	Seguro Desemprego
ENGO	Organização ambiental Não Governamental
FiT	Tarifa (de alimentação) Feed-in Amigos da Medicare
FSC	Conselho de Manejo Florestal
FTQ	<i>Federação Dos Trabalhadores de Quebec</i>
GDP	Produto Interno Bruto
GHG	Gás Estufa Partido Verde (de British Columbia) Sindicatos Globais Great Lakes United Lei da Aliança da Energia Verde Greenpeace Canadá
GST	Impostos sobre Bens e Serviços
GTA	Maior Área de Toronto
GWA	Aliança de Trabalho Verde

	Grupo Hollinger
IBEW	Irmandade Internacional dos Trabalhadores Elétricos
ILO	Organização Internacional do Trabalho
IOE	Organização Internacional dos Empregadores
IPCC	Painel Intergovernamental Sobre Mudanças do Clima
ITUC	Confederação Internacional dos Sindicatos
IWA Canada	Trabalhadores da Indústria, da Madeira e aliados do Canadá
LEED	Liderança em Energia e Design Ambiental
LRT	Trânsito Ferroviário Leve
NAFTA	Acordo Norte-Americano de Livre Comércio
NDP	Novo Partido Democrático
NGO	Organização Não Governamental
NSM	Novo Movimento Social
NUPGE	Sindicato Nacional dos Funcionários Públicos e Gerais
OECD	Organização para Cooperação e Econômica e Desenvolvimento
OH&S	Saúde e Segurança Ocupacional
OISE	Instituto de Ontário para Estudos em Educação
ON	Ontário
OSEA	Associação de Energia Sustentável de Ontário
	Instituto Parkland
	Instituto Pembina
PM	Primeiro Ministro
	Rede Pró-Canadá
	Interesse Público de Alberta
PPWC	Trabalhadores do Papel, Celulose e Madeira do Canadá
RCMP	Polícia Real Montada Canadense
	Capítulo das Pradarias do Clube Sierra
	Skype
	Imprensa Southam
	Suncor
SUV	Veículo de Utilidade Esportiva
	Syncrude
	Fundação Ambiental T. Buck Suzuki
TEA	Aliança Ambiental de Toronto
TPR	Regulação Transnacional Privada
TTC	Comissão de Trânsito de Toronto
TYLC	Conselho do Trabalho de Toronto e Região de York / “Conselho do Trabalho”
UFAWU-CAW	Sindicato dos Pescadores Unidos e Aliados
UFCW	Trabalhadores Unidos do Comércio e de Alimentos
UMWA	Trabalhadores das Minas Unidos da América
UNEP	Programa Ambiental das Nações Unidas
UNFCCC	Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança Climática
US	Estados Unidos da América
USW	Trabalhadores Metalúrgicos Unidos / “Aço”
	Comitê do Deserto do Oeste do Canadá

WWF
WWII

World Wildlife Fund
Segunda Guerra Mundial

Epigrafo

Não é a *unidade* de humanidade viva e ativa com as condições naturais e inorgânicas de troca metabólica com a natureza e, portanto, sua apropriação da natureza, que exige explicação ou é o resultado de um processo histórico, mas sim a *separação* entre estas condições inorgânicas da existência humana e esta existência ativa, uma separação que é completamente posta apenas na relação de trabalho assalariado e capital.

- Karl Marx (1858) *Grundrisse: Foundations of the Critique of Political Economy (Rough Draft)*, Toronto: Clássicos Penguin, 1993 ed., p. 486.

Sem empregos em um planeta morto.

- *Earthworker Slogan*, *apud* Penney (2002: 1)

Frequentemente a animosidade de trabalhadores em relação aos ambientalistas é para acertar o mensageiro. Muitas vezes, a animosidade dos ambientalistas em relação aos trabalhadores confunde necessidade e escolha.

- Scull (2001)

Ferrugem ou Renascença.

- Slogan da *Aliança do Trabalho Verde* (Keil, 1994: 25)

Capítulo um: Introdução

1.1 O movimento operário, empregos e o meio ambiente

Sindicatos no Canadá e em outros países são confrontados, como parte da civilização global mais ampla, não só com uma crise de empregos, mas também com o agravamento de problemas sócio-ecológicos da destruição ambiental e das mudanças climáticas.

A situação de desemprego que desafia os trabalhadores é desagradável, e é importante ressaltar que existia uma crise de emprego mesmo antes da recessão econômica global originada no colapso bancário dos EUA de 2008, o que só agravou uma situação já ruim. A OIT (2010: 7, 18) estima que, em 2009, cerca de 212 milhões de trabalhadores estavam desempregados, enquanto mais da metade de todos os trabalhadores, ou cerca de 1,5 bilhões de pessoas, são consideradas apenas por terem um emprego vulnerável, o que significa que eles estão por conta própria ou trabalhadores contribuintes da família, caracterizados "por salários inadequados, baixa produtividade e difíceis condições de trabalho que atentam contra os direitos fundamentais dos trabalhadores." Além disso, a porcentagem de trabalhadores extremamente pobres no emprego total era ainda 21% em 2008, representando um total de 633 milhões de trabalhadores que vivem com suas famílias com menos de EUA \$ 1,25 por dia (*ibid*: 22). O desemprego e o subemprego são características estruturais inerentes ao capitalismo, e mesmo durante a 'Era de Ouro' abrangendo algumas décadas desde a Segunda Guerra Mundial, o pleno emprego não foi atingido: não só o emprego global depende do investimento privado, mas os padrões precisam de um exército de reserva de desempregados para disciplinar seus inseguros amedrontar a força de trabalho (Kalecki, 1943; Stanford, 2008: 104, 142).

A fase neoliberal do capitalismo – com seus mercados de cassino financeiro, desregulamentações, privatizações, metas de inflação e assim por diante -, desde então, mais ou menos o final de 1970 não foi só particularmente insidiosas por razões de emprego, como a precarização, mas também significou a intensificação da exploração da natureza (Harvey, 2005: 173). A sociedade enfrenta um rosário de problemas ambientais crescentes, dos quais os trabalhadores e os pobres suportam os piores custos, enquanto os ricos pagam para se proteger. O alcance e a urgência destas pressões ambientais dependem das maneiras

diferentes de construir nossa noção de ecologia e de economia, que dependem, por sua vez, do poder e da política (Doyle e McEachern, 2001: 22). Independentemente da concepção política, no entanto, é agora considerada inequívoca que a atividade humana esteja impulsionando mudanças climáticas perigosas, causando sequelas irreversíveis, como a extinção de espécies e o aumento do risco da quebra de safras e da fome (IPCC, 2007: 48; Flannery, 2005). As concentrações de dióxido de carbono e de outros gases do efeito estufa (GEE) aumentaram nos últimos dois séculos, devido ao elevado crescimento do consumo de combustíveis fósseis e da conversão de uso da terra. As questões ambientais, por sua vez, têm um impacto sobre a economia e emprego (CES, 2007; Olsen, 2007; Poschen, 2007).

O movimento operário,¹ pelo menos no Canadá, está lutando para enfrentar esta crise dupla interligada de emprego e do meio ambiente, e cumprir sua "missão histórica": desde seu surgimento na Europa e se espalhando onde há o capitalismo, o movimento da classe trabalhadora tem até agora fracassado em seu objetivo de libertar todos os da opressão e, em vez disso, se paralisou dentro dos limites auto-impostos de conformismo sindicais (Abendroth, 1972: 7). O trabalho é impedido por seus próprios problemas internos, como evidenciado no Canadá por práticas de incursão canibal e pela concorrência entre os sindicatos; a concentração de membros em sindicatos multi-setoriais gigantescos, os sindicatos dos trabalhadores em geral têm, ironicamente, diminuído a capacidade de se organizar e de negociar estrategicamente, além de prejudicar o papel dos enfraquecidos órgãos centrais de trabalho (Bickerton e Stinson, 2008: 161). Nesse contexto (e sem efetivamente desafiar o sistema capitalista), as preocupações categóricas do trabalho, como o respeito e a dignidade dos trabalhadores, continuam a ser questões importantes, além de responder por mais novas, como a mudança climática ou o declínio da biodiversidade.

¹ “O movimento operário” e “o movimento ambiental” deveriam ser reconhecidos muito mais amplamente e por grupos mais diversos de pessoas, interesses, organizações e redes do que pelos termos generalizados impostos e são usados aqui por simplicidade conceitual e em contraste com o ‘estado’ e o ‘capital’. Os termos ‘trabalho’ e ‘organizações ambientais’ não só marcam a diversidade, mas também complicam nossa compreensão ou mesmo considerações posteriores como crise ecológica global e divisão internacional do trabalho.

1.2 Na busca por soluções: Alianças trabalhistas-ambientais no Canadá

Enquanto um movimento ambientalista surgiu na década de 1960, em resposta especificamente para as ameaças ambientais instaladas para a sociedade, alguns sindicatos e o movimento sindical em geral dirigiram-se ao meio ambiente, além de suas outras preocupações mais tradicionais associados ao emprego, salários, horários de trabalho e assim por diante. O movimento sindical canadense não é exceção, e iniciativas sindicais anteriores visavam eliminar toxinas e melhorar a segurança no local de trabalho, estabelecendo precedentes em alguns casos para cooperação com atores externos em campanhas sobre a chuva ácida, os recursos naturais e até ambiciosos conjuntos de projetos políticos. Estruturas do sindicato foram estendidas e comitês ambientais internos foram formados para lidar com questões de alternativas ambientais. Mais recentemente, uma onda de interesse na 'economia verde' tem acompanhado a recessão econômica global, uma vez que os sindicatos pretendem colher os benefícios da criação dos chamados "empregos verdes" associados à energia renovável, à construção modernizada e aos transportes públicos.

A adoção do que podemos chamar de causas verdes pelos diferentes ramos do movimento operário do Canadá pode ser entendida como um processo histórico e em curso. Discurso ambiental, política e projetos não são suscetíveis de serem defendidos uniformemente ou de uma forma homogênea em todo o amplo país e entre as suas diferentes instituições. As prioridades podem ser diferentes, os temas podem ser divergentes. Estratégias e ações habituais também podem ser dependentes do contexto. Por isso, é importante compreender não só o porquê, mas sobretudo como a "ecologização" do trabalho está acontecendo, isto é, compreender o fenômeno como um processo tanto *moldado* como também *capaz de moldar* o contexto.

O principal objetivo deste estudo é, portanto, explorar e descrever alguns dos fatores, sejam eles restrições ou apoios, o que torna a incorporação de temas ambientais possível no trabalho dos sindicatos. Isso é considerado importante porque alianças com organizações ambientalistas e a colaboração com os atores fora do movimento sindical podem servir para ampliar seus horizontes, e, às vezes, podem estimular uma mudança para sair da conformidade das questões sindicais estritamente concebidas e movimentos complexos de

trabalho. Outro objetivo deste estudo é descrever e avaliar os respectivos programas de duas organizações do trabalho canadenses em particular, selecionadas instrumentalmente para explorar os fatores contextuais e para ajudar a melhorar a nossa compreensão da "ecologização" do trabalho em geral. Seus pontos fortes e fracos são avaliados, no que diz respeito à forma como eles tiveram sucesso ou fracasso para incorporar uma perspectiva ambiental no seu trabalho, especialmente com referência à dependência de contextos de trabalho, mas também levando em consideração outros fatores importantes como a liderança, a colaboração com grupos externos, leis e política.

1.3 Perfil da tese

Um plano metodológico foi seguido para a coleta e análise dos dados, explicado no capítulo dois. É melhor resumido como um estudo duplo de caso, de dois ramos do movimento sindical do Canadá, empregando uma estratégia sequencial exploratória de pesquisa, que enfatiza uma fase qualitativa das entrevistas e análise de documentos primários. Um elemento quantitativo também é incluído através da prestação macro social de dados, selecionados a partir de Estatísticas do Canadá para proporcionar uma base contextual para considerar ambos os casos.

Uma revisão da literatura secundária, sobretudo mas não só do Canadá, descreve o processo de adoção do trabalho por causas ambientais e fornece orientação para os dois estudos de caso que se seguem e é apresentado no Capítulo Três. Um simples esboço histórico da incorporação de temas ambientais no Canadá é feito, antes de receber atenção, então, virou-se para os fatores que afetam a colaboração do trabalho ambiental. Uma série de conceitos importantes também é introduzida, como o modernismo ecológico, chantagem de trabalho e transição justa.

O primeiro caso é o da Federação do Trabalho de Alberta (AFL), apresentado no capítulo quatro. Ele começa por descrever a situação de empregos provinciais e de desenvolvimento, baseada principalmente nas areias de petrolíferas, que também são explicadas. O leitor é introduzido à AFL antes dos resultados da análise profunda de suas atividades ambientais apresentadas durante a última década, com especial atenção para as políticas, para o Executivo, para o Comitê Ambiental da Organização, e - é a contribuição

mais recente, alcançada com a colaboração de parceiros ambientais - um relatório de empregos verdes.

O capítulo cinco constitui o segundo estudo de caso, o de Toronto e do Conselho do Trabalho da Região de York (TYLC). Novamente, primeiro a situação de emprego da região é descrita com o apoio de dados estatísticos, sendo dada especial atenção ao declínio significativo na manufatura de lá. Isso define a etapa para a análise do discurso ambiental do Conselho do Trabalho e para a descrição de suas atividades colaborativas intensas. A coalizão *bons empregos para todos* da comunidade de trabalho é apresentada antes de o capítulo terminar, observando uma lei recente e alguns comentários de informantes.

Os resultados sintetizados para ambos os casos são brevemente comparados e contrastados no capítulo seis, o que ajuda a enfatizar os principais efeitos dos diferentes contextos regionais sobre as duas organizações de trabalho. Os casos se distinguem pelo seu primeiro discurso ambiental e respectivo compromisso com a aliança de formação ambiental e, em segundo lugar por considerarem o impacto de alguns fatores específicos, do gênero até a extração de recursos, e da liderança até o papel central da situação do mercado de trabalho.

A tese conclui afirmando que as concepções de formação de aliança político-estratégicas diferentes e atividades ambientais específicas de cada ramo do movimento operário do Canadá podem ser entendidas como respostas para contextos socioeconômicos regionais distintos, que são fortemente marcados pela (mas não dependentes dela) situação do mercado de trabalho. A análise é elaborada para fazer algumas recomendações, sob a forma de lições aprendidas e de argumentos sobre a estratégia de trabalho. Algumas direções para futuras pesquisas são também sugeridas.

Capítulo dois: Metodologia

2.1 Pesquisa qualitativa

Um estudo sério sobre qualquer assunto tão amplo quanto a "ecologização" do trabalho requer um plano metodológico para efetivamente se aprofundar nele. Esse projeto incorpora um elemento de avaliação, à medida em que ele analisa os pontos fortes e fracos nas respostas às questões ambientais de duas organizações de trabalho canadenses - a Federação do trabalho de Alberta (AFL) e o Conselho do Trabalho de Toronto e região de York (TYLC). Ainda, ele é exploratório e descritivo,² em parte porque seu assunto era novo para o pesquisador no início, mas primariamente ele está localizado no cruzamento de dois campos facilmente (e muitas vezes erroneamente) tratados como distintos: o trabalho e o meio ambiente.³ Além disso, embora exista uma grande quantidade de literatura relacionada, como sobre a saúde e a segurança no trabalho ou sobre "empregos verdes", relativamente pouco tem sido escrito especificamente sobre a "ecologização" do trabalho como um fenômeno, pelo menos no Canadá. Em outras palavras, o tema ainda precisa ser mapeado de forma exaustiva em todas as suas dimensões.

É útil e apropriada, nestas circunstâncias, a adoção de um quadro aberto e indutivo, enfatizando a descrição e o contexto. Estratégias de investigação qualitativa são vantajosas para lidar com interações sociais complexas e processos, como possíveis mudanças nas organizações de trabalho. Elas se concentram sobre o processo que ocorre, bem como o produto ou o resultado, e interesse particular é tido pela compreensão de como as coisas

² Ogmundson e Doyle (2002: 414) alegam que a sociologia canadense se beneficiaria muito de mais estudos descritivos das instituições. As descrições são realmente úteis para compreender as instituições e podemos estender essa afirmação para incluir mais especificamente a noção de que as descrições são importantes para a compreensão dos processos de mudança envolvendo as instituições. O presente estudo visa, em parte, esse fim, ou seja, a descrição de duas organizações de trabalho canadenses adotando temas ambientais.

³ Tanto o ambiente (ou terra, ou natureza) e trabalho são fatores de produção que, sob o capitalismo, são explorados para fins de acumulação de capital, daí a importância de considerá-los com alguma similitude. Eles também estão entre as "falsas mercadorias" de Polanyi (1944: 68, 163, 178). O leitor é levado a uma moda geral ao campo da sociologia do ambiente. Uma teoria específica de interesse é a teoria de Karl Marx da ruptura metabólica, como explicado por Foster (2000: 157; Clark, 2006) e usado da mesma forma na economia política, como quando Albo (2006: 21), em sua crítica do localismo ecológico afirma que "[l] ambientes locais não podem ser compreendidos sem referência às mediações do trabalho social, e o metabolismo contínuo da natureza que produz a natureza e a sociedade."

acontecem (Creswell, 2003: 198). A pesquisa qualitativa, como definida por Denzin e Lincoln (2005: 3, 6), é um conjunto de práticas (multi-, trans-disciplinares e contra-) interpretativas e materiais que tornam o mundo visível, transformando-o em uma série de representações.⁴ Porque há uma ampla gama de práticas de pesquisa qualitativa disponíveis para escolha, defende-se que muitos tipos diferentes e únicos de estudos são possíveis.

O restante deste capítulo explica a metodologia de pesquisa qualitativa específica que foi usada para conhecer as atividades do ambiente de trabalho canadense, após inicialmente esboçar brevemente um grande problema e hipótese. A estratégia “seqüencial exploratória” é explicada, os passos específicos seguidos para a coleta e análise de dados são enumerados e algumas observações são feitas sobre a organização e gestão dos dados. A maior seção, 2.4, apresenta estudos de caso e fornece mais detalhes sobre as duas organizações sindicais em si, como o tipo de casos que constituem e justificam a sua escolha, com especial atenção dada à questão do equilíbrio e aos desafios de compará-los. A última seção lida com credibilidade e limitações da pesquisa, bem como considerações éticas.

2.2 Principal problema, hipótese e questões da pesquisa

Uma abordagem de pesquisa foi desenvolvida através da mistura de técnicas, decorrentes da necessidade de adaptar o método ao tema, que se baseia em um problema amplo principal que foi formulado da seguinte forma:

⁴ Os pesquisadores qualitativos enfatizam que seus estudos são processos interativos, e como tal, devem ser considerados como não-neutros, caracterizam-se pelo ato da interpretação (Stake, 1995: 8, 40), para o qual o pesquisador é considerado um 'instrumento' de estudo. Kincheloe e McLaren (2005: 311) argumentam que “Não existe nenhuma interpretação intocada - na verdade, nenhuma teoria, metodologia educacional ou social, ou a forma discursiva podem reivindicar uma posição privilegiada que permita a produção de conhecimento oficial”. Nessa perspectiva, a subjetividade é reconhecida e tratada como uma parte das condições de pesquisa humana e social. Como Charmaz (2005: 509-510) afirma, não existe nada como uma informação objetiva da realidade, porque as nossas análises são “interpretações”. Ela alega que não podemos assumir que os dados aguardam apenas a descoberta de um mundo externo, ou que as observações são imparciais. Em suma, neste estudo, como nas ciências sociais, não há nenhum método “objetivista de valor livre” (Denzin e Lincoln: 2005: 12). Como um observador parcial, então, a perspectiva do pesquisador tem desempenhado um papel em tudo, desde a escolha do tema, o método utilizado para pesquisar, e mais importante ainda, nas conclusões alcançadas.

Uma abordagem de pesquisa foi desenvolvida através da mistura de técnicas, decorrentes da necessidade de adaptar o método ao tema,⁵ que se baseia em um problema amplo principal que foi formulado da seguinte forma:

- Quais fatores-chave contribuem com a explicação das diferenças dos graus em que os temas ambientais ou causas ecológicas são adotados por diferentes vertentes do movimento sindical canadense?

O "grau" em que os temas ambientais são adotados por uma determinada organização pode ser medido pela importância relativa de uma questão que foi dada por seus atores representativos, por meio de ações concretas, pela forma de considerar quais ações concretas tinham sido tomadas, diferente de uma plataforma política adotada. Em outras palavras, era necessário estar atento a qualquer diferença entre ação e discurso como um meio de identificar o grau em que o movimento operário adotou as causas ambientais.

A resposta para o problema acima é a seguinte hipótese:

- O clima político, a condição da economia, a força do movimento sindical, inclusive sua liderança, bem como suas relações com os atores ambientais, tem todos sido determinantes para o grau no qual as causas verdes têm sido defendidas pelo movimento operário em regiões particulares do Canadá.

Esta hipótese não descreve uma relação entre duas variáveis isoladas e, portanto, na realidade, não é uma hipótese verdadeira, mas é, na verdade uma declaração de antecipação da importância esperada que os contextos socioeconômicos e políticos diversos tivessem sobre as ações ambientais e sobre o discurso de dois ramos do movimento operário. Isso é parte do que significa se concentrar em um caso para aprender sobre um fenômeno mais amplo, parte referida por Stake (2005: 447) como um “problema obscuro”. Ele explica que os pesquisadores de caso buscam caso o que é comum e particular sobre o caso, mas o retrato é geralmente o que é incomum, desenhado de uma só vez a partir de uma série de fatores importantes, como a natureza do caso, os seus antecedentes históricos, o ambiente físico, os próprios informantes, bem como outros contextos, políticos, econômicos,

⁵ Para desenvolver uma estratégia investigativa para a ecologização do trabalho, um número de textos sobre metodologia foi consultado e utilizados variavelmente, como foi o caso do trabalho dos alunos. Eu gostaria de

jurídicos ou estéticos, ou outros casos em que o caso estudado é reconhecido (Stake, 2005: 447).

A hipótese é usada apenas na medida em que prevê uma ‘discussão’ (Quivy e Van Campenhoudt, 1995: 118), ou uma diretriz, e não para provar a relação entre dois conceitos ou variáveis. Conforme Stake (2005: 450) afirma, a busca de causas (ou variáveis independentes) é superestimada. Não há a presunção de que a presente tese deverá propor uma nova teoria explicativa ou mesmo um modelo de análise, mas apenas talvez - por meio da descrição de duas organizações de trabalho - guiar em direções que nos levam a entender como o movimento operário canadense, por suas ações em temas ambientais, está sendo afetado por uma série de fatores no contexto mais amplo em que está inserido. Por esta razão, o que é chamado de "hipótese" coloca um grande enfoque na busca de elementos contextuais que explicam como o trabalho está sendo afetado em sua adoção de temas verdes.

Cinco perguntas específicas de investigação levaram ao inquérito de cada organização ou ramo do trabalho, e estão relacionados com e para ajudar a responder ao problema principal, bem como responder a diferentes elementos da hipótese. Os primeiros três elementos focam os elementos exploratórios e descritivos do tema. Os dois últimos nos permitem mergulhar profundamente, explorando *como* e *por que* das ações e discursos ambientais adotados.

- Quais são as principais prioridades ambientais de cada ramo? (temas, questões)
- Quais estratégias, ações e projetos cada ramo tomou? (ações concretas)
- Qual discurso eles adotaram? (política)
- Como os contextos regionais influenciaram os temas, a política e as ações de um ramo representativo do movimento operário canadense?
- Como os ramos distintos e representativos do movimento operário canadense interagiu com outros atores (como, por exemplo, governo, sindicatos locais / afiliados, ONGs ambientais, etc.)?

reconhecer que a dissertação pioneira de Doutorado de Penney (2002) nessa área foi de valor instrumental

2.3 Estratégia específica de pesquisa

2.3.1 Estratégia exploratória sequencial

Se a estratégia global adotada para buscar respostas para as questões da pesquisa é qualitativa, elementos quantitativos menores também foram incorporados. A abordagem específica de misturar alguns dados específicos com dados qualitativos é muito próxima de do segundo de seis tipos de métodos mistos que Creswell (2003: 215) delinea, chamando-a de "estratégia exploratória sequencial".

A abordagem sequencial exploratória para a pesquisa é conduzida em duas fases, nas quais a prioridade é geralmente dada à primeira fase, e pode ou não ser implementada dentro de uma determinada perspectiva teórica. A fase inicial consiste na coleta de dados e na análise qualitativa, que é seguida por uma fase de coleta de dados quantitativos e análises. Assim, os dados qualitativos foram coletados para o presente estudo através de entrevistas e documentos (conforme descrito abaixo, na seção 2.3.2). No entanto, uma saída é tomada a partir da descrição de Creswell do projeto em que, ao invés de recolher os meus próprios dados quantitativos, deixei a coleta para a Statistics Canada, a agência nacional de estatísticas, e simplesmente selecionei alguns entre as séries de dados aqueles que eram mais pertinentes para descrever o contexto social mais amplo, enfatizados nas conclusões qualitativas. Não se pode considerar que este estudo empregue estritamente uma estratégia de investigação "mista", embora certamente saia de uma abordagem puramente qualitativa para a de um território de método de investigação mista. Conforme a descrição de Creswell, novamente, os resultados das duas fases sequenciadas foram integrados durante a fase de interpretação final do estudo, e a apresentação dos resultados integrados é feita em um único relatório (ou seja, nos capítulos 4 e cinco).

Há uma série de vantagens de incorporar dados socioeconômicos da Statistics Canada. Primeiro, no nível mais básico, o objetivo desta estratégia é a utilização de dados quantitativos e resultados para auxiliarem na interpretação dos resultados qualitativos, sendo o foco principal explorar um fenômeno (Creswell: 2003: 215). Em segundo lugar, ajuda a evitar excesso de confiança em entrevistas. Como Charmaz (2005: 529) observa:

para a preparação de minha própria pesquisa.

Basear-se em entrevistas sobre temas focados pode impedir a atenção para o contexto - principalmente quando os participantes de nossa pesquisa usam o contexto de suas vidas como garantia e não falam sobre isso. Assim, o modo de investigação limita o que os pesquisadores podem aprender. Claramente, a entrevista é o método de escolha para determinados temas, mas a pesquisa empírica qualitativa sofre se ela se torna o sinônimo de estudos de entrevistas.

Finalmente, como destacado por Quivy e Van Campenhoudt (1995: 206), usar dados quantitativos é vantajoso para analisar as mudanças nas organizações.

1.3.1 Coleta de dados e análise

A metodologia utilizada para coletar e analisar os dados sobre as duas organizações pode ser discriminada em cinco etapas amplas, como segue abaixo:

1. Uma revisão “integrada” da literatura foi conduzida, resumindo temas amplos (Creswell, 2003: 32) que são apresentados no capítulo seguinte. A revisão foi baseada em um grau alto – sem ser limitada – de seis textos-chave, que foram estudados com grande profundidade para a riqueza e pertinência das informações. A pesquisa bibliográfica era um processo em curso, que aconteceu primariamente de fevereiro de 2009 à fevereiro de 2010.
2. Quatro entrevistas exploratórias semi-estruturadas foram conduzidas no Canadá em janeiro de 2010, com membros ou profissionais do movimento operário canadense. O pesquisador não conhecia nenhum dos informantes antes de convidá-los a participar do estudo, embora tenha contatado dois deles em maio de 2009 para tentar um intercâmbio.⁶
3. Uma análise de uma página da internet e de documentos foi conduzida. Os sites foram considerados pela estética ou por outros elementos informativos, como fotos, facilidade e proeminência de acesso ao material relevante, e assim por diante. Então, todo o conteúdo relacionado a temas ambientais foi baixado de ambos os sites das

⁶O intercâmbio era um componente do programa de Mestrado, e aconteceu em julho de 2009, durante a pausa entre os semesters na UNICAMP. Lamentavelmente, incapaz, devido a uma série de motivos para completar um intercâmbio como esperado inicialmente na Blue-Green Canada ou na Canadian Auto Workers – Andy King e Nick DeCarlo foram respectivamente contatados para esse propósito antes que se tornassem respondentes da entrevista – um intercâmbio aconteceu, apesar disso, na Confederação dos Sindicatos das Américas, no escritório principal em São Paulo. Observando como questões ambientais foram tratadas pela sua “Secretaria para desenvolvimento sustentável e economia política” trouxe outro ponto de referência para considerar como o trabalho canadense trata questões similares. Veja, por exemplo, Bertinat e Turco (2008) e CSA (2005: 22).

organizações. Outros documentos também enviados ao pesquisador ou recomendados pelos informantes foram incluídos.

4. Outras seis entrevistas semi-estruturadas, mas fenomenológicas, foram conduzidas com informantes de duas organizações trabalhistas, o que significa que foram feitas para “estabelecer o maior número de significados e interpretações para o tema”(Fontana e Frey, 2005: 704).
5. Uma seleção e renderização em tabelas de dados quantitativos disponíveis primeiramente na Statistics Canada foi feita, baseada nas questões principais e nos fatores contextuais de importância emergentes do processo de codificação de documentos e entrevistas.

1.3.2 Organização e gerenciamento de dados

Uma série de ações foram tomadas para organizar e gerenciar os dados durante o estudo. Um caderno amarelo ('Hilroy') foi mantido como uma revista de pesquisa em que foram feitas entradas datadas. Elas incluem notas de entrevistas, reflexões, dúvidas ou preocupações, direções a tomar, listas para fazer e assim por diante. Eu tentei escrever regularmente e prontamente, como salientou Fontana e Frey (2005: 708) e Creswell (2003: 203). A leitura separada de revistas de material bibliográfico espiraladas em letras grandes azuis também foi mantida ("Banco do Brasil"). O método de leitura sugerida por Quivy e Van Campenhoudt (1995: 56) foi utilizado para destilar os principais conceitos e estruturas de argumentação. Definições e provas foram selecionadas a partir das notas em jornais lidos e transferidas para cartões de índice - como sugere Eco (1977: 61). Os cartões de índice, revistas de pesquisa e notas de leitura foram remetidas para a redação de uma série de capítulos.

Embora antes deste estudo o pesquisador já ter realizado entrevistas em vários cenários, como os decorrentes do trabalho, as reflexões de alguns autores sobre o tema eram ainda tidas em consideração. Fontana e Frey (2005: 705-709) fornecem sugestões úteis a respeito de entrevistas não estruturadas (como a sua apresentação heurística de um resumo da entrevista), assim como Quivy e Van Campenhoudt (1995: 194). Todas as

entrevistas foram gravadas com um gravador de voz digital e posteriormente transcritas cuidadosamente.

Para analisar em conjunto os documentos e entrevistas, a técnica de codificação em oito etapas descritas por Tesch (1990), como citado em Creswell (2003: 192) foi aplicada. Os métodos utilizados por Charmaz (2005: 515, 517) em sua prática de teoria fundamentada, como o desenvolvimento "in vivo" para capturar os códigos de linguagem e a compreensão dos informantes também foram igualmente tidos em consideração. Os códigos desenvolvidos para a análise documental e entrevistas serviram de base para as categorias ou temas emergentes como resultados neste estudo e ajudou a orientar a busca posterior de dados quantitativos contextuais pertinentes.

Por fim, seguindo a recomendação dos professores brasileiros envolvidos na qualificação de tese, um cronograma foi construído para as principais etapas de coleta de dados, análise e elaboração do relatório de caso, de modo a limitar o âmbito da pesquisa e concluí-la antes que o visto brasileiro do aluno do autor expirasse.

1.4 Estudo de caso

Enquanto um projeto similar ao que pode ser chamado de uma estratégia seqüencial exploratória tem sido utilizada, a principal característica metodológica desta tese é que é um estudo de caso, ou melhor, um estudo de dois casos.⁷ Um caso é o que podemos chamar de um "sistema limitado" (Stake, 1995; 2005: 135). É uma unidade, tem peças de trabalho e é frequentemente proposital, ou seja, é um sistema integrado. Assim, "um estudo de caso é tanto um processo de inquérito sobre o caso e um produto desse inquérito" (Stake, 2005: 445), embora este último seja provavelmente melhor conhecido como um "registro de caso".

⁷ Enquanto é possível é possível elevar o nível de uma série de críticas contra os estudos de caso, o que é uma das formas mais comuns de se fazer pesquisa qualitativa (Stake: 2005: 443), eles continuam a ser um meio válido e valioso de investigação. Flyvbjerg (2006) apresenta uma defesa convincente do estudo de caso, e refuta as críticas comuns delas e ao fazê-lo gera cinco afirmações sobre os benefícios de estudos de caso. Por exemplo, ele argumenta que o conhecimento concreto, dependente do contexto é mais valioso do que a vã procura de teorias preditivas e universais (Flyvbjerg, 2006: 224).

Seria um empreendimento enorme analisar todo o movimento operário canadense, através da sua história e no presente, na adoção da causa verde. Minha humilde contribuição para esse esforço maior teve que contar com poucos recursos. O estudo de caso é adequadamente adaptadas a este tipo de situação, permitindo ao pesquisador a aprender sobre um fenômeno ou questão associada, centrando-se sobre a forma como ela se manifesta em um caso específico. O pesquisador pode ter interesse em um caso específico, mas também tem interesse máximo em um fenômeno geral ou na população de casos individuais.

Como tal, esta tese é o que Eco (1977: 27) chamaria de "panorâmica", em que se trata de um fenômeno amplo - a ecologização do trabalho canadense. Um tema da atualidade, uma vez que pode ser transformado em um objeto de estudo adequado, ligando os limites geográficos e cronológicos e tornando o objeto publicamente identificável. Em outras palavras, um tema amplo e contínuo pode ser tratado focando alguns dos seus elementos específicos. Poder-se-ia dizer que estamos vendo um grande mural - que está em movimento e mudando - e, em seguida, chamar a nossa atenção para o primeiro plano, examinando profundamente dois retratos que formam parte do quadro geral, isto é, dois casos particulares das organizações sindicais que formam parte do movimento sindical do Canadá.

1.4.1 Os dois casos – Principais efeitos e tipos de casos

As duas organizações de trabalho selecionadas como casos para este estudo são a Federação do Trabalho de Alberta (AFL) e o Conselho do Trabalho de Toronto e Região de York (TYLC). Utilizando dois casos reconhecidamente impedimos algumas das “grossas” descrições possíveis ao centrarmos apenas um caso, mas há uma série de vantagens também. Isso proporciona uma melhor oportunidade para explorar os contextos distintos pelos quais o trabalho está adotando a causa verde, capturando algumas das complexidades ricas da realidade de trabalho canadense, como a estrutura ou a rede do movimento operário (ver Anexo B) e contextos regionais socioeconômicos e políticos. Além disso, ao olhar para dois casos, em última análise, distintos (e potencialmente mais) os dados são recolhidos mais do que se apenas um caso fosse analisado, permitindo-nos recorrer a dois exemplos

específicos através dos quais outros casos ainda são reconhecidos (Stake, 2005: 447). É importante ressaltar que, analisar casos separados permite ao pesquisador analisar a interatividade e as diferenças entre os "principais efeitos", alguns dos mais comuns decorrem da demografia, do gênero (Stake, 2005: 452) e de outros fatores socioeconômicos. Essas diferenças e semelhanças específicas, em geral, formam parte do que podemos chamar de contexto, que é de interesse aqui e contam para as diferenças e semelhanças observadas nos dois casos, ou seja, a interação entre um caso e a realidade em que está inserida.

Os dois casos são o que Stake (1995: 3) chama de instrumental, porque eles foram escolhidos entre outros possíveis casos, como se acreditava eles ofereciam a compreensão do problema ou fenômeno mais amplo da "ecologização" do trabalho. No entanto, os casos também são de valor intrínseco, porque todos são de interesse por suas particularidades e mediocridade. Especialmente no que diz respeito à avaliação do "programa" e plataforma ambientais de cada organização do trabalho, as ações e estratégias tomadas em questões ambientais, os casos têm um valor intrínseco. Stake (2005: 447) admite que "porque o pesquisador tem vários interesses ao mesmo tempo, particulares e gerais, não existe uma linha de distinção entre o estudo de caso intrínseco e o instrumental, mas uma zona de efeitos combinados que os separa." Assim, tanto a AFL quanto o TYLC podem simultaneamente ser considerados de valor intrínseco e instrumental. Vale a pena estudar cada um em seu próprio jeito e, juntos, eles nos ajudam a compreender as mudanças no trabalho canadense. São casos instrumentais de valores intrínsecos.

1.4.2 Por que a AFL e o TYLC como casos?

Um número de diferentes decisões tiveram que ser tomadas sobre a escolha dos casos e um grande número de casos possíveis teria sido interessante e teria valido a pena estudá-los.⁸

⁸ Por exemplo, uma outra abordagem válida teria sido a de estudar o Congresso do Trabalho Canadense (CLC) em si, ou também para comparar o CLC com uma das centrais sindicais como a Québécois Confédération des Syndicats Nationaux. A última abordagem pode revelar eventuais efeitos decorrentes das diferenças linguísticas étnicas, em vez das socioeconômicas e industriais. Outra abordagem válida seria examinar uma parte representativa dos sindicatos, comparando as suas políticas e ações com relação ao meio ambiente ao longo do tempo. Isso, porém, pode tornar mais difícil um foco sócio-econômico, as diferenças

Foi necessário delimitar o âmbito e uma decisão foi tomada para concentrar-se na AFL e no TYLC. Então, o que, particularmente, se destaca sobre estas organizações? O que levou o pesquisador a esses dois casos?

A AFL imediatamente atraiu a atenção por vários motivos: ela publicou um estudo em conjunto com o Greenpeace do Canadá e o capítulo do Sierra Club Prairie sobre Empregos Verdes (Thompson, 2009) em abril de 2009, logo após o tema amplo para essa tese ter sido desenvolvido. Eu queria saber mais sobre a ecologização recente do trabalho na minha província natal, o centro da indústria de gás e óleo extremamente poluentes do Canadá e para aprender sobre como o trabalho lá ficou em relação ao resto do país. A escolha da AFL também introduz incidentalmente a fonte mais significativa e direta de viés neste estudo, já que sou de Alberta.

O TYLC atraiu a atenção por causa de um episódio significativo na história do trabalho canadense sobre o meio ambiente que ocorreu adjacente ao seu território: *a Aliança do Trabalho Verde* a partir do início de 1990, com as suas aspirações nobres combinando a produção local, verde e socialmente necessária (Keil, 1994), coincidindo com um período classificado como "a pior experiência econômica no Canadá desde os anos 1930" (Morton, 1998: ix). A curiosidade imediatamente levanta a questão: o que foi o legado dessas aspirações radicais? Se um relatório de empregos verdes foi publicado pelo trabalho em Alberta, o que pode ser dito para o que está acontecendo em Toronto nos dias de hoje, durante a recessão que segue o rastro da crise financeira de 2008? Estas questões levaram à escolha do TYLC como o caso de investigação complementar.

Tomar essas duas organizações específicas como casos apresentados trouxe, pelo menos, duas vantagens: 1) ao contrário dos sindicatos canadenses, que são dominados por alguns mega sindicatos multi-setoriais que romperam fronteiras tradicionais de competência (Bickerton e Stinson, 2008: 171, 174), as duas organizações selecionadas aqui têm limites geográficos facilmente identificáveis, favorecendo a análise dos principais efeitos dos fatores demográficos e fatores regionais políticos e socioeconômicos. Além

regionais contextuais, melhor alcançados pelas organizações com claras fronteiras territoriais, como as federações de trabalho.

disso, embora não seja o objetivo principal do estudo, a abordagem privilegia a observação de qualquer divisão Leste-Oeste, o que é familiar para os cientistas políticos canadenses e para outros pesquisadores sociais (Dyck, 2000: 37, 39); 2) porque as centrais sindicais e os conselhos são regidos por convenções que incluem delegados de organizações sindicais filiadas, para o estabelecimento de políticas e de eleição de dirigentes, pode-se esperar que elas funcionem, pelo menos em teoria, na representatividade dos seus afiliados. As políticas e ações da federação provincial e da câmara municipal podem ser consideradas como uma aproximação grosseira ou como síntese da perspectiva dominante do trabalho dentro de uma região, ou pelo menos como a última instância de ação política coordenada sobre questões que afetam o trabalho.

Tabela 1. Ramos do movimento sindical canadense; buscando equilíbrio entre os casos potenciais

	Nível de reagrupamento	Número representado de afiliados:			Comitê ambiental ativo
		Sindicatos	Seções locais	Trabalhadores/ Membros	
Edmonton & Conselho do Trabalho do Distrito	Municipal	21	35	39,000	×
Calgary & Conselho do Trabalho do Distrito	Municipal	19	60	30,000	×
Conselho do Trabalho de Toronto & Região de York	Municipal	35	178	195,000	×
Federação de Trabalho de Alberta	Provincial	29	192	135,376	✓
Federação do Trabalho de Ontário	Provincial	48	1,077	700,000	✓

Fonte: Dados coletados dos sites das respectivas organizações e ligações para recepcionistas, março de 2010; Federação do Trabalho de Ontário (2009); AFL (2009d: 5). Os números estão sujeitos a flutuações por causa de filiações ou desfiliações em sindicatos. Fontes recentes significativas de impacto sobre a adesão incluem gastos do governo, cortes e fechamentos. Um desenvolvimento maior para a OFL é que a CAW está reingressando em junho de 2010, o que irá aumentar significativamente as adesões e afiliados locais.

Independentemente das particularidades e vantagens ou desvantagens de cada caso, sua seleção descansa finalmente, como argumenta Stake (2005: 462), na tentativa de garantir a variedade e o equilíbrio, enquanto a oportunidade de aprender é de importância primordial. A AFL e o TYLC forneceram uma medida da variedade e equilíbrio, como evidenciado na Tabela 1. Se comparado com outros conselhos de trabalho semelhantes ou federações, é evidente que a AFL e o TYLC são aproximadamente do mesmo tamanho, em termos de número de membros e afiliados, mas estão localizados em diferentes regiões do país e em diferentes níveis de hierarquia de trabalho ou estrutura.

1.4.3 Quais são os desafios da comparação de caso?

Uma comparação simples e direta das duas instituições ou ramos do movimento sindical canadense estudados seria imprudente, porque seria como comparar maçãs com laranjas: ambas são frutas, mas cada uma é bastante diferente da outra. Da mesma forma, tanto a AFL quanto o TYLC fazem parte da CLC, e cada um reúne sindicatos canadenses e internacionais para representar os trabalhadores de um determinado território no cenário político e realiza campanhas. No entanto, a AFL é uma federação provincial, enquanto o TYLC é um conselho municipal de trabalho: eles correspondem a diferentes jurisdições e níveis dentro da estrutura do governo do Canadá e, portanto, às diferentes competências correspondentes. Para fazer uma comparação direta, seria necessário selecionar duas federações provinciais ou dois conselhos locais, apesar de fazer desafios em relação à questão do equilíbrio, tal como referido no Quadro 1.

Quaisquer eventuais comparações, expressamente desenhadas pelo autor ou intuitivamente alcançadas pelo leitor, devem prestar atenção no alerta de Stake (2005: 460): conclusões sobre as diferenças entre dois casos são menos confiáveis do que uma conclusão sobre uma. Embora uma série de conclusões sobre cada caso seja atingida independentemente do outro, ao examinar os dois juntos, alguns contrastes e semelhanças surgem. Atentando para a dificuldade de confiar nas conclusões retiradas entre dois casos, podemos, no entanto, aprender mais, principalmente sobre a importância do contexto local, mais do que se olhamos apenas para um caso. Como o próprio Stake afirma, após dar a sua advertência: "a ilustração de como um fenômeno ocorre na circunstância de vários exemplares pode fornecer informações valiosas e confiáveis" (2005: 458).

1.5 Credibilidade, Limitações e considerações éticas

Esta seção identifica e descreve as estratégias utilizadas para verificar a precisão ou confiabilidade de interpretações e análises, algumas das quais listados por Creswell (2003: 196). Ele continua descrevendo as limitações inerentes a este projeto e termina com algumas considerações éticas.

Com relação à credibilidade, cuidados foram tomados para 'triangular' os dados coletados, o que significa que diferentes fontes de dados foram utilizadas, como uma

variedade de documentos e um bom número de informantes. O uso de dados quantitativos também serve como triangulação, pois as tendências macro-sociais apresentadas nas tabelas "combinam" ou confirmam, em vez de contradizer as limitações e os desafios contextuais descritos pelos participantes por suas respectivas regiões.

O trabalho também foi orientado e revisto de várias maneiras: "verificação de membros" foi empregada, ou seja, um entrevistado de cada província e, para cada estudo de caso foi convidado a reler o respectivo capítulo e comentar sobre as interpretações deles; "interrogatório em pares" foi outra estratégia utilizada, porque um amigo perguntava ao pesquisador, discutindo questões em conjunto ao longo do estudo, isso não foi o mesmo que a "auditoria externa" procurava, como dois professores canadenses de tradição da economia política foram convidados a apresentar sugestões no início e, posteriormente, também forneceram valiosas críticas do projeto final. Todos esses adeptos são, obviamente, inocentes dos resultados.

Foi dada consideração às respostas que poderiam ser dadas para questões pertinentes postas por Charmaz (2005: 528) - lidar com a credibilidade, a originalidade, ressonância e utilidade das interpretações - em sua lista de critérios para os estudos da teoria fundamentada no inquérito da justiça social, que são também aplicáveis às pesquisas qualitativas e aos estudos de trabalho. O julgamento final de qualquer investigação deve estar no padrão do que comunica ou se diz alguma coisa (Denzin e Lincoln, 2005), e se qualifica como 'científica', significando que um objeto reconhecível foi definido, que algo novo é dito sobre isso, um meio de verificação é realizado e que o que é dito é útil (Eco, 1977: 21). Isso pode depender muito de quem lê ou "usa" o presente estudo, e para que fim.

A única grande limitação dessa pesquisa é que, por falta de mais tempo e mais recursos, o pesquisador não foi capaz de passar um longo período em campo (Creswell, 2003: 196). Embora extensa, a observação direta é uma parte importante da coleta de dados adequada em estudos de caso (Stake, 1995: 51), é, sem dúvida não um fator essencial para aprender coisas novas. Confrontado com o desafio da distância, as ferramentas disponíveis

para completar a tarefa foram dependentes do espírito do *bricoleur*.⁹ Por exemplo, uma parte do conteúdo revisto do site revista incluía um grande número de fotografias de eventos, pessoas, locais de trabalho, trabalho e congressos de trabalho, que serviram como um registro da experiência do 'site'.

Por causa da barreira geográfica, algumas das entrevistas foram realizadas cara a cara, e ao invés disso, a maioria foi concluída por telefone e pela internet, usando o Skype¹⁰. Há uma série de desvantagens que alguns como Fontana e Frey (2005: 721) podem legitimamente levantar: com entrevistas virtuais e por telefone, o pesquisador e participante perdem a oportunidade de responder a estímulos não-verbais e de comportamento, tornando difícil a adaptação à personalidade do outro, e, finalmente, a desenvolver uma "relação" e de "viver o momento", enquanto coleta dados. Minha experiência, entretanto, contradiz essas críticas, já que descobri, na maioria das vezes, que os entrevistados e eu estávamos confortáveis fazendo entrevistas por telefone e fomos capazes de desenvolver um bom relacionamento. Como usuários de telefone e de internet acostumados, as pessoas se tornaram comunicadores hábeis, apesar da barreira colocada por longas distâncias. Se muito, as entrevistas por Skype e telefone pareciam levar um pouco mais de tempo do que as feitas em pessoa, o que significa que mais tempo foi gasto com a transcrição das gravações e destilação de códigos.

As responsabilidades éticas do pesquisador foram levadas a sério, fazendo valer a pena relatar algumas considerações pertinentes. Modelos éticos "universalistas" para pesquisa (Fontana e Frey, 2005: 716) são atraentes, baseando-se na presunção de que é possível manter-se a princípios como honestidade, justiça e respeito. Vale a pena lutar por

⁹ Uma série de metáforas pode ser usada para descrever os múltiplos papéis preenchidos pelo pesquisador qualitativo, como a de *bricoleur*, que é um 'profissional faça-você-mesmo, pau para toda obra' (Denzin e Lincoln, 2005: 4; Kincheloe e McLaren, 2005: 316). Uma metáfora alternativa atraente vê o pesquisador como um cineasta, filmando o mundo ao seu redor e, em seguida, editando o filme com a interpretação da realidade observada, criando uma narrativa. Fontana e Frey (2005: 696) argumentam que o entrevistador é um advogado ou parceiro no estudo, na esperança de ser capaz de usar os resultados para impulsionar a mudança política benéfica e para melhorar as condições sociais. Se um *bricoleur*, um documentarista, advogado, ou qualquer outra coisa, o pesquisador preenche uma multiplicidade de papéis.

¹⁰ *Skype* é um software de computador que, desde 2003, permite aos usuários fazer ligações e conferências por voz e vídeo através da internet.

esses princípios e vale a pena ter sido aplicado como um código de conduta pessoal a esta pesquisa.

Embora não seja exigido ou esperado apresentar este projeto para análise formal por um comitê de ética, ele foi muito importante para avaliar o projeto de pesquisa e os métodos para identificar e minimizar os riscos. Para fazer isso, uma política ética para a proteção dos participantes da pesquisa com seres humanos (Universidade de Alberta, Governança, 2010) foi consultada e uma série de medidas pertinentes foram tomadas. Um consentimento livre e esclarecido foi obtido de todos os entrevistados, o que significa que cada um foi convidado como indivíduo para participar, familiarizados com os objetivos do estudo e com o procedimento a ser seguido para a gravação, transcrição e citação de suas contribuições. A declaração exata fornecida a cada um está incluída no apêndice C, juntamente com o guia da entrevista. As entrevistas surgem como referências na bibliografia, e, cada participante teve a oportunidade de recusar esse método e preservar um maior grau de anonimato, embora nenhum deles o tenha feito. Após cada entrevista, a transcrição concluída foi devolvida por correio eletrônico para o respectivo participante para correção e comentários.

A amostragem de bola de neve, ou pedido de referências, foi utilizada para recrutar muitos dos informantes e, por isso, foi apropriada para garantir que os novos participantes potenciais estavam cientes desde o início de quem os tinha recomendado. O recomendador também foi informado que o pesquisador diria o novo contato que o recomendou. Os participantes estavam tipicamente interessados na pesquisa e agradeceram a oportunidade de participar. As entrevistas foram razoavelmente fáceis de programar e conduzir. Fui convidado a apresentar os resultados do estudo, em muitos casos, e quando eu não estava, se ofereciam para fazê-lo.

* * *

Este capítulo forneceu uma visão aprofundada da metodologia utilizada para analisar a "ecologização" do trabalho no Canadá e em especial as experiências da AFL e do TYLC. O próximo capítulo constitui uma revisão integrativa da literatura e apresenta informações de uma seleção de leituras agrupadas em diferentes temas, tais como

informações historiográficas sobre a ecologização do trabalho no Canadá, uma série de conceitos-chave e até mesmo algumas abordagens recentes para o tópico.

Capítulo três: Revisão da literatura

1.6 Comentários introdutórios e esboço do capítulo

Uma ampla avaliação da ecologização do trabalho canadense pode ser alcançada através do resumo dos principais temas encontrados na literatura consultada. Embora uma perspectiva teórica global não tenha sido utilizada, uma literatura relevante foi encontrada em várias disciplinas, e assim, todas as diferenças de perspectiva contribuíram para a compreensão comunicada aqui. A revisão dessas fontes secundárias é dividida em nove subseções, que começam com uma perspectiva histórica e com evidências do impacto do movimento ambientalista sobre o trabalho. Uma série de fatores que podem afetar a relação de trabalho ambiental emergentes dessa discussão é considerada, antes de se concentrar mais nas questões de gênero, classe e "trabalho de chantagem." A maior seção é dedicada a um dos mais interessantes e complicados temas: o da economia "verde" e dos novos trabalhos que alguns sindicatos estão ansiosos para que sejam criados (ou estão participando ativamente para criar). A transição para uma economia com emissões de carbono reduzidas ou para a livre economia levanta o problema da perda de emprego, razão pela qual o trabalho propôs programas para tornar essa mudança justa, o que é discutido no tópico 3.8 antes de concluir com algumas observações finais sobre a resposta do trabalho canadense para as mudanças climáticas.

1.7 Da saúde e segurança a preocupações ambientais mais amplas

O foco do movimento operário canadense sobre as grandes questões ambientais, como as toxinas e as mudanças climáticas, surgiu a partir de trabalhos anteriores que tratam principalmente e mais especificamente da saúde e da segurança dos trabalhadores do estaleiro. Campanhas sindicais para a segurança e saúde ocupacional (SSO) no Canadá surgiram na década de 1960 e se intensificaram em 1970 (MacDowell, 1998: 418), e ocorreu no contexto de uma expansão geral e do aumento do poder do movimento operário¹¹. Sindicatos cada vez mais fizeram uma pressão sobre o governo para melhorar a

¹¹ A ampliação da força de trabalho organizados durante esse período é explicada por uma série de fatores, incluindo a legalização da sindicalização do setor público e greves,

regulamentação das indústrias e das entidades patronais, em particular sobre as substâncias tóxicas.

Um importante precedente nacional foi criado em 1972, em Saskatchewan, quando a primeira legislação OH & S - sob os cuidados do então provincial Vice-Ministro do Trabalho Bob Sass - foi aprovada (MacDowell, 1998: 419; Bennett, 2007: 3). Até o final de 1970, todas as províncias canadenses e o governo federal promulgaram a legislação OH&S. A estrutura básica desenvolvida no Canadá foi adotada pela Organização Internacional do Trabalho em 1981 e oferece três direitos básicos aos trabalhadores: 1) participar de comissões de gestão comum do sindicato, 2) recusar trabalho insalubre e perigoso, e, 3) conhecer os perigos do local de trabalho.

Enquanto isso, o foco nos comitês OH & S sindicais foi evoluindo, desde lidar com as lesões físicas até o problema mais profundo e oculto de doença ocupacional (Bennet, 2007: 3). Através dos anos 1970 e 1980, os sindicatos trouxeram questões de OH&S para a mesa de negociações com os empregadores, e o número de greves sobre essas questões aumentou (MacDowell, 1998: 418).

Conforme Gray (2004) observa, certa burocratização de questões de OH&S ocorreu, e o estado – e processos sancionados pelo empregador para lidar com ela têm sido por vezes inadequados. Essa militância sindical incentivada e classificada sobre as questões da saúde no trabalho, através de recusas de trabalho, petições em grupo, queixas para inspetores do governo, lentidão da produção e outros métodos de ação directa explicam por que Bennett (2007: 2) nota que ativistas de OH & S tinham uma reputação de serem "perturbadores de merda."¹²

bem como a relativa simpatia do Estado canadense (pelo menos naquele momento) pelo trabalho. Essa orientação social democrática do estado é, por sua vez, explicada em parte pelo que Lipset (1995: 115) chamou de "excepcionalismo do sindicato" - A orientação nacional canadense cultural que favorece relativamente grupos orientados para os valores comunitários e estatizantes - e pela ascensão do Novo Partido Democrático (Ogmundson, 2002: 423). Houve até mesmo em 1974, uma tentativa fracassada de estabelecer um acordo tripartidário semelhante ao da Europa, chamado de Conselho Canadense de Relações Trabalhistas (Ibid: 424).

¹² Um destaque, descrito por Gray (2004), indubitavelmente inclui as recusas de trabalho em massa em plantas de aviões no norte de Toronto em 1986-87; ele continua descrevendo como o ativismo de chão de fábrica desse tipo foi eventualmente enfraquecido, como burocratas sindicais ansiosos para manter a paz no trabalho, juntamente com empregadores e governos, reprimiu os distúrbios do trabalhador.

Estava entre as atividades e através do pensamento de alguns desses sindicalistas que uma preocupação para questões além do âmbito das questões da OH&S no local de trabalho surgiram. Ao mapear a evolução das preocupações tradicionais da OH&S para uma perspectiva mais ampla do meio ambiente entre os sindicalistas, Bennett (2007: 3) - ex-Diretor Nacional de Saúde, Segurança e Meio Ambiente do Congresso do Trabalho Canadense (CLC) - identifica dois impulsos distintos, que, juntos, forneceram o ímpeto para a criação de comissões sindicais ambientais: 1) os sindicalistas que enfatizaram a ligação entre OH&S e o meio ambiente através da questão de poluentes e toxinas (a principal contribuição desta vertente era "prevenção da poluição," campanhas focadas em uma forma prática para a comunidade e a saúde pública e o envenenamento dos trabalhadores), 2) o outro grupo era mais especificamente "ambiental", já que lidou com o aprofundamento das relações entre o trabalho e o ambiente, percebendo os problemas não só no seu sentido prático, mas também como sendo inerentemente morais e políticos. Bennett (2007: 4) chama esse último grupo de "ambientalistas do trabalho",¹³ observando que "eles não tinham, como um todo, que enfrentar a desconfiança e o ceticismo que os ativistas da saúde e da segurança tiveram que suportar há quase uma geração, mas foram considerados estranhos, que seguiam uma questão que realmente não era de interesse ou preocupação do sindicato"¹⁴.

¹³ "Os ambientalistas de trabalho" de Bennett (2007) tem sido variavelmente chamados de "ambientalistas intelectuais orgânicos" de Nugent (2009: 5), que, assim, evoca o conceito de Antonio Gramsci para o papel que desempenharam, provocando uma mudança ideológica dentro do movimento trabalhista.

¹⁴A falta de um apelo mais amplo das questões ambientais para o trabalho e a estranha atenção que os ambientalistas receberam de seus irmãos e irmãs, sem dúvida, pelo menos parcialmente, são responsáveis pela parada do crescimento sindical em 1983 e por um declínio na densidade sindical depois de 1990, conforme descrito por Ogmundson (2002: 425) e em parte atribuível a um declínio na indústria (Morissette *et al*, 2005: 7). O trabalho foi forçado a uma postura defensiva com a ascensão do neoliberalismo (Harvey, 2005; Mohamed, 2008; Albo e Crow, 2005), já que os empregadores se entrincheiraram nos saltos de estagflação em meados dos anos 1970 e no declínio da taxa de rentabilidade do capital na maioria dos países capitalistas avançados (Duménil e Lévy, 2005: 9; Sweeney, 2009b: 1). A transformação posterior do capitalismo intensificou os processos de exploração do trabalho e da natureza. Muitos sindicalistas canadenses não estavam, compreensivelmente, preocupados com o meio ambiente, mas em "apenas cuidar de si" devido à desindustrialização, desregulamentação, privatização, redução do setor público e da precarização do emprego (Bickerton e Stinson, 2008: 166 - 7).

Que a OH&S proporcionou um maior acesso às preocupações ambientais foi evidenciado nas estruturas de trabalho criadas para desenvolver políticas e para tomar medidas. Por exemplo, em 1989, o Congresso do Trabalho Canadense (CLC) estabeleceu um Comitê para o Meio Ambiente, mas apenas como uma subcomissão da Comissão da OH&S (Bennett, 2007: 3; MacDowell, 1998: 420). Ele não se tornou uma das seis comissões permanentes do CLC até 1993. Os principais temas que tratou no seu início incluíram os recursos naturais, energia, conservação e alternativas. Desde o início, ele funcionou muito diferente e mais democraticamente do que todas as outras comissões, agindo como um "grupo de ligação" ambiental, no qual representantes da maioria dos grupos ambientais regionais e nacionais estavam participando ativamente. Composto por representantes do trabalho ou não, o Comitê Ambiental CLC foi um testemunho para que a cooperação possa ocorrer entre os sindicatos e grupos ambientalistas.

1.8 Cooperação entre sindicatos e grupos comunitários e ONGs

Embora seja verdade que durante os anos 1980 e 90 os sindicatos canadenses começaram a se formar comitês locais e regionais do meio ambiente, passando declarações ambientais em suas convenções, realizando conferências ambientais ou agitando os empregadores para que se juntem a comitês de gestão ambiental do trabalho no local de trabalho,¹⁵ talvez a prova mais importante da ecologização do movimento operário possa ser encontrada nos exemplos concretos de colaboração entre os sindicatos e ONGs ambientais (ONGA), ou na participação do sindicato nas coligações de ampla mobilização

¹⁵ MacDowell (1998: 420) enumera um número razoável de experiências específicas para esse período, embora mais pudessem ser documentadas. Alguns dos mais recentes foram documentados por Nugent (2009). Também deve-se salientar que o trabalho nem sempre teve que desenvolver novas estruturas para tratar de questões ambientais. Na última década, por exemplo, testemunhou uma crescente pressão dos sindicatos do Canadá para violar áreas significativas de gestão dos direitos através de tentativas de "negociação dos verdes", uma estratégia descentralizada para implementar iniciativas verdes no local de trabalho (Sawchuck, 2009: 43). Como o maior sindicato do setor público canadense afirma: "Tradicionalmente, a negociação se concentra em salários, horas de trabalho, segurança no trabalho, procedimentos de reclamação, democracia no local de trabalho e outras questões. Tudo isso acrescenta valor à vida dos trabalhadores. A linguagem Verde fará o mesmo. Também ajudará a proteger os trabalhadores das mudanças que estão chegando, já que o Canadá está deixando de ser uma economia forte baseada no carbono "(Sindicato dos Funcionários Públicos do Canadá, 2007: 2).

do cidadão para responder às questões ambientais. Como Penney (2002: 110) descreve,¹⁶ há uma continuidade de formas possíveis de colaboração dos sindicatos com as organizações ambientais, "que vão de reuniões extraordinárias ou conferências, declarações de adesão, marchas e protestos, periódica troca de informações e consultas sobre questões, participação em projetos locais e de curto prazo à participação permanente em redes ou coligações com metas estreitas ou amplas." Em alguns contextos, as relações sistemáticas colaboração podem ser alcançadas através de movimentos políticos e partidos.

Um número considerável e crescente de exemplos destes diferentes graus de colaboração pode ser identificado nos anos 1980 e 1990, mas como MacDowell (1998: 421) afirma, a cooperação da comunidade união não foi tão extensa quanto se poderia esperar, a julgar pelo registro extenso do movimento operário de lutas por normas de saúde e segurança. Nem a extensão da colaboração reflete a gravidade do duplo emprego nem das crises ecológicas que foram se tornando cada vez mais evidente sob o neoliberalismo.¹⁷

O trabalho uniu-se à comunidade para tratar de questões específicas nas campanhas de limite de tempo e lugar, das quais apenas quatro são esquematizadas aqui. Uma formada no início de 1980 para combater a chuva ácida. O problema da chuva ácida constituiu o conflito mais visível entre Canadá e EUA sobre o meio ambiente na década de 1980, e contribuiu de forma essencial para a formação da consciência ambiental contemporânea do Canadá (Williams, 1992: 11, 16, 23). O sindicato e os fabricantes de papel se engajaram em campanhas com as organizações comunitárias de base, como a coalizão "Chuva Ácida" (Universidade de Waterloo, 1994: 2) e até mesmo contribuiu para a formação de uma organização, a "Great Lakes", que combate poluentes tóxicos e trabalha para conservar e

¹⁶ Penney é uma pesquisadora canadense que preparou os módulos de ensino e treinou os facilitadores em 2000 na conferência de Vancouver da Saúde, Segurança e Meio Ambiente do CLC, sob o tema "Nosso meio ambiente, nossos trabalhos, o nosso futuro." O evento foi amplamente focado no "emprego sustentável", também o tema de sua tese de doutorado, na qual ela analisou coligações trabalhistas ambientais na Dinamarca e na Austrália que trabalham por "empregos verdes", ela tirou desde então seu foco do trabalho e agora é diretora de Pesquisa da Parceria Clean Air (<http://www.cleanairpartnership.org/>).

¹⁷ No entanto, é evidente que os ambientalistas do trabalho atualmente são menos capazes de evocar "o trabalho prévio realizado através de coligações de saúde ambiental como forma de estabelecer um sentimento de solidariedade histórico e confiança entre o(s) sindicato(s) e as organizações ambientalistas agora a trabalhar as mudanças climáticas"(Nugent, 2009: 42).

reabilitam os ecossistemas dos Grandes Lagos e do Rio São Lourenço (MacDowell, 1998: 422).¹⁸

Outra campanha desenvolvida em torno da proteção do habitat dos peixes e da pesca na Costa Oeste do Canadá. Em 1981, o Sindicato dos pescadores e Aliados (UFAWU-CAW) trabalhou com pescadores e ambientalistas para criar a “Fundação Ambiental T. Buck Suzuki”, que, desde então, tem um papel significativo a desempenhar na colaboração com as Primeiras Nações, garantindo que práticas de exploração madeireira cumpram o regulamento, educando madeireiros, realizando campanhas de prevenção da poluição da fábrica de celulose e impedindo a construção de novas barragens (MacDowell, 1998: 422).¹⁹

A eliminação do cloro em 1995 para o branqueamento da celulose constituiu uma demanda do governo no início de 1990 pelos trabalhadores de Celulose, Papel e Madeira do Canadá (PPWC), bem como pelo Sindicato das Comunicações, Energia e Fabricantes de papel do Canadá (CEP), sob a campanha iniciada pelo Greenpeace. A campanha terá impactos duradouros positivos sobre a percepção dos trabalhadores de sua capacidade para enfrentar a indústria sobre questões ambientais (MacDowell, 1998: 420; Daub, 2008: 14, 20, 38), bem como para conseguirem a ecologização do branqueamento da celulose proveniente da madeira.

Talvez um dos mais importantes exemplos concretos de colaboração do sindicato com as ONGAs, por suas aspirações radicais e capacidade de capturar a imaginação, foi o trabalho da Aliança Verde (GWA), fundada no outono de 1991. A GWA reuniu ativistas em um novo projeto político liderado por Nick DeCarlo da Canadian Auto Workers (CAW) Local 1967, que representa os trabalhadores da aviação em uma planta Douglas McDonnell no norte de Toronto, e Stan Gray, ativista de longa data da OH&S, que tinha recentemente

¹⁸ A coalizão Chuva Ácida (CCAR) há muito tempo já se desfez, tendo conseguido forçar a regulamentação governamental de contaminantes industriais que contribuem para a chuva ácida; um arquivo extenso da Universidade de Waterloo (1994) que preserva a documentação sobre a coligação dos cidadãos e envolvimento trabalhista. A Great Lakes United continua a operar, no entanto, em sua página <http://www.glu.org/>.

¹⁹ A Fundação T. Buck Suzuki também continua até o presente momento (<http://bucksuzuki.org/>) e não deveria ser confundida com o trabalho separado do ambientalista canadense proeminente de David Suzuki, cuja própria fundação é completamente distinta (<http://www.davidsuzuki.org/>).

sido contratado pelo Greenpeace do Canadá. Keil (1994), que fazia parte do grupo, descreve os eventos e processos da GWA como um caso empírico de ambientalismo da classe trabalhadora (ver 3.6). Embora o objetivo evidente fosse reabrir uma fábrica fechada da Caterpillar como uma forma de criar novos empregos através da produção ecológica de um produto socialmente necessário, mantendo as competências dos trabalhadores existentes, a visão subjacente foi, contudo, consideravelmente mais profunda, buscando a transformação do crescente "cinturão da ferrugem" ao redor de Toronto para um "cinturão verde".²⁰

O projeto eventualmente começou a falhar, depois que o Greenpeace desistiu, disparando Gray no final de 1993 por seus esforços para organizar a equipe do Greenpeace em um escritório.²¹ O grupo também não conseguiu assegurar o financiamento, apesar do governo de NDP ter um escritório em Ontário naquele momento (Keil, 1994: 14; DeCarlo, 2010; Gray, 2004; Nugent, 2009: 40; Harter, 2004: 113; Aliança Trabalho Verde, 1997).

Embora haja muitos exemplos de colaboração trabalhista ambiental (além dos quatro acima descritos relacionados à chuva ácida, à pesca, ao cloro e à desindustrialização) exemplificando a "ecologização" do movimento operário, deve notar-se que a documentação e compreensão posterior desses fenômenos têm progredido desigualmente, como se nós ainda tivéssemos que encaixar todas as peças de um quebra-cabeça histórico. Como Penney (2002: 111) afirma, em vários países, incluindo o Canadá, coligações trabalhistas ambientais foram formadas para fazer campanha por "empregos verdes", apesar de as informações sobre os projetos tenderem "a ser na forma de relatos," e, relativamente,

²⁰ A fábrica estava localizada em Brampton, ON, e foi fechada como consequência do tratado de livre-comércio entre EUA e Canadá, assinado em 1989, precursor do tratado de livre-comércio Norte-Americano (NAFTA) que o substituiu em 1994.

²¹ Gray interpretou a mudança na parte da maior organização ambiental do Canadá como parte de uma nova estratégia a favor da cooperação com as corporações (Keil, 1994: 32). O período foi marcado pela crescente utilização do lema "Responsabilidade Social Empresarial (CSR)", bem como o início da regulação privada transnacional (TPR), pelo qual novas instituições foram fundadas com operações que transcendem as fronteiras estado-nação, formalmente independente do governo mas não redutíveis à indústria de auto-regulação, e que se propõem a estabelecer e fazer cumprir as normas sociais e ambientais. O primeiro, o Forest Stewardship Council (FSC) (<http://www.fsc.org/>), foi fundado em 1993 e desde 1998, tem havido uma difusão geral do modelo de certificação "soft law" para outros setores. Bartley (2007) explica claramente por quê as firmas cooperavam com ONGs como o Greenpeace – notavelmente um dos financiadores da FSC – ao se restringir.

pouco tem sido dito sobre o processo de tornar o trabalho em tais coligações, e muito menos sobre seus impactos sobre os atores sociais envolvidos, tais como mudanças em perspectiva, valores e ações. O caráter anedótico dos relatórios que ela menciona, sem dúvida, reflete a natureza da limitação de tempo e espaço de muitos dos projetos das coligações.

Duas mudanças importantes ocorreram na última década desde o que Penney escreveu. A primeira é que um número de novas coalizões na América do Norte estão se solidificando através de instituições nascentes. No Canadá, os Trabalhadores Metalúrgicos Unidos do Canadá (USW) assinaram um acordo em maio de 2007 na Conferência Nacional da Saúde, Segurança e Meio Ambiente em Toronto, com a Environmental Defence, uma ONG importante, com um extenso trabalho sobre toxinas, fundada junto, em 2009, com a "Blue Green Canadá," o objetivo declarado é o de "defender os trabalhadores e o meio ambiente em áreas-chave do comércio mundial, o uso de substâncias químicas tóxicas na atividade comercial, a criação de empregos na indústria verde, e o desenvolvimento de estratégias para enfrentar a mudança climática" (King, 2009: 226-227). Esta nova onda trabalhista ambiental que formam alianças liderada pelo USW na América do Norte, com início em 2005, usa um discurso "ecológico modernista" para defender a retomada das relações sociais Fordistas, através da produção em massa de produtos "verdes", como turbinas de vento ou painéis solares para geração de energia renovável (Nugent, 2009: 112).²²

A segunda mudança importante foi que a compreensão teórica e prática da construção de coalizões está melhorando, tendo em conta, por um lado, os anos de experiência concreta anterior construídos, e, por outro lado, a extensão da teoria dos Novos Movimentos Sociais

²² O discurso ecológico modernista descrito por Nugent (2009: 4, 153) tem duas variantes principais: por um lado o discurso é utilizado pelo bloco hegemônico da aliança Estado-capital utilizado para reforçar a lógica neoliberal – ou ecoliberal, que vê a "competitividade verde" como uma nova base para a acumulação de capital, realizado através da eco-eficiência e dos investimentos no setor de tecnologia verde; por outro lado, é o discurso de novas coligações sindicais ambientais em suas tentativas para formar discurso hegemônico e responder à crise de produção através da criação de empregos 'bons e verdes' (mais sobre isso e um "Novo acordo ecológico" em 3.8). Para uma discussão introdutória da Modernização Ecológica, embora num contexto britânico, veja Barry (2007).

(NSM),²³ da política econômica 'verde', do Marxismo sociológico para explicar a colaboração dos sindicatos e ONGs. As pesquisas dentro dessas tradições ou o uso desses métodos continuaram e uma série de importantes estudos de caso em profundidade têm sido publicados, como o de Rose (2000), que analisou as alianças entre os sindicatos e as organizações ambientais e de paz nos Estados Unidos, focando em três conversões de indústrias militares para manter bons empregos para os trabalhadores, enquanto diversificação das economias locais para a produção mais pacífica e socialmente útil e, assim, reduzindo o apoio público para os orçamentos militares.

No Canadá, um dos estudos mais recentes e interessantes dentro da perspectiva NSM foi o de um estudante de graduação, Daub (2008: 4, 12, 19), que analisou a abordagem relativamente progressista em relação à mudança do clima do CEP, que representa quase 150.000 trabalhadores, a maioria dos quais trabalha na produção de petróleo do oeste do Canadá e no setor de refino, como as areias betuminosas de Alberta. Seu principal resultado mostra que a justiça ambiental se expressa no sindicato em termos de justiça social, através de um processo de "extensão do horizonte", pelo qual o esquema para a interpretação dos atores sociais é modificada através de um processo de "negociação". A mudança no discurso do sindicato, na verdade, da identidade e cultura organizacional do sindicato, não foi automática, mas é o resultado de um processo contínuo e litigioso, incluindo, por exemplo, uma série de atividades da educação, de consultas, debates e construção de consensos.²⁴

Um estudo mais antigo, mas muito mais amplo, de formação de coalizões trabalhistas ambientais, foi feito pelo cientista político Adkin (1998, 1999), que analisou

²³ O principal trabalho introdutório sobre os novos movimentos sociais (NSMs) no context canadense é o de Carroll (1997) "*Organizing Dissent*". Muitos autores revisados nesse capítulo usam ativamente ou se referem aos conceitos e perspectivas estabelecidas nesse campo.

²⁴ A educação está entre os temas transversais comuns para quase toda a literature revista, incluindo o envolvimento do trabalhador, controle público e tomadas democráticas de decisão. Sawchuck (2009: 51) destacou em particular o papel da educação adulta através do programa formal e informal de educação, surgindo das intersecções do movimento trabalhista e ambiental; os sindicatos, ele nota, são unicamente situados para oferecerem oportunidades de aprendizagem fortes e transformadoras e para facilitar as mudanças nas atitudes ambientais por causa de sua infra-estrutura, canais de comunicação e treinamento em curso, como cursos da CLC como a ação ambiental sindical ou componente do curso de primavera "Contruindo um mundo mais verde." Ele também argument que o sistema único de relações trabalhistas do Canadá, um misto de centralizações e descentralizações, leva a colaborações trabalhistas-ambientais.

dois sindicatos industriais no sul de Ontário, o Sindicato dos trabalhadores da Energia e dos Químicos (ECWU) e o Canadian Auto Workers (CAW). Baseando-se em questionários extensos e entrevistas de 1986-1989, o seu "estudo de referência" (Nugent, 2009: 30) é uma "conta minuciosa e cuidadosamente equilibrada" (Fisk, 2001: 635) da relação trabalhista ambiental, mostrando como o ECWU frequentemente defendeu os seus patrões das empresas e desafiou os ambientalistas cobrando a seriedade da contaminação, enquanto, em contrapartida, os funcionários do CAW geralmente rejeitaram a parceria com os empregadores, incentivaram a participação de seus moradores em grupos ambientalistas e argumentaram que as questões da comunidade são questões dos trabalhadores (Fisk, 2001 : 636).

Tabela 2. Concepções estratégicas políticas da aliança trabalhista ambiental nos sindicatos canadenses

<i>Orientação "Social-Democrática / Institucional"</i>	<i>Tendência de "Convergência / Transformadora"</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Alianças forjadas por elites organizacionais; atividades limitadas às declarações co-assinadas ou ordens para o governo • Funcionários do executivo mantm controle da extensão e natureza de sua base com grupos de fora, enquanto afirmam que estão cumprindo a política • Participação em campanhas de cidadãos cujas demandas não precisam correr riscos na esfera da negociação coletiva ou da segurança do emprego; as demandas são direcionadas para o governo • O Comitê Ambiental foca no lobbying de reformas legislativas e monitoramento da observação da legislação do local de trabalho, modelado nas funções dos comitês para a saúde e segurança; papéis "representativos" estão na verdade baseados na transmissão ou implementação de campanhas que emanam do executivo nacional e precisam de aprovação a nível local • Não precisa de mudanças internas para as práticas sindicais ou prioridades • Concepção de trabalho político centrado em políticas eleitorais e apoio da NDP 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação dos cidadãos em coalizões; ênfase em ações conjuntas organizadas e eventos para membros de grupos ambientalistas e adesões de cidadãos; eventos culturais e educacionais realizados • Incorporação de metas ambientais em negociações coletivas; politização de membros e criação de bases para alianças com outros atores sociais • Recusa de papel "representativo" baseada em direcionamento pouco significativo de classificação; ao invés, comitês buscam formas de democratizar a estrutura sindical e aumentar a participação popular, fortalecendo a adesão • Formulação de campanhas de uma forma que imponham questões com o propósito da produção, do trabalho e controle de tomada de decisões • Concepção de trabalho político centrado na articulação de um discurso que liga as experiências de subordinação da classe operária com outras formas de opressão e que buscam definir as fronteiras de conflitos políticos, ou lutas hegemônicas

Fonte: Adaptado de Adkin (1999: 211-213)

O modelo Adkin (1999) desenvolvido reforça a importância de se permanecer sensível, como Penney (2002) foi em seus estudos de caso, observando as ações de ambos, *base e pico* dentro de qualquer instituição ou rede de trabalho determinada, além de saber

se o Estado é visto como responsável pela gestão de conflitos, ou se a motivação do lucro em si é questionada. Além disso, enquanto uma postura conservadora, que rejeita alianças com organizações fora do movimento operário, ajuda a definir o “sindicalismo de negócios”, “o sindicalismo social” é caracterizado por Adkin como uma estratégia social-democrata, e “sindicalismo de movimento” reflete uma orientação de convergência (Nugent, 2009: 36). A concepção binária do sindicalismo de negócios vs. tanto as estratégias sociais-democratas ou de convergência - do trabalho, no que diz respeito às coligações que fazem com atores ambientais - parece corresponder, curiosamente, com as distinções semelhantes já notadas acima nas formações de trabalho mais antigas negociadas com a OH&S, entre os processos burocratizados para resolver a saúde do trabalhador e segurança do estaleiro e as ações diretas realizadas por ativistas de chão de fábrica.

Ao explicar seu modelo e observações empíricas, Adkin (1999: 213) afirma que:

[...]dentro dos limites institucionais e políticos existentes sobre as estratégias sindicais, há uma gama de respostas que podem vir a ser adotadas para os movimentos alternativos. Embora a CAW tenha adotado uma política de pró-aliança, o ECWU se manteve praticamente passivo e, por vezes, hostil. Na presença de movimentos alternativos de crescente influência política, estas respostas são determinadas por um complexo conjunto de fatores.

A capacidade de trabalho para formar relações concretas com os agentes ambientais, especialmente se eles são para serem sustentados para além das questões individuais, portanto, depende de uma ampla gama de variáveis importantes, que merecem ser exploradas.

1.9 Algumas considerações preliminares de fatores que afetam a colaboração

Uma série de fatores diferentes pode entrar em jogo e pesar fortemente sobre os resultados da complexa dinâmica social e institucional gerada entre os sindicatos e as ONGAs e grupos comunitários. Enquanto alguns deles se destacam aqui, outras seções desta revisão da literatura também lidam com o assunto (como por classe, sexo, trabalho de chantagem e assim por diante) e pode muito bem haver outros além do âmbito da literatura.

Parece haver uma diferença importante nas colaborações trabalhistas ambientais baseada em saber se o sindicato envolvido é baseado principalmente nos setores *públicos*

ou *privado*. Usando seus estudos de caso do final dos anos 1980, Adkin (1999: 214) afirma que:

Os sindicatos do setor público são de natureza política por necessidade, uma vez que seus empregadores são do governo. Profissões de serviços humanos são trabalhadores de colarinho branco altamente educados e estão na administração pública, e são, muitas vezes, elementos-chave das coligações ambientais e de outros movimentos, talvez por causa de seu profundo conhecimento do aparelho do Estado que lhes permite desenvolver uma crítica sofisticada do Estado.

A observação se junta à de Rose (1985: 42), que também diz respeito à influência dos sindicatos do setor público como sendo maior do que suas contrapartes do setor privado na formulação de políticas governamentais, que viriam a ter em uma coligação de trabalho ambiental, ele argumenta que o sucesso dos funcionários públicos surge porque muitas vezes são mais educados, mais informados sobre a elaboração de políticas públicas, localizados em posições estratégicas no governo e capazes de invocar motivos altruístas de serviço para apoiar os seus interesses, criando uma situação em que “os funcionários públicos são melhor qualificados do que os trabalhadores do setor privado para conseguir o que querem do governo.”²⁵

Outros dois determinantes importantes da ação sindical nas alianças trabalhistas ambientais incluem, em primeiro lugar: a *robustez da atividade econômica* do parceiro de coligação do sindicato / *posição de mercado de seus empregadores*, e segundo, se o sindicato adota uma atitude de *postura defensiva* ou *receptiva / expansiva*, tanto para os parceiros ambientais e em relação às atividades sindicais tradicionais, como para negociação e a organização. Talvez o melhor exemplo no Canadá, para ilustrar os dois pontos, é a mudança acentuada em sua posição que ocorreu dentro da CAW, recentemente, uma mudança - pelo menos no pico do sindicato - a partir de uma atitude relativamente favorável à aliança em formação. O estudo de caso de Adkin o da CAW no final de 1980, sobre os projetos de apoio como a Aliança Verde, suas qualificações positivas não se

²⁵ Notar que o fato de os sindicatos do setor público têm mais membros aptos a chegar nos ambientalistas e que são melhor situados para efetuar mudanças políticas no governo não é construir um argument que os sindicatos do setor público são mais comprometidos ambientalmente do que os sindicatos das indústrias, porque como veremos adiante, pelo menos no que tange o combate às mudanças climáticas, a evidência no Canadá aponta o contrário.

alteraram com base na nova entrada ao longo de uma década, quando ela escreveu em 1999 (p.214):

Os trabalhadores dos setores econômicos que têm sido relativamente protegidos da atual reestruturação capitalista, quer através de políticas de Estado ou a sorte do mercado, podem estar em forte posição de barganha vis-à-vis empregadores, e, portanto, menos defensiva em relação aos movimentos ambiental ou pacífico. Este é um fator que pode explicar a vontade da CAW de se aliar ao movimento ambiental.

Ainda em 2007, a posição de mercado anteriormente adequada dos principais empregadores da CAW, das Grandes Três (General Motors, Ford e Chrysler), foi sendo minada por uma crise no setor automotivo canadense, provocada por uma subida do preço do dólar canadense, desfavoráveis acordos de livre comércio e tendências mutantes na demanda do consumidor (Nugent, 2009: 120-139). Embora a CAW já tivesse contribuído para a campanha de 2002 para pressionar os legisladores do governo federal a ratificarem o Acordo de Kyoto, o presidente do sindicato, no momento, Buzz Hargrove, recolheu o apoio ao tratado do clima, fazendo apelos ao governo para não estabelecer normas de emissões de automóveis, que punem o setor automotivo. Ele ficou do lado dos empregadores e sua estratégia duvidosa de mercado ambiental de ganhar mais lucros marginais sobre a produção de modelos mais populares de veículos grandes, como o SUVs à gasolina e depois distanciou sua união com o movimento ambiental com algumas observações ousadas sobre os “extremistas ambientais”, tudo o que foi ansiosamente pego pela grande mídia e até mesmo pelo governo federal conservador recém-eleito que estava feliz por citá-lo em defesa da sua própria falta de políticas climáticas adequadas.²⁶

²⁶ Hargrove foi amplamente criticada por pensadores da esquerda no Canadá pela a retirada dos compromissos ambientais e aliados alienados, inclusive por sua ex-economista-chefe do próprio sindicato, Sam Gindin (2007). Embora, com toda a justiça, como Nugent (2009: 138) sustenta, a CAW tem algumas das melhores políticas ambientais de todos os sindicatos do Canadá e seria um erro supor - mesmo tendo em conta a natureza hierárquica dos sindicatos e da grande influência do seu porta-voz principal - que a CAW foi de certa forma anti-ambiental. Isto é evidenciado pela forma como Bennett (2007: 5) afirma, "no terreno das organizações de trabalho mais eficazes estão os Conselhos Regionais do Meio Ambiente da CAW." Essa contradição "entre a política e a prática só vai demonstrar o curso da luta ideológica em torno da política ambiental no âmbito da CAW e do movimento operário em geral "(Nugent, 2009: 139). Hargrove se aposentou em setembro de 2008 como o segundo Presidente da CAW e há uma percepção entre alguns sindicalistas de que o novo presidente do sindicato, Ken Lewenza é "muito mais aberto às questões ambientais", como ele é integrado ao problema das alterações climáticas nos seus discursos (Hillman , 2010: 9).

Essa postura defensiva da CAW é contrastada pela postura expansiva, ou receptiva e integradora do USW, que como já vimos está revitalizando o seu empenho em responder às mudanças climáticas e está buscando novas alianças com parceiros. Como prova adicional, em junho de 2008, o Greenpeace Canadá transferiu a sua sede para o lado de seu novo vizinho e senhorio, o USW em Toronto (Nugent, 2009: 1).

Um quarto fator contribuinte para o envolvimento do trabalho em iniciativas ambientais da comunidade depende de um *ativismo de tendência contributive* como oposta a uma *tendência em relação à cultura profissional*. Adkin (1999: 214) resume:

Os campos de petróleo, refinarias, e setores da indústria química sempre estiveram altamente capitalizados em relação a outras indústrias, e suas forças de trabalho têm sido comparativamente bem pagas. Empregadores foram capazes de entrar em acordos pacíficos com seus aumentos de salários maiores que de outros setores. A maior proporção de negociadores qualificados no ECWU, além de campanhas de empregador, contribuiu com a formação de uma cultura "profissional / elite" entre os funcionários do ECWU que é resistente a campanhas e táticas de militância e de base, e à formação de alianças com organizações não-sindicalizadas.

Este fator é provavelmente especialmente importante para se memorizar quando se comparam diferentes regiões do país e diferentes indústrias.

Na soma de seu próprio estudo, Penney (2002: 362-385) descreveu uma série de *obstáculos* para a formação de coligações trabalhistas ambientais - ou encontradas pelos grupos de aliança uma vez formados - com relação ao objetivo de desenvolver programas de empregos "verdes". Ela enumera: a hegemonia da ideologia econômica neoliberal; difusão do trabalho de chantagem (ver 3.7); má consciência dos problemas ambientais e iniciativas (entre os sindicalistas, a comunidade envolvida ou do público em geral); fracas normas ambientais, a dificuldade de integração da política ambiental para políticas de emprego e outras políticas setoriais como um tema transversal; subsídios para práticas insustentáveis (e indústrias); atenção inadequada dada pelos advogados à redução de custos de longo prazo na implementação de recursos e práticas mais eficientes do trabalho intensivo, e, finalmente, os obstáculos dentro dos sindicatos e do movimento ambientalista.

Voltando nossa atenção agora para o último obstáculo na lista, sobre as barreiras à formação de alianças que existem dentro de alguns sindicatos, Penney (2002: 375) se refere ao fato de que, pelo menos em seus estudos de caso da Dinamarca e da Austrália, *sindicatos do setor de recursos* - historicamente os mais fortes e localizados em alguns dos setores

mais prejudiciais ao meio ambiente - foram os mais opostos aos programas de empregos "verdes", pela ameaça que os trabalhadores sentiram de que as novas energias renováveis ou práticas 'sustentáveis' podem representar para os seus empregos e sustento, sejam os da extração primária, processamento primário, petroquímica, fabricação de equipamentos pesados, construção de infra-estrutura ou o fornecimento de energia.

Existe um sentimento paradoxal de orgulho no perigo e na dificuldade de trabalho em setores (de recursos) ao mesmo tempo que os sindicatos tentam reduzir os riscos e melhorar as condições. Os trabalhadores passam a se identificar com o trabalho e com as realizações de suas indústrias já que são convencionalmente medidas - as toneladas de minério cunhadas, o tamanho das barragens construídas, a quantidade de eletricidade produzida, a quantidade de madeira cortada. Muitos trabalhadores destes setores experimentam críticas ambientais de seu trabalho, não só como uma ameaça a seus empregos, mas como uma agressão à sua integridade (Penney, 2002: 375).

A questão é, contudo, bastante complexa, porque existe uma grande diversidade entre os trabalhadores do setor de recursos e seus sindicatos e outros fatores podem se combinar para criar diferentes resultados e respostas para as coalizões ambientais, como já vimos nas posturas divergentes recentes de dois sindicatos industriais canadenses, o USW e a CAW.

A pesquisa de Daub (2008: 19, 22) indica que o avanço das questões ambientais dentro de um sindicato, como não só o desenvolvimento da política, mas também o início de ações a nível local de trabalho, depende muito do envolvimento de um *campeão para a causa*, um *líder* local dedicado ao tema que pode assumir o papel de “corretor” e de educador. Penney (2002: 374, 395) lamentou a falta de divulgação, de ações promocionais e educativas como uma lacuna importante dos esforços para estimular empregos verdes e construir alianças de trabalho entre as organizações ambientais que ela pesquisou. Para gerar uma consciência sustentada, interesse e ação nos setores públicos e entre os membros do sindicato classificados e para criar empregos verdes ou políticas ambientais como mais do que apenas abstrações ‘de se sentir bem’, os dirigentes sindicais das causas ambientais deverão iniciar campanhas educativas.

Talvez um dos fatores mais importantes que afetam a tendência dos sindicatos para se aliar com os parceiros ambientais e o último revisto nesta subseção, é a questão do *desemprego*. Penney (2002: 320, 325, 332, 344) sublinha o ponto enfaticamente, indicando que a elevada taxa de desemprego teve um papel-chave na formação de alianças trabalhistas ambientais e seu eventual sucesso em angariar apoio para os programas de

empregos "verdes". Melhorias na situação do emprego em meados da década de 1990 na Dinamarca e na Austrália, países que ela estudou, contribuíram para o declínio do interesse entre os vários atores nos “empregos verdes”, levando ao colapso das coalizões de trabalho ambiental. Essa observação levou Penney a recomendar que, para melhorar a eficácia das campanhas de empregos verdes e sustentar as coalizões trabalhistas ambientais que devem tirar partido das oportunidades oferecidas pelo foco em regiões de desemprego elevado ou sustentado.

1.10 Perspectiva de gênero

O sociólogo Norton (2003: 96, 113) argumenta que o conflito que às vezes surge entre os grupos de trabalho e ambientais é frequentemente explicado de forma satisfatória em termos de fatores sociológicos que não de classe, a um nível muito mais fino do que agrupamentos de grandes classes, como fatores profissionais e demográficos, raça, nacionalidade e, em particular, por sexo.

Enquanto Penney (2002) não analisou em profundidade a dimensão do sexo, ela fez duas observações pertinentes durante os seus estudos de caso que destacariam a sua importância. Primeiro, o início da Unidade de Empregos Verdes na Austrália, um esforço conjunto entre trabalho (Conselho Australiano de Sindicatos) e ambiente (Federação da Conservação Australiana) foi certamente auxiliado por causa das lideranças femininas que colaboraram umas com as outras de uma forma "fraterna" (Penney, 2002: 121, 157). Além disso, houve uma preocupação entre os dirigentes sindicais de que seus apoiantes tinham uma percepção geral de que os empregos verdes eram um “assunto de mulheres” e que o ambiente mais amplamente concebido também era um problema das mulheres, ou uma questão simples, não uma parte do negócio central dos sindicatos (Penney, 2002: 206).

Ao rever o trabalho de Adkin (1998), Norton (2003) sublinha o primeiro papel desempenhado pelo gênero em ambos os casos de conflito e cooperação entre ambientalistas e o Sindicato dos trabalhadores da Energia e Químicos (ECWU) e a Canadian Auto Workers (CAW). Ambos os sindicatos tinham força de trabalho e lideranças predominantemente masculinas, embora o ECWU tenha se mantido mais resistente às demandas das mulheres por maior representação do que a CAW, que se correlaciona com a

receptividade de cada sindicato para as questões ambientais, o primeiro tendo alianças rejeitadas com os parceiros ambientais enquanto o segundo as procurou. Além disso, as comissões de meio ambiente estabelecidas pela CAW tendem a ser desproporcionalmente ocupadas por membros do sexo feminino e o desequilíbrio de gêneros entre eles e o sindicato local de dominação masculina e lideranças regionais alimentaram as tensões sobre o quão sério tratar as questões ambientais. Enquanto o gênero, assim, emergiu como um fator interno dentro da CAW relacionado ao meio ambiente, ele também desempenhou um papel nas relações do ECWU com atores ambientais externos, como Norton (2003: 113) resume:

A atitude displicente com os potenciais perigos de seu trabalho dos trabalhadores da indústria petroquímica do sexo masculino e com relação à preocupação da comunidade sobre suas conseqüências externas foi em parte uma atitude de simples “machismo” em face dos riscos de saúde, e em parte de uma cultura interna que colocou os profissionais do sexo masculino bem treinados, qualificados tecnicamente e “racionalis” que compreendiam as questões de segurança de sua indústria contra as lideranças femininas “desinformadas” e “irracionalis” e contra os cidadãos de grupos ambientais.

A importância das atitudes díspares entre homens e mulheres em relação às preocupações ambientais e de trabalho nos casos da CAW e do ECWU volta ao que Gray (2004) comenta sobre “os efeitos destrutivos do chauvinismo masculino - de como ele fez os homens trabalharem perigosamente, a fim de provar a sua masculinidade”, em sua discussão sobre saúde, segurança e questões ambientais em uma fábrica industrial em Hamilton, Ontário, onde o sexismo se tornou um problema depois que colegas homens ameaçaram fazer um protesto por causa das mulheres transferidas para a sua divisão composta apenas por homens, que também passou a ser um local de trabalho extremamente perigoso e tóxico.²⁷

²⁷ Um episódio de 1979 desse canteiro de obras, no qual o trabalhador Terry Ryan era cego, se tornou a maior batalha legal, liderada por Stan Gray e é a base do documentário de 1988 “Não veja maldade” dirigido por Paul Cowan. Filmes e documentários podem ser muito educativos e fontes valiosas de pesquisa. Uma série de outros filmes, muito relacionados ao tema da ecologização do trabalho no Canadá foi vista durante a preparação dessa tese e está disponível através do Quadro Nacional de Filmes do Canadá (online em <http://www.nfb.ca/> e <http://onf-nfb.gc.ca/>): “Oferta Final” (1985) por Gunnarsson e Collison documenta as negociações que levam ao surgimento da CAW; “Nossa Cidade Faro” (2004) por Miyagawa e Oppenheim relata uma única tomada em uma cidade dependente de recursos depois que um empregador fechou; enquanto “greve na cidade” (1955) é um documentário por McFarlane apresentando a visão das relações industriais do Canadá e o sistema de negociações.

1.11 Teoria cultural de classe e ambientalismo da classe trabalhadora

A noção de classe é fundamental para a compreensão da "ecologização" do trabalho e é tratada variavelmente por praticamente todos os comentadores que tratam de temas relacionados. Uma das principais formas de abordar classe é colocar ênfase no que pode ser chamado de “Ambientalismo da classe trabalhadora”, como Keil (1994, 1994, p. 7) ao sugerir que - como o nosso esboço histórico acima (3.2, 3.3) também demonstra – ele não é novo e encontra suas raízes nas atividades para ecologizar o local de trabalho e a comunidade. Keil (1994: 18) em primeiro lugar define a classe trabalhadora, tanto no seu “sentido sociológico de uma classe empiricamente reconhecível de trabalhadores assalariados e suas comunidades como no sentido de uma formação política distinta” descendendo do movimento operário. Observando que a classe trabalhadora tem mudado ao longo da história, como a forma em que as gerações passadas 'feminizaram' as suas bases industriais e foram deslocadas para longe dos países ricos para outras regiões do mundo, mais mudanças históricas também são possíveis. A comunidade é uma noção central, pois localiza o ambientalismo da classe trabalhadora dentro e fora do local de trabalho, através de esforços não apenas para lidar com o urbano, suburbano, bairros rurais e do entorno das empresas, mas também por causa de alianças estratégicas com outros membros da comunidade, como as igrejas, grupos ambientais, grupos de justiça social, grupos de paz e assim por diante. A principal vantagem que os trabalhadores têm em lidar com a destruição ambiental é que eles podem parar e impedir a ocorrência de problemas na sua origem: o local de trabalho (MacDowell, 1998: 423).

Keil (1994: 8) acusa que os trabalhadores têm sido muito despercebidos pelos ambientalistas e marginalizados por um movimento ambientalista classista, apesar de estar no cerne de muitas lutas para proteger o ambiente: especialmente aquelas travadas para evitar a poluição e a destruição resultantes dos processos de produção, mas também importantes para as questões de justiça ambiental - que destaca a questão da desigualdade entre os que (raça, gênero, classe) sofrem o ônus da degradação ambiental -, precisamente porque, em primeiro lugar, os trabalhadores geralmente são as vítimas mais antigas e mais vulneráveis dos danos ambientais e, por outro lado, a classe trabalhadora possui uma

orientação comunitária, que se destaca das preocupações e interesses de outras classes sociais.

Tabela 3. Tipos ideais de Keil de discurso ambiental e trabalhista

<i>Ambientalismo da classe média</i>	<i>Ambientalismo da classe trabalhadora</i>
Proteção da natureza externa, conservação, animais	Proteção de trabalhadores e comunidades; saúde no local de trabalho
Estilo de vida e forma de vida; discurso de diferença	necessidade, discurso do social
Orientação de mercado	Intervenção pública preferida
Individualism e universalismo	Comunalismo; solidariedade no local de trabalho; consciência da classe econômica
Comunidade frequentemente destacada dos locais de trabalho (incluindo a agricultura e os escritórios); orientação suburbana em padrões de consumo	Comunidades frequentemente próximas do local de trabalho e das fontes poluentes

Fonte: reprodução da tabela 1 em Keil (1994: 28)

Keil (1994: 28) propôs dois tipos ideais de discurso ambiental, decorrente das orientações iniciais de vários membros da coalizão *Aliança do Trabalho Verde*, quando as diferenças se manifestaram sobre as estratégias relativas ao estado e ao mercado.

A questão levanta aqui sobre as diferenças intrínsecas ou interesses conflitantes em discursos ambientais e se ambientalistas são receptivos ou não a trabalhar orientações de classe. Bennett (2007: 6) afirma que os primeiros ambientalistas de trabalho canadenses eram ambos recebidos por alguns ambientalistas e rejeitados por outros, que viam o trabalho como aliado à indústria e contra o meio ambiente, um sentimento que era mais comum a partir da miríade de grupos ambientalistas locais, que formaram a circunscrição da Rede Ambiental Canadense.

Esta afirmação é reforçada por dois estudos que Penney (2002: 113) revisou, nos quais verificou-se que uma colaboração mais eficaz entre os sindicatos e ambientalistas surgiu quando os ambientalistas tinham um histórico em outros movimentos sociais, pois eles tendem a também ter uma preocupação muito forte para a equidade social, maior do que em comparação àquelas sem tal fundo, resultando em um sentido mais profundo da importância do alinhamento dos grupos de diferentes movimentos sociais, incluindo, em vez de rejeitar o trabalho. A outra pesquisa mostrou que o tipo de organização ambiental também faz a diferença, algumas mais tradicionais e parte da ordem estabelecida, como

organizações de conservação, enquanto outras são mais "ecologistas" e assim, tem perspectivas de justiça social e ambiental mais fortes.

Elementos do ambientalismo da classe trabalhadora também são desenvolvidos na teoria cultural de classe ou da teoria gerativa de classe e, em particular, o trabalho de Rose (2000) teve um impacto significativo a este respeito. Rose (2000: 73) afirma:

A classe média está propenso a ver a classe trabalhadora como rígida, auto-interessada, estreita, uniformizada, paroquial e conflituosa. A classe trabalhadora tende a perceber a classe média como moralista, mais conversa do que ação, falta de bom senso e ingênua sobre o poder. Cada lado tem um padrão diferente para avaliar a informação, com a experiência da classe trabalhadora de confiança e a classe média acreditando em pesquisa e estudo sistemático. O resultado é um abismo no entendimento da natureza, sustentabilidade, economia e comportamento humano. Pior ainda, os sindicatos da classe trabalhadora e os ambientalistas de classe média procuram a mudança de forma diferente. A classe trabalhadora procura construir o poder para enfrentar as ameaças externas, enquanto a classe média espera mudar as motivações das pessoas, idéias e moralidade.

Considerando que Keil (1994: 28-29) vê a concepção binária simplista da classe média / classe operária ou colarinho branco, como uma divisão ideal do tipo, mais do que um modelo conceitual e na necessidade de testes e qualificação, Rose se prendeu bastante rigidamente à aplicação de tal modelo e afirmou que uma divisão cultural com base na classe inibe a formação bem sucedida e a continuidade de coalizões de trabalho ambiental. Esta teoria gerativa de classe tem sido (justamente) criticada, inclusive por Nugent (2009) e Norton (2003).

Nugent (2009: 18) critica a teoria cultural de classe primeiramente baseado no que ele considera uma visão inadequada do ambientalismo, afirmando que:

Rose define o 'ambientalismo' como simplesmente um movimento de valores ou crenças que mascara as lutas materiais travadas através de políticas ambientais – nomeadamente a luta por justiça ambiental, levando a muitas das formações de alianças ambientais observadas.

Essa crítica se une diretamente à observação feita por Keil (1994: 8) de que o ambientalismo da classe trabalhadora tem sido marginalizado ou desvalorizado e parece amparado por uma miríade de experiências canadenses bem-sucedidas de campanhas trabalhistas ambientais e colaborações. Nugent (2009: 21, 85) continua argumentando que se um "abismo de classe cultural" era, na verdade, uma força significativa na inibição da formação de coligações e o ambiente era uma preocupação da 'classe média', então, nós esperaríamos que os sindicatos de colarinho branco fossem mais propensos a formar coalizões com organizações ambientais e a desenvolver políticas ambientais mais

avançadas. Sua pesquisa e a de outros, no entanto, mostra exatamente o oposto, ou seja, que foram os sindicatos dos operários e dos industriais, como o USW, a CAW e o CEP que, na realidade, são os mais ativos no combate às alterações climáticas e ambientais com a formação de alianças e organizações e não os importantes sindicatos de colarinho branco, como a União canadense de Funcionários Públicos (CUPE) ou o Sindicato dos Funcionários Públicos de Ontário (OPSEU).

Norton (2003), sem defender um "ambientalismo sem classe", isso é, reconhecendo a importância que a classe pode ter sobre a relação trabalhista ambiental, argumenta contra o que os cientistas sociais têm atribuído, como Rose (2000), da classe como uma simples explicação ou "A teoria gerativa" do conflito entre os grupos trabalhistas e ambientais, principalmente observando as mudanças e a diversidade dentro de ambos os grupos:

Ao longo do tempo, a reestruturação da força de trabalho tendeu a aumentar a proporção dentro daqueles setores de trabalhadores de colarinho branco, serviços e conhecimento. Outra tendência importante é a importância dos grupos de trabalhadores se sindicalizarem [...] Essas tendências são universais em economias capitalistas [...] Portanto, a base social do movimento operário como um todo é muito mais ampla e mais diversa do que uma 'classe trabalhadora industrial' de trabalhadores manuais operários na manufatura e indústria de recursos (Norton, 2003: 99).

Como Keil (1994), Norton (2003: 99) destaca que a classe operária como sujeito de mudança histórica e conclui que o perfil ocupacional e demográfico do movimento sindical é muito diversificado para permitir que atribuam a ela um "interesse de classe" uniforme ou "visão de classe", pelo menos no que diz respeito às questões ambientais.

Apesar da complexidade das questões e, por vezes, da difícil cooperação entre os trabalhadores e ambientalistas, refletido se apenas em parte por um abismo da tensão de classe, pode-se concordar com MacDowell (1998: 423) que devemos permanecer otimistas de que os desafios podem ser superados, pois, como ela sugere, o maior desafio para *ambos* ambientalistas e trabalhadores é a força dos industriais de perseguir o crescimento às custas da saúde do trabalhador e do meio ambiente.

1.12 Chantagem de trabalho

Um dos maiores poderes que os empregadores detêm sobre os trabalhadores em economias capitalistas é a ameaça da perda de emprego. Isto tornou possível o desenvolvimento de um mito da perda de emprego, que é basicamente uma concepção

simplista dupla de que tanto nós podemos salvar os empregos ou salvar o meio ambiente. É um trade off clássico, usado por industriais e empresas de recursos para manipular a sua força de trabalho e governo (MacDowell, 1998: 423) e uma das respostas do capital para a regulamentação de montagem emergentes da 'era de ouro' do capitalismo dos controles de estado Keynesianos. Pesquisas subseqüentes basicamente derrubaram o mito, mostrando que a perda de emprego devido à aplicação da legislação ambiental a partir de 1970, quando países ricos começaram a criar departamentos e ministérios do meio ambiente, nunca, na verdade, subiu tão alto quanto a indústria tentou fazer os trabalhadores acreditarem (Penny , 2002: 37).

Enquanto comentaristas concordam que o paradigma "emprego versus ambiente" é uma "estrutura" típica da indústria que simplifica a realidade (MacDowell, 1998: 423; Daub, 2008, 1), Keil (1994: 15-17) apresenta uma análise diferenciada, observando, em primeiro lugar, que há uma tensão real e material entre empregos e o meio ambiente em uma economia capitalista, pois "relações sociais com a natureza são agravadas com a exploração do homem pelo homem *sobre* a exploração da natureza pelo homem." A classe trabalhadora, continua ele, está no centro do conflito, porque, por um lado, os trabalhadores industriais são empregados em setores que tendem a prejudicar o meio ambiente e, por outro lado, nos países altamente industrializados - que também causam o maior dano ao meio ambiente do mundo - tem havido uma queda acentuada do emprego industrial.

Ele analisa as evidências empíricas de que a legislação de proteção ambiental e as preocupações ecológicas não são a principal força por trás dessas perdas de emprego, argumentando que as medidas e regulamentos em prol do meio ambiente podem realmente ter um impacto positivo no crescimento global do emprego. Penney (2002) também encontrou evidências similares de crescimento global do emprego e da substituição do emprego a partir da pesquisa realizada sobre as estratégias de criação de empregos verdes na Austrália e na Dinamarca, porque muitos métodos de produção 'verdes' também são de trabalho intensivo. Renner (2000: 171) também argumenta que as formas ambientalmente menos prejudiciais para a produção, para o transporte, consumo e descarte de produtos tendem a ser mais trabalhosas do que as formas mais danosas, apoiando a criação de empregos em geral. As explicações mais válidas para a perda de emprego, na complexa

dinâmica das economias capitalistas avançadas incluem: aumento da competitividade, aumento do uso em indústrias poluentes de capital ainda mais intenso, métodos de produção racionalizadas e ainda dominados por computadores, a saturação do mercado, os avanços tecnológicos e a busca de mão-de-obra mais barata (Keil, 1994: 17).

Então, Keil (1994) aborda e define as tarefas versus o meio ambiente como um problema conceitual, com uma base material limitada, mas real, no entanto, ele acabou rejeitando-o como um falso dilema, mostrando que há outras razões mais significativas para a perda de emprego do que a regulamentação ambiental, em especial a reestruturação capitalista. A (re)concepção dos postos de trabalho versus o dilema ambiental tem que ser parte de uma agenda política para os trabalhadores e os para movimentos ambientalistas que conta com uma “agenda eco-capitalista de uma recuperação verde a partir da queda [...]” (Keil, 1994: 16).

Ao abordar o tema do trabalho de chantagem, a atenção deve ser dada ao papel da mídia na propagação do mito da perda do emprego, como quando Penney (2002: 10) escreveu que a mídia muitas vezes "respeitosamente relata" as reclamações da perda de emprego devido às políticas ambientais por empresas que estão em queda ou em movimento e tornar os ambientalistas um bode expiatório conveniente. O papel da mídia também é enfatizado por Sawchuck (2009: 51), que observa que a mídia muitas vezes reifica as diferenças entre o trabalho e os ambientalistas e vilipendia o trabalho organizado. MacDowell (1998: 423) concorda que é comum os meios de comunicação nas últimas décadas no Canadá se concentrarem no conflito (e não) entre trabalhadores e ambientalistas, que citam a floresta Temagami em Ontário como um exemplo. Apesar de uma análise aprofundada dos meios de comunicação estar além do escopo desta revisão de literatura,²⁸ vale a pena olhar para os dois exemplos mais significativos do mito da perda de emprego em que grandes corporações de mídia desempenharam um papel dúbio na promoção de ameaças industriais de perda de emprego e agravou o conflito entre o trabalho e ambientalistas: a chamada “guerra da mata” da década de 1990 e os preparativos para a ratificação do Acordo de Kyoto em 2002.

O declínio do setor florestal em massa do Canadá, que em um ponto representa a maior parcela de renda de exportação do país na balança comercial, tem sido marcado por extensas perdas de emprego, a morte de comunidades dependentes de recursos e de conflitos entre ambientalistas e madeireiros, especialmente na década de 1990, quando a mídia apelidou de “guerra de madeira” ou a “guerra do mato”.²⁹ O principal exemplo do conflito que irrompeu, bem como do mito da perda de emprego em ação no Canadá, são os protestos de 1993-1994 em Clayoquot Sound, em British Columbia (Daub, 2008: 1; MacDowell, 1998: 423; Pearson, 2007; Harter, 2004: 101). Ambientalistas bloquearam estradas, a violência física estourou e o RCMP prendeu cerca de 900 dissidentes; eventos que faziam parte de um espetáculo midiático e da maior ação de desobediência civil na história do Canadá. O principal sindicato envolvido foi o Industrial, da Madeira e Afins do Canadá (IWA), que tomou uma posição geral ao lado das empresas florestais em favor do corte das poucas remanescentes das antigas florestas temperadas na América do Norte, que um dia se estendeu do Alasca até a Califórnia. Nugent (2009: 36-39) argumenta convincentemente que o conflito da "guerra madeira" não foi um conflito necessário, e que outros sindicatos além do IWA, como o do Papel e Madeira (PPWC), formados em 1963 depois de 5 separações locais de seus sindicatos originais, eram muito mais controlados democraticamente e rejeitaram as práticas de seus empregadores florestais e se alinharam com a indústria da forma que o IWA fez. Em qualquer caso, as alternativas não foram destacadas pela mídia, que, por moldar o conflito como uma "guerra", agravou a situação e ajudou as empresas florestais e MacMillan Bloedel Interfor a angariar apoio do sindicato, manipulando os madeireiros contra o seu próprio interesse de emprego de longo prazo e da sustentabilidade da floresta.³⁰

²⁸ O documentário “Manufacturing Consent: Noam Chomsky and the Media” (1992) por Achbar e Wintonick oferece uma boa apresentação à análise moderna da propaganda.

²⁹ O excelente documentário “Battle for the Trees” (1993), por Edginton, examina esse episódio histórico e as estratégias do IWA, dos ambientalistas, povos das primeiras nações e empresas que combateram a liquidação de florestas públicas, culminando nas famosas ‘guerras da madeira’ em Clayoquot Sound.

³⁰ Para esse dia, Clayoquot Sound e outras florestas canadenses primitivas, como a Boreal, são ameaçadas pelo sistema público de locação e pelas novas desregulações. Os cães de guarda e grupo de defensores Amigos de Clayoquot Sound (<http://www.focs.ca/>) é uma organização ambiental dedicada a essa questão. Também deveria-se notar que desde o tempo das guerras da madeira, madeireiros e ambientalistas uniram suas causas para combater a exportação de madeira verde e derrubadas de florestas antigas sob a bandeira da

Nugent (2009: 63-68) oferece uma reconstrução detalhada da difusão do medo sobre a perda do trabalho sobre a ratificação e implementação do Acordo de Kyoto por aquilo que ele chama de "aliança de negócios", que incluía o apoio do Estado, em especial por parte dos governos da província de Alberta, Ontário e British Columbia; ele descreve o mito da perda de emprego como um baluarte do período neoliberal e a estratégia empregada pelo estado e capital para causar medo no trabalho organizado. Provas foram recolhidas (Nugent, 2009: 63-65, 86-87) de como um grupo de empresas organizadas em conjunto entre 2000 e 2002 lançaram campanhas públicas de mídia alertando para as perdas de emprego e picos nos preços da gasolina que a ratificação de medidas de mudanças climáticas trariam. Um exemplo chocante citado é o relatório dos Fabricantes e Exportadores do Canadá (CME) "A dor sem ganho: Canadá e o Protocolo de Quioto", que estimou as perdas de empregos permanentes em 450.000 na indústria só em 2010. O Centro Canadense para Alternativas Políticas, encomendado por um grupo de sindicatos e ONGAs, utilizou os mesmos dados federais como o CME e descobriu que haveria apenas 13.000 perdas de postos de trabalho no setor de energia canadense em mais de dez anos, mas que 16 mil novos empregos seriam criados como resultado das medidas no âmbito dos compromissos do Canadá com Quioto.

Independentemente de sua exatidão, "estudos" da perda de emprego realizados por grupos de empresários foram extremamente bem sucedidos ao serem divulgados acriticamente por toda a mídia e entre os decisores políticos. Uma das razões para esse sucesso é que as ameaças de perdas de emprego da ratificação de Quioto ficaram como suposições prevaletentes na cultura política canadense em matéria inerente dos trade-offs entre empregos e a regulamentação ambiental que tinha sido bem cultivada ao longo da década anterior (por exemplo através do sensacionalismo da "guerra da mata" na Costa Oeste). A mídia corporativa foi apenas muito feliz ao citar números infundados da perda de empregos, a fim de provocar polêmica em torno de Quioto (Nugent, 2009: 65).

Tanto o episódio florestal de 1990 e a ratificação de Quioto no início da década passada foram momentos importantes para os sindicatos e ambientalistas que lutam para se unir as suas causas. No entanto, é bem compreendido que, apesar da capacidade contínua de empregadores de fazer ameaças, a explicação para o conflito "emprego versus meio ambiente" nas relações trabalho-ambiente é geralmente inapta (Norton, 2003: 100).

“sustentabilidade da floresta.”. O maior catalisador de alerta para que os adversários enterrassem a machadinha foi a eleição de 2001 de um governo de maioria liberal em British Columbia que rapidamente modificou as regulações existentes para beneficiar as corporações: o USW, PPWC e CEP estão todos agora

1.13 Empregos verdes em uma economia verde

Tema demasiado amplo para ser desenvolvido em todas as suas dimensões aqui, mas importante demais para deixar de ser mencionado, os empregos verdes e uma economia verde são introduzidos baseados na leitura de Penney (2002),³¹ observações de algumas mudanças recentes no Canadá e EU e uma breve apresentação das políticas trabalhistas relevantes do Canadá.

Os “empregos verdes” constituem um discurso alternativo para o paradigma ‘empregos versus ambiente’, e é uma resposta para o problema de que a criação de empregos e a melhora do meio ambiente são concebidos pelos políticos como questões independentes, se não como objetivos fundamentalmente incompatíveis (Penney, 2002: 10, 11).³² A questão dos empregos verdes tem duas variações básicas: uso de processos trabalhistas existentes para a produção de produtos alternativos; e implementação de novos processos trabalhistas em indústrias alternativas (Sawchuck, 2009: 44).

Uma série de diferentes programas e políticas tem sido usada para estimular a criação de empregos verdes, tais como programas anti-cíclicos de infra-estrutura ambiental, mercado de trabalho ambiental e programas de treinamento, impostos verdes e uma mudança de impostos de trabalho para recursos, políticas e programas setoriais, os subsídios do governo para empresas verdes inovadoras, comunidades e programas regionais de desenvolvimento econômico, a política industrial verde e tempo de trabalho reduzido (Penney, 2002: 348-362). Penney (2002: 340) argumenta que, com base em evidências de

trabalhando com o Sierra Club, o partido verde de B.C., e o comitê desero do Oeste do Canadá em iniciativas conjuntas para manter as antigas florestas remanescentes e empregos, simultaneamente (Pearson, 2007).

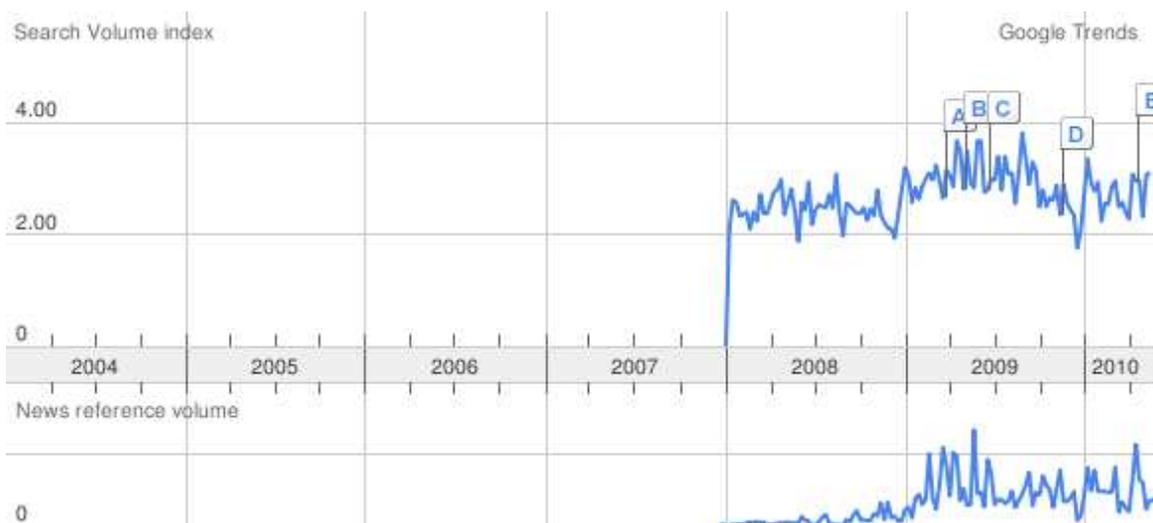
³¹ “Além dos “empregos verdes,” vários autores se referem a um número de outros termos como “emprego ambiental,” “carreiras ambientais”, “emprego sustentável”, “meios de subsistência sustentáveis” e “empregos de colarinho verde”. Para uma discussão sobre os vários usos e significados implícitos de cada termo, ver Penney (2002: 57).

³² Muitas vezes existe um conflito entre as políticas ambientais e de emprego: as primeiras são impostas com pouca consideração para efeitos de seu emprego e condições de trabalho (especialmente nas indústrias baseadas em recursos, tais como a extensão das áreas florestais protegidas, ou de peixes e períodos de pesca, etc), enquanto no que diz respeito a última, “a maioria das políticas para a criação de novos postos de trabalho baseiam-se na promoção do crescimento econômico indiferenciada através da política monetária, os benefícios fiscais e outros mecanismos semelhantes”, que, quando funcionam, levam à produção competitiva de bens e de serviços para exportação, o aumento do consumo energético e de materiais e investimentos em grandes projetos ambientalmente destrutivos (Penney, 2002 9).

seus estudos de caso, os governos só são suscetíveis de estabelecer programas de empregos verdes e coordenar as suas políticas ambientais e de emprego quando as alianças de trabalho ambiental defendem a causa, talvez porque essas propostas conjuntas são mais propensas a captar atenção.

Há uma literatura vasta sobre o emprego e o meio ambiente, mas quatro amplas áreas lidam em especial com os "empregos verdes": a discussão do impacto no emprego de políticas ambientais e o desenvolvimento de idéias de empregos verdes e definições, descrições e propostas de políticas e programas que abordam simultaneamente o ambiente e o emprego e, finalmente, as experiências de coligações e alianças organizadas para criar "empregos verdes" ou as condições de sua existência. Penney (2002: 33) afirma que houve pelo menos duas ondas na literatura inglesa sobre o tema de empregos verdes e trabalho ambiental: o primeiro início do começo de 1970 e continuando por cerca de uma década; o segundo começando para valer no início de 1990 e com seu pico em meados do final dos anos noventa. Houve, sem dúvida, uma terceira onda, dado o recente ressurgimento do interesse pelo tema entre o público e academia.

Figura 1. Onda de pesquisas na internet por “empregos verdes” segue crise econômica



Fonte: Tendências de busca no Google por “empregos verdes” em 29 de maio de 2010, em: <http://www.google.com/trends?q=green+jobs&ctab=0&geo=all&date=all&sort=0>.

Embora o número de pesquisas na internet sobre o tema "empregos verdes" mostre uma onda de interesse popular, publicações recentes de alunos de pós-graduação no Canadá

e nos Estados Unidos - como Daub (2008), Schmale, (2008), e Nugent (2009) - apontam para um aumento do interesse da academia pelo tema do trabalho e do meio ambiente. Em 2008, *Empregos Verdes: Trabalho decente em um mundo sustentável e de baixo carbono*, por Renner, Sweeney e Kubit, também foi publicado. Este importante estudo encomendado conjuntamente pela PNUMA, OIT, OIE e CSI une evidências quantitativas, anedóticas e conceituais para os "empregos verdes" existentes nos principais setores econômicos e fornece projeções de emprego verdes futuros.

O ressurgimento do interesse em "empregos verdes" e em uma economia verde tem estado intimamente ligado e acompanha a mais recente recessão econômica global, devidamente classificada como a pior desde a Grande Depressão e por ter um pior impacto sobre o trabalho canadense do que os anteriores por causa do enfraquecimento dos sistemas de proteção do desemprego, elevado endividamento das famílias e as baixas taxas de poupança pessoal (Yalnizyan, 2009: 3). Os efeitos profundamente sentidos da recessão e das perdas de emprego, em cima da crise de emprego já existente, deram um ímpeto ao aprendizado dos trabalhadores para a formação dos novos "empregos verdes" (Chea, 2009).

Evoluções nos Estados Unidos tiveram um impacto no Canadá. A eleição de Barak Obama para a presidência dos EUA em novembro de 2008 em uma campanha de destaque, entre outros, sobre a eficiência energética, têm tido um papel na sinalização da intenção de uma mudança na política econômica e ambiental dos EUA, especialmente através do amplamente enfatizados "empregos verdes de energia", parte do pacote de estímulo econômico de fevereiro de 2009, assinado em vigor simbólico no museu de Denver de natureza e Ciência em resposta à recessão mundial.³³ Apontado como o Assessor Especial para Empregos Verdes na Casa Branca, em março de 2009 por Obama, e serve para um período de poucos meses até sua renúncia, Van Jones ganhou notoriedade na América do

³³ "Obama assina um pacote de estímulo de US\$787," *CBC News – Money*, 19 de Fev., 2009, acessado em: <http://www.cbc.ca/money/story/2009/02/17/obamastimuluslaw.html>. Incidentalmente, desde que Obama assumiu, os EU está ultrapassando os investimentos do Canadá em energia renovável. Um relatório do instituto Pembina lançado em março de 2010, acessado online em 11 de agosto de 2010 em: <http://www.greeneconomics.ca/media-release/1983>, mostra investimentos per capita em energia renovável, eficiência de energia e transporte público combinados nos EU estão previstos para ultrapassar o investimento federal do Canadá em mais de 8 por 1.

Norte como um porta-voz na defesa da "Economia de Colarinho Verde", possuindo uma extensa experiência na criação de centros de treinamento para empregos verdes, a justiça social para os grupos marginalizados e raciais dentro de uma nova economia verde ("Eco-populismo") e argumentando a favor de um "Novo Grande Acordo" (Jones, 2008:85 ; Schmale, 2008: 39).

A noção de um novo acordo verde, é claro, faz referência ao Novo Acordo de Franklin Roosevelt de 1930, através do qual os programas do governo federal dos EUA de intervencionismo econômico nacional tentou responder à elevada taxa de desemprego, à deflação e quedas na produção industrial marcando a Grande Depressão. Um novo acordo verde é uma resposta contemporânea para alguns, incluindo os sindicatos, para a recessão, que favorece políticas keynesianas semelhantes ao responder a um grande número dos atuais problemas econômicos e ambientais, como o pico do petróleo e a dependência de combustíveis fósseis, alterações climáticas e energias renováveis. A noção certamente entrou no discurso do trabalho como evidenciado pela Liderança dos Sindicatos Globais - na reunião de emergência dos países do G20 em Washington em novembro de 2008 - de um novo acordo verde que: 1) coordena um plano de recuperação para a economia "real" (por oposição) financeiro; 2) regula mercados financeiros globais, 3) estabelece um novo sistema internacional de governo econômico e, 4) combate a crise da justiça distributiva (Sweeney, 2009b: 2). Enquanto alguns como Sweeney (2009a, 2009b: 2) sugerem a que referência ao "novo acordo" para uma recuperação verde é adequada, dado que o primeiro "não só ajudou a estabilizar a economia dos EUA durante a década de 1930 e a estabelecer todo um novo quadro jurídico e institucional para a gestão e orientação da vida econômica", outros como Altvater (2009) denunciam a referência ao novo acordo como "duvidosa" por causa da falha geral das políticas de Roosevelt para corrigir o elevado desemprego e o baixo crescimento do PIB que só em realidade mudou com a entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial. A questão fundamental é saber se, no entanto, os planos previstos para uma "reestruturação profunda" da economia em escala é capaz de se contrapor ao projeto neoliberal (Sweeney, 2009: 19).

Os sindicatos com um discurso ecológico modernista - alternadamente, chamado "novo acordo verde" - têm sido parceiros fundamentais nas coligações ambientais recentes

empurrando os "empregos verdes", como a Aliança Azul-Verde, uma parceria nacional dos EUA de sindicatos e organizações ambientais fundada em 2006 e liderada pelo Sierra Club e pela USW, o último dos quais foi também membro fundador da Aliança Apollo que defende uma reorganização da infra-estrutura da energia dos EUA a ser alimentada por energia limpa e renovável para mitigar a mudança global do clima e proporcionar empregos, por meio de investimentos maciços que deverão estimular uma nova revolução tecnológica. (Nugent, 2009: 142; Schmale, 2008: 36; Foster, D, 2009). No caso dos EUA, a Aliança Azul-Verde tem sido capaz de desenvolver uma "massa crítica" de apoio em níveis estadual e municipal para esses tipos de objetivos, em parte através do primeiro e segundo relatório anuais de "Bons empregos, Conferência Nacional de Empregos Verdes" ³⁴ e recentemente, transferiu os seus esforços de lobby para o nível federal (por causa da oportunidade percebida fornecida pela transição da administração Bush para Obama), lá no Canadá continua a reinar uma certa sensação de futilidade sobre o ganho de apoio federal para os "empregos verdes" por causa da postura conservadora do governo Harper sobre a mudança climática e compromisso com o desenvolvimento das areias betuminosas de Alberta (King, 2010: 3). A evolução dos EUA, no entanto, teve um efeito de derrame sobre o Canadá:

Sindicalistas e funcionários com quem falei do USW-Canadá, da CAW e do Conselho do Trabalho de Toronto e Região de York Região todos me disseram que tinham sido convencidos ou energizados sobre o potencial da formação das alianças de trabalho ambiental depois de participarem de uma série de conferências internacionais, organizadas pela Aliança Azul-Verde a partir de 2007 (Nugent, 2009: 143).

No Canadá, o momento para "empregos verdes" está sendo estabelecido através de pelo menos três iniciativas, incluindo a já mencionada Azul-Verde Canadá, ³⁵ que é focado no estímulo à criação de novos postos de trabalho sustentáveis na produção, através da promoção da eficiência e de setores de energias renováveis. Em outras palavras, o novo ator não tem um foco político, mas sim um mandato para concretamente criar empregos na

³⁴ A aliança Azul-verde dos EU organizou conferências nacionais anuais da Good Jobs, Green Jobs desde 2008, a primeira acontecendo em Pitsburgo e juntando aproximadamente 1.000 líderes ambientais, executivos e do governo; a segunda conferência foi entre 4 e 6 de fevereiro de 2009, dessa vez em Washington, D.C. e cresceu para mais de 3.000 participantes, enquanto a mais recente aconteceu entre 4 e 6 de maio de 2010, também em Washington. O site foi acessado em 4 de agosto, em: <http://www.greenjobsconference.org/>.

³⁵ Veja também o site da organização, em <http://www.bluegreencanada.ca/>.

indústria verde e centra-se na energia eólica para o grande número de empregos criados através da fabricação de turbinas domésticas (King, 2010) .

As esperanças da Blue Green Canada de desenvolver trabalhos os chamados empregos "verdes" de fabricação no Canadá dependiam, de certa forma, do trabalho da aliança "Green Energy Act", que foi formada em junho de 2008 - pela Associação de energia sustentável de Ontário (Osea) com as principais associações comerciais, fabricantes, grupos ambientalistas, Primeiras Nações, desenvolvedores de energia, fazendeiros e agricultores - e coordenado pela Defesa Ambiental para fazer campanha para a aprovação e posterior implementação da "Energia verde e Lei de economia Bill 150" de Ontário", que conseguiu ser apresentada na Assembléia Legislativa de Ontário, em fevereiro de 2009 e ser transformada em lei por maioria do governo liberal de Premier McGuinty em maio de 2009.³⁶ Uma característica fundamental da lei é a exigência de conteúdo nacional, basicamente uma política de contratos locais, que garante que a fabricação de componentes para a nova rede de energia e a indústria de energia renovável tenha fonte em Ontário (Ontario Power Authority, 2009: 5).³⁷ "Nosso trabalho é tornar isso concreto", afirma King (2009: 227), em referência ao papel desempenhado pela Blue green Canada com foco em projetos específicos em Hamilton, Sudbury e Toronto: com o financiamento de projetos assegurado através da Fundação Trillium, a Blue Green Canada

³⁶ Green Energy Act Alliance (2009); mais informações em <http://www.greenenergyact.ca/>.

³⁷ Enquanto a *Energia verde e a lei econômica* tem uma chave para apoiar o trabalho em Ontário com a criação de empregos como peça sobre os contratos locais de materiais e de trabalho, um dos principais propósitos da lei foi o de atualizar e substituir o "Programa de Energia Renovável como oferta padrão" de 2006, que foi criticado por seus "prazos arbitrários e cápsulas do tamanho de instalação," parecendo representar apenas um compromisso simbólico com a energia verde em comparação com o projeto alemão, que o inspirou (Turner, 2009). Este programa de 2006 foi substituído pela Lei de energia verde de 2009 com uma nova tarifa de alimentação ou ajuste. Ajustes são programas que oferecem aos participantes e aos investidores que desejam instalar projetos de energia renováveis o acesso a uma rede "inteligente", garantindo uma taxa (tarifa) metodologicamente determinada para compensar os custos com base no tipo de energia (eólica, solar, geotérmica, etc) , através de contratos de longo prazo para a energia excedente, que vende essencialmente para a empresa concessionária da rede: É um instrumento político importante para estimular um mercado de geração de energia renovável mais ambicioso, implementado pela Alemanha e que inspirou outros países europeus (Turner, 2009) . Até agora, Ontário é a única província do Canadá a ter estabelecido um programa abrangente , junto com um de Québec, apenas para demonstrar um novo compromisso de aquisição local (King, 2010: 3). Para uma discussão abrangente sobre investimentos em energias renováveis com base em um percentual de insumos, assim como as barreiras criadas pelo TLCAN para diferentes oportunidades do setor público para a criação de empregos verdes, ver Peart e Harden-Donahue (2009).

garante que os municípios se comprometam com contratos locais e, assim, forneçam assistência técnica para o monitoramento e desenvolvimento de programas educacionais para os trabalhadores desempregados (King, 2010: 7).

Se as duas iniciativas anteriores de trabalho ambiental tivessem sido focada nos níveis provincial e comunitário, em Ontário, um terceiro maior desenvolvimento do Canadá seria o estabelecimento da "Rede de Economia Verde (GEN)" pelo Congresso Canadense do Trabalho e do Instituto Polaris (King , 2010: 2),³⁸ focada em seus estágios iniciais em três prioridades, cada uma abordada por um grupo de trabalho, no desenvolvimento de uma posição e uma estratégia para o governo federal para estimular uma economia verde, com empregos verdes, através de: 1) sistemas de transporte público, 2) investimentos públicos em energias limpas e renováveis e 3) construção de programas de adaptação e conservação de energia. O Instituto CLC e o Polaris, institutos canadenses sem fins lucrativos de prestação de assistência técnica aos movimentos dos cidadãos sobre a água, comércio, energia, segurança e corporações, iniciou o GEN, com o apoio de cerca de 25 trabalhadores e organizações ambientais seguindo o CLC Spring de 2008, a “mesa redonda sobre empregos verdes” e consultas ao Instituto Polaris, com seis principais centrais sindicais (USW, CAW, CEP, NUPGE, Cupe e PALOP) “para discernir qual compromisso foi estabelecido em termos de práticas ecologicamente mais sustentáveis em seus sindicatos, a promoção de políticas ambientais e estratégias e prioridade dada à construção de uma economia verde para o futuro.”

Apesar de todas as ações que estão sendo tomadas para promover uma economia verde, empurrar o governo para um novo acordo verde e estabelecer bons empregos verdes, nem sempre é tão claro que se entende por "empregos verdes". Muitas vezes, os escritores ou organizações simplesmente fornecem uma lista dos tipos de emprego e deixam de fazer uma definição clara, ou quando definem o termo, ele varia muito de uma organização e do setor de atividade. Penney (2002: 59) afirma que "os sindicatos que têm abordado a questão dos empregos verdes tendem a se concentrar no trabalho para trabalhadores braçais e

³⁸ Detalhe da Rede de economia verde disponível em <http://www.greeneconomynet.ca/>; A GEN foi oficialmente e simbolicamente lançada em 22 de abril de 2010 para coincidir com o dia da terra: acessado em 24 de maio de 2010 em: <http://www.cep.ca/union/green-economy-network-born>.

trabalhadores de serviços gerais especializados, incluindo modernizações de eficiência energética, produção de energia renovável, infra-estrutura renovável de água e esgoto, reciclagem e transporte público, entre outros". Ela também descreve em pormenor as diferentes abordagens ao lidar com empregos verdes, a dificuldade de fazer uma descrição precisa e a falta de interesse de muitos comentadores ao fazê-lo (Penney, 2002: 56-64). Indiscutivelmente, a divergência e as dificuldades existem porque tentar proporcionar um sentido claro de empregos verdes é inerentemente político e, como Penney (2002: 65) afirma: "(a) diferença entre o que diferentes autores entendem por "empregos verdes" decorre implícita ou explicitamente das divergências sobre a natureza dos problemas ambientais, da extensão da ameaça que elas representam e das soluções necessárias para saná-las." É provável, então, que uma definição diferente de "empregos verdes" pode ser derivada de cada tipo diferente de discurso ambiental ou conceitual.³⁹

Tabela 4. Caminhos de Crowley para os empregos verdes

	Verde claro	Ecologicamente moderno	Verde escuro
<i>modo</i>	reativo	integrativo	Pró-ativo
<i>âmbito</i>	Curto prazo	Médio prazo	Longo prazo
<i>natureza</i>	conformista	reformador	transformador
<i>objetivo</i>	Permite crescimento	'ecologiza' o crescimento	redefine o crescimento
<i>operação</i>	acomodacionista	reinventador	rejeição
<i>Visão</i>	Desenvolvimento sustentável	Modernidade ecológica	Sustentabilidade ecológica
<i>empregos</i>	Repara declínio ecológico	Indústria verde	Preservar a natureza

Fonte: reprodução da tabela 2 de Penney (2002: 61), citando Crowley.

³⁹ Incidentalmente, chegar a uma definição específica de empregos verdes não é importante, como destaca Penney's (2002: 347), porque ao adotar uma definição ampla, defensores podem situar os empregos verdes no presente e mostrar que muitas pessoas já o fazem e que, com modificações leves muitos mais empregos podem se tornar verdes. Essa abordagem é a mesma dos relatórios de "empregos verdes" subsequentes de UNEP/ILO/IEO/ITUC, que oferecem uma definição dos empregos verdes mais ampla e completa como o "trabalho na agricultura, manufatura, pesquisa e desenvolvimento (R&D), administrativo e atividades de serviços que contribuem substancialmente para preservar ou restaurar a qualidade ambiental" (Renner *et al.*, 2008: 3).

Parte do problema também decorre do fato de que não estão claros os aspectos dos postos de trabalho que são caracterizados como verdes e, por "verde" referir-se a uma vasta gama de possibilidades, desde esforços "verdes lavados" de manter o status quo a transformações verdes profundas e radicais (Penney, 2002: 62). Crowley (1996: 615) explica um modelo conceitual através do qual "os empregos verdes podiam ser vistos em uma escala contínua desde o verde mais escuro, que é menos compatível com os interesses materiais, ao verde mais claro, que é mais facilmente acomodado pelas principais políticas públicas." Esse espectro que vai de tipos de trabalho ecocêntricos aos antropocêntricos também poderia sugerir que os "empregos marrons" podem ser esverdeados, na medida em que podemos alterar os processos de trabalho existentes para torná-las ecologicamente corretos, mas se a conceituação de "empregos verdes" refere-se apenas para aqueles que "reabilitam ou limpam a bagunça que fizemos no meio ambiente", eles são apenas "verde claros" e, portanto, não apresentam nenhum desafio à atual estrutura e aos objetivos da economia (Penney, 2002: 62).

Essa edição de "verde" se dirige, juntamente com a necessidade de assegurar que empregos "verdes" também são bons empregos ou empregos decentes, pela CLC (2000a) em sua ficha n ° 4, "O que são empregos verdes ou sustentáveis?" A CLC definiu "empregos verdes, de qualidade", como aqueles que são atóxicos, seguros, saudáveis e livres de estresse e que envolvem a participação dos trabalhadores no local de trabalho para a tomada de decisões através de comitês ambientais, auditorias ambientais e iniciativas de produção mais limpas. Além disso, o CLC alegou que os empregos verdes de qualidade são "pouco prováveis de serem realizados a menos que sejam trabalhos de sindicato" (CLC, 2000a: 2).

Essa foi a primeira das três principais manifestações sobre Empregos Verdes pela CLC. Após a 'ficha' foi o "o projeto de criação de empregos verdes" (CLC 2003), que reiterou a posição anterior, proporcionando maior desenvolvimento conceitual e, acima de tudo, ofereceu algumas recomendações políticas para formar parte de uma campanha formal da CLC. Depois de delinear as origens do projeto e descrever o que se entende por "sustentabilidade", o relatório trata da política industrial verde, da relação entre a reforma

tributária e a criação de empregos verdes e do papel da regulação na criação de empregos verdes.⁴⁰

Mais recentemente, os delegados da CLC votaram, por unanimidade, durante a sua 25ª convenção nacional para apoiar "a estratégia de empregos verdes e uma estratégia de desenvolvimento ambiental e econômico, que coloca as políticas de produção e comércio no centro da agenda da mudança climática", porque "há uma necessidade urgente de trabalho para enfrentar as alterações climáticas, não somente com soluções que podem ser implantadas rapidamente, mas também para aproveitar a oportunidade para criar novos e melhores empregos e garantir que as políticas de mudança climática não aumentarão a desigualdade no Canadá"(CLC, 2008: 2, 12) . O documento de treze páginas fornece um quadro de política introdutória para a criação de uma "nova economia", argumentando em favor do investimento público em quatro grandes setores (eficiência energética, investimento em transporte ferroviário e de massa, fontes renováveis de energia, padrões de eficiência de combustível de automóveis), além de endossar um limite nacional e um sistema comercial de fixação de preços para as emissões de gases do efeito estufa, bem como a imposição de limites rígidos nas emissões - e terminando com "perversos" subsídios fiscais para – emissores pesados finais como a indústria de óleo e gás de Alberta, afirmando:

As areias de alcatrão são o fator mais dominante no futuro do petróleo e do gás. Na verdade, ele é o único projeto de desenvolvimento mais destrutivo em qualquer lugar na Terra. O desenvolvimento em curso continuará a ter um impacto significativo nas emissões de gases do efeito estufa do Canadá, da qualidade da água em Alberta e além e nas comunidades das Primeiras Nações (CLC, 2008: 10).

Assim, a CLC efetivamente ligou sua estratégia de criação de empregos verdes com a transição antecipada para uma "economia verde" através de uma série de medidas, incluindo a política fiscal, o que exigiria um programa de "transição justa".

⁴⁰ O “projeto de criação de empregos verdes” (CLC, 2008) carrega traços de influência datense de doutorado de Penney’s (2002: 79-85), que se tornou disponível para Dave Bennett. A CLC destilou vários elementos de sua discussão, incluindo as medidas de impostos verdes e a mudança na carga tributária do trabalho para recursos, que foi mais desenvolvida na europa do que na América do Norte, bem como uma lei importante de 1999 na Dinamarca oferecendo aos trabalhadores a oportunidade de participação em todos os níveis de suas firmas e envolvimento no gerenciamento ambiental.

1.14 Transição justa

Embora a perda de emprego possa ser uma realidade material sob o capitalismo e ao mesmo tempo apela para uma mudança para uma "economia verde" com o sinal de novos "empregos verdes", uma transformação iminente e emergente no capitalismo, o trabalho canadense tem defendido um programa que garante que a justiça seja servida aos trabalhadores e a suas comunidades que perdem seus meios de subsistência pela reestruturação capitalista. Um fundo de compensação ambiental dos trabalhadores é visto por alguns como uma política viável de curto prazo ou como uma solução provisória, enquanto as indústrias verdes são desenvolvidas a longo prazo (MacDowell, 1998: 423). A maior parte da conceituação de "transição justa" parece ter surgido na América do Norte.

O conceito de transição justa encontra as suas raízes em um movimento resultante do final de 1970, quando o ativista Tony Mazzocchi, vice-presidente dos Trabalhadores do Petróleo, Química e Atômica (ICAW) nos Estados Unidos, sustentou que a indústria foi tão destrutiva para os trabalhadores que segmentos inteiros teriam que ser desligados, ele insistiu que os trabalhadores devem receber a compensação e a educação necessárias para começar uma nova vida, muito parecido com o que veteranos da Segunda Guerra Mundial nos Estados tinham recebido através da promulgação do GI Bill, e por isso fez campanha para construir um "super-fundo" semelhante para os trabalhadores (Bennett, 2007: 6; Keil, 1994: 26).

No Canadá, a transição foi feita especialmente por Brian Kohler, uma pessoa do grupo de pessoal do Sindicato dos Trabalhadores da Energia e Químicos (ECWU),⁴¹ se tornando o representante nacional da Saúde, Segurança e Ambiente para o CEP (o Sindicato dos Trabalhadores das Comunicações, da Energia e dos Fabricantes de papel do Canadá) quando ele foi formado através da união do ECWU com outros dois sindicatos em 1992. Desde o começo da década de 1980, os sindicatos canadenses como o USW, o CAW e

⁴¹ É irônico que um defensor da transição como Brian Kohler venha do ECWU, um sindicato onde Adkin (1998: 141) descobriu aquiescer de políticas de energia neoliberais e oposto a lei de regulação de toxinas durante a maior parte de 1980s como única forma de manter empregos. Isso demonstra o trabalho ideológico de ambientalistas do trabalho no movimento sindical, sem mencionar uma barreira inerente ou uma contradição interna.

ECWU têm argumentado que todos os trabalhadores deslocados das políticas ambientais devem ter a proteção da renda e uma reciclagem profissional, embora fosse Kohler e o CEP que se desenvolveram mais vigorosamente o conceito de transição (Nugent, 2009: 91).

Através da década de 1990, Kohler argumenta que os fundos para a transição justa não devia ser limitado para taxas pagas pelas indústrias poluentes e recomendou que o ajuste canadense / programa de transição devam vir de uma combinação de taxas cobradas das indústrias poluentes e de fundos públicos, recomendando as sanções para as empresas que fecharam, em vez de converter a produção (Penney, 2002: 117-18). Proponentes anteriores como Kohler muitas vezes emolduraram suas propostas como um "desafio" para os ambientalistas, insistindo que eles se comprometessem com a transição justa para os trabalhadores e apoiassem apenas as políticas ambientais, que incluíam um programa de transição (Penney, 2002: 120).

Em 1992, o CLC havia endossado "medidas de transição" como um dos cinco "direitos ambientais dos trabalhadores" e por meados dos anos 1990 o conceito tornou-se uma estratégia política. Com o apoio do USW e Cupe, Kohler se uniu a Mae Burrows (CAW) e Bennett Dave (CLC) para a elaboração da *Política de transição justa para os trabalhadores durante as mudanças ambientais*, que foi adotada pelo Executivo da CLC em abril de 1999 (Nugent, 2009: 91; Sawchuck, 2009: 44; CLC, 2000b). A plataforma foi chamada de "transição justa", porque o "Super-fundo" não soou bem ou serviu como um exemplo útil no Canadá, desde que não houve GI Bill como nos EUA. Um Significativo trabalho de análise foi feito para ligar a transição justa com a criação de empregos verdes (Penney, 2002: 387). Ele enfoca as questões de equidade de tratamento entre trabalhadores e suas comunidades, re-emprego como o principal objetivo e quando isso falhar, a compensação; a transição justa é considerada essencial na transição para métodos sustentáveis de produção e deve ser expressa sempre por um programa formal, financiado pela sociedade como um todo, através das receitas das administrações públicas (CLC, 2000b: 6, 15).

Desde a época Mazzocchi, o discurso de transição do sindicato tem-se centrado mais na transformação da indústria do que na desindustrialização. A ênfase na transição justa ultimamente tem sido por causa da reestruturação que seria necessária para se afastar

dos combustíveis fósseis e em direção à energia alternativa renovável e setores de eficiência para cumprir as obrigações do Canadá com o Acordo de Quioto. Novamente, o CEP foi o principal líder no Canadá na produção de uma política energética de ponta em 2001 e a atualizá-lo em outubro de 2008 em sua convenção nacional (CEP, 2008) e o primeiro e líder da campanha, juntamente com a CLC, a garantir que o Parlamento canadense ratificasse o tratado de Quioto em Dezembro de 2002. O CEP procurou e obteve compromissos do Greenpeace e do Sierra Club Canadá por um programa de transição justa em suas campanhas de ratificação de Quioto (Daub, 2008: 17). Por sua parte, Nugent (2009: 148) argumenta que o desenvolvimento do conceito de transição justa tem sido mais reativo do que visionário, ou seja, focado em como compensar os trabalhadores afetados, em vez de como criar uma nova economia verde.

Pelo menos um estudo lida com a importante questão da percepção dos trabalhadores canadenses sobre a transição justa: Daub (2008: 30-31) perguntou durante as entrevistas com membros da equipe do CEP se pensavam se a transição justa permanecia um meio eficaz de criar apoio entre trabalhadores classificados da energia para as políticas de mudanças climáticas que podem afetar seus empregos. O interesse foi de identificar se o suporte tinha sido prejudicado pela falha do governo federal em realmente desenvolver um programa de transição significativo para os trabalhadores da energia, apesar das promessas para o fazer quando o Protocolo de Kyoto foi ratificado. Foi descoberto que dois pontos de vista principais surgiram.

O primeiro considerava que as obrigações do Tratado não tinham sido implementados, a reestruturação econômica que justificasse programas de transição nunca se materializou. Esta opinião é partilhada por Bennett (2007: 7), que argumenta que a "transição justa" foi um slogan vazio no Canadá, porque a mudança industrial tem sido "lenta e sem imaginação" e que o Canadá falhou até agora por estar na vanguarda de países que asseguram energia eólica doméstica e outros setores de energia renovável.

A outra visão era cínica sobre o principal da transição justa em si, porque os trabalhadores têm observado que quando as indústrias entraram em colapso, como a pesca ou a crise florestal em curso, os governos deixaram os trabalhadores na sua maior parte à própria sorte e pouco foi feito para aliviar tensões nas comunidades dependentes de

recursos. Os programas não foram implementados no passado então os trabalhadores têm poucas razões para acreditar que haverá um programa de ajustamento no futuro. Por sua parte, King (2010: 9) resume a perspectiva dos membros da USW de uma transição justa quando ele afirma que muitos deles a consideram "um pouco de fantasia", porque a prática revelou-lhes que os trabalhadores "são descartados como o equipamento". Os respondentes de Daub (2008: 31) concordaram com a idéia da transição justa, mas expressaram ambivalência sobre a probabilidade de que tais propostas fossem implementadas por qualquer nível de governo.

Ao se referir especificamente ao CEP, Daub (2008: 34) observou que "a insegurança nas indústrias de recursos também atuou como um limite concreto sobre a capacidade organizacional do sindicato para chamar a atenção e recursos em questões menos imediatas".

1.15 Sindicatos canadenses e mudanças do clima

Se a mudança climática foi no passado uma das questões menos imediatas do trabalho, uma prioridade baixa para os sindicatos na década de 1990, ela certamente ganhou mais atenção e recursos pouco antes da ratificação do Acordo de Quioto no Parlamento Canadense (Nugent, 2009: 97). Enquanto muitos elementos das respostas dos sindicatos canadenses para o problema das alterações climáticas já tenham sido discutidos acima, no entanto, vale a pena sinalizar que Nugent (2009) apresentou, até agora, a análise mais abrangente do tema e resumindo aqui, mais alguns pontos interessantes.

Pouco depois que Quioto foi ratificado em 2002, o CEP e o CLC se uniram à "KyotoSmart", que se descreveu como "uma rede composta de governos provinciais, bem como uma diversidade de indústria, trabalho, municipais e organizações ambientais." Entre 2003 e 2006, agia como um grupo de lobby federal, apesar de sua plataforma ser ignorada pelos governos liberais e governos conservadores posteriores (Nugent, 2009: 110-111; Daub, 2007: 18). Esse período também foi marcado pela fraca formação de alianças de trabalho ambiental, pelo menos, em parte, por causa das divergências dentro dos sindicatos sobre a melhor forma de reduzir as emissões de GEE (Nugent, 2009: 148). Não foi do meio para o fim dos anos 2000 que todos os grandes sindicatos industriais tinham de um jeito ou

de outro adotado um discurso ecológico modernista, correspondente ao tipo de Crowley (1996) de empregos verdes.

Nugent (2009: 155) conclui seu estudo criticando o discurso ecológico modernista, não só na sua forma neoliberal ou de negócios, mas também na forma do sindicato ou "Green New Dealist", principalmente porque os cursos de ação adotados no âmbito deste discurso - como a indústria verde e o comércio e Kyoto, podem fazer pouco para lidar com o problema das alterações climáticas, por falta de controle das emissões e pouco para ajudar os trabalhadores para além do curto prazo.⁴² 'A competitividade verde' como parte de uma estratégia de crescimento através de aquisições locais nacionalistas pode ajudar a garantir novos empregos" verdes "para os trabalhadores sindicalizados canadenses a curto prazo, mas provavelmente fará pouco para os grupos já marginalizados no Canadá ou no exterior, a longo prazo. Uma conclusão similar foi alcançada no 'relatório verde' do PNUMA / OIE OIT / CSI:

Mas há também uma contradição potencial entre as energias renováveis como fonte global de empregos e as energias renováveis como parte das estratégias competitivas econômicas. Embora isso não tenha que ser um jogo de soma zero, um desempenho estelar de exportação por um punhado de países não implica mais oportunidades limitadas no resto do planeta. Como as indústrias renováveis maduras, elas serão cada vez mais marcadas por difíceis questões de competitividade, regras comerciais e diferenças salariais que já são temas familiares em outras indústrias (Renner et al, 2008: 9).

Essas críticas e advertências sobre o modernismo ecológico estão ligadas ao problema da falha de mercado, entendido como quando as empresas e indivíduos não pagam todos os custos que lhes são imputáveis, os seus passivos são "externalizados", incluindo a poluição e outros efeitos ambientais, ou quando o trabalho sofre perigosas condições de trabalho ou pressão sobre os salários (Harvey, 2005: 67). A deficiência do mercado pode ser pensada

⁴² Outros, certamente, chegaram a conclusões semelhantes sobre o Protocolo de Quioto. Por exemplo, Pancoast (2003), uma estudante de graduação da Universidade de Calgary e parte de uma equipe que estuda os efeitos do Protocolo de Quioto, descobriu as faltas de carbono globais, utilizando um modelo de equilíbrio geral simples. Isso levou ao que ela considera um "perverso" resultado ambiental contrário à intenção internacional de esforços políticos para reduzir as emissões. Helm (2009) argumentou de forma semelhante, afirmando que Quioto pode mesmo conduzir um aumento global de emissões de GEE, porque é baseada na produção e não consumo de carbono, os países ricos podem cumprir as metas de Quioto por causa da desindustrialização que equivale a terceirização da produção de carbono para países como a China. Estas interrogações vitais devem ajudar-nos também a perguntar se é sábio tentar resolver um problema como a mudança climática usando a mesma lógica - a do mercado e a busca do lucro - o que ajudou a criá-lo em primeiro lugar.

como a incapacidade de "um processo puramente voltado para o mercado para oferecer as necessárias mudanças na escala e na velocidade exigida pela crise climática" e destaca a necessidade de intervenção do governo (Renner *et al*: 2008: 24) , há uma necessidade para o que Sen (1999: 129) chamou de provisionamento dos chamados "bens públicos", como o meio ambiente. Assim, os sindicatos têm legitimamente se empurrado para soluções *públicas* e programas estaduais em resposta à mudança climática. Ainda, apesar disso, alguns como Nugent (2009: 155) criticam os sindicatos canadenses e internacionais pela adoção do modernismo ecológico, porque param de criticar o capitalismo e defendem alternativas que, fundamentalmente, resolvem a crise sócio-ecológica global mais profunda.

1.16 Resumo do capítulo e comentários conclusivos

Em resumo, esta seção revisou como o trabalho canadense envolveu-se em questões ambientais mais amplas, como mudanças climáticas, através de suas experiências anteriores em lidar com a saúde do trabalhador e a segurança no trabalho e em seguida, a proteção do ambiente através da prevenção da poluição. Ações dos trabalhadores ações e estruturas de trabalho abordando o meio ambiente evoluíram lado a lado com as suas experiências de interações colaborativas com o movimento ambiental, como uma série de campanhas bem-sucedidas que surgiram sobre questões específicas, que foram relativamente limitadas no seu alcance, sendo ligadas geograficamente e, eventualmente, chegando a um fim. Isso levou a uma análise preliminar de alguns fatores importantes, em especial os que afetam os sindicatos envolvidos na formação de relacionamentos mais duradouros de trabalho ambiental, que incluíram gênero, classe e trabalho de chantagem.

Dois exemplos famosos canadense sobre o papel da mídia em enfatizar o conflito potencial entre o trabalho e os ambientalistas foram citados antes, então discutindo "a última e maior" colaboração trabalhista ambiental: a defesa de uma economia verde e o impulso do sindicato para os novos "empregos verdes" de qualidade, especialmente em energias renováveis e de produção. O trabalho dos ambientalistas do trabalho canadense no desenvolvimento da noção de transição justa e na ligação disso a uma economia verde antecipada já foi discutido, assim como as respostas dos sindicatos à mudança climática.

A história no Canadá mostrou que, como Bennett (2007: 4, 7) corretamente afirma, ações trabalhistas sobre questões ambientais formam um rico mosaico resultante de um legado de impressão digital do movimento ambientalista sobre o trabalho e que o trabalho foi alterado e continua a mudar através de suas interações - em suma, os discursos dos ambientalistas têm enriquecido o movimento operário e vice-versa. Bennett (2007: 6) defende que a "eficácia do trabalho consiste basicamente em se juntar e trabalhar com esses grupos", enquanto Keil (1994: 31) vai mais longe ao prever que, no futuro, o movimento ambiental e de trabalho não será capaz de funcionar sem o outro.

Capítulo quatro: A federação do trabalho de Alberta

1.17 O contexto de Alberta – Emprego e Meio ambiente

Alberta se tornou a 6^a maior província do país por área, abrangendo 661.848 km quadrados, em 01 de setembro de 1905, ao mesmo tempo que Saskatchewan. A parte norte da província é coberta por florestas boreais e pântanos, debaixo das quais uma parte das áreas do Athabasca, Peace River e Cold Lake estabelecem a segunda maior reserva de petróleo conhecida do mundo, sob a forma de betume;⁴³ o sudoeste é fronteira das majestosas Montanhas Rochosas, a parte sul consiste de pradarias e a parte central do parque de Aspen, duas regiões que são exploradas em larga medida para a agricultura de grãos, alguns produtos lácteos e sobretudo a pecuária. A província tem verões quentes e invernos frios e em todas as quatro estações recebe uma grande quantidade de sol, partes de Alberta também são muito ventosas, recebendo o vento quente Chinook: esses atributos tornam o lugar muito propício para a geração de energia renovável a partir da energia fotovoltaica e de tecnologias de turbinas de vento.

Alberta tem uma população de 3.724.832⁴⁴, dos quais cerca de três quartos vivem ao longo do corredor, dentro ou entre as duas maiores cidades: a capital de Edmonton (no centro geográfico da província com a maior capacidade de refinação de petróleo do oeste do Canadá das proximidades), que tem uma população estimada em 1.155.383, em 2009; e Calgary, com 1.230.248 de pessoas.⁴⁵ A população provincial é bem diversificada, com

⁴³ Betume é um óleo extremamente viscoso e pesadamente bruto que é proveniente de superfícies mineradas ou de reservas profundas, através de uma variedade de técnicas *in-situ*, significando que o calor na forma de vapor ou solventes são usados. O betume exige um extensivo aprimoramento antes de ser usado como o óleo bruto convencional, um processo que exige grandes quantidades de água e energia. Os processos de extração e aprimoramento são mais caros do que os do óleo convencional e desenvolvimento das areias betuminosas em Alberta e, assim, fez subir os preços mundiais do produto e a melhora da tecnologia tornou a indústria lucrativa e competitiva. O betume está localizado em áreas conhecidas como areias betuminosas, ou areias de alcatrão. As informações acima e outras introdutórias e valiosas estão disponíveis no site do governo de Alberta: <http://www.oilsands.alberta.ca/>. Um documentário excelente mostrando a escala massiva de desenvolvimento das areias de alcatrão em Alberta é de Peter Mettler de 2010 “Petropolis: Aerial Perspectives on the Alberta Tar Sands.”

⁴⁴ Esse quadro é de 1 de abril de 2010. A estimativa populacional de Alberta está disponível em: <http://www.statcan.gc.ca/daily-quotidien/100628/dq100628a-eng.htm>.

⁴⁵ Estimativa populacional para áreas urbanas de 2009 e encontrada em CANSIM, na tabela 051-0046, Stats Canada.

quase 16% de estrangeiros.⁴⁶ Alberta se tornou a provincial da energia do Canadá depois de 13 de fevereiro de 1947, quando ser Leduc #1 o número 1 do petróleo marcou o início de um novo estágio do desenvolvimento econômico, que sempre foi caracterizado por ciclos altos e baixos da indústria de petróleo e de gás.

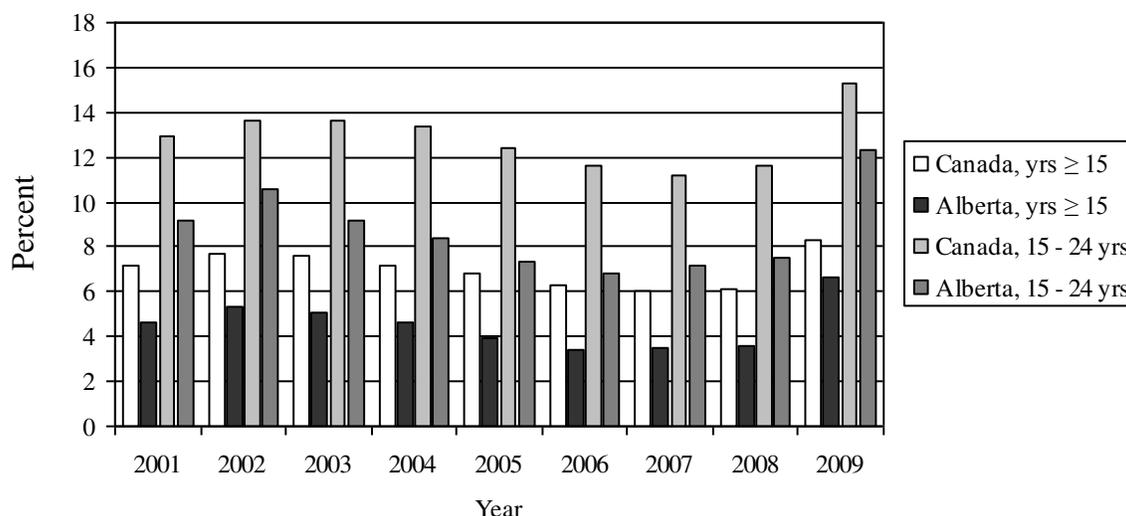
Curiosamente, Alberta tem a menor taxa de sindicalização do Canadá, uma realidade que provavelmente é atribuível, pelo menos em certa medida, à Lei do trabalho fraco provincial (McGowan, 2010; AFL, 2005b: 73; Lynk, 2009). Cerca de 22% dos trabalhadores são membros de um sindicato, enquanto 24% são cobertos por um acordo coletivo e a sindicalização tem aumentado ligeiramente ao longo dos últimos anos (Statistics Canada, 2006: 21). A baixa densidade sindical está correlacionada com o fato de os trabalhadores Albertanos ter a menor proteção e direitos de participação em comparação com outras jurisdições canadenses (Tucker, 2003: 419). Os direitos trabalhistas em Alberta eram bastante enfraquecidos em 1988, de acordo com a preferência do governo conservador provincial, que anulou o sistema de verificação por cartão de ponto para formar um sindicato em prol da eleição amigável obrigatória dos empregadores (Lynk, 2009: 135).

1.17.1 Baixas taxas e curta duração do desemprego; salário mínimo e recessão

Entre 2000 e 2006, Alberta teve o menor índice de desemprego em todo o Canadá; caindo de 5.0 para 3.4% durante o período, bem abaixo da média nacional em 2006, de 6.3% (Akyeampong, 2007: 8).

⁴⁶ Mais de 18.5% da população de Edmonton são estrangeiros, enquanto a de Calgary é maior, 23.5%. dados diversos de perfis da comunidade de 2006, acessadoem 18 de Julho de 2010:

Figura 2. Índices de desemprego totais e de jovens; Alberta comparada com a média nacional



Fonte: Tabela do autor usando dados da tabela CANSIM 109-5304, Statistics Canada.

Além disso, a duração média do desemprego enfrentado por empregados parados em Alberta foi quase o mais baixo no Canadá, de 10,5 semanas, bem abaixo da média nacional de 16,7 semanas (*Ibid*: 9).

Desde o início da recessão no final de 2008, a força de trabalho de Alberta passou a maior proporção de perdas de emprego em comparação com qualquer outra província canadense. No primeiro ano da recessão, ou a partir de Outubro de 2008 até outubro de 2009, 68.000 empregos foram derrubados, ou 3,3% do emprego total, bem acima da média nacional de 2,3% no mesmo período (LaRochelle-Côté, 2009: 6). Apesar de Alberta ter sido proporcionalmente a mais afetada de todas as províncias com os efeitos da recessão mundial, ela continua a ter uma das menores taxas de desemprego no Canadá, de 6,7% em junho de 2010 - um número comparável ao da taxa média de desemprego nacional antes da recessão e ainda bem abaixo da média nacional atual de 7,9%.⁴⁷

Outro meio útil de examinar a situação do emprego na província é através do salário mínimo, especialmente tendo em conta que os jovens, mulheres e imigrantes recentes representam a maioria dos trabalhadores que ganham um salário mínimo (Statistics Canada,

<http://www12.statcan.gc.ca/census-recensement/2006/dp-pd/prof/92-591/index.cfm?Lang=E>.

⁴⁷ Figuras recentes do desemprego do ultimo lançamento sobre a força de trabalho da Statistics Canada de Junho de 2010, disponível em: <http://www.statcan.gc.ca/subjects-sujets/labour-travail/lfs-epa/lfs-epa-eng.pdf>.

2010: 17). Em US\$ 8.80/hr, o salário mínimo em Alberta é atualmente o quarto mais baixo entre as províncias e territórios.⁴⁸ Ainda em 2009, Alberta tinha, *de longe*, a menor proporção do total de empregados ganhando o salário mínimo provincial, apenas 1,3%, representando cerca de 22.100 trabalhadores (Statistics Canada: 2010: 15). Tradicionalmente, poucos trabalhadores ganham tão pouco como o salário mínimo em Alberta e isso se manteve inalterado durante a recessão. Enquanto os empregos que pagavam menos tenham sido os mais prováveis de serem perdidos durante a crise econômica (houve uma mudança de -24,9% no número de empregos com salário mínimo em todo o país durante o ano seguinte, acompanhando o pico do emprego em outubro de 2008), Alberta usufruiu de uma baixa proporção de trabalhadores que ganham perto do nível do salário mínimo, o que significa que havia menos trabalhadores com baixos salários em Alberta que poderiam esperar ser tão afetados pela recessão e pelas perdas de emprego, como as populações vulneráveis que estavam em outras partes do país (LaRochelle- Côté, 2009: 9).

1.17.2 As areias de alcatrão e a ‘abordagem de Alberta’ para o desenvolvimento

Até a recessão, o emprego nos setores da construção e de recursos naturais de Alberta foi crescente: Entre 2002 e 2005, o emprego nos recursos naturais aumentou em Alberta por pouco menos de 40.000, um ganho de cerca de 15%. O crescimento foi liderado pelo petróleo e gás de Alberta. A importância atual e crescente de petróleo, mineração e extração de gás para a economia de Alberta é difícil de subestimar: Em 1998, o petróleo, a mineração e extração de gás representaram 15,3% do PIB de Alberta, crescendo para 30,9% em 2006 (CAD \$ 71000000000 do PNB provincial de US\$ 230 bilhões).⁴⁹ A nível

⁴⁸ O salário mínimo de Alberta era o mais baixo do país, em \$5.90/hr, antes de subir em 2005 para \$7.00/hr. Em setembro de 2007, o governo providencial aumentou o salário mínimo para \$8.00/hr e anunciou uma decisão de implementar aumentos anuais em 1 de abril, indexados a mudanças no salário médio semanal. Em abril de 2008, o aumento atingiu \$8.40/hr e em abril de 2009, \$8.80/hr. Em fevereiro de 2010, no entanto, o governo anunciou que congelaria o salário mínimo e sucatearia os aumentos anuais. Veja por exemplo, Liebrecht, Richard (2010) “Minimum Wage Frozen,” *The Edmonton Sun*, 15 de julho de 2010, acessado em: <http://www.edmontonsun.com/news/alberta/2010/02/05/12761496.html>.

⁴⁹ A mineração, o petróleo e extração de gás contam como a maior indústria única de Alberta. Grande parte da produção é destinada para exportação e os Estados Unidos é o cliente mais importante do Canadá. A importância deste setor para a economia de Alberta é evidente quando se considera que, em Ontário -

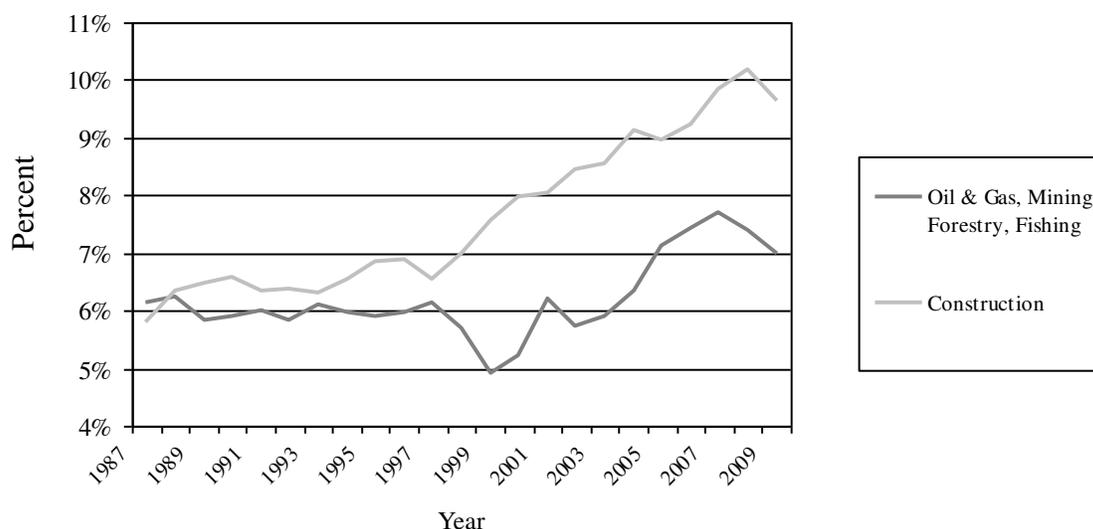
nacional, os recursos naturais representam apenas 2% do emprego, no entanto, em Alberta, os 127 mil empregos em recursos naturais, responsáveis por 7% do emprego total da província em 2005 (Ferreira, 2006: 8). O preço disparado do petróleo nos últimos anos, que estabeleceu novos registros máximos de todos os tempos de 2005 a 2008, forneceu o ímpeto para maciços investimentos privados nas areias de alcatrão. O crescimento da produção nas areias de petróleo desde 2000, na realidade, compensou completamente e superou o declínio da produção (devido às limitadas reservas) de petróleo convencional - devido, nomeadamente, que o petróleo convencional atingiu o pico em 1998 no Canadá e a produção de gás se estabilizou em 2002 (Environment Canada , 2010: 3).

Assim, o emprego na área do óleo de Alberta saltou em cerca de 30% para o período de 2002 a 2005. Até o final de 2005, as regiões de Athabasca, Grande Prairie e Peace River teve o mercado de trabalho mais quente do país, com uma taxa de desemprego de apenas 2,2% (Ferrão, 2006: 8). No entanto, a recessão teve um impacto: Novos projetos para a construção de areias de alcatrão foram adiados, como plenos três quartos, ou aproximadamente sete do que estavam previstos anteriormente para 2009 foram adiados, entre Dezembro de 2008 e fevereiro de 2009, a economia da província derrubou 36 mil empregos de tempo integral e sindicatos de construção, o que, poucos meses antes tinha sido difícil encontrar pessoas suficientes com especialização em serviços gerais para atender à demanda do mercado de trabalho, eles correspondiam cerca de 12.000 membros fora de trabalhos (Alberta Federação do Trabalho, 2009b: 10, 20).⁵⁰

província para o estudo de caso no capítulo seguinte - a mineração, o petróleo e o gás conta por apenas cerca de 1% do PIB da província. Também vale sinalizar que, enquanto o emprego na indústria da construção de Alberta aumentou com o boom, a participação da construção no PIB da província se manteve relativamente constante, em torno de 5% (cálculos do autor com base nos dados da Statistics Canada CANSIM Tabela 381-0015).

⁵⁰ sindicatos da construção civil em geral coordenam diretamente com os empregadores, em resposta às necessidades de trabalho e seu papel de apoio aos empregadores das areias de alcatrão tem sido ainda mais importante, dado o mercado de trabalho incrivelmente apertado e a alta demanda de pessoas qualificadas nos comércios em Alberta. Como McGowan (2010) afirma que "quando se trata de quase todas esses novos projetos de construção das areias petrolíferas, eles não poderiam ser construídos sem o sindicato." Em uma conversa telefônica de Abril de 2010, um oficial do sindicato da divisão do CEP, e CMAW, disse ao autor sobre o papel de dirigir o seu sindicato tem desempenhado no fornecimento da força de trabalho necessária para o projeto da Horizon Canadian Natural Resources Limited's, cuja construção começou em 2005 e a produção de petróleo começou no início de 2009. A construção está prevista para continuar até pelo menos 2015, a um custo total estimado em CAD \$ 26 bilhões, embora os orçamentos como esses possam ser

Figura 3. Aumento da participação do emprego nas indústrias extrativistas e de construção



Fonte: Gráfico do autor utilizando dados da tabela CANSIM 282-0061 - Statistics Canada.

O governo provincial baseou-se fortemente no setor de energia para atuar como motor econômico para a província, ao mesmo tempo, as areias de petróleo tornaram-se um recurso de importância geopolítica: as exportações de petróleo e de betume para os EUA estão se expandindo rapidamente, enquanto a China tem comprado concessões significativas das areias de petróleo de Alberta e está aplicando um projeto novo de gasoduto próprio para transportar o petróleo de Alberta através do Pacífico.⁵¹ A abordagem do governo

extremamente subestimados devido ao aumento dos custos (Canadian Natural Resources Ltd., 2010: 1). Não é só o Projeto Horizonte, por conseguinte, um dos projetos de construção mais caros da América do Norte, é também o primeiro projeto de areias petrolíferas que possui seu próprio aeroporto, capaz de lidar com grandes jatos comerciais. Historicamente, o trabalho migrou de seu próprio acordo de Alberta em áreas deprimidas do país, tais como as províncias do Atlântico, mas os projetos têm exigido que os sindicatos ativamente recrutem e coordenem as forças de trabalho para seus empregadores. Recentemente, por exemplo, o CEP-CMAW aproveitou a contínua demanda por firmar um acordo com o FTQ em Quebec, para voar entre 500 e 1.400 comércios francófonos em voos charter semanais de Montréal ao local de trabalho Horizon. A escala de 20 dias trabalhando / 8 dias fora tem sido atraente para os trabalhadores Québécois vindos de cidades devastadas por madeireiros da crise florestal, como eles podem trabalhar sem ter que mudar com sua família simplesmente vão para Montreal em um voo regular. No auge do boom mais recente, entre 40.000 e 60.000 trabalhadores das construções foram empregadas e 30.000 estavam sindicalizados (McGowan, 2010). O boom da construção civil tem desempenhado um papel na expansão do Programa de Política Externa Temporária para o Trabalhador (AFL, 2009a; Foster, J, 2009). A evidência anedótica como a acima, ajuda a retratar a grande escala sobre a qual o desenvolvimento está ocorrendo em Alberta e seu impacto sobre o mercado de trabalho.

⁵¹ Durante o período de 2003-2008, as exportações de óleo bruto – a maioria para os EU – aumentaram em 17 por cento enquanto a produção bruta aumentou em 10 por cento (Environment Canada, 2010: 2). Essas figuras não incluem exportações de betume. Um grande número de empregos valiosos no óleo está sendo perdido no

conservador provincial para o desenvolvimento tem sido caracterizado como *laissez-faire*, que pode talvez ter sido melhor resumida nas palavras do atual Premier Ed Stelmach, quando em uma entrevista com o *Edmonton Journal*, no final de 2006 sobre a expansão das areias petrolíferas, afirmou que "Não há nada como pisar no freio. O crescimento da economia - que vai se resolver sozinho. Nós apenas queremos ter certeza de que estamos globalmente competitivos"(McLean, 2006; Foster, J, 2007).

Ênfase na competitividade global e no crescimento desenfreado, sem maior integração com preocupações ambientais, comunitárias e da saúde, através de uma regulamentação suficiente da indústria, levou a uma série de impactos negativos significativos. As emissões de gases do efeito estufa do Canadá continuam a subir, apesar de ser uma festa para a Convenção sobre Mudanças Climáticas das Nações Unidas (UNFCCC) e são obrigados a cumprir metas de redução de emissões estabelecidas no Protocolo de Quioto. As areias de alcatrão de Alberta, enquanto responsáveis por uma fração do total de emissões, representam a única fonte de crescimento mais rápido das emissões no país. Na verdade, em 2006, Alberta respondeu por 32,6% do total de emissões de GEE do Canadá (Environment Canada, 2010: 4), mas por apenas 17% do PIB e por aproximadamente 10% da população.⁵² Uma comunidade pequena das Primeiras Nações, a Fort Chipewyan, mais ou menos 200km abaixo do rio Athabasca River dos desenvolvimentos das areias betuminosas, está reportando formas de câncer 30% mais freqüentes do que a população geral;⁵³ os pescadores lá pescam peixes carregados de substâncias tóxicas e os níveis de água têm caído devido às exigências de aprimoramento

Canadá por causa das exportações de betume para os Estados Unidos, como Enbridge's *Alberta Clipper* pipeline, surgindo em 2010 e TransCanada's *Keystone* pipeline, ambas aumentam o volume de exportações totais de óleo para o Centro-oeste dos EU, para atingir a demanda de refinarias existentes dos EU que estão sendo convertidas para lidar com o betume de Alberta (Alberta Federation of Labour, 2009b: 19, 23). Novos gasodutos para a costa oeste do Canadá, como o *Gateway* pipeline, estão sob revisão da Chinesa National Petroleum Corporation que claramente pretende enviar tanques de óleo de Alberta para a China a partir de sua crescente capacidade de produção no norte da província (McCullough, 2010).

⁵² O PIB do Canadá em 2006 foi estimado em CAD \$1.353 trilhão, enquanto Alberta contribuiu com CAD \$230 bilhões (da tabela CANSIM 379-0025, Statistics Canada).

⁵³ Veja, por exemplo, "Comprehensive review of Fort Chipewyan cancer rates announced," *Canada Broadcasting Corporation News*, 22 de Maio de 2008, acessado em: <http://www.cbc.ca/canada/edmonton/story/2008/05/22/edm-fort-chip.html>.

do betume.⁵⁴ No que se tornou um símbolo bem conhecido dos problemas ambientais relacionados com o financiamento provincial e os cortes de pessoal para o monitoramento e cumprimento dos regulamentos ambientais aplicáveis às operações nas areias de petróleo, mais de 1.600 patos migratórios morreram em 28 de abril de 2008, na lagoa de rejeitos tóxicos de *Aurora* da gigante petrolífera Syncrude no norte de Alberta, cerca de 75 km ao norte de Fort McMurray.⁵⁵

A “abordagem de Alberta” do desenvolvimento, o que equivale à indústria de auto-regulação, ou melhor, regulação frouxa, reuniu fortes críticas de uma série de interesse público, grupos ambientais e trabalhistas. A Federação do Trabalho de Alberta tem defendido, em prol dos trabalhadores da província e em favor de um modelo de desenvolvimento baseado em vez de em uma regulamentação adequada e um crescimento controlado, na distribuição justa da riqueza e até mesmo nas ações para proteger e melhorar o ambiente natural.

1.18 A Federação do Trabalho de Alberta – História e meio ambiente

A convenção inicial da Federação do Trabalho de Alberta foi realizada em Lethbridge, em junho de 1912.⁵⁶ Nos anos anteriores à Primeira Guerra Mundial, a agenda política da AFL estava focada em fazer os governos legislares políticas para melhorar a segurança no trabalho e eliminar o trabalho infantil, enquanto depois da guerra, tenha se focado na implementação dos salários mínimos e semanas de trabalho mais curtas. A AFL tem uma

⁵⁴ Um número de episódios da web do site “Petropolis” contém dados qualitativos valiosos sobre os impactos das areias de alcatrão, como o acima, na forma de depoimentos, visto em: <http://www.petropolis-film.com/#/videos/webisodes/>. Entrevistas foram feitas com membros da comunidade, cientistas do clima, médicos, ativistas e fazendeiros. Além das descrições de quantidades massivas de água exigidas para o aprimoramento do betume, informações estão incluídas sobre a expansão projetada para o desenvolvimento das areias betuminosas, que espera-se triplicar para três milhões de barris por dia, se não quadruplicar, até 2020 (Foster, J, 2007; Thompson, 2010). Um crescimento negativo correspondente nos impactos sociais e ambientais também é alto.

⁵⁵ Encargos nasceram contra Syncrude não pelo governo, mas sim por um cidadão e quando a empresa foi considerada culpada de não ter o devido cuidado em evitar que as aves se aproximassem da água de resíduos tóxicos, a empresa entrou com um recurso contra o veredicto. Veja: "Syncrude culpada por mortes de patos em Alberta", Canadian Broadcasting Corporation, 25 de junho de 2010, em: <http://www.cbc.ca/canada/edmonton/story/2010/06/25/edmonton-syncrude-duck-trial-verdict-expected.html>.

⁵⁶ Informação histórica básica nesse parágrafo é resumida do site do Instituto da História do Trabalho de Alberta, acessado em junho de 2010: <http://www.labourhistory.ca/>.

história de envolvimento comunitário direto, como durante a recessão de 1980s estabeleceu ‘centros de ação do emprego’ pela província, que ofereceu uma variedade de serviços – como capacitação profissional, ajuda para encontrar comida e abrigo e organização contra os cortes provinciais - para os trabalhadores desempregados ou que não pertenciam a um sindicato. Os esforços para apoiar os trabalhadores assumiram a forma de campanhas, como quando em 1986, que a AFL fez uma para aperfeiçoar as leis trabalhistas para os trabalhadores de Alberta no surgimento da greve das Carnes Gainer pelo Sindicato dos Comerciantes e trabalhadores de carne (TCAU).⁵⁷ Algumas dessas campanhas ocorrem através de amplas coligações da comunidade, como quando, em 1988, a AFL e os sindicatos ajudaram a formar a rede ‘Pro-Canadá’ para se opor ao livre comércio com os EUA e a tomar ações em 1990 contra a criação de um imposto de consumo regressivo, do Imposto sobre Mercadorias e Serviços (ICMS). Em alguns casos, os trabalhadores têm sido apoiados através da criação de novas instituições, como quando em 1983, a AFL fundou o Centro de Saúde dos Trabalhadores de Alberta, ou em 1999, quando apoiou a criação de um novo Instituto Histórico do Trabalho de Alberta. Uma das principais formas que a AFL tem atuado tanto para concertar a comunidade e em defesa dos interesses dela nas últimas décadas tem sido a sua defesa e as campanhas para garantir a melhoria da saúde pública em face da ameaça de privatização. Em 2000, o governo conservador provincial liderado pelo Premier Klein conseguiu aprovar o projeto de lei 11, que permitiu reformas da saúde com fins lucrativos limitadas depois de anos de subfinanciamento do sistema público de saúde. A AFL desempenhou um papel fundamental na pesquisa e na organização de protestos, que, nomeadamente, forneceram uma base e experiências recentes para trabalhar em coligação, juntamente com um grupo diversificado e frouxamente ligado de organizações de cidadãos, estudantes e grupos de idosos, amigos do Medicare, comunidade acadêmica, prestadores de cuidados de saúde e sindicatos.

⁵⁷ Foi dado ao avô do autor um relógio de ouro por sua aposentadoria na Gainer’s Meats em Edmonton por mais de 25 anos de service, o que serve como um símbolo das mudanças do emprego sob o capitalismo entre a era de ouro das políticas de bem estar Keynesianas e da fase neoliberal. Os trabalhos são decididamente mais precários (Rodgers, 1989) agora do que eram na época de meu avô com um emprego de período integral nas premissas de seu empregador, com condições de trabalho e uma pensão garantida definida por acordos coletivos com o sindicato. Devo ficar surpreso se receber um relógio de ouro, exceto como herança de meu avô.

1.18.1 Atual composição e governança

A AFL é atualmente composta de 29 sindicatos, divididos entre 192 seções locais, tanto dos setores públicos quanto privados, que porcionam a ela os fundos através das adesões pela cobrança de uma base per capita; juntas, esses afiliados representam 135.376 trabalhadores da província (AFL, 2009d: 5). O maior sindicato em Alberta, o Sindicato dos Funcionários Públicos de Alberta (AUPE), com quase 70.000 membros, não é membro da AFL desde que votou pela desfiliação em 2006. Apesar da ausência do maior sindicato do setor público, as adesões do setor público da AFL têm uma pequena maioria sobre o setor privado.⁵⁸

A AFL é regida por sua convenção, que acontece em maio a cada dois anos em Calgary ou Edmonton. A Convenção elege um Presidente e um Secretário-Tesoureiro - que trabalham tempo integral no escritório em Edmonton - e, juntamente com os cerca de 25 membros do Conselho Executivo, funciona a organização através de reuniões várias vezes por ano. A AFL também realiza trabalho através de suas nove comissões permanentes, tais como: Educação, Direitos Humanos e Solidariedade Internacional, de Ação Política; Mulher; Trabalhadores de Cor e Trabalhadores Indígenas; Jovens; Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais; Saúde e Segurança e, a mais importante para o presente estudo, uma Comissão de Meio Ambiente. A Comissão do Ambiente, como as outras, tem uma associação aberta preenchida por "qualquer pessoa filiada a um sindicato em boas condições [...] e cujo sindicato está disposto a pagar de seu modo" (McGowan, 2010: 2). Como afirma o site da AFL, tanto do mandato da Comissão do Ambiente e do

⁵⁸ Dos 29 sindicatos membros, 20 são do setor privado e 9 do público. No entanto, seria um erro concluir nessa base que a AFL é dominada pelo setor privado quando a votação de regras e a atribuição de delegados são baseadas em um total de membros afiliados de mais de 1.000 trabalhadores. Há apenas 8 sindicatos do setor privado com mais de 1.000 pessoas e 7 do setor público com mais de 1.000. Cada um desses sindicatos tem dois delegados atribuídos dos quais um deve ser uma mulher, e o outro, homem. Todos os sindicatos remanescentes (com adesões menores que 1.000) elegem só dois delegados deles para representar a totalidade. Como resultado, as diferenças de gênero e a proveniência pública/privada deveria em tese, não ser um problema para adotar resoluções nas convenções, no entanto: a adesão total da AFL permanece levemente enviesada a favor do setor público (com quase 74.700 membros contra 60.600 do setor privado); Posteriormente, o atual comitê executivo é composto de aproximadamente 20 mulheres e 12 homens, o conselho executivo de 9 e 8 respectivamente (estimativa do autor baseada na AFL (2009d: 5) e listas de membros do conselho executivo).

trabalho são conduzidos por duas principais políticas, uma com base ambiental e outra focada nas mudanças climáticas.

1.18.2 Políticas ambientais-chave e abordagem alternativa para as areias betuminosas

A declaração da AFL sobre sua primeira política ambiental é a "Política Ambiental do Papel", intitulada *nossas crianças de Alberta: Lutando por empregos e pelo meio ambiente*, aprovada em 1999, na Convenção Bial. ⁵⁹ O documento de quinze páginas tem uma orientação prática e informativa e é dividido em duas colunas, uma para o texto principal e uma outra margem onde breves citações dos documentos de política ambiental do USW, IWA, CEP, e CLC estão dispersas entre sete declarações de ação, comprometendo a AFL, por exemplo, para "se empurrar para um papel renovado do governo na fiscalização e policiamento das leis e regulamentos ambientais", ou "defesa de um programa de incentivo à utilização de tecnologias e processos mais limpos" (AFL, 1999: 10 , 11). O relatório apresenta um esquema básico ou estrutura para uma perspectiva de trabalho de Alberta sobre o meio ambiente, que parece totalmente coerente com outras políticas da CLC e é escrito com a óbvia influência do CEP (por causa da explicação e ênfase na transição justa, que ocupa duas seções da página), entre outros sindicatos.

A primeira política fornece uma visão geral dos problemas ambientais, ou "desafios", dividindo-os em quatro grandes categorias: 1) a poluição 2) degradação da atmosfera, 3) as espécies ameaçadas e habitats e 4) extração de recursos. ⁶⁰ Este quarto desafio é subdividido em recursos renováveis e não renováveis, afirmando que o uso de combustíveis fósseis tem sido implicado no aquecimento global, o dilema central sendo como buscar, cuidadosamente, mas constantemente, formas alternativas de energia (AFL, 1999: 4). O artigo seguinte indica como os problemas ambientais são abordados pela perspectiva do "desenvolvimento sustentável", como os encontrados no Relatório Brundtland de 1987

⁵⁹ O título da política ambiental da AFL evidentemente significava evocar *Our Children's World*, a política ambiental de marca registrada da USW, que foi adotada em sua 25ª Convenção Constitucional em Toronto em agosto de 1990 e atualizada recentemente em 2006 sob o novo título "Assegurando o mundo das nossas crianças: nosso sindicato e o meio ambiente" (USW, 2006; King, 2010: 1).

⁶⁰ A influência da perspectiva de pessoas como a de Bennett's (2007) "ambientalistas sindicais" é evidente nessa divisão de categorias, para isso, não são destacados apenas problemas diretamente impactando os trabalhadores, mas também aqueles para os quais o meio ambiente é considerado por sua própria causa, como a preocupação com a vida selvagem.

(*Nosso Futuro Comum*) e coloca esta noção como "questão fundamental", afirmando que a política da AFL aborda menos as soluções e mais os processos na busca de soluções "(AFL, 1999: 11).⁶¹ “Estratégias” de curto e longo prazo para o trabalho são propostos, que são, finalmente, enumerados em uma lista de objetos destinados a orientar o processo para encontrar soluções: 1) a igualdade entre os parceiros (capital, trabalho, governo), 2) qualidade de vida como prioridade absoluta; 3) medir o impacto humano sobre o ambiente; 4) a mudança da economia para as novas áreas sustentáveis em crescimento; 5) a tomada de decisões a longo prazo (horizonte de 25 anos).

Algumas áreas específicas de ação são indicadas, incluindo: 1) educar os membros, 2) inclui uma análise do ambiente em lobby, 3) desenvolvimento de relações com grupos ambientais, 4) negociar cláusulas verdes, os direitos ambientais e a transição justa nos acordos coletivos com empregadores e 5) organizar os trabalhadores nos empregos verdes emergentes para os sindicatos; 6) participar de atividades ambientais da CLC e 7) desenvolver uma política.⁶²

O trabalho de Alberta é afirmado na declaração de política como um único ator original distinto tanto capital ('de negócios') quanto ambiental. A posição do trabalho é representada como aquela que tem uma vantagem sobre todos os outros por ser capaz de incorporar o bem-estar econômico e a proteção ambiental. A ‘Rica história’ da contribuição sindical para a proteção ambiental em Alberta é para ser lembrada, embora nenhum exemplo específico do passado tenha sido indicado e apenas dois a partir da data do relatório foram incluídos.⁶³ Finalmente, enquanto os empregos vs. mentalidade ambiental são mencionados superficialmente – “quando trata de questões ambientais como ativismo sindical, não entramos em pânico e não tememos que isso seja o fim de nossos empregos” –

⁶¹ Com exceção dessa política, a noção de *processo* só foi referida por alguns informantes e então, muito mal (Thompson, 2010: 9, Jones, 2010: 1; McGowan, 2010: 3, 6).

⁶² Com importância, o item 3) “Desenvolvendo ligações” expõe a base para a ação conjunta com ONGs e estados: “Como fazemos em outras questões como os cuidados de saúde ou justiça social, precisamos começar a estabelecer ligações com os grupos ambientais que desejam trabalhar conosco e com nossas questões. [...] É importante que os grupos com quem trabalhamos possam entender nossa perspectiva única” (AFL, 1999: 13).

⁶³ Os exemplos fornecidos do contexto do trabalho em Alberta, incluindo o trabalho ambiental, primeiro, os esforços da CUPE Local 474 dos depósitos da escola pública de Edmonton ao estabelecer programas de

nenhuma descrição informativa de trabalho de chantagem ou análise do papel do governo, do capital ou da mídia no medo da perda de emprego na manufatura foi fornecido.

Além de sua política ambiental, a AFL, mais recentemente, aprovou um documento de "política para a mudança climática" (AFL, 2007a), que entrou, tanto durante o pico do boom das areias de petróleo e numa altura em que, como observado no Capítulo Três, quando muitos por todo o Canadá falavam contra o governo federal conservador de PM Harper por não levar o problema da mudança climática a sério. Este documento de doze páginas, ao contrário da política ambiental, inclui uma seção de referências e cita, em particular, dados encontrados nos relatos de cientistas e ativistas, do IPCC, do Instituto Pembina e Fundação David Suzuki. Ele começa explicando o problema das alterações climáticas, indicando que o debate (sobre se a mudança climática é causada pela atividade humana ou não) é longo e também apresenta alguns dos impactos previstos de agravamento do efeito estufa. O documento corretamente indica que o Canadá, em uma base do PIB per capita, é o pior emissor mundial de gases do efeito estufa, e, no interior do país, Alberta é o pior, principalmente por causa das areias petrolíferas, mas também devido à geração de energia a carvão e ao transporte.

De longe a parte mais interessante do trabalho é a análise das causas de nosso problema atual, afirmando que ele foi criado por nossa dependência estrutural dos combustíveis fósseis (AFL, 2007a: 3-5); Essa dependência estrutural é de natureza econômica e a empresa é acusada, por seu foco estreito sobre o lucro e a produtividade, de ser incompatível com a sustentabilidade ambiental; o capitalismo (chamado de "nosso modelo econômico") é igualmente criticado por só funcionar por meio de constante crescimento e período de crises econômicas ", mas um crescimento constante exige cada vez mais produção, consumo e população. Todos eles têm consequências ambientais negativas "(AFL, 2007a: 4). A aliança de capital e do Estado também é acusada:

Ao instalá-la mais abruptamente, aceitando uma ideologia de livre mercado liberal, escolhemos depositar nossa fé na previdência de corporações, empresários e especuladores para fazer 'o que é cert' para o planeta [...] Os governos geralmente são parte do problema mais do que a solução. O simples motivo é que nossos governos estão comprometidos [...] e não tiram vantagem das ferramentas a sua

reduzir gastos, aumento da reciclagem e melhora da eficiência da energia; segundo, como a AUPE foi um forte defensor de parques públicos e de áreas desertas (AFL, 1999: 7).

disposição para criar a mudança [...] As relações do governo de Alberta com o desenvolvimento das áreas petrolíferas é um estudo de caso perfeito do compromisso do estado (AFL, 2007a: 4, 5).

A Política de Mudança Climática também passa a criticar o papel dos indivíduos imersos em uma cultura de consumismo e comodidade por suas consequências ambientais negativas.

Para abordar diretamente a contradição fundamental do capitalismo e da ecologia, bem como a questão do consumo, o documento é mais agressivo no tom e possui uma análise mais penetrante das causas de nossos problemas ambientais que a Política Ambiental anterior. No entanto, as soluções propostas (especialmente as três recomendações para ações da AFL), enquanto mais específicas e concretas do que o "processo" de mudança enunciado em *Our Children's Alberta*, são incomensuráveis com a análise dos problemas levantados (os da aliança do Estado e capital ou a dependência do crescimento e consumismo). Nem a quantidade de propostas são um desafio à ideologia do livre mercado.

A recomendação n° 1 indica que a AFL exija que os governos provinciais e federais mantenham um firme compromisso com Quioto, construam um plano de ação para atingir os seus objetivos, que incluem um programa de transição justa para os trabalhadores deslocados, declarar uma moratória sobre novas usinas de carvão e melhorar metas de emissões de GEE. A recomendação n° 2 requer que a AFL "faça mais para aumentar a consciência entre os nossos membros sobre o risco da mudança climática" e participe de atividades educativas, campanhas de sensibilização e prepare os materiais educativos específicos de Alberta. A recomendação da terceira e última tornaria a AFL verde em suas próprias práticas, comprometendo-se a "custo total" ou o triplo de contabilidade da linha de fundo, a realizar uma auditoria energética de suas práticas alterando seu curso e as políticas de veículo (AFL, 2007a: 10 -11).

Se as três ações com que a AFL se compromete não forem suficientes para resolver os problemas evocados, é verdade que o documento inclui também algumas outras soluções em duas grandes categorias: "melhorar as coisas" e "fazer as coisas de forma diferente", montante que a uma lista de maneiras a sociedade terá que mudar, incluindo itens como "programas compreensivos para abranger edifícios residenciais adaptados, políticas para

exigir que a indústria atualize a infra-estrutura", "encerrar os subsídios para as indústrias de combustíveis fósseis", "revisar os programas de comércio de emissões já que não demonstraram nenhum sucesso na redução das emissões a nível mundial" e "compromisso sério para melhorar o transporte público" (AFL, 1997a: 8). Não apenas o sistema tributário deva ser reformulado para reconhecer as emissões de carbono e internalizar os custos das emissões de GEE, mas algumas soluções voltadas especificamente para as areias betuminosas são propostas, como desacelerar o ritmo de desenvolvimento e reduzir as exportações para os EUA, que reconhecidamente "vai exigir a eliminação ou alteração da 'cláusula de proporcionalidade' no NAFTA" (AFL, 2007a: 9).

Além das duas políticas descritas acima que tratam exclusivamente do ambiente, a AFL incorporou preocupações ambientais em outras publicações e, em particular com o seu extenso trabalho em torno da crítica sobre a atuação do governo para o desenvolvimento das areias betuminosas. A AFL não discute fechar as areias betuminosas - talvez a postura ambiental mais forte possível -, mas sim melhorar a sua regulação e o controle do ritmo de seu crescimento (McGowan, 2010; Jones, 2010). A visão ambiental da AFL para as areias betuminosas é evidente, por exemplo, em uma seção de "Ouro Negro, Visão Clara" (AFL, 2008: 4, 5), que critica o "plano verde" provincial do governo para estabelecer metas de redução das emissões de GEE abaixo do que é exigido pelo Protocolo de Quioto, e propõe uma série de soluções, tais como: exigir que o governo se comprometa a tornar o carbono das areias betuminosas neutro, utilizando a captura de carbono e tecnologias de armazenamento;⁶⁴ construindo direitos denervação verde do betume na província, que institui uma "secretaria provinciana das areias betuminosas" para monitorar os efeitos cumulativos dos projetos das areias e aconselhar o governo e exigir relatórios mais detalhados e acessíveis ao público por parte da indústria.

1.19 O presidente da AFL e o meio ambiente

Os ex-presidentes da AFL lidaram com as questões ambientais: Audrey Cormack foi o co-presidente da Comissão do Meio Ambiente da CLC em 1999-2001 (AFL, 2001: 3) e Les

⁶⁴ Esses itens são comuns nas declarações da AFL e do CEP (2008: 7) *Política de energia*.

Steel estava envolvido no lobby do governo federal no final de 2002 para ratificar Quioto.⁶⁵ A AFL, como seu atual presidente Gil McGowan (2010: 7) afirma, foi de fato o primeiro a primeira federação provincial do trabalho a apoiar o Acordo de Quioto, uma decisão que causou alguns desencontros entre suas filiais de recursos, mas gerou um debate, cujo resultado também tornou possível que ele depois cometesse a AFL a avançar com um relatório de Empregos Verdes em 2008-2009.

Embora McGowan é creditado por desempenhar um papel fundamental para garantir que Alberta tivesse o seu próprio relatório de empregos verdes, seu foco principal e realização até a data tem sido melhorar o perfil público da AFL na mídia (Thompson, 2010: 7; Jones, 2010 : 10). Isso deve vir como nenhuma surpresa quando se considera a formação educacional e profissional de McGowan (2010: 1), uma vez que ele completou o seu mestrado em Jornalismo na notável Universidade de Carleton de de Jornalismo e Comunicação, com intenção criar sua carreira profissional como jornalista e serviu por dez anos como diretor de comunicação e pesquisa da AFL antes de ganhar a presidência em 2005.⁶⁶ Enquanto McGowan (2010: 1) tem uma extensa experiência de ativismo - no PND e como aluno - ele demonstra um baixo grau de experiência pessoal, especificamente no ativismo ambiental, afirmando que "em termos de coisas ambientais, eu nunca fui um membro ativo da alguma organização ambientalista. Eu tinha uma assinatura de revista do Greenpeace que era sobre ele".

Seu foco forte na mídia e no jornalismo às vezes interferiu até certo ponto na capacidade da AFL estimular campanhas populares / da comunidade e na realização de projetos a longo prazo, como percebeu-se que as assessorias de imprensa exigiam novas

⁶⁵ Veja o lançamento de 14 de Nov. De 2002 “Líderes trabalhistas encontram com o Ministro do meio ambiente hoje; Implementam Quioto – mas não deixam os trabalhadores para trás, diz Steel” acessado da página da AFL em novembro de 2009: <http://www.afl.org/pressroom/news/>.

⁶⁶ A história pessoal de McGowan é ligada de forma interessante às consolidações de massa da mídia do grupo Conrad Black Hollinger, que quando comprou a imprensa Southam Press, o tirou de trabalho de reporter temporário no jornal *Edmonton Journal*, o colocando em outro caminho: ele também foi um administrador de loja do *Canadian Press* e foi abordado pela CUPE para fazer algum trabalho de pesquisa sobre a privatização. O documentário canadense de 2004 por Debbie Melnyk, “Citizen Black” oferece uma introdução para o drama da consolidação da mídia do país.

questões que chamaram a atenção da mídia (Jones, 2010: 4, 9).⁶⁷ McGowan (2010: 15) reconhece essa mudança e a considera uma crítica justa, afirmando seus esforços para melhorar a situação:

Totalmente separado do arquivo ambiental, uma das coisas que eu vi como uma fraqueza no movimento operário e na Federação, em especial, é que nós não conseguimos atingir a comunidade o suficiente, nós não aproveitamos a nossa força real, que são nossos membros, apenas por seus números, certo? A Federação no passado e muitos dos nossos sindicatos se tornaram organizações, onde eles iriam produzir alguns bons materiais, organizar um bom evento, e então seria isso. Ao fazer isso, nós não vivemos todo o nosso potencial. Na verdade, estamos no processo de contratação de pelo menos uma pessoa e, possivelmente, duas, cujos postos de trabalho serão a organização de líderes comunitários. Então, se estamos lidando com questões de saúde, ou problemas de saúde e segurança, ou questões ambientais, uma coisa que vamos fazer mais é sair para as comunidades, conhecer pessoas, encontrar com os nossos membros, dar-lhes oportunidades para aprender algo mais sobre essas coisas e fazer algo sobre eles mesmos, ao invés de apenas me esperar para convocar uma conferência de imprensa na capital.

Mais para o seu crédito, McGowan argumenta fortemente a favor da formação de coligações em geral e também especificamente com os parceiros ambientais, fazendo-o, mais uma vez, focando a mídia: "descobrimos que é mutuamente benéfico, aprendemos mais e ganhamos credibilidade aos olhos do público e da mídia, alcançando além do trabalho." Grande parte do trabalho ambiental atual da AFL é conduzida pessoalmente por McGowan, baseado, em particular, em sua análise do que a província deveria fazer a respeito de energia e dos desenvolvimentos das areias betuminosas (Jones, 2010: 3), que brilha através dos relatórios de intervenção, como "Black Gold, Clear Vision" (AFL, 2008) e seu forte apoio para o relatório de Empregos Verdes. Dado que o relatório de empregos verdes foi talvez o único projeto ambiental mais significativo alcançado na história recente da AFL, a questão de qual papel a organização do Comitê de Meio Ambiente teve surge.

⁶⁷ A alta prioridade que as relações da mídia atribuídas sob a liderança de McGowan, às vezes ao detrimento do meio ambiente, educação e organização baseada na comunidade, é evidenciada em várias formas, uma sendo um exame cuidadoso e bem organizado da "sala de imprensa" no site da AFL, que inclui informações sobre os contratos da mídia, novos lançamentos, informativos arquivados (*Labour Bytes*), discursos, opinião e análise são artigos chamados "ponto de vista do trabalho," uma lista de artigos de jornal que mencionam a AFL, uma galeria de fotos e links do YouTube. No total, há aproximadamente 150 documentos da AFL nos noticiários, desde junho de 2008 até o presente, ainda que somente cinco têm qualquer relação como ambiente; e somente dois desses tratam dos empregos verdes e de colaborações ambientais trabalhistas.

1.20 Comitê de meio ambiente

1.20.1 História e composição

O comitê de meio ambiente da AFL foi formado no fim dos anos 1980s ou início dos 1990s.⁶⁸ Ele foi fundado por causa dos esforços de aproximadamente de cinco delegados em uma das convenções da AFL, inclusive o ambientalista do trabalho Eric Rosendahl (2010: 2), que explica:

Emu ma das convenções, falei bastante energicamente e tentei convencer o executive de que estava na hora de rtachar, porque até eles tinham se unido a um comitê com a saude e segurança e meio ambiente. [...] e o meio ambiente estava senpre no fem da lista.

Rosendahl agora está aposentado da West Fraser Timber, uma fábrica de cellulose e papel em Hinton, AB, onde ele foi dirigente do meio ambiente, saúde e segurança de seu sindicato, Local 855 do CEP. Saudando de um historic em parques, vida selvagem, e recursos externos, Rosendahl se frustrou com como as preocupações ambientais eram inadequadamente tratadas em seu ambiente de trabalho e pelos comitês de movimentos sindicais que combinavam o meio ambiente com a OH&S.

Eu sempre tive um problema com o fato de que a saúde e a segurança foram aneladas, ou juntadas, com o meio ambiente. O ambiente não obteve muito destaque, bem como muitas questões não foram tratadas. Eu tentei separar (Rosendahl, 2010: 1).

Juntamente com Olenuk, Rosendahl teve um papel integral na fundação de um comitê ambiental independente na AFL, que em seu esboço foi apoiado pelo representante de pessoal da AFL Lucien Royer (Rosendahl, 2010: 2).

⁶⁸ O primeiro document mostrou evidências de que o comitê ambiental estava nas resoluções da convenção de 1995 (AFL, 1995). O ano exato e circunstâncias da fundação do comitê ambiental eram impossíveis de serem acertadas pelo autor, que constitui dados pertinentes. Nenhum dos informantes ou outras pessoas contatadas foram capazes de fornecer informações mais precisas sobre os anos anteriores do comitê. Tendo revisado todos os documentos disponíveis, pedi a administradora de pessoal, Maureen Werlin por mais e descobri, infelizmente, que ela era incapaz de acessar documentos mais antigos em seu escritório por causa de uma incompatibilidade de software para os formatos dos arquivos. Lucien Royer, ex-formador da AFL recrutado para dar suporte ao comitê ambiental recentemente fundado também foi contatado. Dei seguimento com Rosendahl (2010) após nossa entrevista inicial e também esperava entrevistar Tom Olenuk, que seria um informante-chave, mas soube da morte súbita apenas poucos dias antes de tentar alcançá-lo em novembro de 2009. Olenuk era um ambientalista-chave do trabalho que servia como tesoureiro para a Rede Ambiental de Alberta (AEN), no Comitê Ambiental da AFL e no Conselho do Trabalho do distrito de Edmonton. Veja “Labour activist Olenuk mourned,” *CBC News*, acessado em dez. 2009 em: <http://www.cbc.ca/canada/edmonton/story/2009/11/27/edmonton-thomas-olenuk-obit.html>.

Durante os anos o comitê ambiental da AFL consistia de oito membros, às vezes até dez ou onze, mas tipicamente perde pessoas durante o curso, tanto que na época da convenção, o número total de pessoas do comitê (excluindo aquelas que serviam apenas em termo parcial) é de oito. Além desses delegados voluntários dos sindicatos afiliados da AFL, uma pessoa da equipe da AFL é atribuída como uma ligação ou apoio e ao Presidente e Secretário-Tesoureiro como ex-membros, ou seja, eles são membros da comissão de meio ambiente pelo simples fato do cargo eletivo que detêm (AFL, 2009c, 2007c, 2007b , 2005a, 2003a, 2001; McGowan, 2010: 13).

Na última década, o equilíbrio de gênero da Comissão do Ambiente foi completamente deslocado. Ela havia sido dominada em número esmagador por homens de 1999-2001 (8 homens e 1 mulher, que era presidente). Para os dois termos que abrangem 2001-2005, havia 6-7 homens e apenas duas mulheres, enquanto de 2005 a paridade de gênero foi mais ou menos alcançada.

A seção do site da AFL dedicada à Comissão do Meio Ambiente afirma que a sua filiação "é o reflexo da ampla seção cruzada de sindicatos em Alberta," uma percepção equivocada também do Presidente (McGowan, 2010: 2).⁶⁹ Na realidade, a Comissão do Meio Ambiente da AFL é esmagadoramente constituída por membros de sindicatos filiados do setor público. Desde 1999, a comissão nunca teve mais de três pessoas de um sindicato do setor privado de uma vez. De 2007 para frente só havia um delegado do setor privado - Rosendahl. Não só o setor privado é sub-representado, mas há uma ausência gritante de alguém de uma união dos setores de recursos ou construção, uma omissão especialmente significativa, dada a importância desses dois setores para a economia e meio ambiente de Alberta. O presidente atual da Comissão do Meio Ambiente, Rh'ena Oake (2010), não tinha uma explicação para essa fiscalização, embora tenha indicado que a sua comissão nos

⁶⁹ Cada um dos comitês da AFL dedicou uma seção no site da organização, que foi redesenhado na época que foi escrito e é agora ainda mais atraente esteticamente. Mesmo antes da atualização de julho de 2010, o site da AFL foi relativamente bem feito, atraente e de fácil navegação, possuindo uma função de busca e arquivo de lançamentos e anexos de jornais. Nenhum conteúdo da seção ambiental mudou com a atualização, exceto por ter incluído três 'links de 2009 sobre os empregos verdes e um artigo externo sobre a ecologização do capitalismo – nenhum dos seus conteúdos foi gerado pelo comitê ambiental. O comitê previamente afirmou que estava “ansioso para atualizar o site da AFL, que nos permitirá educar sindicalistas para entender a relação entre questões ambientais e sindicais” (AFL, 2009c: 3).

últimos anos tentou colaborar com os representantes do setor de recursos naturais, convidando o CEP a se envolver nos esforços para estabelecer uma nova lei provincial sobre direitos ambientais.

1.20.2 Mandato e dificuldades

O comitê do meio ambiente da AFL tem um mandato significado e admitidamente desafiador, mas lutou pra preencher consistentemente seus próprios objetivos; suas maiores realizações até hoje são modestas.

Tabela 5. Mandato do comitê ambiental da AFL

-
- Implementar resoluções com um tema ambiental que passou por uma convenção da AFL. Quaisquer resoluções da convenção também são referidas ao comitê para recomendação.
 - Pesquisar, analisar e acessar questões ambientais de Alberta, do Canadá e do mundo e fazer recomendações em ações e respostas ao conselho executivo da AFL que garantam a consistência da política da AFL estabelecida.
 - Coordenar o apoio e atividades de comitês ambientais afiliados.
 - Coordenar atividades com o comitê ambiental da CLC.
 - Unir-se a grupos ambientais pela provincial de Alberta em questões de interesse ou preocupação mútua.
 - Coordenar organizações ambientais e participar de redes ambientais quando combinar.
 - Participar conferências e forums ambientais.
 - Organizar material para questões ambientais para o movimento sindical em Alberta. Planejar e apresentar forums, cursos e seminários para educar o movimento sindical e o povo de Alberta sobre questões ambientais.
-

Fonte: “Mandato do Comitê Ambiental” da página da AFL: <http://www.afl.org/about-afl/envmand.cfm>

A falta de maior sucesso para cumprir seu mandato tem a ver, pelo menos em parte, com uma série de barreiras, como: coordenação com o executivo da AFL; confiança no trabalho voluntário; o alto volume; dificuldade em focar um único projeto e a falta de apoio contínuo.

O problema de coordenação é demonstrado por uma das primeiras questões significativas com as quais o comitê ambiental teve que lidar: a aprovação do governo em 2003 para avrir a mina Cheviot.⁷⁰ A mina demonstrava potencial para o conflito entre três atores do movimento syndical de Alberta – o sindicato de recursos afiliado à AFL, nesse

⁷⁰ A mina Cheviot é uma mina a céu aberto perto de Hinton, AB e parquet nacional Jasper e seu processo de aprovação trouxeram controvérsias como se preocupavam os observadores, que sentiram que ela tinha potencial para ameaçar a já ameaçada Grizzly e causar problemas na qualidade do ar e da água. Veja por exemplo: “Grupos de conservação desafiam aprovação de mina próxima à Jasper,” acessado da página da

caso, o sindicato dos Mineradores da América (UMWA), a AFL Executiva e o comitê ambiental. O relatório do último grupo sugere a tensão e ironicamente evoca uma ameaça dramática de ‘empregos vs. ambiente’, afirmando (AFL, 2003: 17):⁷¹

Essa mina tem o potencial de se tornar a maior batalha entre negócios, governo e grupos ambientais na história da província, com a rachadura do trabalho entre aqueles que querem e os que acreditam em um futuro sustentável. Será um verdadeiro teste de liderança da federação do trabalho de Alberta encontrar um patamar aceitável comum que todos os lados concordem.

A questão de *quem* tinha que lidar com uma questão e *como* ela deveria ser tratada veio em primeiro plano. Rosendahl (2010: 3) lembrou a mina Cheviot:

Bem, havia uma espécie de pequena questão também, porque no executivo da AFL havia um pouco de luta pelo poder, se essa é a palavra a ser usada, entre o Executivo da Federação do Trabalho de Alberta e a comissão de Meio Ambiente [...] Não havia nem mesmo um conflito, era apenas uma espécie de mal-entendido dos papéis, porque sentimos que o nosso papel foi o de assessorar o Executivo para que posições sejam tomadas sobre o Meio Ambiente.

Ele continuou:

[Os trabalhadores Unidos das Minas] pensaram, inicialmente que por causa do Comitê Ambiental do Trabalho da Federação de Alberta estava morto contra a Cheviot, a quem eles pensaram que pertencíamos e, é claro, isso é que algumas das questões que, quando o Executivo decidiu lançar um comunicado à imprensa sobre a questão Cheviot, é claro que não conversou com a Comissão do Meio Ambiente e, então, ‘bem, espere um minuto, você tem que prestar atenção no que você está colocando aqui, porque isso não é realmente justo para os membros do sindicato que pertencem à Federação’ (Rosendahl, 2010: 5).

Comentários de Rosendahl salientam as dificuldades de comunicação e de coordenação eficazes da ação entre o Executivo da AFL e da Comissão do Ambiente - desafios que surgem durante a resposta à aprovação da Mina Cheviot, que não necessariamente, tenham sido superados. Como Rosendahl (2010: 3) afirma: "Demorou um pouco para acertar isso e, até certo ponto, ainda estamos trabalhando nisso, nós ainda estamos tentando resolver os problemas e as diferenças entre a nossa comissão e o Executivo da AFL." McGowan (2010: 13), por outro lado, é bastante claro sobre as limitações do papel da Comissão do Ambiente, quando afirma:

EcoJustice em 20 de julho de 2010: <http://www.ecojustice.ca/media-centre/press-releases/cheviot-coal-mine-case-goes-back-to-court>.

⁷¹ O drama e tensão postos nessa citação podem ser encontrados em outros documentos ambientais da AFL, onde a linguagem usada e a forma como as questões são abordadas tendem a reiterar a presença de ou o potencial para o conflito, sem enfatizar ou comunicar as alternativas e soluções: “Durante os anos, o comitê ambiental da AFL brigava para conseguir discutir as questões ambientais e debatidas pelo trabalho;” “The Next Major Battle” (AFL, 2003a: 15, 17).

Eu não participo tanto da comissão de meio ambiente, geralmente por causa das nossas comissões, olhamos para elas como fóruns de discussão e debates e elas também apresentam propostas. No passado, as comissões eram por conta própria. Mas a minha abordagem é que 'vocês são os nossos melhores ativistas, vocês são pensadores, querem ação, mas não foram eleitos para representar a Federação. Então o que eu quero são recomendações.' Pedi a todas as comissões que fossem uma espécie de máquinas de propostas.

Quer se trate de um simples fórum de discussão com um número limitado de propostas ou de um órgão consultivo, com autoridade para ações diretas da AFL em todas as preocupações ambientais, o principal desafio da Comissão do Ambiente e da luta para cumprir seu mandato surge por causa de sua dependência do voluntariado. O Comitê, por exemplo, viu-se incapaz de responder a questões que possam surgir e, no curto espaço de tempo exigido pelo Executivo, como quando um comunicado de imprensa está sendo enviado sobre uma questão ambiental e da Comissão ele é incapaz de fornecer dados em tempo útil (Rosendahl, 2010: 5).⁷² Ativistas voluntários têm frequentemente numerosas outras responsabilidades que têm precedência sobre os compromissos do seu comitê, de modo que "o trabalho que eles fazem é feito nas poucas horas que eles podem apertar, depois de terem ido para o trabalho, participado em seus sindicatos e cuidado de suas famílias "(McGowan, 2010: 11). Houve também uma falta de compromisso por parte de alguns delegados que se envolveram na comissão. Oake (2010) indicou, por exemplo, que, como presidente da comissão ela, por vezes, teve que agir como "babá" de seus colegas para garantir que a comissão funcionasse e que os membros, ocasionalmente, saíram depois de não contribuir ou perceber o que era necessário.

Os limites das agendas ocupadas dos voluntários e a falta ocasional de compromissos foram fatores do cancelamento de encontros e do lento progresso do trabalho do comitê do trabalho, como testemunhado em alguns relatórios do comitê (AFL, 2005a: 13)⁷³:

⁷² Um dos principais meios de tomar ações para os membros do comitê ambiental foi a escrita de cartas (Oake, 2010; Rosendahl, 2010).

⁷³ Alguns dos relatórios do comitê parecem ter sido escritos rápida e cuidadosamente. Aproximadamente um terço do último relatório, da convenção de 2009 (AFL, 2009c), é uma cópia palavra por palavra do relatório do período anterior (AFL, 2007b), enquanto metade dele é cópia do relatório da convenção de 2005 (AFL, 2005a).

[...]seu Comitê de Meio Ambiente também enfrentou desafios em matéria de quórum e compromisso. Infelizmente, várias reuniões agendadas foram marcadas e, posteriormente, canceladas durante o nosso mandato recente devido à falta de quorum.

A Comissão do Meio Ambiente da AFL só se reuniu duas vezes no ano passado (Oake, 2010) e enquanto eles "tentam se encontrar, provavelmente, a cada dois ou três meses, tendo em conta o horário de verão que não nos encontramos" (Rosendahl, 2010: 4), a realidade é que a Comissão reuniu-se, na melhor das hipóteses, 3 a 4 vezes por ano. Para a totalidade do período de 2003-2005 e, em certa medida, para o período 2001-2003, o trabalho da comissão era reduzido, essencialmente, à participação em curso do pessoal de Olenuk e Rosendahl em atividades ambientais por toda a província (AFL, 2005a: 12; AFL, 2003a, p. 15).

Tabela 6. Caracterização de atividades e composição do comitê ambiental da AFL, 1999 – 2009

Característica, atividade, etc.	Período (Baseado na convenção bienal em maio)				
	99-01	01-03	03-05	05-07	07-09
Equilíbrio de gênero entre membros				✓	✓
Equilíbrio do setor público /setor privado					
Excursão do comitê para propósitos de auto- educação		✓			✓
Conferências freqüentadas	✓			✓	✓
Atividade educacional organizada concreta	✓			✓	
Atividade de comunidade divulgada	✓				
Baixo volume de membros					
Baixo cancelamento de encontros				✓	✓
Atividade dos afiliados do setor de recursos	✓				
Representação / Envolvimento com AEN	✓		✓	✓	✓
Representação no comitê ambiental CLC	✓				✓

Fonte: Tabela do autor baseada na disposição de resoluções da AFL e relatórios do comitê ambiental da convenção da AFL (AFL, 2001; 2003a; 2003b; 2005a; 2005b; 2007b; 2007c; 2009c; 2009d).

Enquanto um membro descompromissado que desiste pode ser acolhido e não se sentir como uma perda dos ainda integrantes da comissão, a alta rotatividade dos delegados nas convenções, em geral, tem prejudicado o andamento da comissão e representa uma barreira significativa para a realização de trabalhos a longo prazo - especialmente quando uma pessoa-chave ou líder segue em frente. Como Rosendahl (2010: 17) afirma: "Esperançosamente você consegue que uma pessoa regresse, porque então ela se liga ao trabalho junto, pois todo mundo sabe para onde está indo. Mas às vezes você tem que começar de novo e treinar algumas das pessoas mais novas, mas isso acontece e é um

desafio." O período de 1999-2001 foi relativamente dinâmico, em que a Comissão estava começando a fazer progressos significativos,⁷⁴ muitos deles pelos esforços de sua presidente, Andrea Waywanko. No entanto, ela e quatro outros membros da comissão "tiveram que renunciar por motivos de filiação e outros" (AFL, 2001: 1) durante seu mandato, fato que deixou a AFL sem representação na Rede Ambiental de Alberta (AEN) – pelo mandatada comissão de Meio Ambiente - por mais de um ano até junho de 2002, quando Olenuk foi eleito Secretário-Tesoureiro da AEN (AFL, 2003a, p. 15).⁷⁵

A Comissão do Ambiente parece gerar, em geral, um grande número de propostas e recomendações para a convenção bienal da AFL, em uma ampla gama de, questões, muitas vezes específicas relacionadas com temas como energia renovável, água pública, normas de emissão de toxinas, poluentes, silvicultura, resíduos e materiais de recuperação, a eficiência de combustível veicular, desregulamentação do Ministério do Meio Ambiente de Alberta, usinas de energia movidas a carvão, o Acordo de Quioto e as normas de emissões, energia nuclear, as operações de pecuária industrial e assim por diante. Por exemplo, o último período viu dezenove resoluções ambientais - das quais treze constaram das demandas para o governo (AFL: 2009d: 9-14).⁷⁶ O Comitê também tentou manter-se envolvido em um

⁷⁴ A tragédia desse trabalho ser cortado se torna evidente quando se considera a direção positiva dos esforços para onde estavam indo no final dos anos noventa, e então compare com o baixo nível de realizações nos períodos seguintes. O período de 1999- 2001 foi marcado pela: presença de um membro do Comitê da AFL na conferência de Empregos Verdes CLC facilitada por Penney (2002) em Vancouver; organização de um número significativo de atividades educativas (como materiais utilizados no acampamento anual de crianças da AFL) e atividades de extensão da comunidade (como organizar um painel sobre o trabalho e o ambiente em Edmonton na semana de Maio); reuniões com funcionários do governo e, mais importante, encontros ambientais juntamente com o presidente da AFL para todos os sindicatos filiados baseados em recursos, no nível de liderança, mas também com a sociedade, através de oficinas sobre subsistência, transição justa, organização de alianças de trabalho ambiental (AFL, 2001: 1-4). A dinâmica deste trabalho parece ter sido perdida a julgar pelos relatos do próprio Comitê, como foi por exemplo, apenas um ano mais tarde, perdendo em ação a partir dos esforços de trabalho de lobby para a ratificação do Protocolo de Quioto (AFL, 2003a).

⁷⁵ Como representantes da AUPE, Waywanko e um de seus colegas membros da Comissão do Meio Ambiente não poderia mais continuar em seus cargos na AFL, quando o sindicato foi suspenso de sua federação, a NUPGE (e por extensão da CLC e AFL) pelas tentativas de ataque a membros de outro sindicato, um problema no sindicalismo brasileiro (ver, por exemplo, Bickerton e Stinson, 2008). Membros da AUPE decidiram formalmente se desfiliar da AFL em sua Convenção de 2006.

⁷⁶ A Comissão do Ambiente propôs resoluções que não estavam realmente prontas a tempo para serem votadas na Convenção, em abril e, em vez, foram aprovadas em reunião de Junho do Conselho Executivo de entrada (AFL, 2009d: 6).

grande número de questões de uma só vez, como evidenciado pelas declarações nos relatórios como “seu comitê estava constantemente consciente de que se tratássemos muitas questões de uma vez, ficaríamos ‘atolados’” (AFL, 2005a: 12), e” [os membros da comissão], foram desafiados a manter nosso foco em algumas questões importantes e não sermos prejudicados pelo surgimento de uma lista em constante expansão das prioridades ambientais ”(AFL, 2009c: 1). O grande número de resoluções e o comprometimento com questões divergentes, pelo menos, levantam a questão de saber se a comissão tem sido eficaz e se o Executivo pode realmente implementar as propostas:

E o comitê de meio ambiente fez isso, eles fizeram algumas recomendações. Por exemplo, eles queriam que nós introduzíssemos um sistema que permitiria à Federação vender carbono, em nossa convenção mais recente e encorajou nossos afiliados a fazer isso com suas convenções, e o fizeram. Ainda estou tentando entender como fazer isso funcionar apropriadamente. Mas era uma coisa concreta. (McGowan, 2010: 13).

Os limites do voluntariado e a inabilidade do comitê ou do executivo para implementar efetivamente resoluções levaram à impressão de um membro antigo da equipe da AFL de que “tenho que dizer na verdade que muitos dos comitês simplesmente não tinham muito trabalho,” e que o sucesso do comitê ambiental se limitou a defender ações ambientais individuais e os escritórios verdes, tanto como imprimir em menos papel (Jones, 2010: 11, 12). Como Rosendahl (2010: 14) indica:

Sim, parte de nossa política é que todos os afiliados da Federação tem que fazer determinadas coisas – bem, eles não tem que, mas nós recomendamos que eles façam; você sabe, eles aderem a reciclagem, e o dia da terra, alguns deles farão certas coisas, farão uma limpeza geral em algum lugar; ou conseguimos um punhado de árvores e plantamos em algum lugar para tratar da questão do carbono.

Uma pessoa da equipe da AFL é normalmente considerada membro do comitê ambiental para fazer pesquisa, apoiar suas atividades e se unir ao executivo. Houve pelo menos duas interrupções significativas nesse apoio contínuo, interferindo no trabalho do comitê: uma interrupção foi em 2001 quando a desfiliação da AUPE (e subsequente queda da receita das adesões da AFL), forçou cortes temporários de pessoal e a reorganização do escritório da AFL até que a receita das adesões aumentasse novamente e a organização pudesse pagar um contingente maior de pessoal. O impacto negativo dessas demissões no trabalho do comitê ambiental durou muitos anos, como o relatório de 2005 sugere: “Como seu comitê

anterior relatou no relatório de 2003 para a convenção, a briga continuou quando trabalhamos dentro das restrições da AFL reestruturada” (AFL, 2005a: 13); mais recentemente, todos os quarto de seus diretores executivos (conteúdo) deixaram a AFL durante o curso de primavera de 2009, por várias razões e em um contexto de um conflito com o executivo. Na época de sua escrita, três novos funcionários haviam sido contratados (Thompson, 2010: 10).⁷⁷ No entanto, Oake (2010) e a secretária-tesoureira Nancy Furlong sugeriram que esse volume recente de pessoal não terá um impacto significativo na habilidade da organização de abordar temas ambientais, isso provavelmente depende da experiência da equipe de entrada e se o Executivo faz do trabalho ambiental uma prioridade através de atribuições de pessoal. Algumas dúvidas sobre a situação atual continua a ser dada a forma como os cortes de pessoal anteriores resultaram em "transferir o trabalho para os membros" e a "desaceleração do trabalho" do já contestado comitê de Meio Ambiente (AFL, 2003a, p. 15). Em qualquer caso, os dois volumes de pessoal chamam a causa o questionamento da habilidade geral da organização para lidar com as questões ambientais e os funcionários em curso e a interação do Executivo com a Comissão do Ambiente têm sido inconsistentes. L, 2003a: 15).⁷⁸

As barreiras combinadas desafiando o Comitê de Meio Ambiente têm contribuído para que ele seja incapaz de efetivamente realizar os diferentes elementos do seu mandato,

⁷⁷ O ex-colaboradores foram Samara Jones, Tom Fuller, Jim Selby e Jason Foster (2007), dos quais os três primeiros tinham sido todos os Diretores Executivos da AFL por um longo tempo, como os colegas de McGowan, antes de ele se tornar presidente (AFL, 2003b: 4). Os novos funcionários incluem Terri Inigo Jones, Jerry Toews e Shannon Phillips. É interessante notar que Toews é listado como "Senior Staff – Organizador comunitário," evidentemente, uma descrição do trabalho novo, diferente das responsabilidades de trabalho do pessoal anterior. McGowan (2010: 3, 15) mencionou "processo" apenas duas vezes em sua entrevista: uma foi para se referir a sua intenção de contratar novos funcionários, cuja responsabilidade seria a de organizar os parceiros da comunidade. Seja ou não, a AFL é sucesso nesta nova empreitada e se isso vai ser parte de uma mudança genuína de ação e as prioridades para uma estratégia de longo prazo de construção seria de organizar membros para o ativismo, ainda tem de ser vista; Aliás, a única outra menção do processo de McGowan (2010: 3) feita a excursão do ainda-por-acontecer de afiliados para apresentar o relatório de empregos verdes. Os únicos outros informantes que mencionaram "processo" foi Jones (2010: 1) e Thompson (2010:3), referindo-se especificamente à experiência de pesquisa, consultoria e escrita do relatório de empregos verdes de Alberta.

⁷⁸ McGowan (2010: 2), por exemplo, tem pouco contato com o comitê ambiental, como uma citação acima ajuda a demonstrar. Também é interessante notar que o número de membros desse comitê foi superestimado e enfatizado que foi o mais popular e mais fácil de preencher entre os comitês da AFL.

como a coordenação de atividades com a comissão de Meio Ambiente da CLC e a ligação com grupos ambientalistas em torno da província.

A *Política Ambiental* da AFL (AFL, 1999: 14) estabelece uma direção clara de que a organização deve participar das atividades ambientais da CLC, no entanto, entre 2001 e 2007 - com a notável exceção das contribuições do ex-presidente do Aço para a campanha de trabalho para a ratificação do Protocolo de Quioto - ninguém da Comissão do Meio Ambiente da AFL esteve envolvido com o comitê de Meio Ambiente da CLC. Em 2007, a O comitê de Meio Ambiente da AFL de repente encontrou-se com dois membros que participam da CLC - Roxann Dredger foi delegada do Comitê da AFL e o presidente da mesma comissão, Rh'ena Oake, foi delegada de sua união CUPE Local 1169, até renunciar, no outono de 2009. Ela tinha ficado desencantada com o Comitê da CLC, criticando-o por falhar em lidar com o meio ambiente além do nível de liderança e se atrasar em uma conferência de empregos verdes prometidos. Sua principal razão para sair tinha a ver com um sentimento de frustração sobre a composição da Comissão da CLC ser "muito política" e os seus membros terem um sentido de "posse", enquanto que na sua opinião é importante ser dado para as pessoas novas a chance de participar. Continua a ser visto o que virá da presença recente da Comissão do Meio Ambiente da AFL no CLC.

A Comissão do Meio Ambiente da AFL também tem lutado para manter o contato com ONGAs. Até agora, nenhum representante de trabalho novo deu um passo à frente para entrar em contato com a AEN desde que Olenuk faleceu, em novembro de 2009. A reunião mais recente da AEN não foi frequentada por um representante da AFL, apesar de um aviso prévio de três semanas (Oake, 2010: 3).⁷⁹ Enquanto McGowan (2010: 3) enfatizou que "sempre houve representantes dos trabalhadores" envolvidos na AEN e "temos muito poucos ativistas que se vêem como ativistas trabalhistas e ambientais", o único exemplo que ele deu foi de Olenuk. Ele também indicou que a representação do trabalho com ONGAs "não é sempre numa base institucional, mas mais frequente do que não de forma individual", que juntamente com a ausência, até agora, de resposta para

⁷⁹ Oake (2010) também indicou que há algumas questões sobre se a AEN será ou não capaz de continuar seu trabalho, por problemas financeiros. Isso foi expressado com alguma ambiguidade, como se não fosse tão importante para a AFL participar da AEN se não estivesse funcionando bem.

assegurar o envolvimento da AFL na AEN desde a morte de Olenuk, as chamadas para a questão da habilidade de trabalho de Alberta para interagir com os parceiros ambientais (ou, mais fundamentalmente, talvez, o nível de importância atribuído pelo trabalho de fazê-lo).

1.20.3 Algum sucesso na educação ambiental

Desde o período 1999-2001, as realizações da Comissão do Meio Ambiente, em geral, têm sido modestas e alguns de seus esforços têm sido focados na conscientização sobre questões ambientais de interesse para os trabalhadores de Alberta. No seu período de 2005-2007, a comissão concluiu um panfleto, *Por quê a Proteção Ambiental é uma Questão de Sindicatos* (AFL, 2007d), em um esforço para educar os membros e lutar contra a mentalidade de que a proteção do ambiente leva à perda de emprego (AFL, 2007b: 16). Ele toca na maioria dos temas familiares, como a transição justa, uma perspectiva de trabalho sobre o meio ambiente, participação dos trabalhadores e o mito dos postos de trabalho versus meio ambiente. Os esforços da comissão sobre isso parecem potencialmente contidos por sua falta de comunicação direta e acesso aos membros da AFL, como evidenciado pela declaração no seu relatório: "Esperamos que este folheto importante tenha sido dividido com os membros classificados" (AFL, 2007b: 16). A Comissão contou com os dirigentes dos sindicatos filiados para distribuir os panfletos que tinham imprimido e enviado, que fala de uma certa incapacidade da comissão de acessar diretamente os membros e sua dependência de líderes sindicais que podem atuar como porteiros - um tema reaparecendo no trabalho educativo que está sendo feito por funcionários da AFL (Jones, 2010: 3) durante a elaboração do relatório de Empregos Verdes, como discutido mais adiante.

Uma das melhores oportunidades que a Comissão do Meio Ambiente tem para educar os membros e ativistas sindicais sobre as questões ambientais e para construir uma perspectiva de trabalho sobre o meio ambiente está na união anual das escolas do trabalho da AFL e CLC em Jasper, AB. A escola "Jasper" funciona por duas semanas em janeiro e oferece uma série de cursos de uma semana em um retiro montanhoso sobre temas como negociação coletiva, a economia popular, direito do trabalho e assim por diante. A

Comissão do Meio Ambiente da AFL aproveitou essa oportunidade nos últimos anos apenas em duas instâncias. Em 2007, eles mostraram o documentário de 2006 com Al Gore, "Uma Verdade Inconveniente", depois das aulas e no tempo livre dos participantes da escola (AFL, 2007b: 17). A atividade foi avaliada como tendo um baixo impacto e que não seria ser repetida, devido à dificuldade em esperar que os ativistas tivessem um tempo livre após um dia inteiro para um "extra", como um documentário e uma discussão à noite (Oake, 2010: 2). Em 2008 e 2009 não houve atividades na Escola Jasper realizadas pela Comissão do Ambiente, mas a temporada de 2010 viu o seu primeiro curso ambiental, "Ação do Sindicato sobre as Alterações Climáticas e criação de Empregos Verdes." Ele foi facilitado pelo presidente da Comissão do Ambiente, Oake (2010: 2), depois que ela foi abordada para fazer isso, tendo executado anteriormente um curso de meio ambiente sem papel para a CUPE. "Ação do sindicato", incluiu temas como "empregos verdes", o consumismo responsável, negociação verde e a transição justa. Foi frequentado por dezessete pessoas, cujo principal feedback para Oake foi interrogá-la do porquê o curso não foi sem papel também, como o anterior.⁸⁰

1.20.4 Últimas iniciativas

A Comissão do Meio Ambiente conseguiu acordo com Oake (2010:1; AFL, 2009c: 3) de elevar o seu perfil na Convenção de 2009, gerando alguma emoção e tentando torná-la divertida e fácil para que os membros respondessem às questões ambientais através da compra de créditos de carbono. Apesar de que o *documento sobre as mudanças do clima da AFL* (AFL, 2007a: 4, 8) questiona a utilização da lógica do livre mercado em geral e em particular, torna a proposta de que programas de emissões sejam revistos ", como eles não demonstraram sucesso em reduzir as emissões globalmente em sua estrutura atual," a

⁸⁰ "Ação sindical sobre a mudança climática e a criação de empregos verdes" aconteceu no domingo 17 de janeiro à sexta-feira, 22 de janeiro, 2010 na segunda semana da escola Jasper de duas semanas, como pela brochure acessada da AFL em junho de 2010 em: <http://www.afl.org/upload/2010SchoolBrochure.pdf>. Ambos Oake (2010: 2) e Rosendahl (2010: 14) enfatizaram a redução do desperdício de papel usado em reuniões, cursos e convenções. A solução que eles mencionam ao fazer atividades sem papéis é que os participantes deveriam, ao invés, usar notebooks e USBs. Isso é irônico de alguma forma, dado que essa 'solução' realmente muda os recursos queimados das árvores e minerais, sem mencionar que os notebooks usam eletricidade e estão contribuindo com as quantidades crescentes de desperdícios elétricos perigosos.

Comissão do Meio Ambiente seguiu em frente, convidando os delegados Individuais da convenção para doar dois dólares em troca de um adesivo de sapo que se poderia colar em seu crachá. Desta forma, as notícias sobre a atividade se espalharam e os delegados podiam ver quem tinha participado ou não. A soma das doações foi usada para comprar uma compensação de carbono, em nome da AFL da CarbonZero.⁸¹

A seção de Meio Ambiente do site da AFL inclui um "novo" lançamento e descreve Bill C-469 *um ato de estabelecer um a projeto ambiental canadense de direitos*, enquanto Oake (2010: 1) indica que o último compromisso da Comissão do Meio Ambiente é fazer lobby para ter uma versão similar da lei federal promulgada a nível provincial.⁸² Esta iniciativa mais recente da Comissão do Ambiente foi para ter sucesso na obtenção de uma lei semelhante aprovada provincialmente, seria uma primeira.

Em resumo, a Comissão do Meio Ambiente da AFL tem tido algum sucesso modesto na defesa de uma perspectiva de trabalho sobre o meio ambiente. Muitas das atividades concretas tendem a basear-se em questões específicas ou ações individuais. O Comitê tem se esforçado para cumprir seu mandato desafiador ou empreender projetos de longo prazo por causa de uma série de barreiras que, em conjunto, questionam a capacidade de trabalho de Alberta para responder eficazmente ao nível provincial de preocupações ambientais, se não também sinalizando que a relativamente baixa prioridade o meio ambiente é atribuída, entre outros assuntos importantes tratados pela AFL. Quando lhe pediram para dar um exemplo de algo que a Comissão do Meio Ambiente havia realizado, McGowan (2010: 14) respondeu:

Eu estou tentando pensar sobre isso como um exemplo específico. Eles reuniram alguma literatura sobre o aquecimento global, a ser compartilhada com os parceiros para fins educacionais. Então, sim.

⁸¹ O site Canadense Carbonzero, acessado em 21 de julho de 2010 <http://www.carbonzero.ca>, indica que o dinheiro doado vai para o fundo de energia limpa e projetos de reequipamento. A recuperação verde do capitalismo da crise é evidente quando se lê que a Carbonzero é “uma das empresas de gestão líderes no serviço das emissões de gás do efeito estufa do Canadá.”

⁸² Bill C-469 foi apresentado para o parlamento como um projeto de lei de um membro particular MP Linda Duncan da NDP para a constituição de Edmonton-Strathcona e passou sua segunda leitura como voto No. 76 do 40º Parlamento em sua 3ª seção em 16 de junho de 2010, por uma estreita margem de 144 a favor e 137 contra. A lei ofereceria a cada residente do Canadá o direito a um “ambiente equilibrado na saúde e no ecologicamente” e torná-la um dever do governo federal de preservar o meio ambiente em sua jurisdição para o benefício das gerações presentes e do futuro. A lei foi acessada em 21 de julho de 2010: http://www2.parl.gc.ca/content/hoc/Bills/402/Private/C-469/C-469_1/C-469_1.PDF.

Podemos fazer mais? Sim, podemos fazer mais. Mas meu grande ingresso desde que eu fui presidente tem sido o relatório de empregos verdes.

1.21 O relatório de empregos verdes de Alberta

1.21.1 Iniciação do grupo de empregos verdes e consultas

O relatório ‘de empregos verdes de Alberta’, ou *Empregos verdes: É Hora de construir o futuro de Alberta* (Thompson, 2009) foi fruto de um projeto colaborativo iniciado fora do movimento operário, por Mike Hudema, representante da campanha do Clima e da Energia do Greenpeace Canadá com base em Edmonton. Como McGowan (2010: 4) lembra, no Outono de 2008:

[Hudema] salientou que o movimento operário estava trabalhando com estreita colaboração do movimento ambientalista em lugares como Estados Unidos e Europa e que, que eu sabia, ele sugeriu que haveria um apetite por algo semelhante em Alberta. Eu não gastei um monte de tempo pensando sobre isso. Eu disse "sim" quase que imediatamente e o trouxe para o nosso Conselho Executivo para a sua entrada. Eles nos deram sinal verde para ir em frente, dentro de uma ordem muito curta, nos reunimos em grupo.

Dessa forma, uma das colaborações mais significativas do trabalho de Alberta com os parceiros ambientais teve início na AFL em seu pico e de cima para baixo, baseada em uma iniciativa "de fora". As experiências anteriores da AFL de trabalhar em coalizões de saúde pública, as questões das mulheres e OH&S ajudaram a estabelecer um precedente para a sua colaboração ambiental (McGowan, 2010: 2). McGowan atribuiu a pessoa mais nova de sua equipe, Samara Jones – ‘Diretora de Assuntos Legislativos’ e responsável pelo ambiente, energia e arquivos das mulheres durante seus quase dois anos na AFL até sair em Setembro de 2009 - para coordenar a cooperação entre a AFL e os seus parceiros ambientais na sua preparação do relatório. Jones (2010: 4) começou sua própria investigação do movimento mais amplo de Empregos Verdes: "Em particular, se parecia muito com a aliança Green Blue nos EUA", ela diz que não foi utilizada como modelo direto, mas forneceu a inspiração para reunir os interesses de trabalho e ambientais. Este trabalho culminou com a extensão de um convite para Dave Foster, diretor executivo da Aliança Green Blue, para falar na convenção da AFL em 2009, ao mesmo tempo, o Relatório de Empregos Verdes e uma nova política energética da AFL, *uma nova direção para a Economia de Energia de Alberta* (AFL, 2009d: 53) seria lançada.

O grupo “Green Jobs” consistiu inicialmente, do Greenpeace e da AFL, até McGowan concordar em contato com um terceiro parceiro, Lindsay Telfer, diretor do capítulo Serra Prairie Club. Estas três organizações continuam sendo os únicos editores do relatório - como Thompson (2010: 3) afirma: "Nós realmente não concordamos em trazer outros grupos, queríamos manter um tamanho razoável de atuantes" - mas também os três formaram a núcleo de um amplo grupo de organizações reunidas para recolher contribuições e recomendações para o conteúdo do relatório e estratégia. Essa amplo grupo de Empregos Verdes reuniu representantes de Interesse Público de Alberta, o Instituto Parkland, o Conselho dos canadenses e outros (Jones, 2010: 9; McGowan, 2010: 3; Thompson, 2010: 1).

Em termos de financiamento dos custos da elaboração do relatório, a maior contribuição veio da AFL, seguida pelo Greenpeace, enquanto o Sierra Club fez algumas pequenas contribuições em espécie e fez o design e layout físico do relatório, embora durante o processo os três sócios terem interagido com o escritor do relatório igualmente, "era realmente uma conversa de três vias", como afirmado por Jones (2010: 13; Thompson, 2010: 4). McGowan (2010: 12) considerou os custos, o compromisso pessoal eo prazo para a ação exigida pelo relatório para ser significativo para a AFL:

Quando trabalhamos no relatório dos empregos verdes, eu essencialmente tive duas pessoas trabalhando nele. Eram Samara, a pessoa da equipe que deu andamento e Dave Thompson, o autor: eu tive duas pessoas em tempo integral, mais eu mesma e, quando você considera que eu tinha uma equipe de nove pessoas e que foi por três ou quatro meses, esse é um grande compromisso para nós.

O autor do relatório, Dave Thompson (2009, 2010), é um consultor independente de política ambiental, que era conhecido anteriormente de McGowan e outros no grupo “Empregos Verdes” de sua rede de contatos profissionais e sociais e por seu trabalho como um escritor de pesquisas contratuais de políticas de acesso público. Após ter feito algum trabalho intersetorial entre os trabalhadores e ambientalistas para a Buck T. Suzuki Foundation, Thompson foi considerado um ajuste natural e foi abordado também no Outono de 2008 para a investigação e escrita de relatório do primeiro relatório político dos empregos verdes em um contexto de Alberta.⁸³

⁸³ Há ironia na afirmação de McGowan’s (2010: 5) sobre a seleção de Dave Thompson para pesquisar e escrever o relatório de empregos verdes de Alberta, insistindo “Decidimos desde o começo que nós não

Uma série de reuniões e atividades de sensibilização foram realizadas por membros do “Grupo de Empregos Verdes”, que foram realizadas aproximadamente a cada seis semanas e, em seguida, como o prazo para o relatório se aproximava, pequenas reuniões foram realizadas para discutir e editar os rascunhos do relatório propriamente dito (Jones, 2010: 9). As duas maiores consultas do grupo amplo de “Empregos Verdes” foram realizadas em janeiro e fevereiro de 2009. Alguns empresários de energia verde também estavam presentes (Thompson, 2010: 3) e um convite para afiliados da AFL foi prorrogado. Um sindicato demonstrou interesse particular: o sindicato Internacional dos trabalhadores Elétricos (IBEW), Local 424, que representa cerca de 8.000 eletricitas industriais, muitos dos quais tiram o máximo do seu trabalho nos mega-projetos das areias betuminosas (McGowan, 2010: 5).⁸⁴ O propósito dessas consultas era desenvolver uma abordagem ‘Albertana’ para os empregos verdes.

O grupo “Green Jobs” fez alguns trabalhos de divulgação e educação na escola de trabalho escolar Jasper da CLC/AFL em janeiro de 2009. Os representantes do Greenpeace e Sierra Club, Hudema e Telfer, fizeram uma apresentação na primeira semana de trabalho da escola. O grupo que participou da segunda semana foi coberto por Jones e Thompson. Essas apresentações não constituem um curso que está sendo desempenhado na escola do trabalho em si, mas foram adicionados itens complementares na ordem do dia: “nós só pedíamos às pessoas para virem e ficarem para trás depois da aula eles estavam levando para ter uma discussão sobre “empregos verdes, apenas muito preliminarmente” (Jones, 2010: 6). Dados Básicos foram apresentados e discutidos, cujo objetivo era recolher o

queríamos trazer alguém de fora da província, porque Alberta tem algumas características políticas peculiares sobre as pessoas de fora da província dizendo a eles o que fazer, em termos de política. Então, nós não queríamos que as pessoas ignorassem nosso papel político ou nossas recomendações simplesmente porque ele tinha sido escrito por alguém de Toronto ou Vancouver, certo?” Ainda, Thompson é de Hamilton, Ontário, for a de Toronto e – antes de se mudar para Alberta há alguns anos – praticou as leis ambientais lá e em Vancouver, onde ele também passou parte significativa de sua carreira como gerente de duas ONGAs, Eco Justice (antiga Sierra Legal Defence Fund) e Better Environmentally Sustainable Transportation (BEST). Como escritor político, Thompson decididamente traz uma perspectiva não-Albertana com ele.

⁸⁴ O IBEW é incidentalmente o mesmo sindicato, através de seu Local 595, que teve um papel em treinar a juventude marginalizada na Oakland Green Jobs Corps, parte das iniciativas de Van Jones, como descrito por Schmale (2008: 54). A mesma cultura sindical e interesse nas indústrias de energia renovável podem ser encontrados nos dois lados do Canadá e fronteira dos EUA. Uma rápida olhada nos sites da Local 595 na Califórnia e Local 424 em Alberta fornece uma indicação preliminary embora os interesses e esforços do IBEW por ecologizar a economia sejam mais avançados no sul da fronteira.

feedback dos participantes para o relatório de pesquisa e sobre o papel que as organizações sindicais e as comunidades poderia desempenhar.⁸⁵

Thompson também participou de uma reunião do Comitê Ambiental da AFL realizada em 19 de janeiro de 2009, para voltar a consultar-se sobre o relatório de Empregos Verdes. Em um e-mail, Thompson escreveu-me seguindo a entrevista, ele afirma que:

Eles estavam interessados e bem informados. Eles pareciam contentes com o grupo (AFL, GP, Sierra) levando ele adiante, no entanto, eu não perguntei a eles se queriam assumi-lo. Nós tínhamos uma conversa bem limitada – simplesmente conversamos sobre o relatório e sobre quais fontes de informação eles estavam cientes.

Rosendahl (2010: 7) não havia lido o relatório de empregos verdes na época que eu falei com ele, após plenos dez meses ele foi lançado. Ambos Oake (2010) e Rosendahl (2010) indicaram que não houve ligação entre a Comissão do Meio Ambiente e dos parceiros ambientais da AFL ou o grupo Green Jobs e nenhum trabalho relacionado com o relatório foi planejado ou assumido pela Comissão do Meio Ambiente.

O relatório estava completo em apenas alguns meses, da época das reuniões consultivas até sua publicação. Como Thompson (2010: 4) descreve:

Foi até ao fio. Nós tínhamos tudo planejado. Foi um cronograma de produção muito apertado, você sabe, sobre o layout, edição de texto, revisão de texto, esse tipo de coisa. Então não havia um monte de horário flexível lá.

Embora tenha sido importante terminar o projeto antes da pausa do Verão, a principal motivação por trás de terminar rapidamente o relatório foi que o Executivo da AFL poderia

⁸⁵ Jones (2010: 3, 5) manifestou o seu desapontamento e frustração com a falta de tempo e recursos gastos pela AFL com a educação, a construção da base e realizar um trabalho de longo prazo, bem como sobre as estruturas hierárquicas do trabalho, esses sentimentos foram cristalizados por causa da falta de apoio e de orientação que recebeu do Executivo sobre a construção das bases de envolvimento no projeto Green Jobs: "[As atividades de extensão na escola do trabalho] nos deu uma boa espécie de ponto de entrada para os sócios. Por outro lado, uma vez que o relatório saiu, é a estrutura da federação sindical que, em seguida, o acesso a membros deve passar pela liderança. Nós não fomos capazes de criar uma espécie de grupo de trabalho *ad hoc* que traria os membros interessados, juntamente com os seus homólogos Sierra Club ou Greenpeace, que é algo que a aliança Blue Green tem feito, porque a direção queria ser as portas para isso, o canal que tivemos que passar por [...] para começar o interesse entre os membros. E nós francamente ficamos sem tempo. "A questão da hierarquia da federação sindical e a liderança na qualidade de porteiros também pode ter sido um desafio para a Comissão do Ambiente, quando tentou distribuir um folheto de propaganda (AFL, 2007d).

apresentá-lo aos membros de sua convenção em abril (Jones, 2010: 4; Thompson, 2010 : 4).⁸⁶

1.21.2 Resumo de “empregos verdes: É hora de construir o future de Alberta”

Primeiro definir empregos verdes como “empregos de alta qualidade que são salvos ou criados por políticas que mudarão a nossa economia na direção de uma maior sustentabilidade” e desbancar o mito de postos de trabalho versus ambiente, a página sessenta e nove do relatório de empregos verdes de Alberta apresenta o cálculo do número de empregos que poderia ser criado através de uma estratégia de empregos verdes provinciais, propõe (Thompson, 2009: 2, 5, 44).

O relatório é baseado em três principais argumentos como justificativa para a implementação de políticas e investimentos na criação de empregos verdes: 1) a recessão econômica mais recente e o desemprego que ela criou, 2) a direção da economia para as indústrias verde vai ser necessária, a longo prazo a economia deve eventualmente permitir a prosperidade sem prejudicar seus próprios fundamentos ambientais e investir em "empregos verdes" já é um passo na direção certa, 3) os EUA é o maior cliente de Alberta e o governo Obama tem enviado sinais de que é preciso levar o aquecimento global a sério e pode exigir normas mais estritas para as emissões de GEE de seus fornecedores (Thompson, 2009: 11-21, 48). Thompson (2010: 8) afirma que a força de argumentação do relatório - fazendo parte do investimento nos “empregos verdes” de uma solução de recuperação da recessão - não diminuiu, como não há boas evidências de que o estímulo fiscal do governo da economia está acabando rápido demais e que Alberta continua a enfrentar o fantasma de uma recuperação sem empregos. O próprio relatório explora o impacto da recessão sobre o emprego de Alberta e argumenta que, para atenuar as perdas de emprego da crise econômica, “o governo pode querer criar algo entre 35.000 e 140.000 empregos. Quando se trata da meta de "ecologização" da economia, ele pode querer desenvolver mais” (Thompson, 2009: 23).

⁸⁶ Uma apresentação de vídeo do relatório e seu lançamento em Edmonton com a participação de McGowan e Hudema está disponível no You Tube, acessado online em 22 de julho de 2010: <http://www.youtube.com/watch?v=ZfrTnwdbzPo>.

Fontes de financiamento para despesas de capital necessárias para criar esses empregos são identificadas - alegando que os CAD \$ 2 bilhões que estão sendo dirigidos pelo governo provincial em relação às tecnologias caras e não comprovadas, como captura e armazenamento de carbono e uma parte (CAD \$ 3 bilhões) do que está sendo gasto em estradas seriam melhor utilizados como investimento direto do governo nas indústrias verdes. Três vezes esses valores são identificados na *conta de capital e do Fundo de Sustentabilidade* para os gastos diretos em dinheiro e do *Fundo do Patrimônio* podem ser usados como uma fonte de capital de empréstimo para ajudar o setor privado a financiar seus próprios investimentos em indústrias verdes. Em suma, conclui-se que o financiamento dos "empregos verdes" a curto prazo não será um problema, dada a posição financeira invejável de Alberta (Thompson, 2009: 24-26).

Assim, ambos os gastos públicos e incentivos para o investimento privado são explorados como instrumentos de política para a criação de empregos verdes. O baixo custo, atualizações de altos ganhos de edifícios residenciais devem ser disponibilizados para os proprietários médios por meio de financiamentos de subvenção, enquanto Albertanos com renda no decil superior, juntamente com as empresas, deveriam ser oferecidos a partir de uma combinação de financiamentos de empréstimos e créditos fiscais para a construção de seus comerciais e residenciais. Empregos para edifícios públicos adaptados devem ser mais rápida e facilmente criados e as economias no custo de energia a partir da reforma e melhoria das instalações públicas, como hospitais e escolas, pode permitir um maior gasto futuro do governo em atendimento ao paciente, estudantes e outros serviços públicos (Thompson, 2009: 28-34).

Os três principais setores identificados no relatório de investimento são: 1) A renovação dos edifícios para a eficiência energética - porque fornece um grande número de trabalhos com rapidez e facilidade (Thompson, 2009: 30-34), 2) Expansão do transporte público e a construção de transporte ferroviário de alta velocidade - porque as emissões dos automóveis particulares estão crescendo rapidamente em Alberta, juntamente com o congestionamento do tráfego, já que as duas principais cidades têm sistemas de LRT muito

modestos e nenhum transporte público ao longo do corredor entre eles, para não mencionar que o trânsito oferece quase o quádruplo da pessoa-ano de emprego por unidade de investimento, comparativamente à atividade mineira e petrolífera (Thompson, 2009: 35-37), 3) de energia renovável - porque esta deve ser a maior prioridade para Alberta, dada a sua dependência econômica das areias betuminosas e na geração de eletricidade a carvão (Thompson, 2009: 38-42).

As três áreas de foco no relatório de Empregos Verdes de Alberta são as mesmas identificadas pela Rede de Economia Verde (GEN), instituída em 2008 pela CLC e Instituto Polaris. Não houve, porém, nenhuma conexão formal ou contato entre o Grupo de Empregos Verdes de Alberta e a GEN e Thompson (2010: 9) explica que os três pilares surgiram do processo de consulta feito localmente:

Eu acho que isso evoluiu. As organizações envolvidas no relatório dos empregos verdes de Alberta eram bastante familiarizadas com a literatura Americana sobre empregos verdes e que parece haver três áreas principais lá. Então, esse parece ser o principal foco. Também, indo do início até o lado de Alberta, onde achávamos que estavam as oportunidades, terminamos no mesmo lugar.

Thompson (2010: 6) também indicou que havia outras áreas que o grupo empregos verdes discutiu e considerou, incluindo no relatório, mas que, por falta de dados ou por outros motivos, acabaram sendo excluídos. O principal exemplo foi a localização da agricultura:

Eu acho que é uma peça importante para o movimento de "empregos verdes". Como se vê, os tipos de instrumentos de política que você usaria para atingir metas de empregos verdes seriam os mesmos de qualquer maneira. Você estaria usando algo parecido com o preço do carbono e do combustível, a tributação para aumentar o preço dos transportes e incentivar a produção local [de alimentos], de modo que você deseja obter o mesmo resultado final. (Thompson, 2010: 6)

O relatório de empregos verdes de Alberta concluiu, indicando que ainda mais trabalhos verdes poderiam ser criados através de: fornecimento de tratamento de esgoto eficaz e água potável para as comunidades das Primeiras Nações e melhorar os sistemas nas cidades; replantar florestas, limpar locais contaminados e decretar a legislação provincial local sobre contratos que garantiriam que o governo comprasse localmente e verde. O calendário da transição dos "empregos verdes" foi considerado curto, as metas de criação de empregos a médio e longo prazo e, finalmente, três anexos detalhados lidam: 1) estimativa de empregos ao atualizar a eficiência energética doméstica, 2) a eliminação de subsídios perversos de energia fóssil e automóveis /caminhões e, 3) os instrumentos de política para reduzir as emissões de GEE (Thompson, 2009: 42-43, 45-47, 50-55).

1.21.3 Afiliados de recursos voltam atrás na convenção de 2009

O relatório de empregos verdes de Alberta de Thompson e uma nova política energética elaborada por Jones foram apresentados aos delegados da AFL em sua 46ª Convenção Constitucional, realizada de 23-26 de abril de 2009, no Crowne Plaza Chateau Lacombe em Edmonton, centro da cidade. Esta foi a mesma convenção onde a AFL e a Comissão do Meio Ambiente venderam créditos de carbono para os membros e Dave Foster (2009), da Aliança Verde Azul fez uma palestra. Os trabalhos verdes e o meio ambiente, contudo, não constituíram o tema principal da conferência, que recebeu o título de "Sim, os sindicatos podem!"

Com mais de 100 resoluções apresentadas e votadas e apenas cerca de quinze a serem alteradas antes de serem realizadas com anuência (AFL, 2009d), a convenção foi muito ocupada. Jones (2010: 5, 10) indica que o grande volume de itens apresentados na convenção reduziu a oportunidade para discussão e debate e tornou difícil avaliar as respostas dos membros para o conteúdo ambiental. McGowan também tinha feito quatro ou cinco conferências de imprensa sobre assuntos separados apenas antes da conferência, um fato levou Jones (2010:5) a afirmar que: "fomos espalhados muito estreitamente em termos daquilo que estávamos tentando chamar a atenção".

Enquanto todas as resoluções apresentadas foram aprovadas, apenas uma foi feita com a "não concorrência" e, curiosamente, tem a ver com a forma como o governo deveria usar a poupança de royalties de petróleo e gás. A resolução n ° 1108, em relação ao fundo de patrimônio de Alberta requer a AFL para "pressionar o governo de Alberta para desenvolver uma nova abordagem para a utilização das receitas dos recursos naturais, com ênfase na economia destas receitas para proporcionar um futuro próspero para Albertanos" (AFL, 2009d: 24). McGowan (2010:8) explica como o executivo da AFL e os funcionários ficaram sob o controle de uma de suas importantes afiliadas do setor de recursos, CEP Local 707:

Trouxemos o relatório Green Jobs para nossa convenção em abril do ano passado. Ele foi saudado com entusiasmo por quase todos os delegados. Foi aprovado por esmagadora maioria por representantes de um amplo corte transversal dos sindicatos do setor público e privado. As únicas perguntas e notas de preocupação foram levantadas, talvez não surpreendentemente pelo local que representa os trabalhadores da fábrica Suncor das areias petrolíferas em Ft. McMurray. Eles temiam que, ao apoiar o relatório Green Jobs estaríamos enviando a mensagem de que o desenvolvimento das areias de óleo não estava no melhor interesse de Alberta e que apoiamos fechá-la. Essas foram as preocupações

legítimas, mas quando asseguramos que nosso objetivo era criar um setor de empregos verdes, além do setor de energia, não o contrário, eles se sentiram seguros. No final, eles apoiaram também.

Jones (2010: 7) afirma que o "relaxamento" do sindicato do setor de energia local não era especificamente sobre o relatório de Empregos Verdes, mas que foi especialmente relacionado com o seu papel político, *uma nova direção para a Economia de Energia de Alberta*. Após a cópia do projeto, juntamente com as resoluções (AFL, 2009d), foram distribuídos para os membros reverem antes de votarem, o presidente da CEP Local 707, Roland Lefort, convocou uma reunião que incluiu a área Representante Nacional da CEP, Jones, um de seus colegas, e McGowan. Os representantes da CEP passaram a política de salientar as declarações por escrito com um tom ambientalista forte que eles consideravam inflamatórias e queriam remover ou alterar (Jones, 2010: 14). Jones (2010: 7) explica as partes da Política Energética, que foram editadas:

basicamente, as declarações no relatório que eu escrevi, eu disse o que você sabe, não há destruição do meio ambiente, não há aplicação suficiente de regulação e que isto é algo que precisa ser seriamente considerado e oferecer algumas das mesmas opções que foram apresentadas no relatório Empregos Verdes ao redor das tarifas feed-in ou de outras coisas sobre mudar para uma economia mais renovável, uma economia que não é exclusivamente baseada na produção e exportação de energia não-renovável e, por isso é que o push back veio. O CEP não estava feliz com a linguagem em torno dos impactos negativos da extração de energia.

Com essa informação e levando em consideração que os impactos negativos das areias betuminosas foram, na verdade, bem documentados, quando se lê a nova política de energia da AFL disponibilizada após a convenção, algumas das declarações feitas lá parecem confusas e auto-contraditórias:

O impacto ambiental cumulativo das areias betuminosas ainda é desconhecido, porque nunca vimos nada como isso antes. No entanto, sabemos que a extração das areias de petróleo no norte de Alberta têm sérias preocupações sobre os impactos potenciais sobre a saúde e o meio ambiente. As empresas petrolíferas utilizam grandes quantidades de água do rio Athabasca. Milhares de quilômetros quadrados de pântanos e florestas boreais são demolidos. Enquanto uma parte crescente dos terrenos afetados foi recuperada como pastagem, foram levantadas dúvidas sobre o ritmo lento da recuperação total. Há também preocupações sobre a lixiviação de contaminantes dos "*lagos de resíduos*" e *possíveis* conseqüências para a saúde. Os Albertanos disseram ao governo que eles querem melhor regulamentação ambiental e fiscalização -, o governo decidiu que não precisa ouvir (AFL, 2009d: 54, grifo do autor).

Seis meses antes das seis páginas sobre Política Energética citadas acima serem editadas na convenção da AFL, uma muito mais incisiva e articulada de trinta páginas atualizadas *Política Energética* foi aprovada pelo CEP, mostrando desde o início pouca ambigüidade na sua linguagem e tom: " Energia e aquecimento global são desafios

ambientais que colocam o futuro de nosso planeta em risco "e as empresas trouxeram o mundo à beira da catástrofe ambiental "(CEP, 2008: 1). Ela não aborda apenas os impactos ambientais dos combustíveis fósseis, mas também leva em consideração a geopolítica. Enquanto a Política Energética da AFL é omissa sobre a questão das metas de emissões - o que implica perdas de emprego para os trabalhadores do setor de combustíveis fósseis como os de CEP Local 707 - o relatório do CEP chama o Governo a apresentar um plano de metas obrigatórias para reduzir as emissões de GEE em grandes indústrias e nas companhias aéreas (CEP, 2008: 7). Sem considerar qualquer sensibilidade para o tom "inflamatório" da linguagem ambiental de Jones, a própria política do CEP decididamente representa uma ameaça material maior para os empregados da Suncor do que a curta política que McGowan admitiu ser editada pelos representantes do CEP local 707.⁸⁷

A AFL é muito sensível a esse sindicato e atribui a ele um alto grau de significado, um fato implícito no acordo pronto de McGowan de exigências ao sindicato por mudanças nas palavras.

É um sindicato, um local que [McGowan] sente que é muito, muito importante e, portanto, suas preocupações eram levadas muito a sério por ele. Então ele aceitou todas as alterações sugeridas pelo documento, que eram, você sabe, eles não querem rejeitar totalmente o documento, mas acabaram fazendo isso, ele tornou muito difícil criar uma campanha em torno desse documento, sabendo que eles tinham essas objeções e que eram os únicos no centro desse tipo de trabalho (Jones, 2010: 7).

É interessante notar que, apesar do impacto ambientalmente destrutivo do trabalho realizado nas areias de alcatrão, o 707 CEP local não possui um comitê de meio ambiente local.⁸⁸ Dois informantes (Oake, 2010; Rosendahl, 2010) compartilharam a percepção de que há um conflito em curso no CEP em relação às questões ambientais, o que sugere que as mudanças de identidade e cultura organizacional do sindicato, como descrito por Daub

⁸⁷ As três ações urgentes propostas em *A New Direction for Alberta's Energy Economy* da AFL são limitadas no apoio para: 1) a criação de uma corporação soberana para levar a igualdade na atualização das indústrias de Alberta, bem como para o petróleo, gás e betume em Alberta; 2) a remoção de subsídios injustos para as empresas de petróleo e gás ou disponibilizar incentivos apropriados para as empresas de energia renovável; 3) a criação de uma tarifa feed-in baseada no modelo alemão (AFL, 2009d: 56-57).

⁸⁸ Esse fato foi confirmado ao chamar o Local 707 para tentar e agenda uma entrevista com seu president, que não retornou as ligações ou e-mails. O presente estudo não analisou as interligações entre a AFL e os comitês ambientais locais, o que é uma lacuna importante. Os comitês sindicais ambientais locais em Alberta constituem uma direção para pesquisas futuras.

(2008: 36) não tenham sido universais e que o processo interno de negociação sobre as respostas à mudança climática é de fato em curso e controversa.

1.21.4 Apresentações não realizadas; Parceiros ambientais sem aliados do trabalho; impactos do relatório

Uma Nova Direção para a Economia de Energia de Alberta (AFL, 2009d: 58) fortaleceu o compromisso da AFL e dos seus filiados para "continuar a construir parcerias, sobretudo com grupos ambientalistas como o Greenpeace eo Sierra Club [...] para desenvolver uma estratégia para construir uma nova economia verde e criar empregos bons e verdes em Alberta." De acordo com a política, o relatório de empregos verdes era "para servir como ponto de partida ", mas a partir do momento da escrita, a colaboração entre a AFL e os seus parceiros do ambiente foi, em palavras de McGowan (2010: 3), "em hiato", porque os sócios tinham vindo junto, "especificamente para produzir um relatório de empregos verdes".

Após a convenção, a AFL e os seus funcionários viraram seu foco de colaborações ambientais. Enquanto eles "fizeram algumas reuniões de acompanhamento, que foram bem frequentadas" (McGowan, 2010: 12), recursos e tempo dos funcionários foram designados para outras prioridades. O novo foco foi sobre os cuidados de saúde, como havia preocupações sobre a reforma da " superioridade" da província nos cuidados de saúde e os Amigos da coligação Medicare estavam começando de novo; pensões foram outra questão prioritária para a AFL e do movimento sindical do Canadá (Jones, 2010: 6). Até o outono de 2009, os quatro funcionários da AFL foram deixando a organização e os parceiros do meio ambiente foram se ocupando em preparar a conferência da ONU sobre o clima, a COP15 em Copenhague (McGowan, 2010: 12).⁸⁹ No inverno de 2009-2010, a AFL também foi preparando sua resposta aos cortes nos gastos governamentais para serviços sociais e públicos, que foram anunciados antecipadamente com o lançamento do orçamento

⁸⁹ Andrea Peart do CLC indica em um e-mail que não há representantes do movimento operário do Canadá na delegação do trabalho canadense para a COP15. McGowan (2010: 12), ao sugerir que os parceiros ambientais estavam ocupados se preparando para a COP15, negligenciaram o fato de o trabalho também participar de encontros sobre o clima das NU. Nenhuma outra evidência dos informantes desse estudo indica que alguém do trabalho de Alberta esteve presente em Copenhague.

provincial em 09 de fevereiro de 2010. A AFL trabalhou no desenvolvimento de uma campanha chamada Join Together Alberta para lutar contra os cortes desnecessários.⁹⁰

McGowan (2010: 3) indicou que a AFL pretendia ter um show de slides do PowerPoint de 15 minutos feito sobre o relatório de Empregos Verdes, resumindo as razões e as principais conclusões para apresentações em todos os sindicatos filiados, entregá-lo onde os membros estivessem. A partir do momento em que escrevo, tais apresentações não foram feitas.

O relatório de Empregos Verdes de Alberta (Thompson, 2009) tem suscitado algum interesse fora do movimento operário e teve um impacto mensurável. Thompson (2010: 3) indica que foi contatado várias vezes por diferentes grupos após o seu lançamento. No verão de 2010, um consultor que trabalha com algumas organizações de grande porte a nível federal, interessado em produzir um relatório de emprego verde nacional entrou em contato com Thompson, ele espera que o projeto não vá adiante, afirmando: "mas as organizações envolvidas simplesmente nunca se uniram para fazê-lo, o que, às vezes, acontece." Ele também pode ter sido contratado por um número de organizações do BC que manifestaram interesse em fazer um relatório de empregos verdes. Ele confirmou que há muito mais organizações que estão envolvidas e que muitas delas são ambientais. A produção estava prevista para começar no outono de 2010. Thompson também foi contatado por uma associação de empresas de construção no sul de Alberta e, finalmente, também foi convidado a participar de uma nova iniciativa chamada Repower Alberta, que ele teve que recusar, exceto por fazer algumas apresentações periféricas, devido a restrições de carga de trabalho.

Repower Alberta é a iniciativa mais recente em conjunto do Greenpeace e do Capítulo Sierra Club Prairie, composta agora, por em uma turnê nas comunidades lançada em abril de 2010.⁹¹ A meta da campanha Alberta Repower é ver a Província de Alberta legislar e

⁹⁰ O site da Join Together Alberta foi lançado em 15 de janeiro de 2010 e foi acessado em: <http://www.jointogetheralberta.ca/>. A campanha foi formada por doze organizações do trabalho, sindicatos e grupos de defesa da comunidade como idosos e estudantes. Cidadãos preocupados foram encorajados a escrever cartas, pelo menos dois comícios foram organizados e foram realizados encontros na prefeitura.

⁹¹ Veja, por exemplo, "RePower Alberta Launches Across the Province," 17 de maio de 2010, lançamento na imprensa pela AEN acessado em 22 de julho de 2010: <http://www.aenweb.ca/content/repower-alberta-launches-across-province>. O site RePower Alberta foi acessado em: <http://www.repoweralberta.ca/>.

implementar uma estratégia de energia verde - incluindo o estabelecimento de uma tarifa feed-in provinciana, como na Alemanha ou a *lei de economia e energia verde* de Ontário e aplicar as soluções da energia verde e políticas de empregos verdes solicitadas no relatório de Empregos Verdes de Alberta. A AFL não está envolvida na campanha, embora o relatório Green Jobs tem sido usado em certa medida, pelos alto-falantes nas comunidades visitadas (Jones, 2010: 10). Como mais uma prova da falta de intenções no sentido de uma aliança ambiental trabalhista a longo prazo, não potencial, associados ambientais óbvios - como o Greenpeace, Sierra Club, ou a Rede Ambiental de Alberta - está listada entre as quatro instituições indicadas como "parceiras" da AFL, em uma nova seção em seu website redesenhado a partir de julho de 2010.

1.22 Percepção de oportunidades políticas

Um tema comum levantado por todos os informantes deste estudo de caso foi que Alberta é uma província política e culturalmente conservadora, que podemos interpretar como uma percepção de “oportunidades limitadas de política” para implementar as mudanças sociais progressistas como as defendidas por ambientalistas de trabalho. Esse sentimento está cristalizado no que Rosendahl (2010: 12) afirma que "a pior parte é tentar influenciar o governo que é anti-sindical e anti-trabalhador, eu sempre digo." Por seu lado, McGowan (2010: 11) afirma:

[...] não gastamos muito tempo em questões relacionadas ao meio ambiente como gostaríamos simplesmente porque temos muitas outras brigas para travar. Essa é uma provincial conservadora e temos uma tradição de relações de trabalho bem hostis, especialmente no setor privado. Assim, estamos constantemente travando batalhas somente para proteger os direitos básicos de nossos membros que, em outras províncias, as pessoas os têm. Então, esse tipo de briga básica tem que ter prioridade, especialmente quando consideramos nossos recursos limitados.

Referindo-se aos salários relativamente elevados de profissionais como enfermeiros ou salários muito maiores dos comerciantes, McGowan (2010: 18) também sugeriu que a cultura da classe trabalhadora tornou-se "conservadora" e "complacente", afirmando: "Nós, de certa forma, fomos vítimas de nosso próprio sucesso. Temos sido bem sucedidos em puxar nossos membros até a classe média e mantê-los lá. Só que há um monte de pessoas fora do movimento sindical que não está lá, certo?"

A cultura conservadora da província e a dependência econômica do petróleo são os dois fatores na facilidade com que o trabalho é alienado pelo discurso ambientalista em Alberta. Jones (2010: 18) afirma:

[...] especialmente em Alberta, onde as organizações ambientais são frequentemente consideradas 'extremas' [risos] e a população do movimento sindical em Alberta é geralmente conservador, porque, bem, as pessoas são conservadoras nessa província.

McGowan (2010: 9) corrobora:

E para ser honesto, eu acho que a abordagem adotada pela maioria dos grupos ambientalistas para as areias betuminosas é contraproducente, se seu objetivo é convencer a maioria dos Albertanos a apoiá-los, porque demonizando as areias e ignorando o fato de que milhares e milhares de pessoas trabalham na indústria e obtêm seu sustento dela, eles basicamente alienaram parte da população, mesmo sem envolvê-los na conversa, certo?

Os informantes também sinalizou oportunidades limitadas de política por causa da aliança entre capital e Estado, que no contexto Alberta, se refere especificamente à indústria do petróleo, por um lado, e Energia de Alberta e Finanças e Empresas de Alberta do outro (Jones, 2010: 14). Thompson (2010: 7) avalia a situação:

Bem, eu acho que a indústria de combustíveis fósseis tem uma grande influência sobre os políticos e a política em Alberta e se você queria fazer algo que desafie seu controle sobre a economia ou sobre políticas em Alberta, isso seria esmagado rapidamente pelo partido conservador [...]

Thompson (2010: 5, 12) indicou que a AFL e organizações que querem mudanças nas políticas ambientais ou sociais de Alberta não fazem seu trabalho com a expectativa de que o governo provincial fará as mudanças, mas sim que o objetivo deve ser chegar ao público em geral, ou começar a focar no nível municipal, onde algumas mudanças políticas estão começando a ocorrer. Ele compartilha com todos os outros informantes no que trata da cultura política e da opinião pública sobre o meio ambiente, afirmando:

Algumas pessoas diriam que é uma espécie de cultura política diferente, uma cultura política muito mais conservadora em Alberta. Eu realmente não vejo isso. Se você conversar com verdadeiros Albertanos e ler o voto do público que está lá fora, eles são bastante progressistas quando se trata de questões ambientais. Eles querem que o governo faça coisas (Thompson, 2010:7).

Independentemente do grau em que a cultura conservadora, a riqueza induzida por complacência, ou uma aliança de capital de estado forte restringem as oportunidades políticas, Thompson está provavelmente correto sobre a atitude da maioria dos Albertanos com o meio ambiente, como um relatório publicado em 14 de dezembro de 2009, como parte da consulta nuclear de Alberta, que revelou que integralmente três quartos da

população da província concordam que "nós podemos ter toda a eletricidade a preços acessíveis a partir de energias renováveis que precisamos, se realmente tentarmos."⁹² Dadas as longas horas de sol apreciadas na província, seus ventos fortes e os rios que descem das Montanhas Rochosas, os Albertanos podem estar certos.

1.23 Resumo das descobertas de caso

O trabalho de Alberta tem desfrutado dos benefícios do emprego da extração de petróleo e lançamento de projetos de construção, mas também sofreu os efeitos do estouro da bolha. A AFL lida com as conseqüências ambientais do desenvolvimento mal regulamentado, principalmente numa base de questões, através, em parte, das inúmeras propostas de seu Comitê de Meio Ambiente. As ações desta comissão foram, porém, condicionadas por uma série de barreiras que ainda precisam ser superadas e as suas modestas realizações até agora põem em causa a sua eficácia global. O Executivo da AFL se comprometeu por um período curto em um esforço colaborativo com ONGAs para publicar o primeiro relatório de empregos verdes no contexto de Alberta, mas, desde então, virou-se para outras prioridades, demonstrando interesse baixo em comprometer recursos e tempo para se organizar a longo prazo em torno de uma nova economia verde. Isso também é evidenciado pela ausência de atividades de sensibilização em curso para a educação e para a comunidade sobre temas ambientais e pela ausência da AFL na última iniciativa do Greenpeace e Sierra Club, a Repower Alberta. A AFL pode ser restringida pela pressão dos seus filiados como o UMWA e, especialmente, CEP 707 Local. Também é contestada pela cultura política conservadora de seus membros e tem dificuldades com o governo e empregadores.

⁹² Apesar desta crença predominante e da falta geral de apoio público para a energia nuclear demonstradas através da consulta do próprio governo, parece que a província vai continuar aceitando propostas para a construção de uma usina nuclear, em parte para ajudar a satisfazer as necessidades energéticas crescentes das extrações das areias betuminosas. A consulta nuclear de Alberta foi acessada em 22 de julho de 2010: <http://www.energy.alberta.ca/Electricity/1781.asp>.

Capítulo cinco: Conselho do Trabalho de Toronto e Região de York

1.24 O grande contexto da área de Toronto – Contexto do emprego

Toronto está localizada ao longo da costa oeste norte do Lago Ontário e abrange cerca de 630 km². Como a antiga capital do Alto Canadá, Toronto se tornou a capital da província de Ontário após a sua criação oficial, em 1867, ao mesmo tempo, como a Confederação do Canadá. York era um município independente, que em 1998 era um dos cinco a serem unidos à atual Cidade de Toronto, que, em março de 2009, comemorou seu aniversário de 175 anos. Toronto é a maior cidade do Canadá, com uma população que é conhecida como a grande área de Toronto (GTA), estimada em 2009 por 5.623.450 pessoas, enquanto que as contas do núcleo central são de metade desse montante.⁹³

Toronto é uma cidade da diversidade inigualável. Os números de 2006 do censo canadense mostram que mais de metade das pessoas em Toronto são estrangeiros.⁹⁴ Prevê-se que mais da metade da população de Toronto ainda pertencerá a uma minoria visível em 2017 (Statistics Canada, 2005). Um grande número especialmente de sul-asiáticos e chineses pode ser encontrado, embora haja também uma grande e diversificada população negra formada por pessoas de países africanos e do Caribe. Os latino-americanos também são numerosos. Curiosamente, para as pessoas além dos 20 anos, Toronto tem uma porcentagem de sexo surpreendentemente baixa, de tal forma que há aproximadamente 10% a mais de mulheres do que os homens entre os 20-40 anos.⁹⁵

1.24.1 Taxa de desemprego e duração

Mesmo antes da crise financeira de 2008 e da recessão subsequente, a situação do emprego em Toronto estava se deteriorando. Das vinte e oito áreas metropolitanas do censo do Canadá (CMAS), apenas oito tiveram maiores taxas de desemprego em 2006 do que em

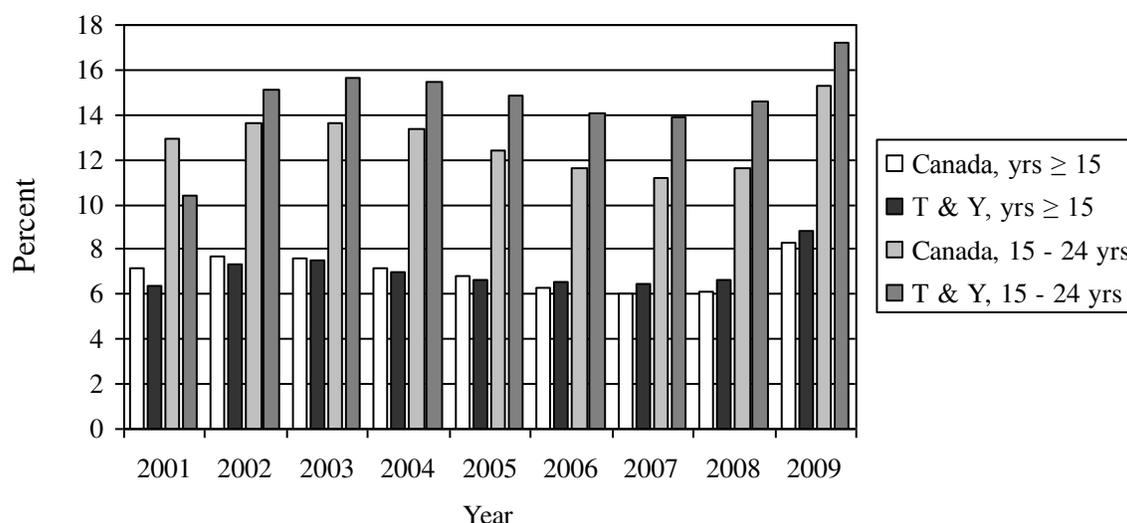
⁹³ População estimada para 2009 da tabela CANSIM 051-0046, Statistics Canada. Toronto conta por mais de um terço da população de Ontário.

⁹⁴ “2006 Community Profiles,” *Statistics Canada*, acessado em 18 de julho de 2010 em: http://www12.statcan.ca/census-recensement/2006/dp-pd/prof/92-591/search-recherche/frm_res.cfm?Lang=E

⁹⁵ *Ibid.* A taxa geral por sexo no Canadá é em torno de 98.1; para a população geral, não até a meia idade, digamos em torno dos 45 anos, é que as mulheres superam os homens, bem diferente em Toronto.

2000, sete das oito foram incluídas em Ontário e Toronto. Cinco delas que registaram as maiores quedas foram nos chamados Ontário Golden Horseshoe - Oshawa, Hamilton, Toronto e Windsor. Em 2004, a taxa de desemprego de Toronto e York subiu acima da média nacional e, em 2006, estava em 6,6%. No mesmo ano, o desempregado, em Toronto, poderia esperar, em média, 16,7 semanas até de encontrar um trabalho, dado que foi ligeiramente acima da média provincial de 15,8 (Akyeampong, 2007: 9).

Figura 4. Taxas de desemprego de jovens e total; Toronto & York comparados com a média nacional



Fonte: Gráfico do autor, usando dados da tabela CANSIM 109-5304, Statistics Canada.

A recessão atingiu os trabalhadores de Toronto particularmente mal. Com o declínio do emprego de 205.900 (ou -3,1%) no período de doze meses a partir de outubro de 2008, a província de Ontário experimentou não só o maior número absoluto de perdas de postos de trabalho entre todas as regiões geográficas, mas também a maior proporção – o segundo, logo depois de Alberta. (LaRochelle-Côté, 2009: 6). Os dados de desemprego mais recentes para Toronto e York mostram a cidade em 8,8% em 2009, enquanto os jovens se saíram ainda pior com a crise desde a crise financeira de 2008.

1.24.2 Salário mínimo

Examinar o salário mínimo é útil para explorar o mercado de trabalho e o contexto sindical de Toronto, principalmente devido à sua alta população imigrantes e mulheres,

que, junto com os jovens, são mais propensos a manter empregos de salário mínimo. Pessoas de 25 anos e mulheres entre 25 e 54, por exemplo, respondem por 81% dos trabalhadores pagos por um salário mínimo no Canadá (Statistics Canada, 2010: 18).

Enquanto Ontário tem o maior salário mínimo de todas as províncias canadenses, em \$10.25/hr como em 31 de março de 2010,⁹⁶ também tem a segunda maior proporção entre as províncias de trabalhadores de salário mínimo, em 8.1% do total de empregados, ou 447.500 pessoas (Statistics Canada, 2010: 15).

Desde o pico do emprego, em outubro de 2008, as perdas de emprego associadas com a atual crise se concentraram no extremo inferior da escala de salários e da estabilidade, assim, afetando desproporcionalmente aqueles que tendem a manter esses postos de trabalho - as perdas pesadas de emprego foram observadas entre os imigrantes muito recentes, jovens trabalhadores e aqueles com níveis mais baixos de educação. Uma mudança de -24,8% no número de empregos de salário mínimo foi gravado entre Outubro de 2008 e outubro de 2009 para Ontário (LaRochelle-Côté, 2009: 11). Em suma, a juventude de Toronto e York, mulheres e imigrantes recentes - muitas vezes os trabalhadores de salário mínimo - foram particularmente afetados pela recessão.⁹⁷

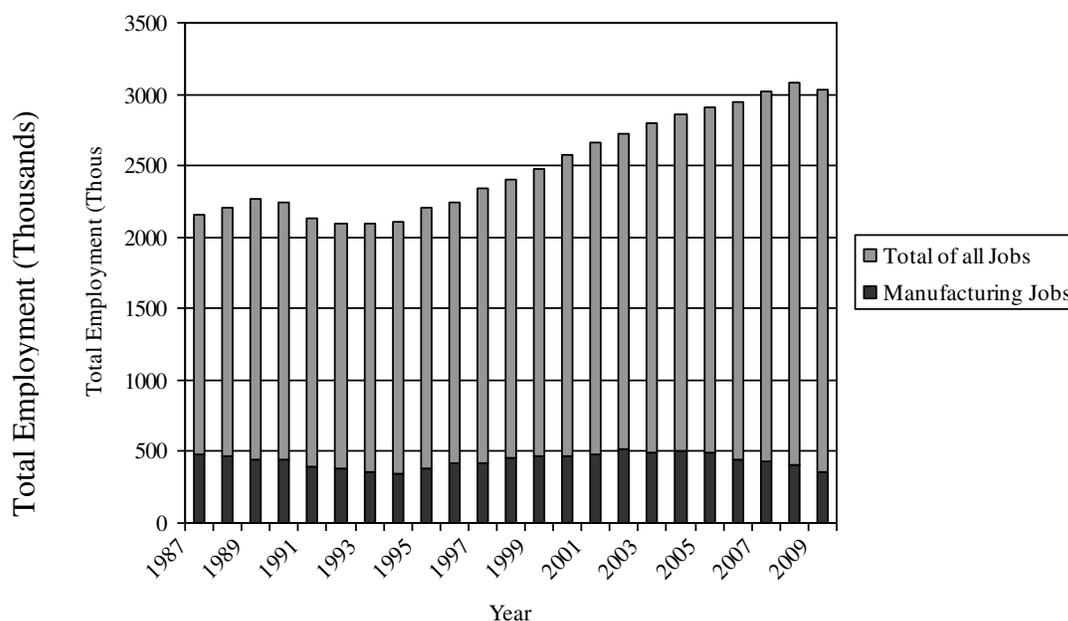
⁹⁶ O salário mínimo manteve-se inalterado em Ontário, entre 1995 e 2004, altura em que alguns aumentos anuais foram implementadas. Os aumentos mais recentes do salário mínimo geral de Ontário foram anunciados no Orçamento de Ontário em 2007 (de tal forma que a partir de 31 de março de 2009 foi de US\$ 9,50 e 31 de março de 2010, foi de US\$ 10.25). Veja, por exemplo, "Aumentos de Ontário Salário Mínimo, na província de Ontário, acessado on-line em 28 de julho de 2010: <http://www.labour.gov.on.ca/info/minimumwage/>. O movimento sindical, como discutido abaixo, desempenhou um papel significativo no lobby para esses aumentos recentes.

⁹⁷ Mesmo sem levar em conta os efeitos da recessão e do grande número de empregos de salário mínimo que foram perdidos, a situação do emprego em Toronto e York que enfrentam os imigrantes e mulheres é gritante. Normalmente, os trabalhadores imigrantes têm taxas de desemprego maiores do que os seus homólogos de origem canadense, apesar de frequentemente ter maior nível de estudo. As mulheres imigrantes em idade ativa de 25 a 54 anos são normalmente piores do que homens e imigrantes e mulheres canadenses. Por exemplo, a taxa de desemprego entre as mulheres que tinham estado no Canadá há cinco anos ou menos foi de 13% em 2006, ligeiramente superior à de 10,3% entre os homens do mesmo grupo. Em contraste, entre os trabalhadores canadenses, a taxa de desemprego dos homens foi de 5,2%, e para as mulheres, apenas 4,6% (Zietsma, 2007: 21).

1.24.3 Queda da manufatura

Ontário e Québec formam o coração industrial do Canadá e, fora destas duas províncias, há proporcionalmente menos empregos na indústria. Embora o investimento no emprego de turnos e na fabricação tenha aumentado no Canadá no final de 1990, seguindo uma recuperação do mercado de trabalho a partir da recessão de 1991-1993, a década passada testemunhou a importância continuada da diminuição da produção na economia do Canadá.⁹⁸ O crescente índice de desemprego em Toronto e York antes da recessão e a situação exacerbada do emprego desde outubro de 2008 estão associados à alta concentração de indústrias da manufatura por lá (LaRoche-Côté, 2009: 6; Morissette *et al*, 2005: 5).

Figura 5. História de perdas de emprego na manufatura, Toronto & York



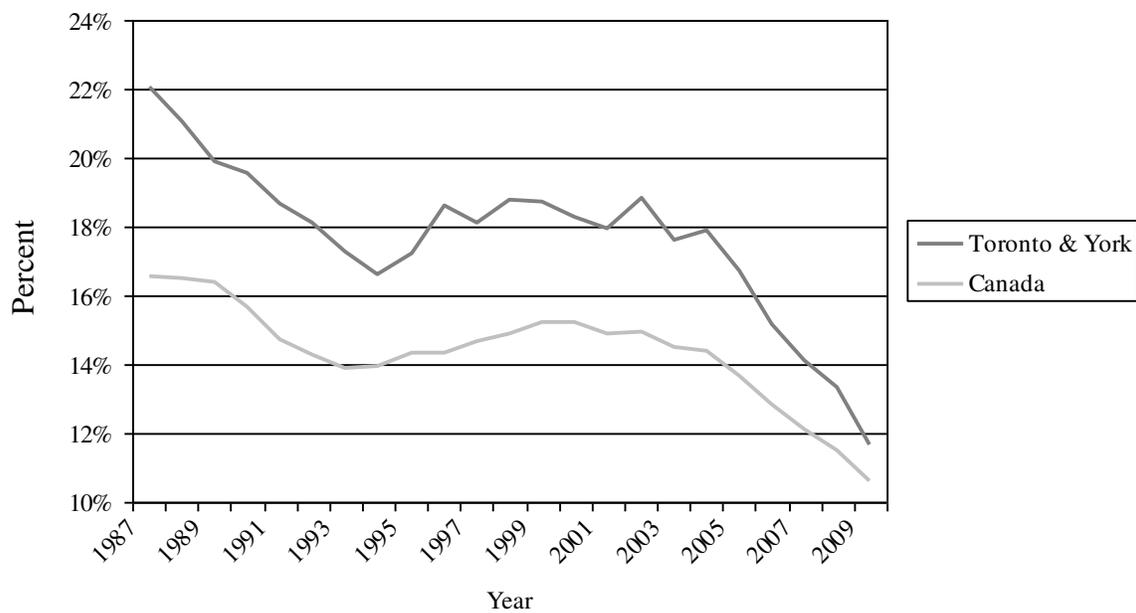
Fonte: Gráfico do autor usando dados da tabela CANSIM 282-0061 Statistics Canada.

⁹⁸ Junto com a maioria dos outros países membros da OCDE, o Canadá tem registrado um declínio na fabricação há alguns anos, enquanto a longo prazo, a proporção de empregos no setor de serviços tem aumentado, como resultado da reestruturação capitalista (Keil, 1994: 16). A queda de produção ocorre através de dois colaboradores estruturais (produção para o estrangeiro, sobretudo para a China; contribuintes demográficos, o crescimento da produtividade, a redução de tarifas) e colaboradores conjunturais, como flutuações nas taxas de câmbio, a alta do dólar canadense, diz-se, fere e as exportações de manufaturados e desestimula o investimento (Bernard, 2009: 5).

De 2000 até o final de 2008, foi um período de forte crescimento econômico em geral para o Canadá (no qual ele mostrou algumas das menores taxas de desemprego para toda uma geração), mas - apesar do crescimento - também foi marcado por um declínio significativo na produção. Empregados na fabricação tinham quase duas vezes mais chances durante esse período de serem demitidos do que aqueles em outros setores e a estabilidade no emprego estava perto de seu nível mais baixo em 30 anos (Bernard e Galarneau, 2010: 5, 10).

2004 marcou um ponto de virada do declínio acelerado na indústria transformadora. De 2004 a 2008, mais de um em cada sete empregos na indústria canadense, cerca de 322 mil, desapareceram (Bernard, 2009: 5). Assim, a importância relativa da indústria transformadora como uma porcentagem do emprego total em Toronto, atingiu seu nível mais baixo em três décadas, em 2005 e continua a cair. Durante os cinco anos anteriores ao colapso do mercado de 2008, 100.000 empregos foram perdidos na fabricação no GTA (Cartwright, 2008; CANSIM Tabela 282-0061).

Figura 6. Queda na manufatura como participação do emprego total em Toronto & York



Fonte: Gráfico do autor usando dados da tabela CANSIM 282-0061 Statistics Canada.

A queda da produção tem sido particularmente difícil para os imigrantes, que são mais prováveis - independentemente do tempo em que desembarcaram no Canadá - de trabalhar nas indústrias do que os trabalhadores canadenses: um em cada cinco imigrantes trabalha na manufatura, tornando-se o maior setor empregador de imigrantes para o Canadá (Zietsma, 2007: 6).

1.24.4 Densidade sindical em declínio

Dado que a sindicalização era habitualmente maior no setor de bens de produção do Canadá, o declínio na produção resultou na diminuição da densidade sindical (Morrissette et al, 2005: 6). A desindustrialização do GTA também significou uma queda correspondente nos índices de densidade sindical ali, como muitos sindicatos, principalmente os de maior dimensão do setor privado, como o USW e CAW, tradicionalmente têm bases de adesão significativas nas indústrias transformadoras. "De 1998 a 2008", afirma Bernard (2009: 9), "empregos sindicalizados na manufatura desapareceram duas vezes tão rapidamente quanto os não-sindicalizados. Conseqüentemente, a taxa de sindicalização caiu de 32,2% para 26,4%. Para o resto da economia, a sindicalização caiu menos, de 30,1% para 29,5% "Isso, no entanto, não é uma nova tendência; de fato a queda nas taxas de sindicalização de fabricação tem sido fundamental para a redução global da sindicalização no Canadá desde o início de 1980, que atinge os homens, bem como os trabalhadores mais jovens mais severamente (Morrissette et al, 2005: 7).

Das províncias, Ontário tem atualmente a terceira menor taxa de densidade sindical, medida em 2006 em cerca de 26,7% do total de empregados sindicalizados e 28,4% cobertos por um acordo coletivo (Statistics Canada, 2006: 21). Apesar das taxas de sindicalização relativamente baixas e em queda em Ontário, no entanto, os trabalhadores de Ontário apreciam os mais altos níveis de participação e de proteção dos direitos de todas as jurisdições do Canadá, perdendo apenas para os empregados da jurisdição Federal (Tucker, 2003: 418). Esta é provavelmente a parte da herança deixada pelos anos de reforma social promulgada através da oposição oficial da NDP e, eventualmente, pela maioria do partido do governo, eleita para a legislatura de Ontário de 1990-1995. Isso se dá também, pelo menos

em parte, à tradição de sindicatos de produção fortes, em Ontário, e dos sindicatos em geral, lutando para garantir os benefícios e direitos em nome dos seus membros e da força de trabalho mais ampla.⁹⁹

Os sindicatos, em Ontário e em Toronto e York, que têm sido os mais afetados pela perda de emprego de membros do sindicato resultante do declínio do setor manufatureiro têm percebido isso como uma ameaça à sua sobrevivência, se não for um ataque imediato. Apesar da recente recessão ter afetados mais os empregos de salário mínimo, também é verdade que têm havido perdas significativas de empregos bons e sindicalizados no setor industrial, tradicionalmente sindicalizados, que continuam em declínio. Este, curiosamente, está desempenhando um papel na mudança do discurso do sindicato e na ação em matéria de ambiente, como eles se voltaram novas indústrias verdes. Algumas declarações feitas por informantes do USW durante as entrevistas para este estudo de caso afirmam que o declínio da densidade sindical incentivou-os a re-enfatizar a proteção do ambiente como parte de uma estratégia de criação de empregos, como a nova fabricação verde e indústrias adaptadas estão sendo vistas como oportunidades de fortalecer o trabalho organizado.

Andy King (2010:3), diretor do USW Nacional de Saúde, Segurança e Departamento de Meio Ambiente, descreve, sucintamente, quando afirma que: "a economia de Ontário está caindo aos pedaços. A indústria transformadora está perdida. Então as pessoas estão começando a chegar nesse potencial de renascimento através da economia verde". Carolyn Egan. (2010: 1) também afirma:

Ao longo do último número de anos, [o USW] perdeu quase 50 locais de trabalho e quase 6.000 de seus membros com o encerramento de fábricas e demissões. Assim que foi um número significativo de atingidos. Nós sempre fomos um sindicato que tem uma consciência em torno das questões ambientais. Isso as trouxe à tona em nossas mentes.

Enquanto não diminui a importância da atenção historicamente dada pelos sindicatos para as questões ambientais, o novo foco nos "empregos verdes" está ligado à sobrevivência do sindicato e responde à diminuição da densidade, tanto quanto é para

⁹⁹ Trade unions affect participation and protection rights of workers, as Egan (2010: 10) asserts when discussing that unions played a key role in a large number of important issues in Ontario, like equal pay for equal work, harassment, paternity leave and so on: "[...] there is of course a difference between unions and the rank-and-file, and the bureaucracy, and all those kinds of things, I'm not naïve about it. But if unions are going in the right direction, [they] can be huge bulwarks for change and can really implement things that are tremendously important."

proteger o meio ambiente. Como o presidente do conselho dos metalúrgicos da área de Toronto e representante eleito para o Conselho Executivo do TYLC, Egan (2010: 8) passou a descrever que muitas atividades educacionais recentes do USW deveriam ser para explicar aos membros por quê promover e criar empregos verdes (em novas indústrias para a fabricação de componentes renováveis de energia, transporte e setores de adaptação) é "uma importante *trajetória política* para o [seu] sindicato".

Programas em centros de ação do trabalho para os seus membros despedidos, conferências e participação na Parada do Dia do Trabalho de Toronto em um carro alegórico de membros, construído com painéis solares e turbinas eólicas sob o tema dos "empregos verdes", foram todos direcionados para a possibilidade de um renascimento de fabricação que parece tangível para seus membros. Alguns desses membros são, sem dúvida, conscientes da preservação do meio ambiente, mas outros estão menos preocupados e também afirmaram, parafraseando Egan (2010: 8), "você sabe, eu não me importo em ter um trabalho marítimo, Deus sabe, eu só preciso de um emprego." O ambiente é um fator de apoio, como a direção do sindicato explica aos membros, "tudo bem, você quer um emprego e nós vemos que essa é a maneira de conseguir um emprego, colocando todas essas coisas juntas, não porque os empregos antigos estão voltando" Egan (2010: 9) ainda afirmou: "Eu sei que nossos sindicatos, os sindicatos do setor privado, têm sido levados a fazer isso por nossa própria sobrevivência em um sentido [...] "..

A sobrevivência do sindicato, embora importante, pode não ser suficiente para explicar o que está motivando a orientação estratégica do movimento sindical na área de Toronto e York, como evidenciada pela análise das atividades do conselho do trabalho da região de York e Toronto, a sua liderança e, especialmente, os seus esforços para ligar o trabalho com a comunidade.

1.25 O conselho do trabalho de Toronto e York

Fundado em 1871, apenas quatro anos após a Confederação, o TYLC atualmente é constituído por 35 sindicatos filiados, com 178 afiliados locais, representando aproximadamente 195 mil trabalhadores, tornando-se município do Canadá, o maior trabalho municipal ou local. Desses, 21 sindicatos são predominantemente sindicatos do

setor privado, 14 são predominantemente do setor público. Assim, aproximadamente 56% do quadro total são de trabalhos no setor privado e 44% no público.¹⁰⁰ Há 51 pessoas na atual executiva do TYLC e Comitês, que têm uma divisão de 26 homens e 25 mulheres. 15 deles provenientes de sindicatos do setor privado e 30 do setor público.

Há quatro altos executivos eleitos: o presidente (John Cartwright), Vice-Presidente (Michael Seaward), Secretário (Helen Kennedy) e tesoureiro (Sonia Reynolds). Mais doze pessoas compõem a Diretoria Executiva, dos quais sete são homens e cinco mulheres, enquanto a representação sindical do setor privado e público é dividida igualmente. As operações do TYLC são realizadas por uma equipe permanente em tempo integral de cinco pessoas, de tal forma que, além do presidente, há dois funcionários administrativos, um diretor de comunicações e dois organizadores. Atualmente, todos os funcionários, com exceção do presidente, são mulheres. As reuniões do delegado são realizadas às primeiras quintas-feiras do mês, às 7:30 horas, no auditório da Federação de Ontário de construção do Trabalho e são abertas a todos os membros.

O TYLC tem quatro comissões permanentes, cada uma composta por cerca de oito pessoas, incluindo a Comissão Municipal, a Comissão da Mulher, o Comitê de Equidade e a Comissão de Educação. Curiosamente, o TYLC não tem, portanto, uma Comissão do Meio Ambiente, mas isso não significa que o trabalho ambiental não esteja sendo feito por membros do TYLC, mas apenas que o trabalho ambiental não é estruturado por meio de uma comissão. Os entrevistados não sabem exatamente porque o TYLC não tem um Comitê de Meio Ambiente. Hillman (2010: 7) afirmou que "aparentemente, tem a ver com os recursos", mas que "isso não reflete a importância que o Conselho lhe dá ou não." por seu lado, Egan indicou que (2010: 5) os sindicatos e seus representantes envolvidos em questões de meio ambiente se encontram, ao invés, numa base ad hoc e que não há, portanto, uma história de organização ad hoc sobre questões ambientais. Ela também sugeriu que este tipo de organização, ou o trabalho realizado através de grupos ad hoc, às

¹⁰⁰ Os dados públicos/privados foram fornecidos em comunicação pessoal pela equipe do TYLC em 9 de agosto, 2010.

vezes, é mais "revigorado" ou dinâmico do que o trabalho feito pelas comissões permanentes.

Alguns esforços por parte do TYLC para o trabalho de educação ambiental são evidentes, como evidenciado pelas atividades da Escola do Trabalho, que é uma parceria entre a George Brown College e o TYLC. Em março, a escola realiza uma feira de trabalho anual, e, mais recentemente, a agenda incluiu três itens relacionados ao meio ambiente, incluindo uma apresentação do filme, uma conversa por Carolyn Egan, e o dia "George Green" em honra à Hora do Planeta, em 26 de março, que incluiu uma série de discussões, como em 'como se tornar verde é bom para os negócios', LEEDs e "Pense globalmente, Aja Localmente".¹⁰¹ Além das atividades da Escola de Trabalho, o Centro de Educação do Trabalho (Metro), do TYLC, oferece um curso instruído por Brian Milani chamado *Economia Verde: estratégias práticas para criar uma comunidade baseada em Eco-economia*.¹⁰²

Quanto ao site do TYLC, há uma seção específica dedicada ao meio ambiente, na qual uma série de documentos e artigos estão disponíveis em ordem cronológica de sua postagem, um pouco como um blog. As entradas não são indexadas no entanto, para que o usuário não consiga encontrar materiais específicos por assunto sem ter que percorrer toda a página com cerca de 15 entradas.¹⁰³ O primeiro disponível, na parte inferior da página, contém seis folhas que foram preparadas para a conferência sobre empregos verdes de 2000, em

¹⁰¹ A agenda para a feira anual do trabalho de 2010, intitulada "Jobless Recovery," de George Brown College e da escola do trabalho foi acessada online em 25 de julho de 2010, em: <http://www.georgebrown.ca/schooloflabour/lab-fair.aspx #top>. Liderança em energia e design ambiental, ou LEEDs, é um padrão de certificação de construção verde administrado pelo conselho canadense Green Building, online em: <http://www.cagbc.org/>. Finalmente, o TYLC demonstra um forte compromisso com a educação, não somente através de sua parceria com a George Brown College desde 1992 para oferecer cursos na escola do trabalho, mas também através de seu próprio centro de educação do trabalho, localizado no mesmo prédio dos escritórios do TYLC. O Centro de Educação do Trabalho, fundado em 1987, é dirigido por aproximadamente treze equipes de projeto e três administradores diretores, que oferecem oficinas personalizadas para sindicatos, treinam os seminaristas e programas de igualdade, através de uma perspectiva anti-opressiva.

¹⁰² A descrição do curso foi acessada em 30 de julho de 2010: <http://www.greeneconomics.net/Book3.htm>.

¹⁰³ As entradas são justificadas centralizadas e vários links são espalhados, que juntos, dão uma organização casual e não fazem delas uma navegação atraente. Vários links estão quebrados. O site inclui algumas fotos das atividades do Conselho do Trabalho e de eventos. Nenhum conteúdo do site está disponível para o

Vancouver (CLC, 2000a). Três das entradas são, basicamente, apresentações por links das declarações separadas do TYLC, cada um com duas páginas, que também aparecem na seção de Política do site da organização: juntos, Empregos Verdes em vez de Chantagem Corporativa (TYLC, 2002), Empregos Verdes no futuro de Toronto (TYLC, 2007) e na Cúpula sobre Bons Empregos para todos (TYLC, 2008), constituem os únicos três políticas ou declarações, com cerca de oitenta no total, lidando diretamente com o meio ambiente, embora algumas outras, como "Matéria Pública de Trânsito" (TYLC, 2010) também toque no tema do ambiente sem ser explicitamente.

O Conselho do Trabalho defendeu Empregos verdes como parte de seus esforços de lobby para a ratificação do Acordo de Quioto, em 2002 e realizou um evento em 29 de outubro de 2002 chamado "Fórum Ambiental", para o qual palestrantes foram convidados, especialmente a partir do CEP, bem como o então vereador e a futura líder do NDP federal Jack Layton e Elizabeth May do Sierra Club. O suporte do painel de Quioto e da transição justa foi a inauguração do que era para ser uma atividade contínua e estrutura, seguindo a terceira recomendação encontrada na declaração *Green Jobs Instead of Corporate Blackmail*, oficialmente estabelecendo um Forum Ambiental do Conselho do Trabalho "aberto a todos os sindicalistas para ajudar a desenvolver e implementar uma estratégia de empregos verdes para todos os setores da economia" (TYLC, 2002: 2). Apesar de duas pessoas, ou seja, Penney (2002) e Milani, estarem atuando como coordenadores provisórias, as atividades ambientais do TYLC nunca foram cristalizadas através do Fórum, que se tornou essencialmente a bandeira da seção ambiental da página da internet onde mais algumas postagens foram feitas.

As entradas e documentos posteriores (TYLC, 2003; Gough, 2006; Eastwood, 2007; Brecher et al, 2008; Cartwright, 2008a) postados na seção do site do Fórum Ambiental parecem indicar um baixo nível de atividade ambiental, no período imediatamente seguinte à ratificação do Protocolo de Quioto. Uma tratava dos produtos químicos e câncer - Saúde e Meio Ambiente (TYLC, 2003), enquanto a outra entrada indicava a oposição do Conselho do Trabalho à incineração de resíduos, através de uma carta escrita para Vereadores. Um

período anterior à eleição do atual presidente em 2001, no entanto, foi atualizado regularmente com novas

resumo de nove páginas da pesquisa sobre o *desenvolvimento de uma economia verde em Toronto* (Gough, 2006) foi concluído pelo TYLC e destaca algumas atividades de redução de resíduos, reciclagem e modernização da eficiência energética em atividades de educação, da saúde e da indústria em Toronto. Coincidindo com o monte de respostas públicas à inatividade do governo federal para reduzir as emissões de GEE, há um maior número de postagens no Fórum Ambiental do TYLC a partir de 2007, como uma cópia da *declaração do CLC sobre Mudanças Climáticas* (CLC, 2007). Apenas alguns dias após a apresentação do CLC ao Parlamento Canadense, o executivo do TYLC relatou a sua reunião geral dos membros em 05 de abril de 2007, que a visita de figuras de destaque nas últimas semanas em Toronto sobre o tema da mudança climática - como David Suzuki, Al Gore, Nicholas Stern (2006) e Amory Lovins - sinalizou a necessidade de o Conselho do Trabalho se concentrar no "desenvolvimento econômico verde" e considerar "empregos verdes no futuro de Toronto" (TYLC, 2007).

Isoladamente, porém, os documentos ambientais do TYLC não mostram que o principal foco e força de trabalho do Conselho do Trabalho têm, de fato, sido demonstrados através de seus esforços para fazer uma organização de base comunitária que reflete a diversidade da cidade de Toronto – esforços em que causas ambientais como a campanha para a criação de empregos verdes, transporte público e colaboração com parceiros ambientais foram integrados de forma transversal, sob a liderança do Presidente do Conselho do Trabalho, John Cartwright.

1.25.1 Liderança

John Cartwright primeiro se tornou presidente do TYLC em 2001 e foi reeleito em fevereiro de 2010 para servir um quarto mandato, cada um durando três anos. Cartwright contribuiu com uma série de artigos e entrevistas para jornais, revistas e rádio (2004, 2008a, 2008b, 2009a, 2009b, 2010) – sobre as suas iniciativas e as do TYLC para construir a força de trabalho, elas atingem desde as origens e integram a igualdade e perspectivas ambientais ao movimento operário. Cartwright é creditado por ser um dos líderes “mais

postagens desde 2002.

articulados e estratégicos” do movimento operário canadense (Bickerton, 2008) e é “amplamente respeitado” por importantes contribuições que teve durante sua carreira em três áreas principais: 1) criar oportunidades de aprendizado e treinamento para os jovens nos sindicatos; 2) trazer a igualdade dentro do movimento operário, para que sejam então refletidos a raça e o gênero da força de trabalho e 3) argumentar pela inclusão de temas ambientais no movimento operário, tendo desempenhado um papel central em dirigir o CLC para uma estratégia de empregos verdes (George Brown, 2006).

Cartwright poderia ser considerado um "ambientalista um ardente", com um "compromisso pessoal com o ambiente" e antes de se tornar Presidente do TYLC, serviu por dez anos no Conselho Central dos Sindicatos da Construção de Ontário e por outros dez anos antes disso, como representante eleito do sindicato dos Carpinteiros, uma época em que ele esteve envolvido em iniciativas de modernização da Construção Verde (George Brown, 2006; Egan, 2010:6). Ele aparece também no Comitê de meio ambiente do CLC, juntamente com Keil (1994), um dos dezesseis membros da cidade da *Mesa Redonda sobre o Meio Ambiente* de Toronto.¹⁰⁴ Cartwright não somente fala publicamente sobre empregos verdes e uma nova economia verde, ele age através de sua liderança do TYLC e através de seus compromissos outra comunidade de voluntários, ele tem um foco educativo, como evidenciado por sua participação em oficinas e conferências. Por exemplo, ele foi um dos apresentadores da série do Centro de Aprendizagem Transformativa em maio de 2008 sobre a Economia Verde, a sua palestra intitulada *Trabalho verde para justiça social*.¹⁰⁵

Hillman (2010:6) compara com entusiasmo o papel crítico de Cartwright no TYLC na integração do ambiente ao desempenhado por DeCarlo (2010) na CAW, afirmando:

John Cartwright, a partir do momento que ele era um líder do setor da construção civil e do sindicato dos Carpinteiros, foi um ambientalista, ele foi realmente um dos principais defensores do movimento dos trabalhadores nesta província. Você sabe, quando ele estava com os carpinteiros e o sindicato da construção defendeu e trabalhou em comitês para a cidade para, você sabe, a modernização de edifícios e a refrigeração geotérmica, refrigeração e aquecimento de grandes torres no centro da

¹⁰⁴ A mesa redonda sobre o ambiente da cidade de Toronto aconteceu em 2007, a partir da iniciativa anunciada pelo prefeito David Miller chamada *Live Green Toronto*, acessada em 30 de julho de 2010, respectivamente: http://www.toronto.ca/committees/rt_environment/members.htm e <http://www.toronto.ca/livegreen/index.htm>.

¹⁰⁵ O Centro de Aprendizagem Transformativo é parte do Instituto para Estudos e Educação de Ontário (OISE) na Universidade de Toronto. Informações sobre a apresentação de Cartwright foram acessadas em 30 de julho de 2010, em: <http://www.greeneconomics.net/GE2008-schedule.htm>.

cidade e de um código verde [de construção de normas ...] Ele é uma das pessoas mais bem informadas sobre as questões ambientais que eu conheço e sua liderança tem sido muito central e ele, pessoalmente, é uma inspiração para mim, você sabe. Conversamos longamente, sempre que tivermos a oportunidade e comparar notas em diferentes grandes livros que estão por aí e, uh, yeah, eu diria, uma das outras coisas que John fez como líder do Conselho foi reunir os líderes dos diferentes sindicatos preocupados com o ambiente e com os empregos verdes, em uma espécie de mesa-redonda dos sindicatos e isso aconteceu por anos, Nick DeCarlo estava lá desde o CAW e Nick similarmente no CAW teve esse tipo de papel de vanguarda por pelo menos dez anos.

Houve consenso entre os informantes do estudo de caso (DeCarlo, 2010: 5; Egan, 2010: 4, 6; Persad, 2010: 6) sobre a importância do papel desempenhado por Cartwright na orientação de Toronto e York para o movimento operário, com relação, por um lado, às questões ambientais e também importante, às iniciativas de colaboração com a comunidade em geral.

Cartwright é responsável por um elevado grau de orientação para o TYLC em relação às iniciativas de organização baseadas na comunidade, como ele sempre argumentou em favor de "tecer os dois segmentos - de trabalho e de organização da comunidade" (Cartwright, 2004), o que é evidenciado por suas escolhas de atribuições da equipe e os tipos de atividades que o Conselho do Trabalho praticou durante a última década. Um objetivo tem sido tornar o movimento do trabalho reflexivo sobre a força de trabalho diversificada de Toronto, alcançando, em particular, os trabalhadores de raça e marginalizados, além dos membros da comunidade. A iniciativa mais recente foi a coalizão dos membros da comunidade/do trabalho *bons empregos para todos*. Nas palavras do próprio Cartwright:

O processo de reunir um dos encontros mais multi-raciais de ativistas sindicais e da comunidade da história do Canadá não aconteceu por acaso. É uma parte de uma longa jornada realizada pelo movimento sindical e de justiça social, em Toronto. Enquanto o "sindicalismo social" é praticado em cidades de todo o país, em Toronto, é o foco de igualdade que torna essa jornada única. Fazer o contrário seria ignorar a realidade multi-racial da classe trabalhadora no maior centro urbano do Canadá. (Cartwright, 2009b: 163).

O comprometimento de Cartwright no sentido de incluir e organizar, juntamente com membros da comunidade, é parte de uma visão de longo prazo que exigiu esforços estratégicos e de longo alcance, em que cada atividade, evento e discussão é considerada parte do objetivo maior de construção da comunidade e da força de trabalho em conjunto. Esse compromisso de longo prazo e de base é evidenciado nos esforços de Cartwright para falar diretamente com os membros filiados e construir relacionamentos, já que ele enfatiza

a importância de falar diretamente com as pessoas no planejamento de atividades, campanhas e eventos em conjunto, como descrito por Persad (2010:6) :

Mas, o trabalho antes do evento é fundamental, e se conectar com a liderança e com todos os sindicatos é uma coisa que o presidente aqui, John Cartwright faz, ele vai fazê-lo. E talvez algo leve três ou quatro anos, mas ele vai fazê-lo.

Cartwright insere a perspectiva de longo prazo de foco ambiental, de igualdade e da comunidade e se concentra no âmbito de uma crítica do poder corporativo (2009a, 2010), sugerindo que o verdadeiro desafio para a implementação de uma economia verde está desenvolvendo o poder político necessário para desafiar o neoliberalismo (“a agenda das empresas para a globalização”). Nesse sentido, os esforços que ele dirige para a organização do trabalho e da capacidade da comunidade em conjunto não é só para o bem da democracia, mas também em resposta ao neoliberalismo.

Um respondente, Egan (2010: 7), deu crédito a Cartwright por afetar a mudança entre os sindicatos filiados em sua adoção da agenda ambiental e da comunidade, afirmando:

[...] mas John, como líder do Conselho, você sabe, era capaz de realmente dirigi-la, politicamente, dentro dos sindicatos que poderiam não tê-la feito, como da mesma forma, e isso é muito importante.

Há uma gama considerável de atividades que comprovam a forma como o TYLC, sob a liderança de Cartwright, busca desenvolver a capacidade dos sindicatos e da comunidade, bem como estimula a adoção de equidade e de perspectivas ambientais, mas antes de explorar em detalhe as atividades mais recentes e significativas, o *bom trabalho para todos*, vale a pena olhar para alguns outros exemplos em que as preocupações ambientais estão inseridas e explorar as justificativas apresentadas pelos informantes para a adoção pelo Conselho do Trabalho e da sua estratégia baseada na comunidade e, finalmente, descrever a aliança ambiental em curso com o TYLC.

1.25.2 Exemplos de construção da força de trabalho: agenda de ação do trabalho & assembleia dos administradores

Duas importantes atividades recentes do TYLC e de John Cartwright ajudam a ilustrar a sua capacidade ou poder de construção e os focos da comunidade - ambas as atividades em que o ambiente constitui um tema importante. O primeiro é um desafio lançado por Cartwright e pelo Conselho do Trabalho para o movimento mais amplo do trabalho canadense, o segundo uma assembleia ‘histórica’ de administradores.

Em 2008, antes da Convenção do CLC, Cartwright liderou um programa do TYLC chamado de *Agenda de Ação para Construção da Força de Trabalho no século 21*, que atingiu um desafio para os líderes e ativistas do trabalho canadense sobre uma série de questões fundamentais, tais como a globalização (neoliberal) e seu impacto sobre o emprego, a diminuição da densidade sindical, a equidade, a privatização e a sustentabilidade (Cartwright, 2008b; Bickerton, 2008).¹⁰⁶ Desta forma, o ambiente, sob o tema da sustentabilidade foi, com os outros "temas," tornar-se um tema transversal para o diálogo e o debate dentro dos sindicatos em todo o país, o desafio foi lançado, em parte, para questionar a ameaça que representa para o futuro viável do CLC, dado que muitos mega sindicatos multi-setoriais duplicam os esforços mútuos, competem uns com os outros e tornam o CLC um tanto ineficaz. Como o site diz: "um verdadeiro debate sobre se o nosso movimento está disposto a comprometer-se em construir a energia em nível nacional - através do CLC - está muito atrasado." O site da Agenda de Ação em si foi concebido para se tornar um fórum virtual para o debate, onde um artigo sobre cada tema e as melhores práticas de algumas atividades sindicais imaginativas têm sucesso em enfrentar as multinacionais estavam disponíveis e os leitores eram convidados a postar comentários. Como Bickerton (2008) sugere: "O Programa de Trabalho do Conselho [Toronto e York] deve ser visto mais como uma oportunidade para a esquerda e ativistas para explorar as mudanças estruturais e programáticas necessárias para revitalizar o movimento sindical." Até que ponto a Agenda de Ação tem conseguido estimular o debate para a revitalização do movimento sindical para lutas comuns é uma questão para o estudo em si, além do escopo da presente pesquisa, que apenas pretende salientar a iniciativa única como um exemplo do movimento estratégico e concentrar o poder do TYLC.

Outro evento importante destacando os esforços do TYLC para construir a força do trabalho organizado e continuamente integrar perspectivas ambientais e de igualdade, desta vez ao nível das bases, foi a primeira Assembleia dos Administradores Stewards (Rosenfeld, 2009). Ela foi descrita em detalhes por apenas um dos informantes, Persad

¹⁰⁶ O site da agenda de ação para o trabalho canadense foi acessado em 30 de julho de 2010: <http://www.labouraction.ca/>.

(2010: 5-8), que citou um exemplo de como o Conselho do Trabalho é focado na construção do movimento operário de Toronto e York, por ultrapassar o nível de liderança e mobilizar estruturas sindicais formais, através da contratação de pessoas que têm o contato mais próximo com os trabalhadores e suas comunidades: os administradores de lojas. O evento foi "um esforço de organização impressionante", para desenhar um amplo leque de representantes locais de trabalho dos setores público e privado. O TYLC esperava e inicialmente se preparou para apenas 1.200 participantes, quando, finalmente, mais de 1.600 administradores de fato compareceram em 7 de maio de 2009. O evento incluiu uma apresentação sobre as causas da recente crise econômica, uma série de apresentações para os participantes do sindicato de diferentes lutas-chave em Toronto - incluindo o transporte público e os *bons empregos para todos*, que incorporaram um componente ambiental - e depoimentos de indivíduos vitimados pelo racismo, as demandas de concessão dos empregadores, terceirização, fechamentos de trabalhos. O objetivo era tentar e ativar líderes em lutas políticas mais amplas e, como na Agenda de Ação, não há conclusão definitiva a ser feita sobre a eficácia da abordagem feita, só que vale a pena notar que a resposta e o feedback recebidos dos participantes foram extremamente positivos (Persad, 2010: 6; Rosenfeld, 2009). Conseqüentemente, uma segunda Assembléia de Administradores, chamada de liderança de cúpula do setor Público, foi organizada para 15 de abril de 2010 e reuniu mais de quatrocentos delegados voluntários, predominantemente do setor público mas também do setor privado. O objetivo principal era criar uma defesa unida em resposta aos ataques sobre os serviços públicos.

Juntas, essas duas atividades - a agenda de ação e assembleias de administradores - são provas dos esforços de mobilização do TYLC, que pretende reforçar o trabalho organizado, atingindo ambos até o pico e até a base do movimento operário, onde é mais próximo das comunidades locais.

1.25.3 Por quê o trabalho de Toronto e de York tentou se conectar com a comunidade?

Como discutido acima, ao destacar que, para alguns dos grandes sindicatos do GTA com raízes no setor industrial, como o USW, a sobrevivência do trabalho organizado como uma entidade política, conta em parte, por quê os sindicatos não têm reforçado suas ações

ambientais anteriores enfocando também uma economia verde -, mas a preocupação com a criação de novas fabricações verdes e vagas de empregos adaptados tanto para o bem do emprego quanto do meio ambiente é uma explicação suficiente do porquê somente o TYLC tem focado não só na construção do trabalho, mas também no alcance da comunidade. Um número de informantes ajuda a explicar as idéias por trás disso em Toronto e York. King (2010: 10) resumiu o sentimento de organização da comunidade que existe no movimento do trabalho de Toronto e York de forma eficaz, em sua integração das preocupações ambientais com as econômicas, ao afirmar:

Certamente um melhor processo permite que você obtenha melhores resultados. O resultado é onde queremos chegar, mas precisamos ter um processo melhor, e o processo melhor vai acontecer quando o os defensores do trabalho, do meio ambiente e da justiça social se envolverem na discussão que no momento está sendo dominada pela indústria e seus lacaios no governo. Essa é uma abordagem social-democrata.

A noção de *processo* é enfatizada por todos os informantes GTA (DeCarlo, 2010: 5, 11, 18; Persad, 2010: 2-4; Egan, 2010: 3, 4, 12, 15; Hillman, 2010: 8) e na literatura primária revista (Cartwright, 2009b: 163), referindo-se ao diálogo e à colaboração em curso, bem como à construção do movimento e do fortalecimento do trabalho e da comunidade. A importância do foco no processo foi associada com a noção de constantes desafios inerentes às atividades destinadas à criação do envolvimento da comunidade com base em um diálogo permanente e, ao qual o TYLC foi considerado como tendo a origem no que pode ser um processo lento e trabalhoso, da criação de reuniões onde as pessoas possam conversar diretamente com cada um os outros formar relacionamentos (Persad, 2010: 4). Persad (2010: 4, 7, 8, 9), talvez por causa de seu papel como um dos principais organizadores do TYLC, em especial, falou do desafio contínuo envolvido em alcançar a comunidade e além dos níveis de administradores na liderança de sindicatos, a fim de mobilizar as pessoas para lutas comuns em defesa do interesse público e comum. O outro desafio destacado foi a do exercício de constante integração entre patrimônio e meio ambiente, juntos como temas transversais em tudo que é feito pelo movimento sindical. Essa combinação é considerada uma tríade de interesses de seus respectivos setores, o emprego (trabalho), a equidade (comunidades marginalizadas, como jovens, imigrantes, mulheres, pessoas vítimas de discriminação racial, etc, e as organizações de justiça social que os representam) e ambiente (Persad , 2010: 10; Egan, 2010: 2). Um leitmotiv

semelhante foi ecoado por DeCarlo (2010: 10), quando se refere ao modo como suas experiências com o trabalho da *Green Alliance* formam a sua perspectiva sobre o trabalho colaborativo atual de Toronto e sobre as coalizões baseadas na comunidade:

Você tem que ter objetivos políticos, tanto na transformação da economia quanto da democracia: “empregos, meio ambiente e democracia”, foi a forma como os resumimos na época. Você tem que tartar das três para realmente construir uma alternative real.

Ênfase no que King (2010: 10) chama de abordagem "social-democrata" de envolver a discussão entre os diferentes grupos sobre as questões do emprego, meio ambiente e patrimônio, como forma de melhorar a sua colaboração uns com os outros para objetivos comuns de política em uma abordagem democrática, constitui a resposta do TYLC para o que um número de informantes se referiu como ameaça de deixar o mercado por si só, à "agenda corporativa," à "agenda da direita", e assim por diante. A dúvida foi expressa no sentido da possibilidade de o mercado por si só como o instrumento adequado para liderar a transição para uma economia verde, que faz parte do que é visto como a necessidade de um movimento de base e comunitário das "forças progressistas" para levar a uma resposta, como King (2010 : 9) novamente argumenta:

Você sabe, as pessoas que pensam que o governo conservador ou as empresas livres podem ser modificados para trazer o, você sabe, o mercado pode ser usado para dirigir a transição verde, eu acho, estão se desiludindo sozinhos. Então, de alguma forma, forces progressivas tem que se unir, com ambas compreensões políticas e econômicas comuns.

Da crítica de Cartwright (2009a, 2010) sobre o poder corporativo em que DeCarlo (2010: 12) chamou de "crítica fundamental" do capitalismo de livre mercado e do argumento de King (2010 5): que os investimentos públicos são mais eficazes do que confiar em empresas privadas conforme a afirmação de Egan (2010 10): que se não estamos em condições de acabar com o capitalismo agora, os sindicatos podem, pelo menos, lutar pela criação de empregos com ambientes saudáveis - o papel do mercado e força corporativa são questionados no pensamento de alguns líderes trabalhistas GTA. Persad (2010: 8) ecoa a sua preocupação ao discutir as atividades recentes do TYLC como a Assembléia de Administradores, referindo-se a uma ameaça percebida:

Eu acho que as pessoas estão em um ponto, os trabalhadores e as comunidades estão em um ponto onde é como se fosse para nos unirmos. Assim, embora seja um desafio, e temos que passar por todos os desafios e peloos problemas para chegar lá, mas há uma razão para termos que nos unir, porque há uma agenda tão de direita lá fora.

Confrontado com a aliança de governo conservador e do capital em que é interpretado como "agenda da direita", o trabalho de Toronto e York tem procurado uma alternativa para chegar junto com grupos da comunidade e dos marginalizados, inclusive ajudando a tornar o movimento sindical mais, por um lado, e mais potente, como resumido por Egan (2010: 6):

Acho que foi, talvez, o que você quer dizer, um compromisso ideológico mas também estratégico; que foi extremamente importante ter as vozes lá, e em segundo lugar, estrategicamente, era importante porque podia significar a diferença entre ganhar e perder. A campanha mais ampla, quanto maior o seu poder, a influência e às vezes os sindicatos não são ouvidos, porque as pessoas e os políticos pensam que "você só está protegendo os trabalhos de seus membros", mas nossos membros são também membros da comunidade. Mas acho que a força que vem da comunidade e ter o trabalho em conjunto é muito mais formidável, em termos de ganhos.

Alguns 'ganhos' significativos foram alcançados pela aliança do trabalho e do meio ambiente em Toronto, mais notavelmente em torno do transporte público.

1.25.4 Aliança ambiental em curso – TEA e Trânsito

O TYLC se envolveu em uma parceria de compromisso e de longo prazo com a Aliança do Meio Ambiente de Toronto (TEA), como evidenciado pelo envolvimento dos membros do conselho do trabalho e pelo apoio do TEA e os esforços de colaboração entre as duas organizações em uma série de questões, incluindo principalmente a proteção e expansão do transporte público (DeCarlo, 2010: 4; Hillman, 2010: 1, 7; Egan, 2010: 5). As adesões do TYLC estiveram intimamente entrelaçadas com o Conselho de Administração do TEA. Um dos oito atuais membros do Conselho do TEA inclui Faduma Mohamed, que é diretor executivo do Trabalho de Serviços da Comunidade para o TYLC. Talvez a contribuição mais significativa de pessoal e de ativistas que circulam entre as duas organizações foi feita por Julius Deutsch, que até falecer de câncer em 2010, foi o assistente executivo de John Cartwright no TYLC e um ambientalista comprometido do trabalho.¹⁰⁷ Ele estava envolvido com o TEA, já em 1998, para proteger os serviços públicos e o lançamento do *Water Watch*, um trabalho colaborativo e campanha ambiental que impediu a privatização do sistema de água da cidade. Em 2006, quando o TEA foi confrontado com o

¹⁰⁷ Veja, por exemplo, "Julius Deutsch (1953-2010): Toronto perde ativista notável e o TEA perde um grande amigo," *Toronto Environmental Alliance*, acessado em 30 de julho de 2010: <http://www.torontoenvironment.org/newsroom/media/other20100222>.

financiamento e reduções de uma rotatividade de pessoal súbitas, Deutsch juntou a Diretoria do TEA e ajudou a orientar a organização para a reconstrução de si mesma. O TYLC fez um empréstimo decisivo de aproximadamente CAD \$ 100.000 ao TEA quando ele entrou em dificuldades financeiras, num esforço de apoio que viu a última organização através dos seus problemas até que ela foi capaz de reembolsar o empréstimo para a anterior (Hillman, 2010: 6; Egan, 2010: 5). Além disso, o TYLC apoiou a eleição de candidatos verdes para o Conselho da Cidade e, em 2006, apoiou a eleição do ambientalista Gord Perks, que, até então, era um dos líderes do TEA e, desde então, tem trabalhado com o TYLC para pressionar o prefeito David Miller no sentido de projetos de economia verde (Hillman, 2010: 7).¹⁰⁸

As duas organizações trabalharam juntas por meio de eventos e projetos diferentes, o mais evidente e comumente citado é o transporte público. Chamado de "Projeto de Trabalho de Trânsito", Hillman, do Executivo do TYLC, foi destacado pelo seu sindicato CAW Local 112 durante cinco meses, para apoiar os sindicatos na negociação de passes de transporte para os seus membros, para que eles usassem o transporte público com mais frequência. O projeto envolveu uma estreita colaboração com o TEA e um trabalho educativo, reunindo os *cadernos de trânsito*, proporcionando uma série de boas razões ambientais para os sindicalistas apoiarem o transporte público, como reduzir as emissões e melhorar a qualidade do ar, que por sua vez, tem um impacto sobre a saúde (TYLC, 2004; Hillman, 2010: 1).

A campanha mais recente do TYLC sobre o transporte público abrangeu dois grandes esforços, sendo o primeiro garantir o provisionamento local e o segundo salvar o trânsito da cidade, o programa planejado de expansão da Comissão de Trânsito de Toronto (TTC). Egan (2010: 5) afirma que o TYLC "sempre teve uma posição sobre o trânsito de massa crescente", à qual a recente adição de um foco em contratos locais ajuda a adicionar um "novo" ângulo de criação de empregos verdes. O TTC anunciou grandes novas expansões da infra-estrutura do transporte público em março de 2007, com a construção de uma das sete novas linhas de metrô e Light Rail Transit (LRT) para começar em dezembro de

¹⁰⁸ O perfil e o histórico ambiental de Councillor Perk está disponível na cidade de Toronto em:

2009.¹⁰⁹ O TYLC orquestrou uma campanha, juntamente com seus afiliados, o Conselho da Área de Toronto USW e CAW, lançando o "Made In Canada Canada", com uma campanha de mais de quatro anos para garantir que a cidade de Toronto adotasse uma política de aquisições locais para os custos de fabricação de automóveis novos LRT (bem como para despesas de habitação pública). Enquanto lutavam por 60% de contratos locais e só conseguiram garantir 25% na política (que, pelo menos, dois dos informantes, King (2010: 13) e DeCarlo (2010: 7), criticaram por serem capazes de alcançar apenas com os custos de trabalho e sem fazer uma mudança “verde” significativa nas atividades), foi suficiente para garantir que os membros da CAW 1075 Local na fábrica da Bombardier em Thunder Bay fossem agraciados com o contrato de fabricação, ao invés de ver os trabalhos transferidos para o exterior para a Siemens. O contrato representa dez anos de trabalho e mais de 300 postos de trabalho criados diretamente e é considerado uma grande conquista de "empregos verdes" por causa dos benefícios ambientais da manutenção da produção local e expansão da capacidade de transporte público (Hillman, 2010: 8; CAW Local 112, 2009: 11 ; Egan, 2010: 2; Hillman, 2010: 8; DeCarlo, 2010: 4; King, 2010: 13). O segundo maior esforço recente de trânsito do trabalho de Toronto tem sido o apoio do TYLC emprestado para uma campanha geral de "salvar o trânsito da cidade", como o governo provincial do Premier McGuinty anunciou uma decisão em março de 2010 de "adiar" CAD \$ 4 bilhões dos recursos destinados aos melhoramentos da infra-estrutura do TTC. Desde o anúncio, a cidade de Toronto propriamente dita, juntamente com a comunidade e grupos de trabalho, incluindo o TEA e o TYLC, estão pressionando o governo provincial, em resposta ao corte de financiamento que ameaça a viabilidade da atualização do trânsito.¹¹⁰

<http://www.toronto.ca/councillors/perks1.htm>.

¹⁰⁹ Informação sobre *Transit City* disponível no TTC em:

http://www3.ttc.ca/About_the_TTC/Projects_and_initiatives/Transit_city/index.jsp

¹¹⁰ Veja Roberts, Rob, (2010) “Fight Begins to Save Transit City” *Postagem Nacional*, 17 de abril, 2010 acessado em: <http://network.nationalpost.com/NP/blogs/toronto/archive/2010/04/17/fight-begins-to-save-transit-city.aspx>; também “Save Transit Campaign launched on the eve of Earth Day” no site do Good Jobs For All, acessado em 30 de julho de 2010 em: <http://goodjobsforall.ca/?p=1108>.

1.26 Bons empregos para todos

Good Jobs For All é uma coalizão de trabalho/comunidade, ou uma “aliança de organizações da comunidade, de trabalho, justiça social, juventude e ambientais da região de Toronto”.¹¹¹ Liderados pelo TYLC, ela conseqüentemente se concentra em criar um diálogo entre os parceiros para "desenvolver estratégias que afirmem os valores de uma sociedade verdadeiramente justa - comunidades saudáveis, uma economia sustentável, de serviços públicos fortes, equidade e trabalho digno para todos". É, portanto, uma extensão, ou um resultado de esforços passados do TYLC e agora funciona como uma entidade própria, um incipiente movimento social. Ao analisar a coligação, vale a pena, antes de tudo, discutir suas origens e, em seguida, voltar-se para a cimeira em que a declaração da coligação foi feita, o documento que estabelece uma visão compartilhada de orientação dos trabalhos futuros. A estrutura da coalizão, como ela realiza o trabalho, é descrito, antes de finalmente destacar as atividades que se concentram mais fortemente nos empregos verdes, através do *bons e verdes empregos para todos* ou sub-grupo da *economia verde* e sua campanha hídrica de Toronto.

1.26.1 Precusores do bons empregos para todos

Uma série de elementos importantes entrou em lugar para estabelecer as bases para a construção de uma coalizão da comunidade de trabalho. Com importância, o TYLC já estava, como discutido acima, comprometido em incorporar a igualdade e o meio ambiente no movimento operário e, estendê-los além do trabalho e na comunidade. Ele teve um relacionamento de longa data com o TEA e uma postura no transporte público e contratos locais e construir a força de trabalho tem sido uma parte de sua agenda.

Judy Persad (2010: 2) foi contratada pelo TYLC em 2006, inicialmente em um contrato com o papel explícito de "conectar a comunidade e o trabalho," uma escolha aguçada de trabalho prático sobre a parte da liderança do Conselho do Trabalho, uma vez que ela foi co-autora com Salomé Luckas do livro de 2004 *Through the Eyes of Workers With Colour* e teve duas décadas de experiência na organização de comunidades

¹¹¹ O site *Good Jobs For All* foi acessado em 3 de agosto de 2010.

especificamente. Ser nova no trabalho, com exceção dos projectos que previamente organizou dentro de organizações comunitárias em matéria de discriminação e de mulheres, Persad trouxe as habilidades certas e os antecedentes do movimento operário de Toronto e York para ajudar a mostrar que era séria sobre a equidade e para construir a confiança e ganhar a confiança dos parceiros comunitários.

Persad (2010: 4) é sensível às preocupações da comunidade e às críticas do trabalho, que as comunidades no passado que se uniram ao trabalho se sentiram usadas por seu parceiro mais poderoso, então o foco do TYLC teve de ser em deixar os membros da comunidade ajudarem a definir a agenda e orientar as prioridades de projetos de trabalho; Como ela explica:

Porque se nem todo mundo está se sentindo incluído, é o mesmo problema, você sabe, 'não, o trabalho tem o poder'. Você tem o pessoal, você tem os recursos. "E isso é verdade, mas o que estamos tentando assegurar, ou garantir, é que o processo inclua a todos e a política e a visão que vêm da coligação é representativa de todos na sala e de todos os membros da coalizão.

A significância da sensibilidade de Persa do poder, da anti-opressão e da inclusão ecoa no USW quando King (2010: 10) critica as estratégias provincianas anti-pobreza e sugere que a coalizão de trabalho/comunidade precisa encontrar caminhos de ser inclusiva:

[...] as estratégia anti-pobreza, nós precisamos ser mais realistas sobre como vamos alcançá-las: É simplesmente não vão fluir de mais empregos sendo criados e isso não vão fluir sem aumentar a sua capacidade de participar. E é onde o maior desafio realmente está, certo, porque, historicamente, a pobreza, ou as pessoas que vivem na pobreza, têm sido as mais marginalizadas. Elas não podem participar e, quando participam, são arrancadas. Então temos que estar atentos a isso.

Os esforços do trabalho em *bons trabalhos para todos* são nesse sentido dirigidos para a construção de relacionamentos e incluindo parceiros que são normalmente excluídos - como os grupos de imigrantes - e, por sua vez, através desses elementos, construir um movimento diverso, mas unido, reflexo da classe trabalhadora de Toronto, de modo que as ações individuais passam a fazer parte de programas coletivos maiores direcionados para fins políticos.

Duas principais campanhas são citadas pelos informantes como precursoras para a coalizão *bons empregos para todos*. A primeira é a ascensão dos trabalhadores de hotéis, que também foi a primeira atividade de organização de Persad quando ela foi trazida para o trabalho em 2006. O objetivo era sair para as comunidades, falar sobre a campanha e trazer os cidadãos para comícios e apoiar os trabalhadores dos hotéis em suas negociações

(Persad, 2010: 3). Ela afirma que a UNITE-HERE, representando um grande número de trabalhadores de hotéis, de jogos e hospitalidade faz um bom trabalho de mobilização de seus membros e, descendo às raízes da comunidade, algo que ela tem que tentar emular com o seu trabalho posterior para a coalizão *bons empregos para todos* e que o TYLC tirou durante o seu apoio à campanha dos trabalhadores de hotéis (Persad, 2010: 7).

No ano seguinte, em 2007, Persad se envolveu na campanha de US \$ 10 salários mínimos, lançada pelo Conselho do Trabalho em colaboração com a Federação Canadense de Estudantes, a ACORN e OCASI (Persad, 2010: 3; Hillman, 2010: 8; Cartwright, 2009b : 163; Egan, 2010:2).¹¹² Já em março de 2006, as reuniões da Câmara Municipal estavam sendo realizadas em dez bairros de baixa renda (como Parkdale, Malvern, Davenport, Jane-Finch, etc) para se comunicar diretamente com grupos da comunidade local e estabelecer uma campanha de denúncia em massa. A campanha incluiu um trabalho educativo, cujo objetivo era colocar pressão sobre o governo da província para aumentar o salário mínimo. A importância desta campanha era triplo: 1) é geralmente considerado como um passo importante pelo TYLC no sentido de na verdade não só construir relações de trabalho na comunidade, mas também no estabelecimento de um modelo para a construção de relações, que poderiam ser usadas de novo e melhoradas no futuro, 2), enquanto o TYLC não conseguiu garantir um salário mínimo de \$ 10 de imediato, o governo provincial fez anunciar aumentos que acabariam atingindo a meta do TYLC, gradativamente em três anos, e, 3) o TYLC - cujos membros já ganhavam, em maior parte, um salário digno e poderiam ser considerados entre os membros mais privilegiados da classe trabalhadora de Toronto - defendeu as necessidades dos trabalhadores, na sua maioria desorganizada e vulnerável, que não pertencem a um sindicato ou a uma filial do Conselho do Trabalho e que recebem apenas um baixo salário. Nestes aspectos, a Campanha Salarial de um mínimo de \$ 10 foi uma vitória importante, como o modelo de sucesso, relacionamentos e evidência de

¹¹² O TYLC por muito tempo defendeu um aumento no salário mínimo, como evidenciado por seu site “um milhão de razões”, acessado em: <http://www.amillionreasons.ca/>, parte de uma campanha de 2005 que levantou a questão. “O conselho do trabalho deixou claro que viu seu mandato como para ajudar a levantar os padrões de um milhão de trabalhadores na região, a maioria não sindicalizada, cujo trabalho sub-pago e sub-valorizado” (Cartwright, 2009b: 163). Ele serviu como um quadro para uma série de campanhas, inclusive a campanha do salário mínimo e eventualmente o estabelecimento da coalizão *Good Jobs For All*.

impacto foram todos os resultados importantes na parte do longo processo que levou eventualmente à criação do *bons empregos para todos*.

Os eventos e organização que se tornaria a *bom trabalho para todos* tiveram o seu início no verão de 2008, quando o Conselho do Trabalho, em resposta ao rápido desdobramento da crise econômica em Toronto e da economia global, instou os líderes de cerca de trinta organizações de trabalho, de comunidade, justiça social e estudantis se reuniram e falaram sobre empregos e sobre as crises econômicas. Duas reuniões de 19 de junho e 22 de julho de 2008, das 5:30 - 9:00 da noite, foram realizadas no Salão dos Metalúrgicos, na 25 Cecil St.¹¹³ Uma ceia foi dada à comunidade e aos ativistas do trabalho que aceitaram vir e discutir uma questão simples que foi formulada: "não queremos ficar juntos para resolver estes problemas?" (Persad, 2010: 3). Embora possa ter havido uma certa insegurança por parte dos trabalhadores quanto a onde essas reuniões iniciais levaria, houve certamente uma intenção, ou pelo menos uma esperança, sem demora para planejar um grande evento colaborativo em conjunto. A primeira reunião atraiu 43 participantes e levou à seguinte, "uma oportunidade excitante para um diálogo continuado e de planejamento de uma cúpula de bons trabalhos no final de 2008." Esse segundo convite continuou:

Por favor, aceite este convite e lembrança para se juntar com outras comunidades e ativistas sindicais que estiveram na linha de frente para lidar com a pobreza, inclusão social, cidades saudáveis e direitos dos trabalhadores, à medida que continuamos focados em um diálogo sobre como "levantar a barra" quando se trata da expectativa de vida da população e as condições de trabalho no maior centro urbano do Canadá.

De acordo com Persad (2010: 3), muitos dos representantes dos grupos comunitários falavam nessas reuniões iniciais sobre suas barreiras para se envolverem e reiteraram sua preocupação com a diferença de poder em sua relação com o trabalho, ajudando desde o início a definir o tom para um diálogo claro e incentivar os esforços do Conselho de Trabalho para ser inclusivo. O TYLC atribuiu Persad e dedicou o seu tempo de trabalho para a construção de uma coalizão e da organização de uma cúpula maior (Persad, 2010: 3).

¹¹³ Citações nesse parágrafo são de dois documentos fornecidos por Judy Persad em um e-mail, "um convite" e "um convite e uma lembrança."

1.26.2 *Ápice para empregos bons para todos*

Líder até o cume, Persad e os demais organizadores envolvidos na extenso "diálogo pré-ápice" durante os meses de planejamento e consultas, levando consigo para as suas reuniões um projeto de declaração, fazendo inúmeras alterações ao longo do discurso com cerca de 3.000 pessoas da comunidade e do trabalho, que deram a sua orientação (Cartwright, 2009b: 162; Persad, 2010: 4).

Tabela 7. Organizações-membro da coalizão *Good Jobs for All*, 2010

• Association of Community Organizations for Reform Now (ACORN)	• Metro Toronto Chinese & South East Asian Legal Clinic
• Campaign 2000	• Miziwe Biik
• Canadian Auto Workers	• No One Is Illegal Toronto
• Canadian Federation of Students	• Ontario Coalition for Better Childcare
• Canadian Hispanic Congress	• Ontario Council of Agencies Serving Immigrants (OCASI)
• Canadian Labour Congress – Região de Ontário	• Ontario Public Service Employees Union
• Canadian Tamil Congress	• Scarborough Civic Action Network
• Canadian Union of Public Employees (CUPE)	• Service Employees International Union
• Chinese Canadian National Council – escritório de Toronto	• Social Planning Council – York Region
• Colour of Poverty – Colour of Change Network	• Social Planning Network of Ontario
• Council of Agencies Serving South Asians	• Social Planning Toronto
• Council of Canadians	• Toronto & York Region Labour Council
• Community Organizing for Responsible	• Toronto Coalition for Better Childcare
• Desenvolvimento (CORD)	• Toronto Environmental Alliance
• Family Service Toronto	• Toronto Workforce Innovation Group
• Green Enterprise Toronto	• Unite Here Local 75
• Jamaican Canadian Association	• United Food and Commercial Workers
• Jane/Finch Green Jobs Coalition	• United Steelworkers
• Labour Community Services	• Urban Alliance on Race Relations
• Labour Education Centre	• Workers' Action Centre
• Migrante	• Working Women Community Centre

Fonte: Acessado em 23 de junho de 2010 em: <http://goodjobsforall.ca/>.

A Cúpula foi realizada em 22 de novembro de 2008, no Centro de Convenção Metro no centro de Toronto (TYLC de 2008: 1; Persad, 2010, 4, 8; Cartwright, 2009b: 162; Hillman, 2010: 4; Egan, 2010: 2; DeCarlo, 2010: 4). Os organizadores da Cúpula do TYLC a haviam planejado para cerca de 1.200 pessoas, mas foram forçados a cortar novas inscrições e, no final, cerca de 1.600 pessoas compareceram e a sala de reunião ficou além de sua capacidade, preenchida com uma multidão em pé, o que é citado por muitos dos informantes como um sinal não só de uma boa conferência, mas também para a aprovação

da direção geral que o Conselho do Trabalho está tomando. As pessoas que compareceram incluíram sindicalistas, ativistas da justiça social, ambientalistas, jovens e também dirigentes eleitos. Três palestrantes - Deena Ladd do Centro de Ação dos Trabalhadores, Dave Foster (2009) da Aliança Blue-Green e Maria Elena Durazo, da Los Angeles County Federation of Labour – discursos feitos durante uma série de oficinas facilitaram a troca de ideias entre os participantes, as suas recomendações foram reunidas e serviram de base para a elaboração de um plano de ação para a coalizão *good jobs for all*. Além disso, os participantes assinaram, depois de votar e aprovar, a declaração que tinha sido meticulosamente preparada durante os meses anteriores.¹¹⁴

A declaração da *good jobs for all for a great Toronto* apresenta Toronto como um lugar de esperança e de desafio, um local de encontro histórico, que desde as Primeiras Nações foi um destino de escolha para as gerações de imigrantes e muitos fatores têm contribuído para a qualidade de vida lá - como governo ativo, uma base industrial forte, com trabalhos de renda média de sindicato, um sistema de educação bem financiado e outros serviços públicos, e assim por diante. Em seguida, destaca doze pontos formando uma "visão compartilhada" dos fatores que as pessoas que trabalham sabem que irão contribuir para a sua construção coletiva de uma economia com bons empregos para todos (como "o direito de cada trabalhador deve ser tratado com respeito e dignidade" e "a oportunidade de participar de uma economia mais verde"). A declaração conclui afirmando que: "chamamos as pessoas de todas as esferas de vida: 1) a demanda de uma economia com bons empregos para todos; 2) construir a solidariedade social em nossas comunidades, nossos locais de trabalho, nossas organizações e instituições públicas; 3) insistir sobre as políticas públicas em todas as ordens do governo que apóiam os objetivos de uma sociedade justa, equitativa e inclusiva; 4) exigir que todos os com o poder em nossa

¹¹⁴ A declaração da *Good Jobs For All For A Greater Toronto* está disponível em seu site, acessado em 30 de julho de 2010: <http://goodjobsforall.ca/>. Se o site do TYLC não é atraente ou bem organizado, o da Good Jobs For All é excelente, incluindo uma ferramenta de busca, recursos e seções de blog com links para fotos e vídeos, bem como uma página de notícias com links para artigos mais detalhados com as atividades de membros de coalizões diferentes e suas atividades comuns de campanha. Interessantemente, o envolvimento central e liderança do TYLC não são evidentes no site da Good Jobs For All, como o Conselho do Trabalho parece ter agido sozinha e posto a coalizão em primeiro plano. Só um link imperceptível para o site do TYLC está disponível e seu logo não está visível em lugar nenhum.

sociedade exerçam esse poder para o bem comum; 5) assegurar que as atividades econômicas sejam sustentáveis, permitindo que as gerações futuras satisfaçam as suas necessidades, enquanto vivem em harmonia com nosso planeta e com os outros."

No momento da escrita, a Coligação era composta por 41 parceiros e está sujeita a crescer, uma vez que o Conselho do Trabalho quer identificar novos potenciais aliados ou organizações que se identificam com a Coligação. Uma reunião neste caso é estabelecida entre os organizadores e ocorre uma discussão sobre o seu envolvimento e adesão que eles podem mobilizar (Persad, 2010: 6).

1.26.3 Estrutura – Três comitês, seus encontros e campanhas

O Plano de Ação que sai do ápice foi formulado com base na entrada de participantes e é usado como um mandato para lançar campanhas diferentes conjuntas, convidar membros de outras coalizões independentes para apoiar o trabalho de seus novos aliados e manter comícios juntos. A coligação *good jobs for all* realiza uma reunião mensal da sociedade em geral, no salão dos metalúrgico, com duração de três horas e meia, o que é comum a presença de entre trinta a quarenta pessoas. As reuniões realizadas no verão ou perto dos feriados de fim de ano ainda têm cerca de 25 pessoas (DeCarlo, 2010: 3; Persad, 2010: 6; Egan, 2010: 3). A participação nas reuniões é tomada por vários informantes como um sinal da força da Coligação.

A Coalizão organizou-se em três principais comissões para realizar tarefas específicas e realizar o trabalho. Equipes de Persad em todas estas reuniões das comissões. Cada comissão tem dois co-presidentes e, com base nas diretrizes estabelecidas pela Coligação, pelo menos um deverá ser mulher e pelo menos um é um uma 'pessoa de cor'. Essa estrutura de co-presidentes é citada por Egan (2010: 3) e Persad (2010: 2) como uma encarnação da importância atribuída a tratar a comunidade com sensibilidade e deixá-la definir a agenda, bem como a prioridade atribuída de fazer do movimento inclusivo e representativo.

Um sub-grupo ou comitê é chamado de *capacitando os funcionários*, que foi lançado no início de 2009, uma campanha "Fix EI", chamando o governo federal para aumentar a extensão e aumentar a quantidade de benefícios para os trabalhadores desempregados cobertos pelo programa Seguro-Desemprego, a comissão organizou uma

série de reuniões na prefeitura, comícios, um fórum em 21 de setembro de 2009 e assinou uma petição.

Outra comissão é referida como *investimento em infra-estrutura social* e lançou sua própria campanha chamada "Serviços Públicos para Todos", cujo objetivo é incentivar o povo de Toronto a tomar medidas para assegurar que o governo mantenha a infra-estrutura social - mais uma vez indo para as prefeituras, embora desta vez fazendo algumas coisas de forma diferente da campanha anterior do TYLC do salário mínimo de \$ 10 (Persad, 2010: 6).¹¹⁵ O objetivo tem sido para cada comunidade, através das organizações locais, para planejar a sua própria agenda sala na prefeitura, enquanto o Conselho do Trabalho incorporou um aspecto educacional na transmissão de sua mensagem para a proteção das infra-estruturas sociais, mantendo seu caráter público. O investimento em *infra-estrutura social*, assim, focou em informar os membros da comunidade mobilizada sobre o que constitui o serviço público, a quem pertence e como ele tem influência sobre eles - informação básica que havia sido ignorada por alguns, até a intervenção da Coligação, de acordo com Persad (2010: 6).

A terceira comissão da *good jobs for all* refere-se a si mesmo como uma *Economia Verde Para Todos* e sua primeira atividade principal foi organizar uma outra importante conferência, intitulada "Bom, Empregos Verdes para Todos" no aniversário de seu ápice. Ela é co-presidida por Carolyn Egan, do Executivo do Conselho de Administração do TYLC e por Nigel Barriffe, um professor de escola primária canadense jamaicano que cresceu em Rexdale (Egan, 2010: 1, 3).¹¹⁶ A comissão tem cerca de 25-30 pessoas, enquanto de doze a vinte diferentes membros participam de cada reunião, incluindo Hillman (2010: 3) do CAW Local 112 e o TYLC, que credita a comissão para a manutenção de conexões com a comunidade progressiva de diferentes grupos e organizações, incluindo a Blue Green Canada. Nick DeCarlo (2010:6) também participa,

¹¹⁵ Infra-estrutura social é entendida pela coligação e seus comitês como uma série de bens públicos que incluem infra-estrutura 'pesada' (escolas, centros comunitários, hospitais, moradia pública, etc) e infra-estrutura 'leve' (o fornecimento de serviços como centro para as crianças, educação, etc): <http://goodjobsforall.ca/?cat=12>.

¹¹⁶ Barriffe tem seu próprio site, que descreve seu envolvimento com a comunidade: <http://www.nigelbarriffe.com/>.

embora menos freqüente, contribuindo com base em suas experiências anteriores de organização do trabalho da Aliança Verde e trazendo com ele a perspectiva de que para uma economia realmente verde, o movimento tem que ter objetivos políticos e estar enraizado na comunidade e entre os trabalhadores.¹¹⁷ Persad, muitas vezes, realiza muitos dos detalhes específicos necessários para trabalhos da comissão, enviando os resultados para os membros para seus comentários, pois eles estão envolvidos em todos os aspectos do planejamento, até para o desenho de materiais publicitários (Hillman, 2010 : 3; Persad, 2010: 4; Egan, 2010: 4). As reuniões, realizadas no salão do sindicato, são normalmente realizadas mensalmente, mas mais frequentemente quando necessário, como antes do lançamento de uma campanha ou evento, tais como a sua primeira reunião importante, discutida abaixo.

1.26.4 Empregos bons e ecológicos para todas as conferências

A partir de abril de 2009, o Conselho do Trabalho e Persad realizaram reuniões quinzenais da *Green economy for all* com os distintos grupos envolvidos, o que representa o trabalho, "pessoas de cor" e do ambiente, que levaram dois meses para chegar a uma visão de que se unidos em um quadro de "emprego, igualdade e meio ambiente", tornando as preocupações e as questões de cada tema transversal para o grupo inteiro (Persad, 2010: 7). Baseado em que trabalham juntos, os membros da comissão organizaram uma conferência realizada em 07 de novembro de 2009, da "*good, green jobs for all*" onde participaram mais de 600 pessoas da comunidade de GTA, ativistas ambientais e trabalhistas e da juventude (DeCarlo, 2010: 2). O foco foi diferente do original realizada em novembro do ano anterior, apenas porque o foco principal estava centrado unicamente na economia verde.

A conferência, considerada uma importante atividade educativa em si (Hillman, 2010: 10), incluiu um vídeo de Van Jones (2009) e contou com três oficinas que ajudaram a identificar problemas comuns e estratégias de mobilização, na construção de um movimento de

¹¹⁷ DeCarlo (2010: 18) em sua entrevista também levantou as questões do tempo de trabalho, controle de produção, tomada de decisão e consumo. Ele, com Persad (2010) demonstrou preocupação com as relações sociais e poder envolvidos nas colaborações com a comunidade e com os parceiros ambientais.

economia verde, que focaliza emprego, a capacidade de renovação, políticas de contratos locais, a transição justa para trabalhadores deslocados, um trabalho digno e um salário mínimo e um compromisso de todos os níveis de governo.¹¹⁸ O evento terminou com um discurso de Clayton Thomas-Muller exortando os povos a se unirem "para aprofundar a nossa compreensão de como a industrialização danificou nosso relacionamento com a Terra, bem como os sistemas de opressão que nos impediram de vir junto."¹¹⁹ A conferência foi uma oportunidade de mais uma vez incluir a igualdade e a justice social na agenda da economia verde, como Egan (2010: 1) explica que:

O que estávamos tentando fazer era ouvir as vozes da juventude marginalizada e das comunidades de Toronto, comono norte de Etobicoke e Jane-Finch, onde os jovens não têm muita oportunidade de conseguir empregos decentes. Ouvimos as vozes de trabalhadores demitidos, ambientalistas, atividades de comunidade, sindicalistas, etc.

Outro documento importante foi gerado pela entrada de participantes nas oficinas e mais tarde, foi distribuído de volta para eles em duas páginas do "Quadro de Ação Desenvolvida a partir da Conferência de novembro de 2009" (Good Jobs For All, 2009). Ele descreve a estratégia política da Coligação em trabalhar juntos para construir uma economia verde e indica um número de vias a seguir, tais como: utilizar as eleições municipais de outubro de 2010 e provinciais de 2011, bem como os Jogos Panamericanos de 2015 para avançar com a agenda da *Good, green jobs for all* e pedir um maior investimento público em infra-estrutura, com foco em comunidades de baixa renda, para o transporte público, energia renovável pública e reforma de edifícios públicos (os mesmos três itens do CLC e Instituto Polaris da Rede de Economia Verde). Há, portanto, um certo otimismo sobre as possibilidades políticas que existem em torno de alcançar os objetivos da coalizão de empregos verdes através da influência de candidatos eleitorais e trabalhar com os vereadores, como o TYLC tem contato estreito com eles e ainda conta com o apoio de alguns funcionários municipais e vereadores (DeCarlo, 2010 : 4; Hillman, 2010: 7).

¹¹⁸ Egan (2010: 10) menciona que ela e seus colegas trouxeram o DVD de Van Jones (2009) com eles da conferência da Good Jobs, Green Jobs nos EUA e fizeram referência aos conceitos que ele usa como "atalhos para fugir da pobreza" e o "eco-apartheid," ela disse que reforçou a posição que o TYLC já tinha relacionada à igualdade.

¹¹⁹ "Toronto se une para os empregos verdes," acessado do site da *Good Jobs For All* em 3 de agosto de 2010: <http://goodjobsforall.ca/?cat=7>. Um vídeo curto por Glen Richards das atividades da conferência também está disponível.

Enquanto Persad indica (2010: 5) que o "quadro" (Good Jobs For All, 2009) fornece a base sobre a qual eles lançaram a sua campanha mais recente, o documento realmente não faz qualquer menção específica à campanha "*Hydro de Toronto*".

1.26.5 Campanha *Hydro de Toronto*

Persad voltou a ser uma figura central como coordenadora, em uma das mais recentes campanhas da coligação *good jobs for all*, sendo conduzida por membros do comitê da *Green economy for all* com base no mandato que recebeu dos participantes da conferência da *Good, green jobs for all*. A "Green Jobs for all na campanha Hydro", ou Campanha Hydro de Toronto, como é frequentemente referida, tem um enfoque prático e está sendo realizada em função do argumento forte, feito pelos participantes da conferência a favor de uma ação específica e concreta, que ajuda a construir a capacidade da comunidade em trabalhos para ela e, quando alcança, seria uma demonstração material do potencial de uma economia verde (Hillman, 2010: 2; Persad, 2010: 5). Também é talvez o melhor exemplo atual de como patrimônio e o meio ambiente são gradeados juntos em uma campanha de criação de emprego liderada pelo TYLC.

A campanha dos empregos verdes para todos na campanha Hydro foi oficialmente lançada em 07 de junho de 2010, numa conferência de imprensa na prefeitura de Toronto e convida a Toronto Hydro-Electric System - a distribuidora de energia local e um importante empregador de mais de 1.600 pessoas no GTA - para instalar painéis solares em todos os edifícios públicos de Toronto e, ao fazê-lo, priorizar contratos locais e comprometer-se com um plano de contratação equitativa favorável aos jovens, às minorias raciais e aos recém-chegados para preencher os resultantes empregos sindicalizados (Persad, 2010: 8, 11; Hillman, 2010: 4; Egan, 2010: 3).

A campanha conta com a estreita participação da CUPE Local 1, representando os empregados atuais da Hydro Toronto. O primeiro grande passo na sequência de reuniões com o prefeito Miller e das cartas aos interessados era garantir que a empresa continuasse a ser de propriedade pública, como a equipe de finanças da cidade teve que apresentar recentemente uma proposta que iria absolver a Cidade do pagamento de impostos sobre a venda da Hydro Toronto, que efetivamente chamou a atenção para a intenção da cidade em

privatizar a distribuidora de energia. A fusão dos ambientalistas, sindicalistas e grupos de base comunitária para combater a pobreza mudou-se para protestar contra essa possibilidade. A estratégia de coligação para garantir que a Hydro permanecesse pública e responsável, antes de tudo, pelo lobby e depois apoiar um movimento contra a Câmara Municipal e, em 6 de julho de 2010, um público de mais de cinquenta anos, da Cupe, TYLC e TEA testemunhou a votação do Conselho Municipal de Toronto, resultando em um apoio "esmagador" (30-6) para a oposição contra a privatização da energia hidráulica de Toronto. A coalizão também está usando uma estratégia eleitoral para evitar futuras tentativas de privatização (Egan, 2010: 2), tornando "politicamente insustentável" para candidatos à prefeitura e para vereadores apoiarem a privatização, se eleitos, como Hillman (2010: 6) explica:

Até agora temos forçado os principais candidatos a dizer não. Então, vamos manter a pressão política para se certificar de que isso não aconteça, porque, enquanto ela é pública, temos algum controle e somos responsáveis por tentar fazê-la fazer coisas como colocar painéis solares.

Por agora, a comissão da Economia Verde Para Todos limita-se somente à Campanha Hydro Toronto, pois conta com apenas "um número limitado de pessoas fazendo este trabalho, e você sabe, somos mais bem-sucedidos se mantermos o foco" (Hillman, 2010 : 8). Os manifestantes estão se sentindo confiantes sobre os resultados que estamos vendo, a julgar que tudo está "indo muito bem. Parece que estamos batendo em uma porta aberta com a energia hidráulica de Toronto " (Hilman, 2010: 3). No entanto, alguns membros da comissão têm projetos em curso e antecipados que estão tentando realizar para contribuir com os esforços mais amplos. Por exemplo, Hillman (2010: 7) afirmou que espera que a comissão, juntamente com o CAW e outros sindicatos, possam se reunir em breve para completar um projeto de pesquisa ad hoc, em resposta à necessidade de encontrar novos empregos na economia verde emergente e sobre a melhor forma de requalificar os trabalhadores demitidos, a idéia é também preparar oficinas e seminários de orientação.

Há uma grande praticidade nas declarações dos informantes e nas medidas que estão propondo, embora muitos deles insiram suas ações em uma ampla "crítica fundamental" da economia. A campanha Hydro Toronto corresponde a um desafio para o trabalho e seus aliados para a tendência atual, sob o governo liberal de Ontário que favorece medidas da economia verde por meio do setor privado, como o curso de ação proposto, neste caso,

exigindo que o dinheiro público seja gasto para criar empregos sindicalizados e na atualização da infra-estrutura pública (King, 2010: 5).

1.26.6 Preocupações e resumo

Os informantes e a literatura primária apontam para uma preocupação com a fragilidade potencial de uma aliança de comunidade de trabalho como a coalizão dos bons empregos para todos e falam da necessidade de fortalecer o movimento social e de aprofundar a sua agenda de transformação, enquanto "enraizamento" do movimento , garantindo tanto a sua auto-sustentabilidade, através da participação em curso de membros da comunidade que a "possui" ou que se sentem responsáveis e como se tivessem um lugar e que o processo inclui passos práticos que são realmente concretos para construir uma economia verde (DeCarlo, 2010: 3; Persad, 2010: 5; Cardoso, 2009b: 164).

DeCarlo (2010: 3) - talvez em parte com base em suas experiências pessoais de organizar o trabalho da Aliança Verde, que ultimamente falhou em garantir os recursos de capital de que necessitava para construir um movimento político - articula isso para a iniciativa da empregos verdes para todos para expandir e realmente ter sucesso na transformação da economia, seus membros terão de debater as medidas concretas e, em particular, o papel da apropriação pública em vez de confiar no mercado e na iniciativa privada e garantir que a estrutura operacional do movimento possa ser sustentada, parte do processo contínuo de garantir que todos tenham um papel a desempenhar em um programa de ação definido e comum. "A chave agora é", diz ele, "como é que vamos organizar e 'enraizar' esse movimento?" (DeCarlo, 2010: 8). Cartwright (2009b: 164) ecoa a mesma preocupação, ao comentar sobre a estratégia:

A coligação [Bons empregos para todos] representa uma expressão autêntica da mudança da classe trabalhadora em Toronto e deve se tornar um novo modelo de organização da comunidade/trabalho no século 21. A realidade demográfica é que a clara maioria da future classe trabalhadora virá de comunidades de trabalhadores imigrantes, indígenas e discriminados. O movimento sindical tem que se enraizar, autêntica e fortemente, nessas comunidades se quisermos ter uma base que seja capaz de defender ganhos passados e lutar por novas vitórias.

DeCarlo (2010: 3), como Persad (2010: 4), está preocupado mais com a necessidade de abordar a questão do poder, quando argumenta:

Sim, e também, como ela [Good Jobs For All] encontra sua plataforma e agenda e faz com que elas encontrem as necessidades das pessoas e incluam os trabalhadores e transformem as comunidades,

diferente de, você sabe, lutar por uma questão e conseguir algumas mudanças, e não realmente mudar as relações de poder com a comunidade, uma coisa certa. E para mim, tem que mudar a relação de poder com a comunidade.

Ele prossegue, resumindo que a sua esperança para a coalizão é que ela seja capaz de aumentar o controle social, "A chave é que a comunidade está organizada para realizar as suas próprias demandas, colocando pressão sobre o governo para garantir a intervenção pública na economia da cidade e um processo democrático de tomada de decisão" (DeCarlo, 2010: 6). Os principais esforços do TYLC foram no sentido de construir um movimento social capaz de aplicar essa pressão política, como evidenciado pela seguinte afirmação feita por Persad (2010: 5):

Acho que o que John Cartwright fala aqui, também, é que nós não queremos apenas ter uma coligação com nomes, certo? Nós poderíamos fazer isso, você pode ter uma coligação com uma centena de nomes e parecer impressionante, mas o que realmente, se você fosse se mobilizar, que será mobilizado? Quem está falando? [...] Assim, descer até a base é realmente fundamental, seja nos sindicatos, então não são apenas líderes sindicais falando, ou se é dentro das comunidades.

Um desafio, porém, poderia surgir do fato de que o TYLC confiou até agora no trabalho de organização de Persad (2010: 4, 5), embora ela indique que ela tenha tornado uma de suas metas pessoais para garantir que o trabalho da coalizão seja sustentado, mesmo que ela não esteja lá, com base no entendimento de que enquanto as pessoas envolvidas têm a propriedade sobre o processo e resultados, que os seus esforços prosseguirão sem ela - a contratação pode ser feita para uma campanha específica e os co-presidentes podem trabalhar com alguém novo, argumenta-se.

Os informantes concordam que há sinais claros de que um movimento está sendo construído com sucesso, em primeiro lugar, com base no grande número e variedade de organizações e pessoas reais que estão participando (DeCarlo, 2010: 3). A principal prova citada por Persad (2010: 6-7) é dupla: por um lado, principalmente, a presença real de longas reuniões e participação de diversos grupos de pessoas, subindo para o desafio de ter conversas entre si, pessoas que não tinham conversado anteriormente e não tinham tentado contato, em segundo lugar, a validação externa está sendo prestada por sindicalistas fora de Toronto, como quando em uma conferência da CUPE, em BC e o TYLC com as iniciativas dos bons empregos para todos citadas como um modelo a seguir na mesma província.

Por seu lado, ao avaliar o trabalho dos *bons empregos para todos* e as iniciativas ambientais do TYLC tão a favor, Egan (2010: 9) afirma: "Quero dizer, 'você pode fazer

mais? Claro que você pode fazer mais, mas nós temos recursos limitados e você sabe, eu acho que fizemos um trabalho muito bom."

1.27 Coalizão Verde Jane-Finch contra pobreza / Coalizão empregos verdes Jane Finch

De certa forma, um microcosmo da ampla coalizão *good jobs for all*, ou um caso dentro do caso do ambientalismo de trabalho em Toronto, o CAW 112 local chegou a grupos da comunidade no bairro Jane-Finch, onde seus membros trabalham para estabelecer a sua própria aliança centrada na criação equitativa de empregos verdes locais. Inicialmente chamado de coligação verde anti-pobreza Jane-Finch, ou Jane-Finch GAP, os integrantes mudaram o nome para simplesmente "Coligação de Empregos Verdes Jane Finch," porque eles sentiram que melhor reflete o seu trabalho e o foco nos "empregos verdes", como já havia outros grupos em sua comunidade fazendo o trabalho de combate à pobreza e também porque ajudou-os a ter uma relação mais direta com a coligação mais ampla da cidade (Hillman, 2010: 4).

Jane-Finch é um bairro no noroeste da North York, seu nome deriva de um cruzamento importante lá da Avenida Jane com a Rua Finch. Inicialmente desenvolvido como um subúrbio modelo na década de 1960 com uma série de prédios mistos entre as habitações individuais e semi-independentes, que tem uma elevada densidade populacional e elevada proporção de famílias de imigrantes. Caracteriza-se agora por suas populações, em grande número especialmente de pessoas originárias da América Latina e do Caribe, o baixo nível de emprego e elevados níveis de pobreza, altos índice de criminalidade e os níveis de atividade de gangues e o grande número de famílias monoparentais e inquilinos de habitação pública (DeCarlo, 2010: 2; Hillman, 2010: 11).¹²⁰ Enquanto Jane-Finch está programado para ser atendido por uma nova extensão da linha de metrô a correr ao longo da avenida Finch, que em teoria iria beneficiar os moradores, reduzindo a poluição do ar causada pelo grande número de viagens de ônibus feitas diariamente à York University e melhorar o acesso de transporte para eles , DeCarlo demonstra uma preocupação sobre o

¹²⁰ "Perfil do bairro Black Creek," *Demografia da Cidade de Toronto*, acessado em 4 de agosto 2010: http://www.toronto.ca/demographics/cns_profiles/cns24.htm.

potencial impacto negativo da expansão do trânsito, como uma nova parada na área poderia levar à gentrificação a menos que as relações de poder na comunidade sejam melhor resolvidas - um papel que ele espera que a coalizão Jane Finch Empregos possa desempenhar (Hillman , 2009: 9; DeCarlo 2010: 3).

A coalizão Jane Finch é indiretamente envolvida com o TYLC, através de: 1) a sua participação na coligação *Good jobs for all*; 2) a liderança de Sherry Hillman (2010), servindo o seu quarto mandato na Comissão Executiva do TYLC, e 3) algumas contribuições feitas por membros do TYLC e funcionários, que têm "sido muito favoráveis conosco para fazer esse trabalho", particularmente Persad e Deutsch (Hillman, 2010: 9).¹²¹

O projeto surgiu de uma discussão, em dezembro de 2008, após a cúpula da *good jobs for all*, que DeCarlo (2010: 9) -, cuja descrição do trabalho do CAW no Escritório Nacional é de "construir o ativismo no local de trabalho" - teve com membros da Comissão Nacional do Meio Ambiente da CAW, onde ele é da equipe. A discussão centrou-se sobre a questão de como construir uma campanha em torno de empregos verdes na comunidade, e como criar empregos para os membros demitidos do CAW, tudo ao mesmo tempo da integração das questões de justiça social: "Nós viemos com uma proposta para construir uma estratégia publicamente- financiadas, baseadas na comunidade, de combate verde à pobreza", explica DeCarlo (2010: 2). Eles elaboraram um comunicado de quatro páginas (Coligação Jane Finch, 2009), a maioria seria posteriormente adotada pelos membros atuais da atual coalizão Jane Finch (Hillman, 2010: 4). O primeiro documento ressalta que estamos vivendo em uma dupla crise ambiental e econômica e que as políticas atuais do governo e do sistema de mercado não conseguiram resolver esta questão. Na sequência, esboça um plano de ação comunitária para a área de Jane-Finch, incluindo uma auditoria, para avaliar uma ampla gama de itens a partir de fontes de poluição, de transporte, organizações e fontes de financiamento disponíveis. As segundas e terceiras ações consistem em criar uma campanha para a mudança (para pressionar o governo) e iniciar

¹²¹ Em memória de Julius Deutsch e para comemorar seu ativismo ambiental e político, Hillman e o comitê da CAW plantou uma árvore em um parque em Jane-Finch e a dedicou durante uma cerimônia em maio de 2010.

projetos locais, que priorizam a educação e capacitação organizacional para que a comunidade possa cumprir as suas próprias necessidades.

Na primavera de 2009, DeCarlo e Hillman (e outros da CAW Local 112) começaram a estabelecer o seu grupo de combate verde à pobreza, tendo retornado recentemente de Washington, DC, onde participaram juntamente com os demais afiliados do TYLC da segunda Conferência Nacional da *good jobs for all*, organizada pela Blue-Green Alliance dos EUA.¹²² Hillman (2010: 2, 4) afirmou que "voltou muito inspirado" e ganhou motivação para o início de sua própria coalizão Jane-Finch. Hillman convocou os militantes que conhecia na área e perguntou se eles estariam interessados em organizar um evento em conjunto com CAW Local 112 para o segundo aniversário da Hora da Terra, em 28 de março de 2009. O recolhimento de cinquenta sindicalistas e ativistas da comunidade foi precedido por uma mesa redonda em que os líderes convidados concordaram com a proposta de trabalhar para formar uma coligação com o trabalho (Hillman, 2010: 5 DeCarlo, 2010: 8; CAW 112 Local: 2009: 23; CAW, 2010: 5). Em maio desse ano, os representantes tinham formado uma coalizão com os grupos de seis ou sete da comunidade, os principais dirigentes fornecido pelo CAW Local 112 e Centro comunitário e familiar Jane Finch, através do envolvimento de sua Diretora Executiva Adjunta Rosemarie Powell.¹²³

¹²² Deutsche Egan (2010) do TYLC, e DeCarlo (2010), todos compareceram às duas conferências, a da Good Jobs, Green Jobs, em Pittsburgh, junto com Hillman (2010) na segunda em Washington. Muitos dos informants comentaram que essas conferências ampliaram sua perspectiva e os proporcionou inspiração e direção para construir uma versão distinta em Toronto da aliança ambiental trabalhista da que eles viram exposta nos EUA (Egan, 2010: 10; Hillman, 2010: 3; DeCarlo, 2010: 15). Além disso, Egan (2010: 10) participou da conferência das partes (COP) em Copenhague, Posnan e Bali pelo USW, com a experiência que ela traz de seu trabalho na executiva do TYLC e na *Good Jobs For All*.

¹²³ Powell mantém um blog "Your City, My City" acessado em 4 de agosto de 2010: <http://thestar.blogs.com/yourcitymycity/author-rosemarie-powell/>.

Tabela 8. Membros e colaboradores da coalizão de empregos verde Jane/Finch

-
- AfriCan Food Basket
 - Black Creek Community Health Centre
 - Canadian Auto Workers Local 112, with support of the CAW National
 - Residentes Individuais
 - Jamaican Canadian Association
 - Jane / Finch Family and Community Centre
 - Jane Finch on The Move
 - Jewish Vocational Services of Metropolitan Toronto (JVS)
 - Escritórios Dos vereadores Perruzza e Augimeri
 - Grupos culturais e da juventude de 15 unidades habitacionais de Tobermory
-

Fonte: Hillman (2010: 10); CAW (2010: 5).

Os membros inicialmente concordaram em trabalhar juntos em torno de dois pontos principais (DeCarlo, 2010: 8, 9). A primeira iniciativa de organização foi voltada à recuperação e reequipamento material, através da criação de um "Centro Verde de Mudança", que iria fornecer treinamento básico para os jovens do bairro sobre a adaptação verde e técnicas de construção. Este projeto depende, em parte, da participação de Paul Daly, sindicato dos carpinteiros Local 27 e, posteriormente, não conseguiu avançar quando o pedido co-patrocinado pela CAW e pelo sindicato dos Carpinteiros para o financiamento da Fundação Ontario Trillium foi rejeitado. Desde aquela época, pouco mais tem sido feito para estabelecer o programa de treinamento, inicialmente concebido como um Centro de Mudança Verde (Hillman, 2010: 5).

A segunda iniciativa é focada na segurança alimentar local e produção, em resposta ao fato de que os residentes de Jane-Finch realmente têm custos mais altos de alimentação do que vizinhos nas comunidades mais ricas. Foi lançado com uma atividade educativa em 27 de outubro de 2009, os parceiros de coligação exibiram um filme sobre a revolução cubana urbana e da agricultura orgânica, seguido de um fórum da comunidade utilizado como ponto de partida para discussões sobre as questões alimentares dentro da comunidade de Jane-Finch e a eventual criação de hortas comunitárias (DeCarlo, 2010: 8; CAW, 2010: 5).

O grupo Jane-Finch também se juntou à ampla coalizão *good jobs for all*. Vinte e cinco dos seus representantes participaram de sua conferência em novembro de 2009, incluindo um número de jovens da comunidade que Powell convidou a participar (CAW, 2009:15). Ela também é um membros da comissão da *good jobs for all*, que está dirigindo a campanha da Hydro Toronto, tendo falado na conferência de imprensa de lançamento, para

a qual foi novamente acompanhada pela juventude de Jane-Finch (Hillman, 2010: 6). Seu projeto principal com a comunidade Finch Jane Comunidade e Centro da Família tem sido o programa "Agentes da Mudança Verde".

Juntos, Powell e Hillman assistiram a um seminário na cidade de Toronto promovido no âmbito da iniciativa municipal do 'Viva Verde Toronto'. Através dessa atividade, Powell conseguiu acesso ao financiamento e incentivos para a sua organização e, portanto, mais amplamente, à coligação Jane Finch, através da região de Toronto e da Autoridade de Conservação e Habitação Comunitária de Toronto, para iniciar um programa de "Agentes da Mudança Verde", que começou em 2009, para fornecer 45 horas de treinamento para 60 moradores da comunidade que foram qualificados para realizar auditorias em casas verdes. O programa é ajustado para se expandir, já que recebeu atenção da mídia e um Prêmio Verde de Toronto em 2010, para ministrar a formação que levou às auditorias de casas e uma subsequente redução das emissões de carbono igual a 2.000 toneladas de CO₂.¹²⁴ Mais importante, o Centro Comunitário e familiar Jane/Finch foi premiado em março de 2010 com um financiamento de três anos no valor de CAD \$225.000 para equipe e suprimentos para que a Fundação Ontario Trillium continue o programa de agentes verdes da mudança, encorajando mais residentes a reduzir suas pegadas de carbono e fornecer oportunidades de emprego para a juventude da comunidade (Hillman, 2010: 8).¹²⁵

Desde a conferência da *Good, Green jobs for all* em 2009, a coligação Jane-Finch manteve-se ativa para avançar os seus projetos e a realização de eventos. Em 27 de março de 2010, comemorou o seu segundo evento na Hora do Planeta, juntamente com Brookview Middle School, com cerca de 120 presentes neste momento. As apresentações foram feitas, bem como apresentações culturais de grupos de jovens (CAW, 2010: 5).

Na 9ª Convenção Constitucional da CAW, realizada na cidade de Quebec, em agosto de 2009, os 1.000 delegados presentes votaram o acordo sobre uma resolução que prevê o

¹²⁴ Os finalistas do prêmio verde de Toronto e fotos da 6ª cerimônia de premiação anual realizada em 23 de abril de 2010, acessado em 4 de agosto de 2010: <http://www.toronto.ca/greentorontoawards/2010/finalists.htm>.

¹²⁵ A Fundação Ontario Trillium acessado em 4 de agosto de 2010: http://www.trilliumfoundation.org/cms/en/2009_2010_Toronto.aspx.

apoio não só à coligação Jane-Finch, mas também engajar a CAW para estabelecer novos projetos comunitários modelados depois.¹²⁶ Como DeCarlo (2010: 10) explica: "Nós concordamos que iríamos desenvolver alguns módulos de formação para a população local em torno da construção de coligações verdes Anti-Pobreza." Isto pode tornar-se essencialmente um dos cursos pagos de uma semana ou de fim de semana da CAW (Hillman, 2010 : 9).

DeCarlo previu desde o início que a coalizão Jane Finch serviria como um exemplo prático do que o trabalho pode conseguir em colaboração com parceiros da comunidade local, dando início a projetos conjuntos que constroem a criação de novos empregos verdes e locais de auto-suficiência; é importante para a coligação local continuar seu trabalho com êxito, dado que a CAW pretende duplicá-lo em outro lugar e continuar nesta forma de pressionar por mudanças mais amplas (DeCarlo, 2010: 10; Hillman, 2010: 4). King (2010: 10) articulada a importância da coalizão ampla da *good jobs for all* em relação aos membros locais menores como a coligação Jane-Finch:

A razão pela qual somos capazes de fazer o que fazemos dentro de Toronto é porque a coligação "empregos verdes" existe, modelada nos EUA, mas completamente distinta e com a cara de Toronto e nós estamos realmente levando esse sucesso que aprendemos ajudando para que ser compartilhada com as pessoas em outras comunidades.

1.28 O papel do TYLC em estabelecer a lei de energia verde?

A *lei de energia verde* de Ontário (Assembléia Legislativa, 2009) se mostra muito importante para os esforços de organização dos trabalhos para toda a coalizão, principalmente porque os objetivos da campanha Hydro Toronto de fabricar painéis solares localmente, que seriam instalados em todas as cidades de Toronto, nos edifícios e outras propriedades, depende centralmente dos incentivos incorporados à Lei como a tarifa feed-in e os contratos locais; eles permitiriam a Hydro Toronto e a cidade de Toronto tirarem proveito econômico das economias nos custos de produção de energia das propriedades, com a venda de volta para a rede (Hillman, 2010: 3).¹²⁷ King (2010: 9), ao discutir as

¹²⁶ Resumo da 9ª convenção constitucional da CAW disponível em: <http://www.caw.ca/en/7801.htm>.

¹²⁷ De acordo com uma publicação da autoridade no poder, em abril de 2010, já havia um total de ofertas de contratos de tarifa feed-in anunciadas de 694, que juntas espera-se criar 20.000 empregos verdes diretos e indiretos. A lei de energia verde atraiu CAD \$9 bilhões em investimentos privados na nova manufatura de Ontário, especialmente através de um cosórcio coreano com a Samsung. Dos projetos de FiT, 184 são

limitações da lei e do trabalho, que podem desempenhar um papel especial ao formar uma ponte para as justificativas econômicas e ambientais, argumenta:

Você não pode ter 'verde', você não pode alcançar "verde", sem uma economia. Você não vive sem alguma forma de economia. E economias em transição para 'verdes' são coisas concretas, não apenas ideais. E assim as coisas, como a lei de energia verde é realmente um veículo para a transformação. Nada é perfeito na vida e eu não digo isso vagamente. Você tem que trabalhar com o que você tem no contexto político e econômico que você tem, você se encontra avançando. Construir através disso, ter alguma margem de êxito, criar a demanda para mais. Quero dizer em um sentido progressista.

Dado que esta lei, embora imperfeita, é uma ferramenta importante para o trabalho e para os bons empregos para toda a coalizão atingir seus objetivos, a questão de o TYLC ter ou não desempenhado um papel direto ou importante para ajudar a desenvolver ou obter a lei aprovada na Assembléia Legislativa de Ontário parecia um passo importante. A presente pesquisa foi, porém, incapaz de identificar uma conexão direta entre o TYLC com o trabalho da Aliança da Lei de Energia Verde (2009), que foi o grupo coordenado pela Defesa Ambiental para fazer campanha para a melhoria e substituição do programa padrão de "Oferta de Energia Renovável 2006" com o da lei de "energia verde" de 2009. O TYLC foi apenas indiretamente ligado, afiliado, como o USW e CAW locais, várias aderiram à campanha e a Blue Green Canada patrocinou um relatório antecipado sobre o impacto da criação de empregos através de uma lei de energia verde. Desde a aprovação da lei, o USW permaneceu envolvido na fase de regulamentação e está atualmente abordando as questões da cadeia de abastecimento para a fabricação dos moinho a serem usados para uma off-shore de parques eólicos no lago Ontário e de outras indústrias renováveis. A Blue Green Canada está, basicamente, fornecendo apoio técnico, especialmente para os governos municipais com necessidade de estabelecer e acompanhar o provisionamento local, bem como sobre a forma de absorver o excesso de capacidade industrial e reequipar instalações antigas para as novas aplicações verdes (King, 2010: 2, 6). A grande conquista no momento da Blue Green Canada foi garantir o fornecimento da lei de energia verde que exige conteúdo local, que King (2010: 7) argumenta: era um resultado direto de seus lobbies.

considerados projetos de grande escala, incluindo uma fazenda eólica off-shore, enquanto as outras um total de 112 megawatts; juntas, representam mais de 2.500 megawatts de produção de energia renovável, o resultado direto das medidas estabelecidas pela lei de energia e economia verde; veja os sites acessados em 4 de agosto de 2010: <http://www.powerauthority.on.ca/Page.asp?PageID=924&ContentID=7221> e <http://www.energyefficiencynews.com/i/3109/>.

Enquanto o TYLC e a coligação *good jobs for all* parecem estar prestes a colher os benefícios da lei por pressão do público por investimentos em infra-estrutura do setor de energia renovável, não desempenham um papel direto na passagem da lei.

1.29 Comentários conclusivos e resumo das descobertas de caso

Enquanto, nas palavras de DeCarlo (2010: 10), o ambiente continuar a ser tratado principalmente como "um problema entre muitos, em oposição a algo essencial para o modo de pensar," há uma tendência acentuada na área de Toronto agora para o trabalho incluir o ambiente como um tema transversal (em oposição a questões sobre uma base), não só no discurso, mas também nas suas atividades de campanha, como evidenciado pelo triplo foco de "trabalho, equidade e meio ambiente" da coalizão *good jobs for all*, e principalmente de seu sub-grupo *Green economy for all*, bem como da coalizão Jane-Finch. Em parte graças aos esforços de organização do TYLC sob a liderança de Cartwright, algo especial parece estar acontecendo, como King (2010: 5) afirma:

O que eu acho que é um marco, e eu acho que é algo que você está vendo, é que todos nós reconhecemos que, para que as coisas se movam para a frente, o trabalho, meio ambiente e justiça social e outras forças progressistas têm que se unir, para assegurar a plena participação na economia verde.

O TYLC pode ser algo único entre as organizações de trabalho, seu compromisso com causas ambientais e verdes está bem no nível da liderança, do gabinete do Presidente e da Diretoria Executiva e encontrado principalmente em sindicatos do setor privado como o do aço, CAW e construção civil, embora a CUPE também já esteja tendo um papel ativo através da campanha Hydro Toronto, caso contrário, as ações sobre as questões ambientais dentro do trabalho tenderam a permanecer no nível intermediário, como Hillman (2010: 9) afirma que a maioria das atividades relacionadas ao meio ambiente têm sido organizadas por ativistas como ela, que estão envolvidos em várias comissões. A liderança demonstrada pelo TYLC em torno do meio ambiente é considerada importante na definição do tom para os locais da filial, conforme Egan (2010: 9) argumenta:

Eu acho que apenas a popularização da questão [ambiental] tem sido enorme, porque o Conselho do Trabalho tem um efeito de ondulação para baixo nas filiais. Quer dizer, eu acho que, eu não tenho nenhuma dúvida de que o sindicato, apesar de nós termos nossos próprios interesses, o fato de que estamos trabalhando com o Conselho do Trabalho, permitiu colocá-lo de uma forma muito concreta, essas coalizões e estas conferências. O aço, como sabem, tem a Blue Green Alliance e a Blue Green Canada, mas ao trabalhar com e através do Conselho do Trabalho, o tornou muito mais concreto. E então, foi importante e tenho certeza que outros sindicatos sentiram o mesmo, outras afiliados.

Ambos King (2010: 9) e DeCarlo (2010: 7) desejavam tratar das barreiras inerentes que o trabalho tem que lidar com as questões ambientais, o primeiro afirmando que:

Eu acho que para o movimento sindical, sobretudo no setor privado, o grande desafio para nós é que temos membros que estão em setores ameaçados, pois a sua gestão, seus empregadores operam de forma ambientalmente insustentável. E também acreditamos que há espaço para a indústria [...] Nós só pensamos que ele pode acontecer de uma forma mais sustentável.

O último sugere que o problema surge do fato de os sindicatos canadenses serem tão grandes e terem se tornado sindicatos gerais, afirmando:

Você tem pessoas do mesmo sindicato [...] sempre em desacordo sobre qualquer coisa específica que você deseja alterar. [...] É por isso que, pelo menos, até certo ponto, eu acho que o movimento operário permanece durante um período tão longo de tempo, realmente, fundamentalmente capaz de avançar com um monte de problemas.

A resposta de alguns dos ambientalistas intelectuais do trabalho intelectual e líderes em Toronto e York (Cardoso, 2009a; DeCarlo, 2010) para este problema 'fundamental', bem como para o da crise de produção e as taxas de declínio da densidade sindical, tem sido uma estratégica. É baseada em uma ampla agenda ostensivamente visada para a reestruturação da economia, confrontando pelo menos em princípio, o mercado e o neoliberalismo. Contudo, a resposta é canalizada através do objetivo de construir a força de trabalho, enfatizar a educação dos membros da comunidade de trabalho e construir capacidade, garantir tomadas de decisão democráticas e inclusivas e alcançar 'ganhos' concretos através de iniciativas colaborativas e concretas. A coalizão *good jobs for all* se uniu à liderança do TYLC e como uma extensão natural das atividades de trabalho anteriores do Conselho e está tomando medidas concretas, como através da campanha Hydro Toronto para que os empregos criados no futuro sejam bons, sindicalizados, verdes e oferecidos aos habitantes mais marginalizados de Toronto, como imigrantes, mulheres e jovens.

Capítulo seis: Comparação de descobertas de caso

Enquanto a Federação de Alberta do Trabalho (AFL) está tentando se tornar mais proeminente (a revisão recente do website, o foco na mídia de seu atual presidente), o Conselho de Trabalho de Toronto e York (TYLC) está, de certo modo, auto-supressivo (o site da *good jobs for all* não indica a liderança central desempenhada pelo Conselho; parceiros da comunidade são favorecidos e encorajados pelos organizadores de trabalho para definir a agenda da ação colaborativa). Ao destacar essas diferenças e algumas semelhanças entre os dois casos, isto é, dos resultados apresentados nos capítulos Quatro e Cinco, é importante ter em mente (como discutido na seção 2.4.3) que a AFL e o TYLC correspondem a diferentes níveis dentro da hierarquia das instituições de trabalho canadenses. Nosso objetivo é, portanto, comparar e contrastar as duas instituições na medida em que isso ajuda a distinguir os diferentes contextos regionais em que cada uma funciona, ou seja, para ver quais elementos propostos na hipótese e emergentes a partir da revisão de literatura tiveram um papel significativo em cada compromisso da organização para a causa verde. Em primeiro lugar, os resultados demonstram o grau diferente em que cada instituição de trabalho adotou a causa verde são brevemente comparados, ressaltando também a sua concepção diferente das atividades políticas. Em seguida, são feitas comparações de resultados relacionados a fatores explicativos, a saber: diferenças de gênero, a extração de recursos; membros do setor privado e público e filiação sindical; distintos contextos jurídicos e políticos, liderança, estruturas institucionais e, o mais importante - como foi sublinhada pelos dados quantitativo apresentados para cada caso - o emprego e a situação econômica de cada província.

1.30 Comparação do grau em que as causas verdes são adotadas

O compromisso relativo de cada organização do trabalho para causas verdes pode ser discernido, prestando atenção às diferenças ou semelhanças que cada uma demonstrou em suas atividades ambientais e de formação de alianças, como tomadas separadamente pelo discurso que cada uma adotou.

Diferenças especificamente nas atividades ambientais foram observadas entre os dois casos. Enquanto os membros do TYLC têm assistido às reuniões da COP e da *Good*

jobs, green jobs nos EUA, não foram encontradas evidências da AFL ou de representantes do trabalho de Albertan participando. No entanto, é evidente que informantes do TYLC e da AFL foram influenciados e motivados em um certo grau pelas atividades sindicais ambientais dos EUA. Dave Foster (2009) da Aliança Blue Green falou do trabalho de ambas as regiões do Canadá. Para a AFL, Jones (2010: 4) referiu-se à Aliança Blue-Green, enquanto McGowan (2010: 3) mencionou Van Jones (2009), bem como a Apollo Alliance, embora apenas Egan (2010: 10) do TYLC, especificamente fez referência aos conceitos utilizados nos EUA, como "caminhos para sair da pobreza" e como isso estava relacionado com o seu contexto particular.

Curiosamente, ambas as organizações tendem a citar "ambiente" como justificativa para outras questões que levantaram, como parte de suas atividades em andamento. Por exemplo, em Toronto, o foco do trabalho na expansão do transporte público incorporou o argumento de sobreposição ambiental e da saúde sobre os benefícios de redução da poluição do ar e problemas respiratórios relacionados, enquanto que em Alberta, a preservação do meio ambiente é citada em relatórios da AFL como uma das razões para a necessidade de melhor regulamentar e controlar a evolução das areias betuminosas. No entanto, os resultados mostram diferenças importantes nas ações concretas tomadas por cada organização, uma vez que a AFL tendeu a adotar as questões ambientais periféricamente e o TYLC o fez mais integralmente, como parte de sua plataforma tripla de "postos de trabalho, equidade e meio ambiente."

Pelo menos em uma resposta parcial à recessão, a AFL produziu o relatório de Empregos Verdes, comprometendo a equipe e os recursos por um período curto e intenso. Esse esforço parece ter sido apenas fracamente inserido em uma estratégia conjunta, ambiental e geral a longo prazo, dada a história dos esforços frustrados do comitê ambiental da organização e suas relativamente longas, mas freqüentemente contestadas políticas ambientais (exemplos: política de rejeição do comércio de carbono e posterior compra de créditos de carbono; compromisso político de colaborações em andamento com parceiros ambientais e a falta de aproveitar o impulso criado pelo Relatório de Empregos Verdes). Do outro lado do país, o TYLC não gastou recursos para contratar um consultor especialista externo e direcionado ao seu pessoal para a tarefa permanente e em tempo integral de

cultivar relações com a comunidade a longo prazo. Sua resposta à recessão foi organizar uma grande cúpula, que reúne atores, aparentemente díspares, uma consolidação da sua própria estratégia anterior de organização de base. As atividades ambientais do TYLC, assim, sem dúvida, constitui uma abordagem mais "orgânica" e "ecológica" do que a da AFL. Além disso, suas declarações ambientais públicas são curtas, mas a sua lista de ações concretas são bastante longas, incluindo, por si só, a construção de uma coalizão parcialmente focada na economia verde, sua história de campanha em torno do transporte, o presidente falando sobre atividades educacionais da economia verde e assim por diante.

Houve diferenças marcantes entre a AFL e TYLC com relação à formação de alianças ambientais. O TYLC demonstra uma longa parceria com o TEA, através de campanhas conjuntas de transporte público, suporte à conexão de equipe, como Deutsch e Mohamed, às atividades eleitorais e até mesmo financeiras. TEA é um membro da coalizão *good jobs for all* e um outro sócio ambiental também aderiu. Enquanto a AFL também esteve envolvida com organizações ambientalistas que demonstraram menor nível de comprometimento com a formação de parcerias de longo prazo. O Executivo da AFL colaborou com o Greenpeace, Sierra Club, para um único projeto, que durou alguns meses. Estes ex-parceiros continuam trabalhando em conjunto sem a AFL, que está ausente da sua campanha em torno da energia verde. Quando a AFL se envolve com os aliados do ambiente, "nem sempre é numa base institucional, mas mais frequentemente numa base individual" (McGowan, 2010: 3). A AFL tem representação desigual na Rede Ambiental de Alberta (AEN) e na Comissão do Ambiente (Oake, 2010), dada a pequena importância atribuída à viabilidade financeira e o futuro incerto da AEN.

O discurso observado entre as duas regiões sobre Empregos Verdes é distinto. 'Empregos bons, verdes' são vistos principalmente como um substituto para os empregos perdidos da indústria que não vão voltar em Toronto e York. Os empregos verdes constituem não apenas uma resposta à tendência de longo prazo e, recentemente, de declínio acelerado da indústria transformadora, mas são vistos formando parcerias com a comunidade como uma questão de sobrevivência do sindicato da "ferrugem ou renascimento." Em Alberta, anterior ao relatório de Empregos Verdes, o discurso tendia a concentrar-se na justificativa da defesa porque o ambiente é uma questão sindical.

Empregos Verdes: É Hora de Construir o Futuro de Alberta (Thompson, 2009) constitui a primeira grande análise detalhada das potencialidades e meios para a criação de empregos verdes na economia de Alberta e, como tal, ajudou a definir até certo ponto o discurso de empregos verdes no seu contexto de Alberta. Os gastos do governo com a criação de empregos "verdes" de indústrias se articulam em primeiro lugar como resposta à recessão, como uma forma de lidar com o "boom" da província e os ciclos de falência que equivalem a um programa anticíclico de criação de emprego (Thompson, 2009: 11) . Além disso, os empregos verdes são apresentados como fornecendo empregos em novas indústrias criados não para substituir para agregar o setor petrolífero dominante na província.

Outras diferenças no discurso também foram registradas entre os informantes das respectivas regiões. Aqueles do TYLC tendem a ter um discurso mais radical, questionar abertamente o neoliberalismo e visualizar de suas ações como uma resposta estratégica para a "agenda de direita." Eles usaram a noção de processo, as relações de poder discutidas e movimentos sociais e apoiaram o estado sobre o mercado como a instituição de eleição para as principais mudanças na economia verde. Algumas também foram auto-críticas, salientando os desafios fundamentais colocados quando grandes sindicatos internamente contraditórios tentam se tornar verdes. Enquanto em seu documento de Política de Mudanças Climáticas (AFL, 2007a: 4) a AFL faça interrogações sobre o papel do Estado e dos mercados liberalizados, alguns poucos informantes levantaram a questão e usaram as palavras 'transformar a economia'. O presidente da AFL (McGowan, 2010: 18), de fato, minimizou seu papel e o da Federação na promoção de uma visão mais radical e na liderança de consciência da classe trabalhadora, imediatamente citando a cultura política conservadora da província, que era quase universalmente (e acriticamente), citada por informantes da AFL como um fator externo inibindo a adoção de atividades ambientais ou alianças dentro do movimento sindical da província, fazendo com que a questão apareça como uma espécie de bode expiatório para o que equivale a um compromisso relativamente fraco para a causa verde.

A concepção de atividades políticas relacionadas às questões ambientais entre os informantes da AFL e na literatura primária parecia concentrar-se no avanço de resoluções na convenção, muitas das quais se comprometeria a AFL a pressionar o governo. Escritas

de cartas, publicações da imprensa, conferências e comícios parecem ser o principal compromisso da AFL. Embora a política obrigue a AFL a continuar a colaboração com parceiros ambientais (AFL, 2009d: 58), nenhuma outra atividade foi ainda realizada com os parceiros ambientais, tais como Sierra Club e a iniciativa do Greenpeace 'Repower Alberta', que, se tivesse êxito, implementaria algumas das mesmas políticas preconizadas no relatório de Empregos Verdes de Alberta (Thompson, 2009) e encontrada na Lei de energia verde de Ontário. A educação ambiental para os membros da AFL é limitada, mas pode melhorar, enquanto o Executivo demonstra baixo compromisso para seguir com as apresentações previstas no relatório de Empregos Verdes. Há um certo fatalismo, permeando os comentários dos informantes de Alberta sobre as possibilidades políticas que existem na província para promover causas trabalhistas (verdes ou outras), como citam uma cultura conservadora e complacência política na população em geral que também se reflete no movimento sindical e governo provincial. Por sua vez, o TYLC tem uma concepção de atividades políticas que inclui a política eleitoral, mas está focado em uma organização popular e na construção de força de trabalho através de coalizões comunitárias de base ampla. O TYLC apoiou um candidato ambientalista de sucesso e a coalizão e Jane Finch também solicitou e recebeu o apoio de alguns funcionários municipais, que mostraram simpatia pelos objetivos da *good jobs for all*. Esta evidência e os esforços das campanhas em torno da Hydro Toronto sugerem que o TYLC conseguiu ganhar influência na política da cidade. A concepção do trabalho político não se limita, no entanto, a estas estratégias eleitorais aparentemente bem sucedidas ou esforços de lobby, como atividades educativas, como conferências e oficinas fazem parte das atividades de organização em curso e a construção do movimento; o foco principal foi a construção de relações contínuas e organizar sindicatos locais com as organizações da comunidade em torno da igualdade e do meio ambiente. A coalizão Jane Finch é um bom exemplo.

1.31 Comparação de fatores propostos nas hipóteses e na revisão da literatura

Os informantes não conseguiam discernir se as mulheres ao contrário dos homens tinham levado a um grau significativo das mudanças no discurso e ações ambientais de suas respectivas organizações de trabalho, embora seja importante salientar que muitos líderes atuais, tanto de Toronto e York e de Alberta são mulheres. Em Toronto, Egan (2010) é uma

figura importante na coalizão *good jobs for all* e principal defensora e organizadora das indústrias mais ecológicas, enquanto Hillman (2010) tem proporcionado a liderança da Coligação *Jane-Finch green jobs*, embora com o apoio de DeCarlo (2010). O principal parceiro da CAW na Jane-Finch Green Jobs é liderado pela Coalizão Powell, também uma mulher. Hillman (2010) foi o único informante que deu uma justificativa significativa para suas motivações pessoais para o ambientalismo de trabalho, ligada à sua condição de avó. Em Alberta, a antiga dominação masculina das adesões da Comissão do Meio Ambiente da AFL foi derrubada nos últimos anos e o presidente atual, Oake (2010), é uma mulher. McGowan (2010) atribuiu somente mulheres para a equipe da AFL (Jones, 2010) no momento de coordenar a parceria com a ONGA no relatório de Empregos Verdes de Alberta em 2008-09. Se inconclusivas, as observações deste estudo certamente não contradizem a ênfase no gênero de alguns dos autores analisados (Norton, 2003; Gray, 2004; Penney, 2002: 206) para discutir colaborações ambientais trabalhistas.

Em Toronto e York, a extração de recursos tem um papel insignificante na economia e, sem surpresa, nenhuma evidência foi encontrada neste estudo de filiados do sindicato dos recursos do TYLC resistindo à promoção de "empregos verdes" ou do discurso ambiental. Pelo contrário, este estudo confirma as afirmações de Nugent (2009: 138) de que os sindicatos do setor privado, como o USW e CAW, são líderes no desenvolvimento de uma economia verde, pelo menos, em Ontário e especialmente através de sua defesa e das ações para iniciar as indústrias de produção mais ecológicas. Ambos os sindicatos são líderes entre os filiados do TYLC e dentro da coalizão *good jobs for all*. Em Alberta, no entanto, a mineração e o setor de extração de petróleo e gás conta por uma parte muito significativa e crescente do PIB e do emprego, como a economia da província torna-se mais dependente da exportação das reservas de petróleo não convencionais. Muitos dos trabalhadores das areias betuminosas são sindicalizados, bem como todos os funcionários de uma das areias petrolíferas mais importantes, a Suncor, pois são filiados da AFL e seu presidente tem demonstrado sensibilidade particular para as suas preocupações sobre o discurso ambiental. Diretores da CEP's Local 707 representantes dos trabalhadores de recursos, conseguiram algumas modificações na redação do documento da política da AFL

em 2009 sobre a energia (AFL, 2009d), enquanto também há evidências de que, no passado, alguma tensão surgiu dentro da AFL sobre o UMWA e a mina Cheviot.

A AFL tem uma base mais forte de filiação do setor público, por adesão total, enquanto o TYLC é composto por uma pequena maioria de membros do setor privado. Enquanto alguns informantes mostraram particular interesse na questão (Jones, 2010: 16), eles não podiam discernir no entanto, se isso teve um impacto sobre as atividades ambientais de suas respectivas organizações sindicais. Em Toronto, os principais filiados do setor privado foram abrindo caminho para a fabricação verde, enquanto os sindicatos do setor público como o CUPE local estão usando sua influência na Hydro Toronto para desempenhar um papel significativo na campanha *green economy for all* para criar empregos públicos verdes. Em Alberta, o filiado do setor privado CEP (um também importante sindicato de recursos), teve uma influência sobre a formulação da política ambiental na AFL, apesar de sua adesão maioritária do setor público. No entanto, por outro lado, o IBEW, também um filiado do setor privado, foi um dos mais agudo em participar da consulta para o relatório de Empregos Verdes de Alberta. O comitê ambiental da AFL há mais de uma década foi esmagadoramente composta por membros que trabalham no setor público. As conclusões são interessantes e sugerem que talvez não seja surpreendente que a atividade de trabalho (quer do setor público ou privado) relativa à criação de empregos verdes será mais concentrada entre os eleitores que se beneficiam mais - o apoio para a fabricação de novas indústrias ou a eficiência energética, por exemplo, são os mais fortes entre os membros do setor privado, como o IBEW em Alberta e o USW, em Toronto.

Os distintos contextos jurídicos e políticos das duas regiões tiveram alguma influência sobre a formação de alianças de trabalho ambiental observadas. Em Alberta, informantes enfatizaram a hostilidade para com os sindicatos de um governo conservador provincial aliado à indústria energética, citando a fraca lei trabalhista como um importante obstáculo para a capacidade de trabalho em realizar ações muito além da defesa das conquistas históricas; informantes da AFL ainda fazem referência para uma cultura complacente e político-conservadora da população em geral que se reflete no movimento dos trabalhadores também. É plausível que a indiferença por parte de alguns componentes de trabalho com as organizações ambientais, se não a hostilidade, poderia desempenhar um

fator de politicamente limitar as parcerias da AFL com ONGAs, especialmente quando algumas dessas, como o Greenpeace, têm uma história de ação direta de confronto nas areias de alcatrão e nas campanhas do clima. Ações fortes e discursos intransigentes por parte de alguns ambientalistas, como enfatizado por McGowan (2010: 9), servem para afastar muitos trabalhadores cujos meios de subsistência lhes geram dependência atualmente, ou se percebem que dependem das areias betuminosas. Por outro lado, essa visão foi contestada por Thompson (2010: 7), que sugeriu que o fator principal não é político ou cultural, já que as pesquisas mostram que a maioria de Alberta está de fato em favor das energias renováveis e em uma maior regulamentação das areias de petróleo. Curiosamente, os informantes do TYLC pareciam reclamar menos sobre os desafios e problemas que enfrentam do que os da AFL e, em vez, articularam as suas estratégias para construir coalizões da comunidade e de trabalho e descreveram as ações e campanhas específicas que estão liderando, que incorporam um tema ambiental. A coalizão *good jobs for all* do TYLC está ganhando apoio na cidade de Toronto e da Hydro Toronto para a criação de empregos verdes no setor público através de gastos públicos em instalações de painéis solares, um curso de ação feito economicamente atraente por causa do quadro jurídico, chamados incentivos incorporados na Lei da Energia e Economia Verde (Assembléia Legislativa de Ontário, 2009). Importante, esse contexto legal favorável, se não for perfeito ou ideal, era pelo menos influenciado pelo trabalho em si. Embora o TYLC não tenha feito campanha para a aplicação da lei, tem uma história de campanha para as políticas públicas de contratos locais, tais como o seu apoio canadense para os veículos de trânsito. Um dos afiliados do TYLC, o USW, especialmente através de seu Conselho da área de Toronto da Blue Green Canada, desempenhou um papel crítico em assegurar que a lei incluía uma política de contratos locais. Enquanto os ex parceiros ambientais da AFL estão atualmente fazendo campanha para a ‘repower Alberta’ e obtêm uma tarifa feed-in semelhante à implementada legalmente em Ontário, a AFL ainda tem que mostrar liderança além da publicação conjunta do relatório de Empregos Verdes de Alberta.

A liderança tem, evidentemente, desempenhado um importante papel no avanço da temática ambiental dentro do movimento operário em Toronto e York, bem como em Alberta, embora de formas diferentes. O discurso e as ações dos líderes das duas regiões é

diferente e as diferenças podem ser notadas a partir do pico de ambos TYLC e AFL. Para o primeiro, Cartwright (2009a, 2010) possui um histórico de iniciativas construção verde e de ambientalismo e insere a sua estratégia de organização no âmbito de uma resposta do poder corporativo e do neoliberalismo, ele tem desempenhado um papel importante no desenvolvimento de colaborações de trabalho comunitário na região e é creditado pela ajuda a filiados do TYLC para abordarem o ambiente dentro de seus sindicatos. McGowan (2010) não tem um histórico de ativismo ambiental e parece satisfeita com a principal ação ambiental da AFL nos últimos anos - a publicação de um relatório de Empregos Verdes de Alberta - e indica que o conservadorismo e complacência na província geram grandes conquistas trabalhistas ambientais. Ele se refere ao "arquivo ambiental", como se o ambiente constituísse uma questão separada (de prioridade lamentavelmente baixa) entre todas as outras com que a AFL lida.

A maioria dos entrevistados neste estudo vieram do nível intermediário dentro de suas organizações. Eles são ambientalistas que trabalham ou participam como dirigentes sindicais e membros de múltiplos comitês ou são do pessoal do sindicato com uma longa história de ativismo. Novamente, uma diferença no discurso e nas ações neste nível de liderança foi observada entre as duas regiões. Informantes do TYLC tendem a levantar a questão do mercado e as iniciativas privadas contra o papel da esfera pública no desenvolvimento de uma economia verde (Egan, 2010; King, 2010). A 'crítica fundamental' de DeCarlo (2010) sobre o mercado informou suas estratégias de organização, centradas na questão de como mudar as relações de poder dentro das comunidades, que precisam se tornar auto-sustentáveis e democráticas, com o objetivo de se transformar fundamentalmente a economia. O foco na equidade e na resolução de poder nos relacionamentos dentro dos bons empregos para toda a coalizão também marcou um discurso mais radical. Os informantes enfatizaram o "processo" de tal forma que qualquer ação ou até mesmo campanhas inteiras são percebidas como parte de uma série contínua de atividades que enfrentam desafios. Esses resultados contrastam com os de Alberta, onde os informantes, com exceção do consultor externo contratado para pesquisar e escrever o relatório Green Jobs (que notadamente não é de Alberta), não discutem a questão do papel do mercado. Além disso, a noção de processo foi pouco mencionada e não utilizada da

mesma maneira como no TYLC. Uma declaração política (AFL, 2007a: 3) discute o mercado, como o próprio relatório de Empregos Verdes. Estas declarações são desmentidas, no entanto, por ações, como um informante-chave não estava familiarizado com o relatório de Empregos Verdes e o Presidente da Comissão do Meio Ambiente da AFL estava feliz que eles tinham vendido créditos de carbono para os delegados da convenção, uma linha de ação do presidente era "ainda estar tentando descobrir como fazer o trabalho corretamente"(McGowan, 2010: 13). Entretanto, os ambientalistas de trabalho em Toronto estavam ocupados lançando uma campanha para a instalação de painéis solares em propriedades públicas, que se fosse bem sucedida, traria a criação de muitos empregos *bons e verdes* ".

Essas diferenças no discurso de liderança e nas ações específicas também foram manifestadas nas estruturas institucionais desenvolvidas em qualquer região para tratar de questões ambientais. A AFL criou uma comissão permanente sobre o meio ambiente e tudo indica que se esforça para cumprir eficazmente o seu mandato, não só por causa do alto volume de adesões, baixa frequência e presença nas reuniões, mas também porque a AFL não conseguiu tornar o ambiente uma maior prioridade e incorporá-la como um tema transversal nos seus trabalhos. A Comissão do Ambiente, ao invés, lida com as questões ambientais como questões isoladas, que tendem a ser numerosas e contribuem com a sua incapacidade de ir além de propor resoluções sobre lobby junto ao governo. Ela não contribuiu substancialmente para a iniciativa do relatório de Empregos Verdes. As limitações do Comitê da AFL são evidenciadas quando contrastado com as estruturas criadas pelo TYLC, que incorporou igualdade e meio ambiente como temas transversais em suas campanhas no âmbito da ampla coligação com base na comunidade *good jobs for all* e em muitas outras iniciativas anteriores que foram construídas para ela. A coligação está pronta para trazer ganhos significativos no momento, através da criação de novos empregos públicos sindicalizados em uma indústria "verde", que seria também um passo concreto para a mudança da produção da matriz energética da cidade para fontes renováveis. O TYLC confiou no passado, nos grupos ad hoc para realizar atividades que incluem o meio ambiente, como em torno do transporte público. As estruturas dentro da coalizão da comunidade/trabalho são projetadas para serem inclusivas e chegar até a base, quer na

organização de cúpulas, quer em atividades diárias. Isto é evidenciado tanto nas práticas, tais como as posições co-presidenciais são ocupadas por membros da comunidade de fora do movimento operário, bem como em campanhas que não beneficiam diretamente os membros do TYLC, como sobre o salário mínimo.

Os discursos distintos sobre empregos verdes do TYLC e da AFL, bem como o grau em que cada uma destas organizações de trabalho tem, respectivamente, se organizado com os parceiros em torno de "empregos verdes", correlaciona-se fortemente com as diferentes situações de trabalho encontradas nas duas regiões. Toronto e York passaram por níveis mais altos de desemprego do que Alberta nos últimos anos (tanto quanto 3% maior, ou quase o dobro da taxa de desemprego nos três anos anteriores ao início da recessão no final de 2008), mas, mais pessoas da sua população ativa estão em risco ou marginalizadas e é provável que tenham empregos precários e mal-remunerados. Enquanto os trabalhadores de Alberta foram fortemente afetados pela recessão no início de 2008, muitos dos postos de trabalho foram bem-pagos, as pessoas especializadas em serviços gerais, como a construção de projetos para as areias de petróleo. O mercado de trabalho apertado em Alberta não precisou que a AFL desenvolvesse ou mantivesse alianças ambientais para buscar formas de esverdeamento da indústria como parte de uma estratégia de criação de empregos, muito menos realmente organizar campanhas para a criação e manutenção do emprego verde. A publicação de um relatório foi evidentemente considerada uma ação suficiente por si só, pelo Executivo da AFL e até o momento desse relatório, começado no início da recessão e terminou a tempo para a convenção, ele fala da situação na região. Em Toronto e York, a crise na produção e a conseqüente crise do emprego, juntamente com uma base demográfica diversificada e em rápida mutação da força de trabalho, têm exigido que o trabalho repense a sua estratégia e ajudam a empurrar o TYLC e seus filiados da manufatura importantes como o USW e o CAW para colaborar com grupos da comunidade em campanhas para criar empregos "bons, verdes". A evidência mostra que o trabalho de Toronto já estava orientado para a comunidade e para uma mobilização popular, mesmo antes da recessão, o que agravou uma situação de emprego já ruim e foi aproveitado por líderes e organizadores para planejar uma grande cúpula, que consolidou os seus esforços anteriores, formando a coalizão *good Jobs for all*. Esses resultados divergentes corroboram

Penney (2002: 320, 325, 332, 344) em sua afirmação de que a elevada taxa de desemprego constitui um fator importante na formação de alianças de trabalho ambiental e do nível de apoio que eles ganham na implementação de programas de empregos verdes.

Capítulo sete: Conclusão

1.32 Tons de verde

Enquanto nem sempre é perfeitamente claro o que se entende pelo termo "verde", podemos ainda assim de forma eficaz e útil qualificar o grau em que as organizações dos trabalhadores adotam temas ambientais relacionando-os com um espectro. A proposta de Crowley (1996; Penney, 2002: 61) para o emprego verde (como discutido na seção 3.8) pode ser adaptada para avaliar o compromisso demonstrado pela Federação do Trabalho de Alberta e pelo Conselho do Trabalho de Toronto e região de York. Qualquer avaliação de uma das suas falas ou ações ou da formação de alianças está aberta a revisão, por um lado, as organizações não são estáticas, mas sim atores dinâmicos sujeitos a alteração, em segundo lugar, uma grande população de outros casos existem e ainda têm que ser analisados dessa forma, o que nos permite aperfeiçoar e recolocar as respostas ambientais dos dois casos aqui discutidos.

Por sua vez, a AFL adotou um discurso que pode ser qualificado como moderadamente verde, enquanto suas ações até agora são apenas verde claras. O trabalho de Alberta tem, de uma forma geral, adotado a retórica da modernidade ecológica através dos argumentos apresentados no relatório de Empregos Verdes (que são em alguns aspectos menos verdes ou um retrocesso da postura anteriormente assumida na sua política de mudanças climáticas), enquanto suas ações concretas são apenas conformistas e reativas (exemplos: estratégia ineficaz da capacidade da Comissão do Ambiente, a falta de sua integração com as próprias ações do Executivo; endosso do comércio de carbono; Presidente concedendo alterações na redação de política para filiado de recursos; alianças fracas e de curto prazo com ONGAs parceiras, gerenciadas no auge da organização, etc.)

O TYLC - pelo menos através das respostas do seu trabalho ambientalista e líderes intelectuais - adotou um discurso bastante verde escuro (por exemplo: "transformar a economia") e suas ações são pelo menos moderadamente verdes, já que eles têm dado alguns passos significativos no sentido da ecologização da economia e mostrado um compromisso relativamente profundo com seu parceiro ambiental e para a construção de um movimento orgânico e socialmente inclusivo.

Classificar a AFL em verde claro a moderado e o TYLC como verde moderado a escuro, fornece uma maneira simples e direta de rapidamente chamar a atenção para os seus compromissos diferentes com relação a temas ambientais, que é o grau em que cada um é líder de soluções voltadas à dupla crise ambiental e de emprego.

1.33 Sindicalismo institucional e de movimento

Como vimos no capítulo anterior, as atividades ambientais da AFL em torno de uma economia verde estão "concentradas" (realizadas ao longo de um período relativamente curto, a colaboração intensiva que, em seguida, termina) e localizadas no 'pico' (geridas pela executiva da AFL; entradas limitadas da Comissão de Meio Ambiente e da baixa eficácia global), as atividades do TYLC contrastam isso quando elas são relativamente "difusas" (espalhadas entre os parceiros, que são incentivados a definir a agenda e para quem o trabalho desempenha um papel de coordenação) e são feitos esforços para envolver a "base" (aproximando-se e mobilizando as pessoas, como administradores, membros da comunidade e trabalhadores de diversas origens). Enquanto essa caracterização pode simplificar um pouco as tendências divergentes observadas, ele, no entanto, chama a atenção para a conclusão de que, em geral, os diferentes tipos de sindicalismo estão sendo praticados pela AFL e o TYLC, pelo menos na medida em que o estabelecimento de parcerias ambientais acontece.

A aplicação das conclusões dos capítulos quatro e cinco, o modelo de Adkin (1999 211-213): das concepções políticas e estratégicas para a formação de parcerias ambientais sugere que, em geral, a AFL tende para uma estratégia institucional e de orientação social democrática que caracteriza os negócios e o sindicalismo social, enquanto o TYLC está tentando praticar o sindicalismo de movimento, o que significa que apresenta algumas características de colocá-lo ainda mais ao longo de uma escala no sentido da convergência com os parceiros do ambiente e da comunidade. Esta separação é conceitual e serve para categorizar as respostas de cada instituição em seu dado contexto, servindo como um guia contra o qual o discurso e as ações podem ser analisados. Sem dúvida, alguns exemplos poderiam ser apontados para mostrar que as duas instituições não se encaixam exatamente em suas categorias específicas. Além disso, é possível que ao longo do tempo, as

organizações possam mudar suas orientações. Nomeadamente, por exemplo, o presidente da AFL (McGowan, 2010: 15) reconhece como uma fraqueza da organização a sua falta de esforço no passado para chegar até os membros para que participem da organização da comunidade e ele falou de sua intenção de mudar isto, a recente contratação de um funcionário com o novo cargo de "organizador comunitário", sugere que a organização do trabalho pode tentar realizar algumas ações associadas a uma tendência de convergência. Apenas observação futuras indicarão se a AFL fará uma mudança genuína e profunda na estratégia, ou se o âmbito da organização da comunidade vai passar a ser tão limitado ou inibido, conforme as ações dos voluntários do Comitê de Meio Ambiente.

Tabela 9. Evidência das concepções político-estratégicas divergentes da aliança trabalhista-ambiental entre a AFL e o TYLC

<i>Orientação "Social Democrática / Institucional" da Federação do Trabalho de Alberta</i>	<i>Tendência "Convergente / Transformativa" do Conselho do Trabalho de Toronto e York</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Colaboração com parceiros ambientais conduzida pelo executivo da AFL; principal atividade foi a produção de um relatório e parceria ambiental terminou quando o objetivo foi atingido • Jones (2010: 3, 5) incapaz de unir um grupo de trabalho ad hoc de membros interessados alcançado durante as consultas do relatório, para continuar a trabalhar com parceiros ONGAs; falta de suporte ou interesse dos dirigentes sindicais para construir contatos enraizados com grupos externos; As atribuições de pessoal de Jones mudou com as colaborações ambientais • Educação ambiental baseada em um curso com baixa frequência na escola de trabalho Jasper, discurso-chave de Foster (2009) na convenção e foco no site • Participação na <i>Join Together Alberta</i> e campanha na saúde e serviços públicos é uma questão tradicional e, portanto, 'segura' para a AFL, enquanto o foco na energia e empregos verdes provocou alguma discórdia com os membros do CEP; parcerias continuadas com ONGAs, especialmente o Greenpeace que é hostil com as areias betuminosas, precisaria correr riscos com a AFL • O comitê de meio ambiente foi ignorado pelo executivo na mina Cheviot, gerando tensão e pondo limites para a participação e autoridade do comitê ; ele é ineficaz, com desigual representação na AEN; suas resoluções e 	<ul style="list-style-type: none"> • Uma série de atividades conjuntas são tomadas pelos aliados do TYLC na coalizão trabalhista comunitária <i>Good Jobs For All</i>; eventos culturais e educacionais são incluídos na coalizão Jane-Finch Green Jobs;o TYLC enfatiza o alcance popular, como evidenciado por reuniões da organização na prefeitura em colaboração com grupo comunitários locais • Discussão do papel do mercado, poder e relações sociais dos informants do TYLC indicam politização, como a ênfase em educar os membros da comunidade sobre services públicos; foco em 'processo' e 'desafio' de ganhar e manter relações com atores sociais fora do movimento sindical e construir um movimento político; compromisso em construir força de trabalho, ex.: Assembleias de administradores,etc. • Membros dos sub-grupos da <i>Good Jobs For All</i> organizam suas próprias campanhas e são envolvidos em todos os aspectos; atenção dada à participação crescent de trabalhadores discriminados e femininos no processo e estruturas (co-presidentes); objetivo construído por um movimento do trabalho reflexo da diversidade de Toronto e apoiar os trabalhadores que não se beneficiam com a sindicalização (exemplo: campanha de salário mínimo de \$10) • Preocupações raciais, de gênero, anti-pobreza, e ambientais são unidas com as preocupações da criação de empregos dos parceiros da coligação

<p>projetos não precisaram de mudanças internas na AFL; o comitê ambiental foi consultado para o relatório de empregos verdes mas poucas entradas foram fornecidas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Afirmações de informants e resoluções passadas nas convenções indicam que a principal concepção de trabalho político é centrada em torno de lobbying, escrita de cartas e comícios, tudo dirigido pelo governo 	<p><i>Good Jobs For All</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Relações duradouras com o TEA; estratégia eleitoral além dos esforços para construir um movimento político • Ausência de um comitê duradouro de meio ambiente; organização ambiental feita em uma base ad hoc e incorporada em atividades em curso (ex. – transporte público; ajuda financeira para o TEA, etc.)
---	---

Fonte: descobertas resumidas para a AFL e TYLC dos capítulos quarto e cinco, aplicados ao modelo Adkin (1999: 211-213)

1.34 A forte influência do emprego nas iniciativas verdes do trabalho

Enquanto o grau em que o trabalho adota causas verde é explicado por e associada a uma série de fatores, como explorado (através de comparações no Capítulo Seis), é evidente a partir da apresentação e apreciação de dados sobre o emprego e a história do mercado de trabalho para cada caso (seções 4.1 e 5.1), que a situação econômica é um indicador muito forte de uma estratégia de organização do trabalho e da postura ambiental. A adoção geral da AFL de temas ambientais pode ser classificada como verde-claro, enquanto a sua estratégia específica é o de sindicalismo institucional. O discurso verde moderado e formação de alianças que fazem parte do TYLC estavam relacionados a sua tendência para o sindicalismo de movimento. Essas orientações político-estratégicas divergentes das alianças trabalhistas ambientais são satisfatoriamente explicadas pelos "principais efeitos" das conclusões diferentes que surgem em cada caso, como a influência dos filiados de recursos, os climas políticos distintos de cada região e especialmente a liderança. Ainda, as orientações gerais respectivas das duas organizações podem ser entendidas como respostas a um fator de peso: o contexto do emprego regional.

A AFL poderia seguramente adotar uma estratégia institucional verde-claro que não necessita de mudanças significativas ou mobilização popular, porque, como uma Federação que é a "beneficiária" de um eleitorado apreciando o 'sol econômico'(mercado de trabalho apertado, alguns trabalhadores com baixos salários, etc .) irradiando a partir do setor de petróleo e gás dominante da província. A adoção de causas ambientais pela AFL, neste contexto, é amplamente reativa - considere, por exemplo, que o projeto de pesquisa dos empregos verdes foi sugerido pelo Greenpeace primeiro, ou como o Executivo da AFL cedeu às mudanças na formulação de política para CEP Local 707. 'Uma vítima' de quedas

de longo prazo no setor de manufatura do Ontário, a sua base tradicional, o TYLC teve que responder muito mais pró-ativamente. Sentiu-se ali que a sobrevivência do próprio trabalho está em jogo, dada a acentuada densidade sindical em queda, acompanhando a desindustrialização. O trabalho organizado em Toronto e York teve que se reconectar com parcelas marginalizadas da população, para refletir as mudanças e a real face da classe trabalhadora. Ao fazer isso, eles incorporaram o meio ambiente como um de seus temas principais, pelo menos parcialmente, como um meio para criar empregos nas novas indústrias 'verdes'. A orientação verde moderado do TYLC e a estratégia do movimento social são, em grau significativo, em resposta ao desemprego elevado e sustentado.

Assim, uma resposta verde escura pode ser esperada do trabalho onde a condição geral da economia é caracterizada por um maior número de trabalhadores marginalizados e pelo aumento do desemprego, enquanto as respostas verde claras são esperadas quando uma economia crescente e um mercado de trabalho apertado e calmo organizou o trabalho em conformidade.

O momento de ambos o relatório de Empregos Verdes de Alberta e do TYLC fazerem o movimento para consolidar as suas atividades anteriores de construção através da organização de uma cúpula ajuda a confirmar a interpretação acima. Essas atividades, em ambas as regiões, imediatamente após o início da pior recessão do Canadá desde 1930, fazendo o argumento ambiental dos empregos "verdes" aparecerem na superfície como um tanto cínico, como se a motivação central do trabalho fosse o emprego (ou a condição geral da economia) e a parte ambiental é politicamente correta e apropriada, dado o agravamento das condições ambientais no âmbito de uma economia intensiva de exploração de carbono. O trabalho, porém, não vai mais aparecer superficialmente auto-interessado (em empregos e como usando a retórica ambiental apenas para fins de criação de emprego), quando se leva em consideração a inter-relação da economia e do meio ambiente. O Trabalho e a natureza são explorados com a finalidade de acumulação de capital e as mediações do trabalho social são parte integrante do meio ambiente, que é do metabolismo da natureza (Polanyi, 1944; Foster, 2000: 157; Clark, 2006; Albo, 2006: 21). O trabalho precisa ampliar sua consciência ambiental, o que equivale a uma forma de auto-consciência.

Essa discussão sobre a importância do mercado de trabalho, contribuindo com a postura do trabalho em relação às atividades e parceiros ambientais não deve ser interpretada como um argumento economicamente determinista. Embora a força da economia seja muito importante, outros fatores como a política e a liderança também intercedem e nos ajudam a compreender o "ajuste fino" da resposta do trabalho. Além disso, o trabalho não deve ser entendido como o resultado passivo de seu mais amplo contexto sócio-econômico, mas sim como um sujeito ativo, que possui agência e é capaz de mudar a sua orientação e respostas. Por exemplo, duas organizações em circunstâncias de trabalho muito semelhantes podem, contudo, responder de forma muito diferente e nesse cenário, a liderança, fatores políticos, gênero, limitações impostas por filiados de recursos e assim por diante, podem fazer toda a diferença do mundo, aos quais são atribuídos o verde.

1.35 Discussão e estratégia de trabalho

Algumas lições podem ser derivadas a partir da síntese e da comparação dos resultados no Capítulo Seis e das conclusões acima e mais discussão é útil como uma oportunidade de aprendizagem e como sugestões de estratégias sindicais. O primeiro argumento feito aqui é que o sindicalismo ou movimento social proporciona uma melhor oportunidade de incorporar os temas ambientais em ações de organização do trabalho de uma forma transversal mais do que abordando vários temas ambientais separadamente e a curto prazo. Em primeiro lugar, o trabalho pode confiar em seus parceiros de aliança para fornecer conteúdo ambiental ao invés de ter que desenvolver sua própria capacidade. Em segundo lugar, o trabalho pode, mais tarde, confiar nas comunidades mobilizadas e nos sindicalistas rasos e organizações de fora para realmente realizar campanhas em conjunto, com o apoio e mesmo coordenação do trabalho, quando necessário. Se a AFL tem estado "muito ocupada" "apagando incêndios" de questões trabalhistas tradicionais, também enfrenta eficazmente o meio ambiente, o TYLC estabeleceu como sua competência essencial a mobilização de eleitores que, por sua vez, tratam do meio ambiente em seu nome, incorporando o ambiente nas campanhas e nos esforços conjuntos para construir uma economia melhor. No entanto, forjar relações duradouras e construir e manter um movimento de diferentes "vozes" são processos minuciosos, lentos e difíceis, como

ênfatisado por Persad (2010) através de suas experiências com organização e o fato de o TYLC ter estado nessa "jornada" por um longo tempo. A orientação institucional da AFL lhe permitiu formar uma coalizão rápida e temporária, que serviu um objetivo político da época, e o Executivo pode, assim, evitar expor-se à pressão de filiados de recursos ao adotar a retórica dos "empregos verdes". No entanto, as evidências não sugerem que o Executivo da AFL ou a atividade da Comissão do Ambiente estão tendo um impacto real sobre a criação de empregos verdes, enquanto que em Toronto, no mesmo período, as ações concretas estão tendo resultados tangíveis: a coalizão Jane Finch já ofereceu treinamento para um número de jovens desfavorecidos; a campanha do TYLC para a capacidade canadense para expansões do transporte público assegurou que novos trabalhos na indústria não fossem para o exterior e a coalizão *good jobs for all* organizou duas conferências populares e pode em breve ter conseguido iniciar instalações de painéis solares na cidade de Toronto.

O exemplo TYLC sugere que uma maneira eficaz de incorporar o ambiente como um tema transversal é através de campanhas públicas, como transporte público e construção adaptada. Ele não só faz sentido economicamente, já que a eliminação do lucro privado também ajuda a eliminar as externalidades, que muitas vezes incluem o dumping ambiental (Stanford, 2008: 178, 186; Harvey, 2005: 67), que confronta a tendência de privatização e de contenção fiscal do governo sob o neoliberalismo pela expansão dos serviços públicos.

Outra lição valiosa que deriva dos resultados do presente estudo é a afirmação positiva de que, enquanto o trabalho está sujeito ao emprego, os quadros jurídicos e políticos em que ele se encontra, sindicatos e ações dos movimentos trabalhistas podem também efetuar as mudanças e modelar o contexto para que seus objetivos futuros estejam reunidos mais receptivamente e sejam mais facilmente alcançados. Se o objetivo é, na verdade, reduzir a intensidade de carbono da economia e torná-lo mais intensivo no trabalho, ganhando bem, empregos sindicalizados ao longo do caminho, o trabalho pode ser melhor para encontrar amigos dispostos a ajudar a criar o clima político e estruturas jurídicas necessárias para criação de empregos verdes, ao invés de lutar com problemas sozinho. O aparente sucesso do TYLC em influenciar a seleção de pelo menos um candidato eleitoral, um aliado do ambiente do TEA e obter a participação de outros ainda

em eventos de trabalho, como a cúpula da *good jobs for all*, sugerem que o sindicalismo de movimento e a formação de alianças trabalhistas ambientais e comunitárias a longo prazo são um meio de proporcionar oportunidades políticas. As atividades do TYLC indicam que seu foco não é apenas se tornar mais forte e construir o poder do trabalho organizado, mas ajudar a comunidade e os atores não do trabalho a fazê-lo também. O movimento sindical apresenta a vantagem de modelar o contexto, porque as demandas políticas tornam-se mais difícil de o Estado negar quando são exigidas por mais pessoas. Além disso, algumas demandas podem ser realizadas sem o recurso do governo, como as comunidades desenvolvem a auto-suficiência e os parceiros de coalizão ajudam a preencher as necessidades uns dos outros.

Essas considerações são de nota especial que, se as oportunidades políticas são percebidas como estreitas, uma mudança na estratégia talvez seja exigida. A verticalidade do Executivo da AFL em relação a pelo menos o seu Comitê de Meio Ambiente (se não por todas as suas comissões permanentes), a parceria a curto prazo com ONGAs e da falta de organização popular, tudo sugere que a AFL não está tendo um impacto significativo no fortalecimento da consciência dos seus membros e do público como poderia, sobre o ambientalismo de trabalho ou de outra forma. As denúncias de informantes da AFL sobre as dificuldades na província podem servir como uma profecia auto-realizável - e são tristemente irônicas, dada a receptividade da maioria dos Albertanos para alternativas ecológicas (Thompson, 2010: 7) - e certamente sugerem que há espaço para melhorias na estratégia de trabalho e nas ações, focando em um processo que a longo prazo aumentaria a participação, e, por sua vez, as oportunidades políticas. As possibilidades de eleger membros amigos do trabalho à legislatura, o desenvolvimento de campanhas bem sucedidas de criação de empregos verdes e assim por diante, tudo pode ser possível se o trabalho puder primeiro criar uma base de alianças, mobilizando seus membros e a comunidade em geral. Se a AFL puder construir a força de trabalho suficiente para influenciar o quadro jurídico e do contexto político para seus próprios fins, pode depender de um grau significativo de sua capacidade de praticar o que Cartwright (2009b: 163) chama de sindicalismo social e Adkin (1999 : 211) se refere como sindicalismo de movimento. Ou seja, em vez de se conformarem com a cultura política conservadora e complacente da

população e de sua base filiada, a AFL precisa criar uma estratégia que radicalize a consciência dos trabalhadores.

Qualquer estratégia ambiental, incluindo a formação de aliança ambiental e campanhas de empregos verdes terá que enfrentar a barreira inerente aos sindicatos, de que falou tanto King (2010: 9) e DeCarlo (2010: 7), que, ou seja, qualquer alteração dada na economia provoca uma reação por parte de alguns componentes de um sindicato. Como muitos sindicatos canadenses são muito grandes, tendo se tornado sindicatos de trabalhadores em geral ou mega-sindicatos multi-setoriais, essa contradição é ainda mais provável que surja, como no interior do sindicato podem ser encontrados trabalhadores que dependem de diferentes tipos de empregos para seus subsistência, bem como seria de se esperar em uma federação sindical. Enquanto os sindicatos e federações, em um sentido, crescem com força na expansão de suas adesões, eles também enfraquecem em outro, ou seja, no sentido de que seus membros podem ter necessidades diferentes que supram o contingente. Curiosamente, se o trabalho canadense pode resolver seus problemas estruturais e desenvolver uma visão unida, restaurar o propósito para o CLC e suas Federações provinciais e municipais, superando os problemas colocados pela competição dos mega-sindicatos multi-setoriais, - a replica de serviços, a falta de negociação setorial e assim por diante, serviria também para lidar com a contradição ambiental discutida aqui. O caso da AFL é um exemplo perfeito dessa barreira fundamental. A AFL terá que abordar as preocupações dos membros do CEP Local 707 e do UMWA se for avançar, numa base de longo prazo para a ecologização da economia. Enquanto McGowan (2010) deu prioridade às necessidades ou temores dos trabalhadores do setor de recursos ao concordar com as mudanças no tom de Política Energética (AFL, 2009d: 53; Jones, 2010), há alguma questão de saber se o papel mais adequado para uma federação do trabalho em geral é definir o rumo para o futuro de uma economia mais benéfica para todos os seus trabalhadores e não apenas responder ou mesmo render aos poucos com os problemas imediatos colocados por esta transição, entregando por sua causa a possibilidade de ecologização da economia.

Um debate político em curso e aprofundado dentro do movimento sindical sobre essas barreiras fundamentais para a transição pode ser combinado com os esforços para ajudar a aumentar a consciência da classe operária. Os fatos que tanto a natureza quanto o trabalho

são explorados pelo capital e que os trabalhadores são vulneráveis a problemas ambientais podem servir como pontos de partida para abordar as transições econômicas. Esta é também a principal razão que precisa da "transição justa" para se tornar mais do que um slogan. A existência de um programa que ofereça aos trabalhadores deslocados do ambiente, que fosse efetivamente capaz resolver seus problemas imediatos, bem como ajudar a superar a barreira fundamental do trabalho em abordar o ambiente. Embora a criação de um superfundo público para reciclagem e assim por diante seja um objetivo a longo prazo, que pode exigir mais tempo para atingir, uma série de outras soluções mais imediatas estão também geralmente disponíveis para o trabalho. Voltando ao caso da AFL, houve alguns encontros interessantes do "trabalho ambiental com filiados de recursos", realizados entre o Presidente, o Comitê de Meio Ambiente e os dirigentes dos sindicatos envolvidos (AFL, 2001: 1). Oficinas também foram oferecidas para os membros classificados sobre a questão da transição justa e das alianças de trabalho ambiental. No entanto, este trabalho não foi levado adiante nos períodos seguintes. Outra possibilidade seria que a federação exigisse dos sindicatos afiliados o recurso central para lidar diretamente com os moradores que levantam questões ambientais, de tal forma que o presidente da AFL não seja chamado no meio de uma convenção da federação para responder a uma questão que, em teoria, já havia sido tratada por meio de processo próprio do CEP internamente negociado e política energética (Daub, 2008, CEP, 2008). Não só a AFL podia levar mais consultas e confiar em seus filiados para lidar com os problemas quando eles surgem, mas também poderia buscar oportunidades com menor risco de dar errado. Se a energia continua sendo uma questão muito difícil no momento, a AFL poderia concentrar seus esforços na ecologização, pelo menos por enquanto, em outros setores. O setor da construção em Alberta é particularmente vulnerável à expansão e ciclos de falência e o relatório de empregos verdes de Alberta chamou a atenção de uma associação da construção, que contatou o seu autor. Além disso, o IBEW participou intensamente nas consultas para o relatório de Empregos Verdes. Tudo isso sugere que uma aderência mais eficaz seria a de concentrar-se na adaptação da construção. O sub-grupo *green economy for all* em Toronto e York identificou para si mesmo um único objetivo concreto - instalações públicas de painéis solares. De forma semelhante, a AFL poderia escolher um item a partir das recomendações do relatório de

Empregos Verdes de Alberta para construir uma campanha. Uma 'vitória' ou sucesso em uma área como a da adaptação da construção poderia ajudar a organização a criar confiança de forma mais competente, levando uma energia verde potencialmente mais ameaçadora ou a atividade do setor de recursos. Em Alberta, as diferentes peças do quebra-cabeça estão todas lá: a AFL historicamente mostrou apoio a Quioto, que tem políticas ambientais decentes (mais detalhadas do que as do TYLC), é feita uma importante colaboração primeiro com ONGAs e ela se comprometeu a fazê-la mais no futuro, ele contratou um "organizador comunitário", que pode ajudar a mobilizar membros. Além disso, a dependência econômica das areias betuminosas e do mandado de vulnerabilidade resultante de algum tipo de ação concreta para além de conferências políticas e na imprensa. Alberta precisa tanto quanto Toronto de uma alternativa e onde mais uma iniciativa de energia verde serviria como um símbolo mais comovente do que no coração do setor de gás petróleo do Canadá?

1.36 Direções posteriores da pesquisa

Uma série de perguntas e possibilidades para pesquisas futuras decorrem do presente estudo. Em primeiro lugar, ele não tirou detalhes sobre como cada ramo do movimento sindical, a AFL e o TYLC, interagiu com o governo. Embora as sugestões e indicações tenham sido fornecidas por informantes, mais e diferentes dados e até mesmo outros casos seriam necessários para confirmar certas impressões, como por exemplo: os esforços de lobby do trabalho direcionados ao governo têm sido mais eficazes a nível municipal do que na província e a AFL foi mal-sucedida ao patrocinar oficiais eleitos amigos do trabalho/ambiente e assim por diante. Em segundo lugar, o presente estudo não analisou a base das duas organizações. Para isso seria necessário um conjunto de dados mais amplo e, possivelmente, reunir diferentes estratégias, como entrevistas ou questionários com as comissões sindicais/ambientais locais e delegados sindicais, grupos de discussão com os membros classificados e assim por diante. Seria também útil a coleta de dados de informantes fora do movimento operário, como de autoridades governamentais, representantes de ONGAs e membros de organizações de base comunitária. Uma análise utilizando estas estratégias complementariam as conclusões já apresentadas aqui sobre a

política e sobre os níveis de liderança de pico e intermediária das organizações de trabalho e constituiria um valioso potencial para futuras pesquisas em parcerias trabalhistas/ambientais e a ecologização do trabalho canadense.

Além disso, a observação contínua da AFL e do TYLC será necessária para determinar, antes de tudo, se continuam na mesma linha do sindicalismo e, por outro lado, qual o impacto dessas estratégias institucionalistas ou de convergência sobre as causas do trabalho (verde) nas respectivas regiões a longo prazo. Há uma necessidade de se avaliar a força dos bons empregos para toda a coalizão com o tempo. O TYLC está realmente construindo um movimento e irá ter sucesso em 'enraizar' esse movimento? Ou será que vai acabar depois de um tempo, sendo "uma coalizão de nome no papel?" As evidências deste estudo sugerem que o movimento está crescendo, mas entrevistas com pessoas fora do trabalho ou com os delegados sindicais e ativistas que assistem às conferências, ao invés de organizadores, seriam úteis em determinar o alcance e a escala das mudanças que ocorrem. Além disso, a experiência mostra a dificuldade de manter essas iniciativas, como o trabalho da Aliança Verde desabou no início de 1990 e nos anos de organização de projetos comunitários de Persad (2010: 9), ela descobriu que alguns membros, invariavelmente, acabam perdendo o interesse. Será que a coalizão *good jobs for all* ajuda a moldar uma nova economia mais verde e mais justa em Toronto e York? Da mesma forma, será a AFL a nova 'organizadora comunitária' com sucesso em suas iniciativas? É a criação de tal posição de uma ação simples que permite que o Poder Executivo alegue que a política está sendo cumprida, ou será que constitui uma mudança real e profunda no sentido do sindicalismo de movimento? Será que a AFL reunirá seus ex-sócios ambientais e trabalhará no sentido de "repotencializar" a província e reduzir a dependência econômica do crescimento do setor petrolífero de altos e baixos? Será que ela ajudará a criar empregos verdes?

Outras pesquisas também serão necessárias para testar empiricamente a força das relações entre as variáveis, como sugerido por esta tese. Uma série de implicações mais amplas emergem deste estudo de dois casos, e causam impacto sobre a eventual análise de outros casos. Uma dessas questões que surgem é sobre a melhor forma de estimular o interesse do trabalho em alianças ambientais onde há relativamente pouca necessidade econômica, como é o caso no mercado de trabalho de Alberta com recursos dirigidos.

1.37 A crise dupla: A necessidade de confrontar o conformismo do sindicato

Enquanto a discussão e os argumentos constantes nas páginas anteriores afirmam que a AFL e o trabalho de Alberta podem "fazer mais" ou "fazer melhor" na formação de alianças com parceiros ambientais e realmente trabalhar para a criação de empregos verdes ao invés de só adotar a retórica dos "empregos verdes", não é sugerir que o TYLC seja o exemplo ideal a ser seguido. Como vimos, a posição moderadamente verde e a estratégia do movimento social do TYLC evoluíram muito a partir da necessidade - a de enfrentar a queda da manufatura e do sindicato. Para ter certeza, se a AFL pode ser relativamente conservadora entre as centrais sindicais do Canadá, ou pelo menos em comparação com o TYLC, não é reconhecidamente fácil ser verde ou progressiva em AB, onde um mercado de trabalho apertado dependente de uma indústria altamente destrutiva ajuda a criar tópicos como a criação de empregos verdes e a proteção do ambiente desafiadora. A situação "invejável" do emprego e elevados padrões de vida, especialmente em AB e no Canadá, em geral, ajuda a acalmar o trabalho organizado com complacência e a esconder muitas outras injustiças e problemas que existem em todo o país: o emprego precário e flexibilizado, o baixo desemprego não é o pleno emprego (Wray e Forstater, 2004; Kalecki, 1971); um mercado de trabalho apertado ainda é um mercado de trabalho, do trabalho assalariado comoditizado; anos de cortes nos gastos sociais de serviços; constantes ameaças de privatização, sobretudo do nosso sistema de saúde, com o financiamento do sistema público de saúde; opressão das mulheres, como evidenciado por uma série de meios, incluindo os seus ganhando menos que os homens pelo mesmo trabalho; xenofobia e racismo, diferenças de rendimento (Lynk, 2009: 126; Yalnizyan, 2009), o aumento do horário de trabalho, o consumo excessivo e o excesso de produção e, para não mencionar, uma clareira enorme e crescente na floresta boreal, onde o petróleo está sendo perfurado em vez da mineração, para atender à demanda de uma economia dependente de combustíveis fósseis. Em suma, continuamos a enfrentar a dupla crise de emprego e do ambiente e nós estamos muito longe de ter tanto em Alberta quanto em Toronto e York uma sociedade sustentável e igualitária, de produtores livres e associados, onde os trabalhadores são integrados um meio ambiente ecologicamente equilibrado e saudável, vibrante. Esses fatos e o problema da mudança climática sugerem que o trabalho do Canadá deva continuar verde, confrontar o

conformismo sindical e trabalhar para a missão histórica do movimento da classe trabalhadora.

Referência

- ABENDROTH, Wolfgang (1972) *A Short History of the European Working Class*, London: NLB, 1965 (English trans. by Nicholas Jacobs, Brian Trench and Joris de Bres, *Sozialgeschichte der europäischen Arbeiterbewegung*), 204 p.
- ADKIN, Laurie E. (1998) *The Politics of Sustainable Development: Citizens, Unions and the Corporations*, Montréal: Black Rose Books, 346p. *apud* NORTON, Paul (2003) “A Critique of Generative Class Theories of Environmentalism and of the Labour-Environmentalist Relationship,” *Environmental Politics*, Vol.12 (4) Winter 2003: pp. 113 – 114.
- ADKIN, Laurie E. (1999) “Ecology and Labour: Towards a New Societal Paradigm,” in MUNCK, Ronaldo and Peter WATERMAN (1999) *Labour Worldwide in the Era of Globalization: Alternative Union Models in the New World Order*, New York: St. Martin’s Press, pp. 199 – 217.
- ALBERTA FEDERATION OF LABOUR (2009a) “Entrenching Exploitation; The Second Report of the Alberta Federation of Labour Temporary Foreign Worker Advocate,” Alberta Federation of Labour, Edmonton, April 2009, 36 p.
- ALBERTA FEDERATION OF LABOUR (2009b) “Lost Down the Pipeline: In these difficult economic times, is the Alberta government doing enough to keep value-added oil-sands jobs in Canada?” accessed online Feb. 1, 2010 at: www.afl.org/upload/LostDownPipelineRevised.pdf, 66 p.
- ALBERTA FEDERATION OF LABOUR (2009c) “Report of the AFL Environment Committee,” 2007-2009 period, 2009 AFL Convention, 4 p.
- ALBERTA FEDERATION OF LABOUR (2009d) “2009 AFL Convention; Disposition of Resolutions and Policy Papers; Yes, Unions Can!” and “A New Direction for Alberta’s Energy Economy,” 46th Constitutional Convention / 7th Biennial Convention, April 23-26, 2009, 90 p.
- ALBERTA FEDERATION OF LABOUR (2008) “Black Gold, Clear Vision; A Proposed Policy Framework for the Alberta Oil Sands” accessed online Feb. 1, 2010 at: <http://www.afl.org/upload/blackgoldfinal2008Apr.pdf>, 19 p.
- ALBERTA FEDERATION OF LABOUR (2007a) “Climate Change Policy Paper,” AFL 45th Constitutional Convention, May 2007, accessed online Feb. 1, 2010 at www.afl.org/upload/climatechange2007.pdf, 13 p.
- ALBERTA FEDERATION OF LABOUR (2007b) “Report of the AFL Environment Committee,” 2005-2007 period, 2007 AFL Convention, pp. 16 – 18.
- ALBERTA FEDERATION OF LABOUR (2007c) “2007 AFL Convention; Disposition of Resolutions; Our Time is Now! Real Gains for Alberta Workers,” 45th Constitutional Convention / 6th Biennial Convention, May 10-13, 2007, 42 p.

- ALBERTA FEDERATION OF LABOUR (2007d) “Why Environmental Protection is a Trade Union Issue,” AFL Environment Committee, Pamphlet, accessed online Aug 2010 at: <http://www.afl.org/index.php/View-document/87-Environment-Committee-Brochure.html>, 2 p.
- ALBERTA FEDERATION OF LABOUR (2005a) “Report of the AFL Environment Committee,” 2003-2005 period, 2005 AFL Convention, pp. 12 – 15.
- ALBERTA FEDERATION OF LABOUR (2005b) “2005 AFL Convention; Disposition of Resolutions; Forging our Future with Strength and Unity” 44th Constitutional Convention, May 12-15, 2005, 75 p.
- ALBERTA FEDERATION OF LABOUR (2003a) “Report of the AFL Environment Committee,” 2001-2003 period, 2003 AFL Convention, pp. 15 – 17.
- ALBERTA FEDERATION OF LABOUR (2003b) “2003 AFL Convention; Disposition of Resolutions; Labour and Communities Organizing for Change,” 43rd Constitutional Convention, May 1-4, 2003, 71 p.
- ALBERTA FEDERATION OF LABOUR (2001) “Report of the AFL Environment Committee,” 1999-2001 period, 2001 AFL Convention, 4 p.
- ALBERTA FEDERATION OF LABOUR (1999) “Our Children’s Alberta: Fighting for Jobs and the Environment” AFL Environment Policy Paper passed at 2nd Biennial Convention, April 15-18, 1999, accessed online at: <http://www.afl.org/publications-research/policy-papers/pp-environment.pdf>, 15 p.
- ALBERTA FEDERATION OF LABOUR (1995) “1995 AFL Convention; Disposition of Resolutions,” 58 p.
- ALBO, Gregory (2006) “The Limits of Eco-Localism: Scale, Strategy, Socialism,” *Socialist Project*, accessed online Dec. 2009 at www.socialistproject.ca/theory/albo_ecolocalism.pdf, 27 p.
- ALBO, Gregory and Dan CROW (2005) “Neo-Liberalism, NAFTA, and the State of the North American Labour Movements,” *Just Labour: A Canadian Journal of Work and Society*, Vol. 6 & 7, Autumn 2005, pp. 12 – 22.
- ALTVATER, Elmar (2009) “The Crisis of the Economy and of Nature; the ‘Green’ Ways out of the Debacle,” Associação Brasileiro de Estudos do Trabalho, Notes for XI Conference, Campinas, October 2009.
- AKYEAMPONG, Ernest (2007) “Canada’s unemployment mosaic, 2000 to 2006,” *Perspectives on Labour and Income, Statistics Canada, Catalogue no. 75-001-XIE, January 2007*, accessed online July 2010 at: <http://www.statcan.gc.ca/pub/75-001-x/10107/9571-eng.pdf>, pp. 5 – 12.

- BARRY, J. (2007) "Towards a model of green political economy: from ecological modernisation to economic security", *International Journal of Green Economics*, Vol. 1 (3/4) pp. 446 – 464.
- BARTLEY, Tim (2007) "Institutional Emergence in an Era of Globalization: The Rise of Transnational Private Regulation of Labour and Environmental Conditions," *American Journal of Sociology*, Vol. 113 (2) Sept. 2007, pp. 297 – 351.
- BENNETT, Dave (2007) "Labour and the Environment at the Canadian Labour Congress – The Story of the Convergence," *Just Labour: A Canadian Journal of Work and Society*, Vol. 10, Spring 2007, pp. 1-7.
- BERNARD, André and Diane GALARNEAU (2010) "Layoffs in Canada," *Perspectives on Labour and Income, Statistics Canada, Catalogue no. 75-001-XIE, May 2010*, online at: <http://www.statcan.gc.ca/pub/75-001-x/2010105/pdf/11161-eng.pdf>, pp. 5 – 17.
- BERNARD, André (2009) "Trends in Manufacturing Employment," *Perspectives on Labour and Income, Statistics Canada, Catalogue no. 75-001-XI, February 2009*, online at: <http://www.statcan.gc.ca/pub/75-001-x/2009102/pdf/10788-eng.pdf>, pp. 5 – 13.
- BERTINAT, Pablo and Joaquín TURCO (2008) *Desarrollo Sustentable: Energía, Medioambiente y Trabajo, Confederación Sindical de Trabajadores y Trabajadoras de las Américas, 1^{ra} Conferencia Sindical Regional, Managua, 16-18 Julio 2008, São Paulo, 2008, 120 p.*
- BICKERTON, Geoff and Jane STINSON (2008) "Challenges facing the Canadian labour movement in the context of globalization, unemployment and casualization of labour", printed as Chapter 9 in Andreas BIELER, Ingemar LINDBERG, Devan PILLAY (eds.), *Labour and the Challenges of Globalization: What Prospects for Transnational Solidarity?*, London: Pluto Press, pp.161 – 177.
- BICKERTON, Geoff (2008) "Toronto Labour Council Unveils Action Agenda for CLC," *Canadian Dimension*, May/June Vol. 42 (3) accessed online July 30, 2010 at: <http://www.socialistproject.ca/labour/actionagenda.html>, 1 p.
- BRECHER, Jeremy, Tim COSTELLO & Brendan SMITH (2008) "How Green is Your Collar?" *The Nation*, March 26, 2008, accessed online July 25, 2010 from Toronto & York Region Labour Council website at: <http://www.labourcouncil.ca/enviropage.html>; <http://www.thenation.com/article/how-green-your-collar>, 4 p.
- CANADIAN AUTO WORKERS (2009) "Health, Safety & Environment Newsletter" Vol. 17 (6) Nov./Dec. 2009, <http://www.caw.ca/en/8224.htm>, 17 p.
- CANADIAN AUTO WORKERS (2010) "Health, Safety & Environment Newsletter" Vol. 18 (2) March/April 2010, <http://www.caw.ca/en/8981.htm>, 18p.

- CANADIAN AUTO WORKERS LOCAL 112 (2009) “TTC Awards Largest Ever Streetcar Contract to Bombardier” and “CAW Celebrates Earth Hour,” *The Aircrafter*, Spring 2009, accessed online at: http://www.caw112.on.ca/images/aircrafter/2009_spring.pdf, 23 p.
- CANADIAN LABOUR CONGRESS (2000a) “What are Green or Sustainable Jobs?; Fact Sheet N^o. 4”, Canadian Labour Congress’ Health, Safety and Environment Conference, Our Environment, Our Jobs, Our Future, Vancouver, October 29 – 31, 2000, online April 2009 at: <http://www.labourcouncil.ca/sheet4whataregreenjobs.pdf>, 2 p.
- CANADIAN LABOUR CONGRESS (2000b) “Just Transition for Workers during Environmental Change,” accessed at <http://www.canadianlabour.ca/sites/default/files/pdfs/justransen.pdf>, 20 p.
- CANADIAN LABOUR CONGRESS (2003) “Green Job Creation Project; Background Paper, Revised March, 2001, Adopted 2003”, accessed April 2010 at: <http://www.canadianlabour.ca/sites/default/files/pdfs/Green-Jobs-Creation-Project-2003-En.pdf>, 38 p.
- CANADIAN LABOUR CONGRESS (2007) “CLC Statement on Climate Change for Presentation to the House of Commons Committee on Bill C-30, March 1, 2007,” accessed online at: <http://www.canadianlabour.ca/news-room/statements/clc-statement-climate-change-presentation-house-commons-committee-bill-c-30>, 14 p.
- CANADIAN LABOUR CONGRESS (2008) “Climate Change and Green Jobs: Labour’s Challenges and Opportunities; Document N^o. 9,” 25th Canadian Labour Congress Constitutional Convention, Toronto, May 26 – 30, 2008, 13 p.
- CANADIAN NATURAL RESOURCES LTD. (2010) “On The Horizon: Report to Stakeholders,” accessed online at: http://www.cnrl.com/upload/media_element/306/03/on-the-horizon--2010.pdf, 8 p.
- CANADIAN UNION OF PUBLIC EMPLOYEES (2007) “Green Bargaining for CUPE Locals”, *Strategic Directions Policy at CUPE 2007 National Convention*, accessed online at: http://cupe.ca/updir/ONLINE_Green_Bargaining_Guide-0.pdf, 13 p.
- CARROLL, William K. (1997) “Social Movements and Counter Hegemony: Canadian Contexts and Social Theories”, in William K. CARROLL (ed.), *Organizing Dissent, Contemporary Social Movements in Theory and Practice*, (2nd ed) Toronto: Garamond Press, pp. 3 – 38.
- CARTWRIGHT, John (2004) “Cities and Strategies for Progressive Politics,” *Canadian Dimension*, Vol. 38 (6) Nov./Dec, accessed online at: <http://canadiandimension.com/articles/1952>.
- CARTWRIGHT, John (2008a) “We Can Have jobs and a Healthier Environment,” *Toronto Sun*, November 18, 2008, accessed online July 25, 2010 at Toronto and York Region Council website at: <http://www.labourcouncil.ca/enviropage.html>.

- CARTWRIGHT, John (2008b) “Action Agenda to Build Labour in the 21st Century,” interview by André Clément for *Alert! Radio*, Episode 92 broadcast on April 17, 2007, accessed May, 2010 at: <http://canadiandimension.com/alert/episode-92/>, 6 min: 09 sec: 13 min: 53 sec.
- CARTWRIGHT, John (2009a) “Green Jobs and Power,” *Our Times; Canada’s Independent Labour Magazine*, Vol. 28 (5) Oct/Nov 2009, accessed June 20, 2010 online at: http://ourtimes.ca/Features/article_118.php.
- CARTWRIGHT, John (2009b) “Organizing in a Global City,” *Labour / Le travail*, Vol. 64, Fall 2009, pp. 162 – 164.
- CARTWRIGHT, John (2010) “Canadian Labour in the 21st Century: Challenging Corporate Control,” *Canadian Dimension*, Vol. 44 (3) May/June, accessed online at: <http://canadiandimension.com/magazine/issue/may-june-2010/>.
- CHARMAZ, Kathy (2005) “Grounded Theory in the 21st Century; Applications for Advancing Social Justice Studies” in DENZIN, Norman K. and Yvonna S. LINCOLN (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research*, 3rd Edition, Thousand Oaks, CA: Sage, pp. 507 – 535.
- CHEA, Terence (2009) “Enrollment Soars in ‘Green Collar’ Programs, But Will Jobs Be There?,” *Community College Week*, May 4, 2009, retrieved online in August 2009 at www.ccweek.com, pp. 5.
- CLARK, Brett (2006) *Metabolic Rift: Toward a Sociology of Ecological Crisis*, PhD. Dissertation presented to Graduate School and Department of Sociology of the University of Oregon, retrieved October 9, 2009, from Dissertations & Theses: Full Text.(Publication No. AAT 3251847). xiv – 257 p.
- COMMUNICATIONS, ENERGY AND PAPERWORKERS (2008) “Energy Policy,” adopted October 30, 2008 at the CEP Convention, accessed June 21, 2010 online at: <http://www.cep.ca/docs/en/policy-917-e.pdf>, 31p.
- CONFEDERACIÓN SINDICAL DE TRABAJADORES/AS DE LAS AMÉRICAS (2005) *Plataforma Laboral de las Américas; Trabajo Digno Para El Desarrollo Sostenible En Las Américas* (2005), CIOSL – ORIT / Confederación Sindical de Trabajadores/as de las Américas – CSA, (2nd ed. April 2009) 32 p.
- CRESWELL, John W. (2003) *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Method Approaches*, 2nd Edition, Thousand Oaks, CA: Sage, xxvi – 246 p.
- CROWLEY, Kate (1996) “Environmental employment opportunities: How green are Australia's green job credentials?,” *Environmental Politics*, 5: 4, pp 607 — 631.
- DAUB, Shannon (2008) *Negotiating Sustainability: Climate Change Framing in the Communications, Energy and Paperworkers Union*, Major project submitted, Royal Roads University, June 2008, retrieved October 9, 2009, from Dissertations & Theses: Full Text, (Publication No. AAT MR41913), iii – 43 p.

- DECARLO, Nick (2010) National Representative in Health, Safety and Environment Department; Canadian Auto Workers, Interview by author, January 17, 2010, Toronto: digital voice recording, 1 hr: 10 min: 36 sec.
- DENZIN, Norman K. and Yvonna S. LINCOLN (2005) "Introduction: The Discipline and Practice of Qualitative Research" in DENZIN, Norman K. and Yvonna S. LINCOLN (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research*, 3rd Edition, Thousand Oaks, CA: Sage, pp. 1 – 32.
- DOYLE, Timothy and Doug MCEACHERN (2001) *Environment and Politics*, New York: Routledge (1st ed. 1998), xxiii – 216 p.
- DUMÉNIL, Gérard and Dominique LÉVY (2004) *Capital Resurgent: Roots of the Neoliberal Revolution*, Cambridge / London: Harvard University Press, 249 p.
- DYCK, Perry Rand (2000) *Canadian Politics: Critical Approaches* (3rd ed.) Scarborough, Ontario: Nelson Canada, 672 p.
- EASTWOOD, Donald (2007) "Green Economic Sector Development Strategy," Economic Development Committee, City of Toronto, accessed from the Toronto and York Region Labour Council website July 25, 2010 at: <http://www.labourcouncil.ca/enviropage.html>, 9 p.
- ECO, Umberto (1977) *Como se Faz uma Tese*, São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1983 (Portuguese trans. by Lucrecia D'Aléssio Ferrara, Como se fa una tesi di laurea), x – 170 p.
- EGAN, Carolyn (2010) President USW Toronto Area Council / Executive Board Member of Toronto and York Region Labour Council, Interview by author, January 23, 2010, Toronto: digital voice recording, 51 min: 52 sec.
- ENVIRONMENT CANADA (2010) "Canada's 2008 Greenhouse Gas Inventory; A Summary of Trends 1990 – 2008" accessed online June 12 at: <http://www.ec.gc.ca/ges-ghg/default.asp?lang=En&n=83A34A7A-1>, 6 p.
- EUROPEAN TRADE UNION CONFEDERATION (2007) "Climate Change and Employment: Impact on employment of climate change and CO₂ emission reduction measure in the EU-25 to 2030", Brussels, produced in cooperation with Social Development Agency (Syndex, Wuppertel Institute and ISTAS) Study on Climate Change and Employment, <http://www.etuc.org/a/3676> 52 p..
- FERRAO, Vincent (2006) "Recent Changes in Employment by Industry," *Perspectives on Labour and Income, Statistics Canada, Catalogue no. 75-001-XIE, January 2006*, online at: <http://www.statcan.gc.ca/pub/75-001-x/10106/9060-eng.pdf>, pp. 5 – 10.
- FISK, Milton (2001) "Review of Adkin, Laurie E. (1998) Politics of Sustainable Development: Citizens, Unions and the Corporations", *Canadian Journal of Political Science / Revue canadienne de science politique*, Vol. 34 (3) Sept. 2001, pp. 635 – 637

- FLANNERY, Tim (2005) *The Weather Makers: How Man is Changing the Climate and What it Means for Life on Earth* (ed. 2006), Toronto: Harper Collins Publishers, xx–356p.
- FLYVBERG, Bent (2006) “Five Misunderstandings About Case-Study Research”, *Qualitative Inquiry*, 12 (2), Sage, pp. 219 – 245.
- FONTANA, Andrea and James FREY (2005) “The Interview; From Neutral Stance to Political Involvement” in DENZIN, Norman and Yvonna LINCOLN (Eds), *The Sage Handbook of Qualitative Research*, 3rd Edition, Thousand Oaks, CA: Sage, pp. 695 – 727.
- FOSTER, David (2009) “Blue-Green Alliance; Labour and Environmental Movements Working Together to Build a New Green Economy in the United States,” *Union: Insight and Analysis*, Spring/Summer 2009, Alberta Federation of Labour, p.12–15.
- FOSTER, Jason (2009) “Tempville: Alberta’s 10th Largest City: Our Growing Reliance on Temporary Foreign Workers,” *Union: Insight and Analysis*, Winter 2009, Alberta Federation of Labour, pp. 14 – 17.
- FOSTER, Jason (2007) “Labour, Climate Change and Alberta’s Oil Sands; In the Belly of the Beast”, *Our Times; Canada’s Independent Labour Magazine*, Vol. 26 (2) April/May 2007, http://ourtimes.ca/Features/article_19.php, 2 p.
- FOSTER, John Bellamy (2000) *Marx’s Ecology; Materialism and Nature*, New York: Monthly Review Press, x – 310 p.
- GEORGE BROWN; THE CITY COLLEGE (2006) “2006 Premier’s Awards Nominee Summary: John Cartwright,” accessed online July 30, 2010 at: <http://www.georgebrown.ca/alumni/pawards/Cartwright1.pdf>, 3 p.
- GINDIN, Sam (2007) “The State of the Labour Movement with a Particular Focus on Labour and the Environment,” interview by Leslie Hughes for *Alert! Radio*, Episode 61 broadcast on April 27, 2007, accessed May, 2010 at: <http://canadiandimension.com/alert/>, 30 min: 35 sec.
- GOOD JOBS FOR ALL (2009) “Framework for Action Developed from the November 2009 Conference,” accessed online at: <http://goodjobsforall.ca/wp-content/uploads/2009/12/Final-Formatted-Framework-for-Action.pdf>, 2 p.
- GOUGH, Ashley (2006) “Green Economic Development in Toronto; A Review of Environmental Initiatives in Toronto’s Health, Education and Manufacturing Sectors” accessed online from Toronto and York Region Labour Council webpage at: <http://www.labourcouncil.ca/ashleypaper.pdf>, 9 p.
- GRAY, Stan (2004) “The Personal Dimension: The Greatest Canadian Shit-Disturber,” *Canadian Dimension*, Vol.39 (6) Nov./Dec., accessed online December 2009 at <http://canadiandimension.com/articles/1953/>.

- GREEN ENERGY ACT ALLIANCE (2009) "Green Energy Act for Ontario: Executive Summary," Toronto, accessed online May 2010 at: <http://www.greenenergyact.ca/Page.asp?PageID=924&ContentID=921>, 2 p.
- GREEN WORK ALLIANCE (1997) "Green Work Alliance Statement; Build a Green Belt, Not a Rust Belt," January 3, 1997, personal communication to author from Nick DeCarlo, National Representative in Health, Safety and Environment Department; Canadian Auto Workers, 6 p.
- HARTER, John-Henry (2004) "Environmental Justice for Whom? Class, New Social Movements, and the Environment: A Case Study of Greenpeace Canada, 1971 - 2000," *Labour/Le Travail*, 54 (Fall 2004), 83 – 119.
- HARVEY, David (2005) *A Brief History of Neoliberalism*, New York: Oxford University Press, 247 p.
- HELM, Dieter (2009) "Environmental Challenges in a Warming World: Consumption, Costs and Responsibilities", *Tanner Lecture*, Oxford, New College, February 21, 2009, 11 p.
- HILLMAN, Sherry (2010) Financial Secretary of CAW Local 112; Executive Board member of Toronto and York Region Labour Council, Interview by author, January 25, 2010, Toronto: digital voice recording, 1hr: 16min: 04 sec.
- INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (2007) *Climate Change 2007: A Synthesis Report*, Geneva, accessed online August 12, 2010 at: http://www.ipcc.ch/pdf/assessment-report/ar4/syr/ar4_syr.pdf, 104 p.
- INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION (2010) *Global Employment Trends*, January 2010, Geneva: International Labour Office, accessed online August 12, 2010 at: http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_emp/---emp_elm/---trends/documents/publication/wcms_120471.pdf, 83 p.
- JANE FINCH GREEN ANTI POVERTY COALITION (2009) "Community Based Publicly Funded Anti Poverty Green Job Creation Strategy," personal communication to author by Nick DeCarlo, Canadian Auto Workers, 4 p.
- JONES, Samara (2010) Former Director of Legislative Affairs at Alberta Federation of Labour, Interview by author, January 25, 2010, Edmonton: digital voice recording, 54 min: 58 sec.
- JONES, Van, with Ariane CONRAD (2009) *The Green Collar Economy; How One Solution Can Fix Our Two Biggest Problems*, New York: Harper Collins, xv – 247 p.
- KALECKI, Michal (1943) "Political Aspects of Full Employment," *Selected Essays on the Dynamics of the Capitalist Economy, 1933 – 1970*, Cambridge: University Press, 1971, pp. 138 – 145.

- KEIL, Roger (1994) “Green Work Alliances: The Political Economy of Social Ecology,” *Studies in Political Economy*, Vol. 44, Summer 1994, pp. 7 – 38.
- KINCHELOE, Joe L. and Peter MCLAREN (2005) “Rethinking Critical Theory and Qualitative Research” in DENZIN, Norman K. and Yvonna S. LINCOLN (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research*, 3rd Edition, Thousand Oaks, CA: Sage, pp. 303 – 342.
- KING, Andy (2009) “Good, Green Jobs, eh? A Canadian Perspective” *New Solutions: A Journal of Environmental and Occupational Health Policy*, Vol. 19 (2) 2009 Good Jobs Green Jobs conference in Washington, D.C., pp. 225 – 228.
- KING, Andy (2010) Lawyer; National Health, Safety and Environment Department of United Steel Workers Canada, Interview by author, January 28, Toronto: digital voice recording, 1 hr: 07 min: 27 sec.
- LABOUR PROGRAM, Human Resources and Social Development Canada (2010) “Union Membership in Canada: 2008”, *Strategic Policy, Analysis, and Workplace Information Directorate*, retrieved September 2009 at: http://www.hrsdc.gc.ca/eng/lp/wid/pdf/Union_Membership.pdf, 9 p.
- LAROCHELLE-CÔTÉ, Sébastien and Jason GILMORE (2009) “Canada’s employment downturn,” *Perspectives on Labour and Income, Statistics Canada, Catalogue no. 75-001-XI, December 2009*, online at: <http://www.statcan.gc.ca/pub/75-001-x/2009112/pdf/11048-eng.pdf>, pp. 5 – 12.
- LEGISLATIVE ASSEMBLY OF ONTARIO, (2009) “Bill 150, Green Energy and Green Economy Act,” retrieved from *Bills and Lawmaking* June 28, 2010 at: http://www.ontla.on.ca/bills/bills-files/39_Parliament/Session1/b150ra.pdf, 79 p.
- LIPSET, Seymour Martin (1995) “Trade Union Exceptionalism: The United States and Canada” *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, Vol. 538, Being and Becoming Canada, Mar. 1995, pp. 115 – 130.
- LYNK, Michael (2009), “Labour Law and the New Inequality,” *Just Labour: A Canadian Journal of Work and Society*, Vol.5, November 2009, pp. 125 – 139.
- MACDOWELL, Laurel Sefton (1998) “Greening the Canadian Workplace; Unions and the Environment” reprinted from *Sustainability the Challenge: People, Power and the Environment*, Montréal: Black Rose Books, 1998, as Chapter 20 from Laurel Sefton MacDowell and Ian Radforth (eds.), *Canadian Working Class History: Selected Readings*, Canadian Scholars Press, 3rd Edition, 2006, pp 418 – 425.
- MCCULLOUGH, Michael (2010) “Oilsands: China’s \$7-Billion Gamble” *Canadian Business*, May 24, 2010, accessed online at: http://dirtyoilsands.org/news/article/oilsands_chinas_7-billion_gamble/.
- MCGOWAN, Gil (2010) President, Alberta Federation of Labour, Interview by author, January 15, 2010, Edmonton: digital voice recording, 1 hr: 17 min: 31 sec.

- MCLEAN, Archie (2006) "Stelmach Won't 'Brake' Oilsands Growth," *The Edmonton Journal*; Tue, Dec. 5, 2006, Page: A1 / Front.
- MOHAMED, Seeraj (2008) "Economic Policy, Globalization and The Labour Movement: Changes in the Global Economy from the Golden Age to the Neoliberal Era", Berlin: *Global Labour University Working Papers*, Paper No.1, Feb 2008, http://www.globallabouruniversity.org/fileadmin/GLU_Working_Papers/GLU_WP_No.1.pdf, 36 p.
- MORISSETTE, René, Grant SCHELLENBERG and Anick JOHNSON (2005) "Diverging Trends in Unionization," *Perspectives on Labour and Income, Statistics Canada, Catalogue no. 75-001-XIE, April 2005*, online at: <http://www.statcan.gc.ca/pub/75-001-x/10405/7827-eng.pdf>, pp. 5 – 12.
- MORTON, Desmond (1998) *Working People: An Illustrated History of the Canadian Labour Movement*, (4th Ed.), Montréal: McGill-Queen's University Press, xi- 408 p.
- NORTON, Paul (2003) "A Critique of Generative Class Theories of Environmentalism and of the Labour-Environmentalist Relationship", *Environmental Politics*, Vol.12 (4) Winter 2003, pp 96 – 119.
- NUGENT, James (2009) *Changing Climate: Labour-Environmental Alliance-Forming in the Neoliberal Era*, Thesis submitted in partial fulfillment of Master of Arts in Geography, University of Toronto, viii – 174 p.
- OAKE, Rh'ena (2010) President of CUPE Local 1169; Co-Chair of AFL Environment Committee, Interview by author, July 5, 2010, Calgary: digital voice recording, 1 hr: 15 min: 11 sec.
- OGMUNDSON, Richard and M. DOYLE (2002) "The Rise and Decline of Canadian Labour, 1960 to 2000: Elites, Power, Ethnicity and Gender", *Canadian Journal of Sociology*, Vol. 27 (3) Summer 2002, pp. 413 – 454.
- OLSEN, Lene (2007) "Talking Weather: Trade Unions and Climate Change", pp. 12 – 15 in "Green Jobs; climate change in the World of work", *World of Work: The Magazine of the ILO*, No. 60, August 2007, Turin, accessed online www.ilo.org/wow/PrintEditors/lang--eng/docName---WCMS_083901/index.htm, 47 p.
- ONTARIO FEDERATION OF LABOUR (2009) "Affiliated Membership as at Nov. 1, 2009," *Ontario Federation of Labour 10th Biennial Convention Nov. 23-27, 2009*, Toronto, 35p, transmitted to the author by e-mail May 2010 by D. MacDonald at the OFL.
- ONTARIO POWER AUTHORITY (2009) "Feed-in Tariff Program; Program Overview Version 1.1," September 30, 2009, accessed online July 5, 2010 at: http://fit.powerauthority.on.ca/Storage/97/10759_FIT-Program-Overview_v1.1.pdf, 29 p.

- PANCOAST, Rochelle Deanna (2003) *Is the Kyoto Protocol good for the environment? A general equilibrium consideration of global carbon leakage*. M.A. dissertation, University of Calgary (Canada), Canada. Retrieved October 9, 2009, from Dissertations & Theses: Full Text.(Publication No. AAT MQ87391).
- PEARSON, Carole (2007) “Old Growth Trees and New Coalitions; B.C. Forest Workers and Environmentalists” *Our Times; Canada’s Independent Labour Magazine*, Vol. 26 (5) Oct./Nov. 2007, accessed at http://ourtimes.ca/Features/article_67.php, pp. 18 – 26.
- PEART, Andrea and Andrea HARDEN-DONAHUE (2009) *Green, Decent and Public*, Ottawa: Council of Canadians and Canadian Labour Congress, 40 p.
- PENNEY, Jennifer Lynn (2002) *Green Jobs: Labour-Environmental Collaborations in Australia and Denmark*, Abstract of a Dissertation Submitted to the Faculty of the Department of Work Environment For the Degree of Doctor of Science in Work Environment, University of Massachusetts Lowell, Retrieved October 9, 2009, from Dissertations & Theses: Full Text.(Publication No. AAT 3041381), xv – 429 p.
- PERSAD, Judy Vashti (2010) Organizer, Toronto and York Region Labour Council, Interview by author, July 7, 2010, Toronto: digital voice recording, 40min: 29 sec.
- POLANYI, Karl (1944) *The Great Transformation*, Boston: Beacon (ed. 1957), 315 p.
- POLLIN, Robert and Heidi GARRETT-PELTIER (2009) *Building the Green Economy: Employment Effects of Green Energy Investments for Ontario*, Toronto: World Wildlife Fund Canada, Blue Green Canada, Green Energy Act Alliance, accessed online Feb 5, 2010 at University of Alberta E-Library Collection, www.library.ualberta.ca/, 32 p.
- POSCHEN, Peter (2007) “Green Jobs: Facing Up to ‘an Inconvenient Truth’”, pp. 4 – 11 in “Green Jobs; climate change in the *World of work*”, *World of Work: The Magazine of the ILO*, No. 60, August 2007, Turin, 47 p. accessed www.ilo.org/wow/PrintEditors/lang--eng/docName---WCMS_083901/index.htm
- POWER, Samantha (2010) “We’re all in this together: Third annual conference takes an international view of the impact of Alberta’s tar sands,” *Vue Weekly*, Jan 14 – Jan 20, 2010, pp. 5.
- QUIVY, Raymond, and Luc VAN CAMPENHOUDT (1995) *Manuel de recherche en sciences sociales* (2nd ed.), Paris: Dunod, xii – 287 p.
- RENNER, Michael, Sean SWEENEY, and Jill KUBIT (2008) *Green Jobs: Towards decent work in a sustainable, low-carbon world*, United Nations Environment Programme as part of the joint International Labour Organization (ILO), International Organisation of Employers (IOE), International Trade Union Confederation (ITUC) Green Jobs Initiative, Washington, DC: Worldwatch Institute with technical assistance from Cornell University Global Labor Institute, 376 p.

- RENNER, Michael (2000) "Creating Jobs, Preserving the Environment," *State of the World; A Worldwatch Institute Report on Progress Toward a Sustainable Society*, New York: W.W.Norton and Co, pp. 162 – 207.
- RODGERS, Gerry and Janine RODGERS (1989) (Eds) *Precarious Jobs in Labour Market Regulation; The Growth of Atypical Employment in Western Europe*, Geneva: International Institute for Labour Studies, Free University of Brussels, vi – 301 p.
- ROMEIRO, Ademar Ribeiro (1997) "O preço da riqueza, artigo-resenha," *Revista de Economia Política*, Vol. 17 (3-67), julho-setembro 1997, 5 p.
- ROSE, Fred (2000) *Coalitions Across the Class Divide: Lessons from the Labor, Peace and Environmental Movements*, Ithaca, NY: Cornell University Press, pp. xi – 235.
- ROSE, Richard (1985) "The Significance of Public Employment" in Richard ROSE, *Public employment in Western nations*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. xv-267, pp. 1 – 53.
- ROSENDAHL, Eric (2010) Co-Chair, Alberta Federation of Labour Environment Committee, Interview by author, January 17, 2010, Edmonton: digital voice recording, 50min: 48 sec.
- ROSENFELD, Herman (2009) "Toronto Labour Council Organizes Stewards' Assembly," *Canadian Dimension*, Vol 43 (5) Sept./Oct., accessed online July 30, 2010 at: <http://canadiandimension.com/articles/2480/>.
- SCHMALE, Amelia (2008) *The green collar jobs movement: Integrating justice into the emerging green economy* [M.A. dissertation], Massachusetts: Tufts University; 2008, retrieved Oct 9, 2009, from Dissertations & Theses: Full Text Database; Publication Number: AAT 1452810, 109 p.
- SCULL, John (2001) "Building an Organic Left," *Canadian Dimension*, May/June 2001, 35, pp. 9 – 10.
- SEN, Amartya (1999) *Development as Freedom*, New York: Anchor Books, New York, (2nd ed. 2000), xvi – 366 p.
- STAKE, Robert E. (1995) *The Art of Case Study Research*, Thousand Oaks, CA: Sage, xv – 175 p.
- STAKE, Robert E. (2005) "Qualitative Case Studies" in DENZIN, Norman K. and Yvonna S. LINCOLN (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research*, 3rd Edition, Thousand Oaks, CA: Sage, pp. 443 – 466.
- STANFORD, Jim (2008) "Capitalism and the Environment", *Economics for Everyone; A Short Guide to the Economics of Capitalism*, Halifax: Fernwood Publishing, Canadian Centre for Policy Alternatives, pp. 172 – 186.

- STATISTICS CANADA (2005) “Study: Canada’s Visible Minority Population in 2017,” *The Daily*, March 22, 2005, accessed online July 28, 2010 at: <http://www.statcan.gc.ca/daily-quotidien/050322/dq050322b-eng.htm>.
- STATISTICS CANADA (2006) “Unionization”, *Perspectives on Labour and Income*, August 2006, accessed at: <http://www.statcan.gc.ca/pub/75-001-x/commun/4211928-eng.pdf>, pp. 18 – 42 p.
- STATISTICS CANADA (2010) “Minimum wage,” *Perspectives on Labour and Income*, online at: <http://www.statcan.gc.ca/pub/75-001-x/topics-sujets/pdf/topics-sujets/minimum-wage-salaireminimum-2009-eng.pdf>, pp. 15 – 22.
- STERN, Nicholas (2006) *Stern Review Report on the Economics of Climate Change*, London: HM Treasury, accessed online Feb 1, 2009 at www.hm-treasury.gov.uk/sternreview_index.htm, xxvii – 576 p.
- SWEENEY, Sean (2009a) “Green New Deal: A New Global Policy and Organizing Framework for International Labour?” in *Financialization of Capital: Deterioration of Working Conditions*, International Conference of Tata Institute of Social Sciences and Global Labour University, February 22 – 24, 2009, pp. 108 – 109.
- SWEENEY, Sean (2009b) “Global Unions and the ‘Green New Deal’: Developing a Deep Restructuring Approach”, unpublished conference paper used as notes for presentation at Tata Institute of Social Sciences and Global Labour University International Conference, 22 – 24 February 2009, 19 p.
- THOMPSON, David (2009) *Green Jobs: It’s Time to Build Alberta’s Future*, Edmonton: Sierra Club Prairies / Greenpeace / Alberta Federation of Labour, 69 p.
- THOMPSON, David (2010) Environmental Lawyer, Consultant, and Report Writer of *Green Jobs: It’s Time to Build Alberta’s Future*, Interview by author, June 21, 2010, Edmonton: digital voice recording, 49 min: 13 sec.
- TORONTO AND YORK REGION LABOUR COUNCIL (2010) “Public Transit Matters,” accessed online July 25, 2010 at: <http://www.labourcouncil.ca/transitmatters.pdf>, 2 p.
- TORONTO AND YORK REGION LABOUR COUNCIL (2008) “The Summit on Good Jobs For All,” accessed online July 2010 at: <http://www.labourcouncil.ca/summitDec08.pdf>.
- TORONTO AND YORK REGION LABOUR COUNCIL (2007) “Green Jobs in Toronto’s Future” accessed July 2010 at: http://www.labourcouncil.ca/StateApr07_greenjobs.pdf, 2 p.
- TORONTO AND YORK REGION LABOUR COUNCIL (2004) “Labour’s Transit Workbook” accessed online July 25, 2010 at <http://www.labourcouncil.ca/Transit%20Workbook.pdf>, 20 p.
- TORONTO AND YORK REGION LABOUR COUNCIL (2003) “Chemicals & Cancer – Health & Environment,” accessed online July 25, 2010 at: <http://www.labourcouncil.ca/chemicals&cancer.html>, 2 p.

- TORONTO AND YORK REGION LABOUR COUNCIL (2002) “Green Jobs Instead of Corporate Blackmail” accessed at: <http://www.labourcouncil.ca/greenjobsstatement.html>, 2 p.
- TUCKER, Eric (2003) “Diverging Trends in Worker Health and Safety Protection and Participation in Canada, 1985-2000”, *Relations industrielles / Industrial Relations*, vol.58 (3), pp. 395 – 426.
- TURNER, Chris (2009) “Feed-In Frenzy; A Simple Green Tariff has Transformed Germany. Why Isn’t Canada Following Suit?” *The Walrus*, Jan/Feb 2009, accessed June 4, 2010 at <http://www.walrusmagazine.com/articles/2009.01-environment-solar-panel-energy-chris-turner/1/>.
- UNITED STEEL WORKERS (2006) “Securing Our Children’s World; Our Union and the Environment,” accessed online July 16, 2010 at: <http://legacy.usw.org/usw/program/content/3037.php>, 40 p.
- UNIVERSITY OF ALBERTA GOVERNANCE (2010) “Human Research – University of Alberta Standards for the Protection of Human Research Participants”, *General Faculties Council Policy Manual*, accessed January 2010 at: <http://www.uofaweb.ualberta.ca/GFCPOLICYMANUAL/index.cfm>.
- UNIVERSITY OF WATERLOO (1994) “Finding Aid : GA 87; Canadian Coalition on Acid Rain funds,” *University of Waterloo Library, Special Collections*, accessed online May 2010 at: <http://www.lib.uwaterloo.ca/discipline/SpecColl/acid/>, 135 p.
- WILLIAMS, Glen (1992) “Greening the New Canadian Political Economy,” *Studies in Political Economy*, 37 (Spring), pp. 5 – 30.
- WRAY, L. Randall and Mathew FORSTATER (2004) “Full Employment and Social Justice,” in CHAMPLAIN, Dell and Janet KNOEDLER (eds.), *The Institutional Tradition in Labour Economics*, New York: M.E. Sharp, pp. 253 – 272.
- YALNIZYAN, Armine (2009) *Exposed: Revealing Truths About Canada’s Recession*, April 2009, Ottawa: Canadian Centre For Policy Alternatives, accessed May 3, 2009 at: www.policyalternatives.ca, 43 p.
- ZIETSMA, Danielle (2007) “The Canadian Immigrant Labour Market in 2006: First Results from Canada’s Labour Force Survey” *The Immigrant Labour Force Analysis Series*, Statistics Canada, accessed online at: <http://www.statcan.gc.ca/pub/71-606-x/71-606-x2007001-eng.pdf>, 26 p.

Bibliografia

- ALIER, Joan Martínez (1992) *De la Economía ecológica al Ecologismo popular*, Barcelona: Icaria Editorial (2nd ed. 1994), 362 p.
- ALTVATER, Elmar (1992) *O Preço da Riqueza, Pilhagem ambiental e a nova (des)ordem mundial*, São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1995 (Portuguese trans. by Wolfgang Leo Maar, *Der Preis des Wohlstands oder Umweltplünderung und neue Welt(un)ordnung*) 333 p.
- BIEHL, Janet (1998) *The Politics of Social Ecology; Libertarian Municipalism*, Montréal: Black Rose Books, 187 p.
- DIAMOND, Jarred (2005) *Collapse: How Societies Choose to Fail or Succeed*, New York: Penguin Books, 2006, xiii – 376 p.
- GARÍ, Manuel and Iñaki OLANO (2007) “Green Jobs: la participación de los trabajadores y trabajadoras en la mejora del comportamiento ambiental de las empresas”, *Instituto Sindical de Trabajo, Ambiente y Salud*, Madrid, 2007, DVD, 17 min: 56 sec.
- HAYDEN, Anders (1999) *Sharing the Work, Sparing the Planet: work time, consumption & Ecology*, Toronto: Between the lines, pp. xi – 235, *apud* PENNEY, Jennifer Lynn (2002), *Green Jobs: Labour-Environmental Collaborations in Australia and Denmark*, p. 99.
- INTERNATIONAL TRADE UNION CONFEDERATION (2008) “Trade Unions and Climate Change: Equity, Justice & Solidarity in the Fight Against Climate Change; Trade Union Statement to COP14, United Nations Framework Convention on Climate Change”, Poznan, Poland, 1 – 12 December, 2008, 15 p.
- KLEIN, Naomi (2007) *The Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism*, Toronto: Alfred A. Knopf Canada, 662 p.
- MARX, Karl (1867) *Capital*, Vol.1, New York: Penguin Classics (ed. 1990), 1141 p.
- REINERT, Erik S. (2007) *How Rich Countries Got Rich...And Why Poor Countries Stay Poor*, 1st ed., New York: Carroll and Graff Publishers, pp. xvi – 365.
- REVISTA PRIMERO PLANO (2009) “Empregos Verdes”, *Revista Primeiro Plano: Responsabilidade e sustentabilidade*, Número 13, Março 2009, pp. 6 – 12.
- REYDON, Bastiaan, Regina CAVINI, Héctor ESCOBAR, Helena FARI (2007) “A competitividade empresarial resolve o problema ambiental?”, *Texto para Discussão*, IE/UNICAMP, no.125, June 2007, 24 p.
- STATISTICS CANADA (2009) “The Canadian Labour Market at a Glance, 2007,” *Labour Statistics Division, Catalogue no. 71-222-X*, online at: <http://www.statcan.gc.ca/pub/71-222-x/71-222-x2008001-eng.pdf>, 127 p.

TAYLOR, Jeffrey (2001) *Union Learning: Canadian Labour Education in the Twentieth Century*, Toronto: Thompson Educational Publishing, pp. ix – 258.

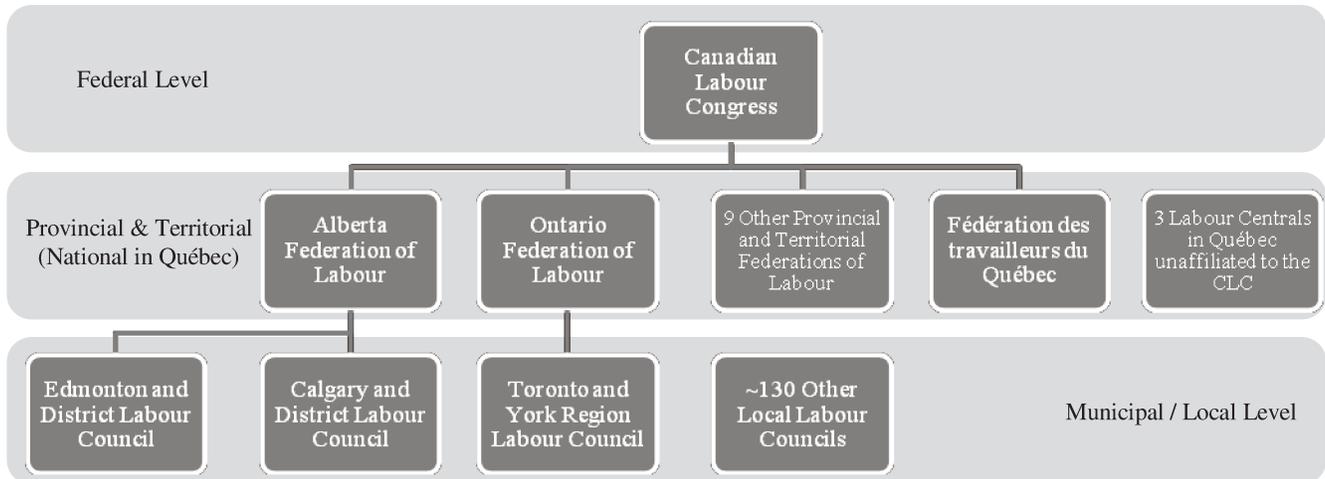
TILLEY, Charles and Chris TILLEY (1998) *Work Under Capitalism*, Boulder: Westview Press, pp. x – 326.

YATES, Michael D. (2009) *Why Unions Matter?* New York: Monthly Review Press, (1st ed. 1998), 240 p.

APÊNDICE A: MAPA DO CANADA



APÊNDICE B: ESTRUTURA DO MOVIMENTO OPERÁRIO DO CANADÁ



There are approximately 175 Canadian unions as well as 38 international ones – meaning typically that they are based in the US but with members also in Canada – which can affiliate to distinct branches of the labour movement, pictured above. While the Canadian Labour Congress (CLC) represents 3.2 million workers (the majority or roughly 70% of unionized Canadian workers), Canada actually has a number of other distinct labour confederations. There are three independent and francophone labour confederations in Québec, the *Confédération des Syndicants Nationaux* (CSN) at 300,000 members, the *Centrale des syndicats démocratiques* (CSD) with 67,400 members, and the *Centrale des syndicats du Québec* (CSQ) with 170,000 members. Only the former two, along with the CLC, are members of the International Trade Union Confederation (ITUC). Notably, teachers, nurses, university professors, and police also have their own confederations. “Ten unions represent 4.7% of the overall number of national and international unions, have a membership range over 100,000, and represent 51.4% of the union membership. On the other hand, 153 unions, representing 71.8% of national and international unions have less than 10,000 members and represent 8.1% of the union membership” (Labour Program, 2010). Canada’s largest union, for example, is the Canadian Union of Public Employees (CUPE), with 570,000. Large Canadian unions, especially the manufacturing ones, have shifted towards organizing the service sector, and the major response to the deunionization associated with neoliberalism has been to concentrate overall union membership in a few, internally diverse, general unions (Albo and Crow, 2005: 14).

APÊNDICE C: INFORMAÇÃO DAS ENTREVISTAS

A.1. Statement of Informed Consent

You are being invited as an individual to participate in a research project entitled “The Greening of Canada’s Labour Movement,” the purpose of which is to explore and describe some of the factors that support or constrain labour in adopting green causes, as well as to evaluate strengths and weaknesses of your organization’s environmental actions and policy. This research project is being completed by Jordan Thompson and will be submitted in partial fulfillment of the requirements for his Master’s degree in “Social Economy and Labour” at the State University of Campinas (Brazil) in the context of the Global Labour University.

You were identified to the researcher by (name and title of referring person) as being a good candidate for sharing valuable information related to environmental themes in the labour movement, by means of an interview. The interview, conducted by telephone or Skype and expected to last approximately an hour, is based on open-ended questions provided to you in advance, which are meant to guide but not limit the scope of the conversation. The interview will be recorded and then transcribed. Please indicate in advance if you have any objections, otherwise, the researcher may include your name as a reference in his bibliography, and citations used in future writing may also include your name. In addition to the interview, it is greatly appreciated if you can also forward any pertinent or related documentation.

Few if any foreseeable harms may arise from your participation in this study, and you are encouraged to determine for yourself and discuss with the researcher any risk posed by participating. You are free not to participate in this study, and have the right to withdraw at any time without prejudice. Research findings may be commercialized or published. Should you have any concerns or complaints, you are encouraged to contact the researcher at any time to discuss them, or can forward them to his thesis co-supervisors, José Dari Krein (dari@eco.unicamp.br) and Bastiaan Reydon (basrey@eco.unicamp.br).

**A.2. Semi-Structured Questionnaire for Respondents of Exploratory Interviews,
January 2010**

- Please introduce yourself by outlining briefly your professional and union background
- Please indicate any past involvement and current role in the [labour organization]
- Please outline and provide key details of the history of the [labour organization]
- What would you say are the broad goals or aims of the [labour organization], that is its reason for being? What are the specific objectives and items currently on the agenda?
- What method, strategy and actions are currently being used to achieve your aims?
- Who are the other key stakeholders and what institutions do they represent?
- What sectors or people, if any, have resisted your work and the inclusion of environmental themes in the labour movement?
- What would you describe as the major achievements to date, or at least the strengths, of your [labour organization]?
- What do you consider the main weaknesses?
- Opportunities?
- Threats?
- What is your long-term vision and hope for the future?

A.3. Sample of Questions Used for the Semi-Structured Questionnaire for Respondents of Phenomenological Interviews, June 2010

- Tell me about the Good Green Jobs Conferences and the Good Green Jobs Coalition. *Who initiated it? When? Under what circumstances and why? How has it developed? Are you planning another conference for November 2010? What role is the T&YDLC playing currently?*
- Please describe *your* experience on the Alberta Green Jobs report. *Who initiated the project? How were you contacted? When did you begin, and finish? What was the research process like? Writing the report? What outcomes or impact have you observed from the report?*
- What activities have you undertaken to educate / raise awareness in the public about labour and the environment? What about among the unions rank-and-file?
- What would you describe as the major achievements to date, or at least the strengths, of the [labour organization] regarding the environment?
- What role has leadership played? Your leadership?
- Have you observed any difference in the degree of engagement on environmental issues between *public* sector unions / activist members and *private* sectors unions / activist members that are affiliated to the [labour organization]?
- Have you observed any difference in degree of engagement on environmental issues in the labour movement between men and women members?
- Are you seeing the changes in the labour movement regarding environmental issues coming from the rank-and-file level, or is it primarily in the peak of the labour organizations?
- What political factors have contributed or hindered your work personally in incorporating environmental themes in labour work / promoting green jobs
- What role has the state of the economy impacted on your work to promote Green Jobs in [Alberta / Toronto]?